AUTORA BESTSELLER DO *NEW YORK TIMES*

MARIE LU

ROCCO
JOVENS LEITORES



TRILOGIA LEGEND

CHAMPION

DO CAOS E DA LENDA SURGIRÁ UM CAMPEÃO

AUTORA BESTSELLER DO *NEW YORK TIMES*

MARIE LU

ROCCO
JOVENS LEITORES



TRILOGIA LEGEND

CHAMPION

DO CAOS E DA LENDA SURGIRÁ UM CAMPEÃO

MARIE LU



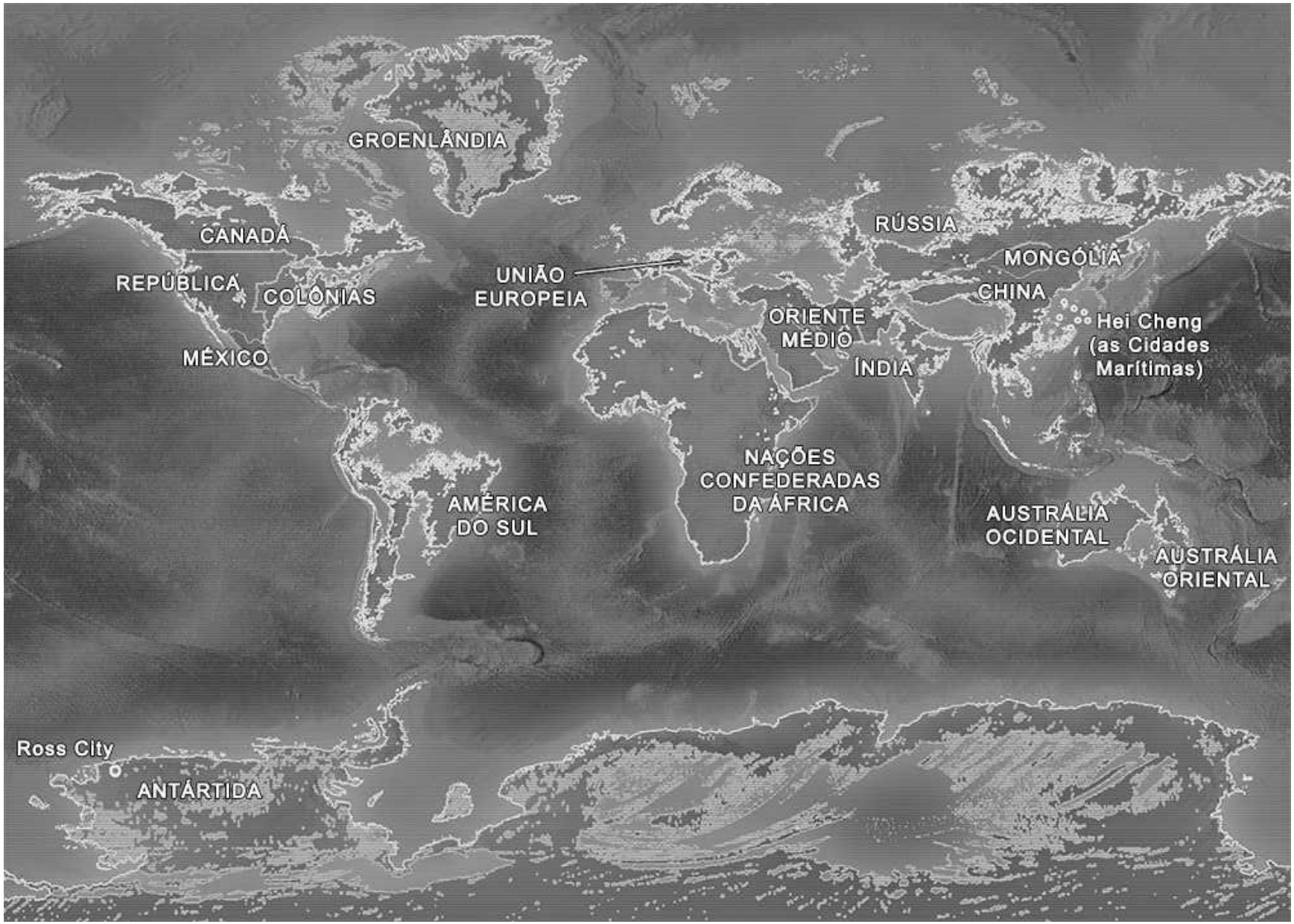
CHAMPION

DO CAOS E DA LENDA SURGIRÁ UM CAMPEÃO

Tradução
EBRÉIA DE CASTRO ALVES

ROCCO
JOVENS LEITORES

Para meus leitores.


GROENLÂNDIA
CANADÁ
REPÚBLICA
COLÔNIAS
MÉXICO
UNIÃO
EUROPEIA
RÚSSIA
MONGÓLIA
CHINA
ORIENTE
MÉDIO
ÍNDIA
Hei Cheng
(as Cidades
Marítimas)
NAÇÕES
CONFEDERADAS
DA ÁFRICA
AMÉRICA
DO SUL
AUSTRÁLIA
OCIDENTAL
AUSTRÁLIA
ORIENTAL
Ross City
ANTÁRTIDA



SÃO FRANCISCO, CALIFÓRNIA
REPÚBLICA DA AMÉRICA

POPULAÇÃO: 24.646.320 HABITANTES

De todos os disfarces que já usei, este talvez seja meu favorito.

Cabelo ruivo-escuro, bastante diferente do louro-claro habitual, cortado pouco abaixo dos ombros e preso em um rabo de cavalo, lentes verdes que parecem naturais quando postas sobre meus olhos azuis. Camisa de colarinho meio amassada, com minúsculos botões prateados reluzindo no escuro, uma jaqueta militar fina, calças pretas e botas com biqueiras de aço, um grosso cachecol cinzento em volta do pescoço, queixo e boca. Um boné escuro de soldado enfiado na testa e uma tatuagem escarlate pintada na minha face esquerda me transformam em alguém estranho. Além disso, uso um fone de ouvido e um microfone, por insistência da República.

Em qualquer outra cidade, eu provavelmente atrairia ainda mais olhares do que de costume por causa da enorme e escandalosa tatuagem, nem um pouco discreta, tenho que admitir. Aqui em São Francisco, no entanto, sou mais um na multidão. A primeira coisa em que reparei quando Éden e eu nos mudamos pra cá, há oito meses, foi a nova moda seguida pelos jovens: desenhos pretos ou vermelhos pintados no rosto, alguns pequenos e delicados, como o emblema da República ou algo parecido nas têmporas, outros imensos, como o mapa da República. Esta noite, escolhi uma tatuagem genérica porque não sou suficientemente leal à nação para estampar minha lealdade bem na minha cara. Deixo isso para a June. Em vez disso, meu desenho traz chamas estilizadas. Isso basta.

Minha insônia está a toda hoje, por isso, em vez de dormir, estou caminhando sozinho num bairro chamado Marina, que me parece ser o mais montanhoso, o equivalente em São Francisco ao setor Lake, de Los Angeles. A noite está fresca e silenciosa, e cai um leve chuvisco vindo da baía. As ruas estreitas reluzem com a garoa e estão esburacadas. Os prédios que se elevam em ambos os lados da rua – a maioria alta o bastante para desaparecer nas nuvens baixas desta noite – são ecléticos, pintados de tons desbotados de vermelho, dourado e preto. As laterais são reforçadas por enormes vigas de aço para resistir aos terremotos que acontecem mês sim, mês não. Há telões com cinco ou seis andares de altura, a

cada dois quarteirões, alardeando a imensa quantidade de notícias de sempre. O ar é salgado e amargo, e cheira a fumaça e resíduos industriais misturados à água do mar e um toque de peixe frito. Às vezes, quando dobro uma esquina, chego tão perto da beira d'água que minhas botas se molham. Nesse lugar, a terra se inclina diretamente até a água, e centenas de prédios surgem meio submersos no horizonte. Sempre que olho para a baía, também consigo ver as Ruínas da Golden Gate, os restos retorcidos de uma antiga ponte empilhados no outro lado da orla. Cruzo com algumas pessoas de vez em quando, mas a maior parte da cidade está adormecida. Fogueiras espalhadas iluminam vielas, reunindo os moradores de rua do bairro. Não é muito diferente do que ocorre no Lake.

Quer dizer, acho que agora existem algumas diferenças. Como, por exemplo, o Estádio de Provas de São Francisco, vazio e apagado a distância. Menos guardas nos bairros pobres. As pichações da cidade... Sempre se pode ter uma ideia de como as pessoas estão se sentindo ao se olhar para as pichações nos muros. Muitas frases que tenho visto ultimamente *apoiam* o novo Eleitor da República. "Ele é nossa esperança", diz uma mensagem rabiscada na lateral de um edifício. Outra, pintada na rua, estampa: "O Eleitor vai nos tirar da escuridão." Acho isso otimista demais, mas suponho que as frases sejam um bom sinal. Anden deve estar fazendo alguma coisa certa. Ainda assim, de vez em quando, leio grafites como "O Eleitor é um farsante", ou "Marionetes", ou "O Day que conhecemos está morto".

Não sei não... Às vezes parece que essa nova confiança entre Anden e o povo não passa de um fino cordão... E eu sou esse cordão. Pode ser também que as pichações favoráveis sejam falsas e tenham sido feitas por agentes do governo. Por que não?

Nada é impossível quando se trata da República.

Como já era de se esperar, Éden e eu fomos colocados em um apartamento bem luxuoso, num bairro chamado Pacífica. Lucy, nossa guardiã, mora com a gente. Alguém precisava vigiar o criminoso-mais-procurado-da-República-que-virou-herói-nacional, não é mesmo? Lembro bem que não fui muito com a cara da Lucy – uma senhora de cinquenta e dois anos, mal-encarada e corpulenta, vestida com as cores clássicas da República –, quando ela apareceu na nossa casa em Denver.

– A República me designou para tomar conta de vocês dois – disse, ao passar

pela porta. Seus olhos se fixaram imediatamente no Éden. – Especialmente do menorzinho.

Sei...

Não gostei nada dessa história. Pra começar, precisei de uns dois meses até conseguir permitir que meu irmão ficasse um minuto longe de mim. Comíamos junto, dormíamos junto; ele nunca estava sozinho. Era tanta paranoia que, até quando ele ia ao banheiro, eu ficava vigiando do outro lado da porta, como se soldados da República pudessem dar um jeito de sugá-lo por uma abertura, levá-lo para um laboratório e prendê-lo a um monte de máquinas.

– Éden não precisa da senhora – foi a primeira coisa que disse à Lucy. – Ele tem a mim. Eu tomo conta dele.

Mas minha saúde começou a se deteriorar depois dos dois primeiros meses. Tinha dias em que eu me sentia ótimo; em outros, ficava de cama com uma enxaqueca de rachar. Nessa hora, Lucy assumia o comando. Depois de muita briga, ela e eu finalmente chegamos a um acordo. Em minha defesa, ela faz uns bolos de carne que são o máximo. Quando nos mudamos para São Francisco, ela veio conosco.

Lucy dá toda a orientação que Éden precisa e cuida da minha medicação.

Quando finalmente me canso de bater perna, reparo que vaguei para longe do bairro Marina e entrei num bairro de gente com grana. Paro em frente a uma boate com o nome OBSIDIAN LOUNGE gravado numa placa de metal acima da porta. Deslizo contra a parede e me sento, com os braços apoiados nos joelhos, sentindo as vibrações da música. Minha perna metálica está gélida sob o tecido das calças. Nos muros à minha frente, picharam, com letras vermelhas: "Day = Traidor". Suspiro, tiro uma latinha prateada do bolso e pego um cigarro comprido. Passo o dedo nos dizeres HOSPITAL CENTRAL DE SÃO FRANCISCO impressos nele. São cigarros receitados pelo médico, tá bem? Com dedos trêmulos, ponho o cigarro na boca e o acendo. Fecho os olhos, dou uma tragada. Pouco a pouco me perco nas nuvens de fumaça azul, esperando que os efeitos alucinógenos me envolvam.

Não demora muito para isso acontecer. Em pouco tempo desaparece a dor de cabeça constante e aguda, e o mundo ao meu redor reflete um brilho turvo que sei não ser causado apenas pela chuva. Uma garota está sentada ao meu lado: é Tess.

Ela me dá o sorriso maroto que eu conheço bem desde as ruas de Lake.

– Alguma novidade transmitida pelos telões? – me pergunta ela, apontando para uma tela do outro lado da rua.

Expiro fumaça azul e preguiçosamente balanço a cabeça.

– Nenhuma; quer dizer, vi algumas manchetes relacionadas aos Patriotas, mas em geral é como se vocês tivessem desaparecido do mapa. Onde vocês estão? Para onde vão?

Em vez de responder, Tess me pergunta:

– Sente saudade de mim?

Contemplo sua imagem trêmula. Ela está igualzinha ao que me lembrava: o cabelo castanho-avermelhado preso numa trança desajeitada, os olhos grandes e luminosos, suaves e gentis. A menininha Tess. Quais foram minhas últimas palavras a ela, quando abortamos a tentativa dos Patriotas de assassinar o Anden? *Por favor, Tess; não posso abandonar você aqui.* Mas foi exatamente isso que eu fiz.

Viro o corpo e dou mais uma tragada no cigarro. Se sinto saudade dela?

– Todos os dias.

– Você tem procurado por mim – afirma ela, se aproximando. Quase dá pra sentir seu ombro junto ao meu. – Eu vi você examinando os telões e as radiofrequências em busca de notícias, escutando às escondidas nas ruas... Mas os Patriotas estão se escondendo neste momento.

Óbvio que eles estão em esconderijos. Por que atacariam, agora que Anden está no poder e um tratado de paz entre a República e as Colônias já foi fechado? Qual poderia ser sua nova causa? Não tenho ideia. Talvez eles não tenham nenhuma nova causa. Talvez nem existam mais.

Murmuro à Tess:

– Queria muito que você voltasse. Ia ser muito legal te ver de novo.

– Você não está com a June?

Quando ela pergunta isso, sua imagem desaparece e é substituída pela da June, com seu comprido rabo de cavalo, e os olhos escuros que brilham com pinceladas de dourado, sérios e críticos, sempre avaliando. Debruço a cabeça nos joelhos e fecho os olhos. A mera ilusão da June é suficiente para me causar uma dor lancinante no peito. Inferno! Como sinto falta dela.

Penso em como me despedi dela em Denver, antes de Éden e eu nos

mudarmos para São Francisco. – Tenho certeza de que nós vamos voltar – disse a ela no meu microfone, tentando preencher o silêncio constrangedor entre nós –, quando o tratamento do Éden chegar ao fim. – Evidentemente, isso era mentira. Estávamos indo para São Francisco para *eu* me tratar, não o Éden, mas June não sabia disso, portanto só disse: – Voltem logo.

Isso foi há quase oito meses, e eu não tinha notícias dela desde então. Não sei se porque cada um de nós hesita em incomodar o outro, com medo de que o outro não queira falar, ou talvez porque nós dois sejamos orgulhosos demais para procurar o outro primeiro. Vai ver ela não está muito interessada. Mas todo mundo sabe como essas coisas funcionam: a gente fica uma semana sem fazer contato, depois um mês, e logo passou tempo demais e ligar para ela agora seria estranho e meio sem propósito. Por isso, não vou entrar em contato com ela. Além do mais, iria dizer o quê? Não se preocupe, os médicos estão fazendo de tudo pra salvar minha vida. Não se preocupe, estão tentando reduzir a área do meu cérebro com problema com uma pilha de remédios, antes de tentar a operação. Não se preocupe, é possível que a Antártida permita que eu tenha acesso a seus hospitais de ponta. Não se preocupe, vou ficar muito bem.

Qual é o sentido de manter contato com a garota pela qual você é apaixonado, quando se está morrendo?

Esse lembrete faz minha nuca latejar de dor. *É melhor assim*, digo a mim mesmo pela centésima vez. E é mesmo. Não a vejo há muito tempo, o que esmaece a lembrança de como nos conhecemos, e penso cada vez menos na ligação dela com as mortes da minha família.

Ao contrário da imagem de Tess, por alguma razão a de June nunca diz uma palavra. Tento ignorar a miragem reluzente, porém ela se recusa a ir embora. *Até a miragem dela é teimosa!*

Eu finalmente me levanto, apago a guimba de cigarro na calçada e atravesso a porta que leva ao Obsidian Lounge. Talvez a música e as luzes me façam esquecer June.

Por um instante, não enxergo nada. A boate está um breu, e o som é ensurdecedor. Uma dupla de soldados parecendo armários me para na hora. Um deles segura meu ombro com firmeza e pergunta:

– Nome e setor.

Não me interessa divulgar minha verdadeira identidade:

– Cabo Schuster, Aeronáutica. – Deixo escapar um nome qualquer e a primeira das Forças Armadas que me vem à cabeça. Sempre penso primeiro na aeronáutica, basicamente por causa de Kaede. – Estou lotado na Base Naval Dois.

O soldado assente e diz:

– A garotada da aeronáutica fica lá nos fundos, à esquerda, perto dos banheiros. Se você provocar alguma briga com o pessoal do exército, te tiro da boate e seu comandante vai ficar sabendo logo de manhã, entendido?

Abaixo a cabeça, concordando, e os soldados me deixam passar. Percorro um corredor escuro e atravesso uma segunda porta, e então me misturo à multidão e às luzes intermitentes.

A pista de dança está apinhada de pessoas com camisas soltas e mangas enroladas, vestidos formando pares com uniformes amarrotados. Encontro as cabines da aeronáutica nos fundos da sala.

Felizmente, várias estão desocupadas. Me enfio numa delas, descanso as botas nos assentos almofadados e recosto a cabeça. Pelo menos a imagem de June desapareceu. A música alta faz com que meus pensamentos se dispersem.

Estou na cabine há apenas alguns minutos quando uma garota atravessa a pista de dança lotada e vem até mim. Ela está com o rosto avermelhado, e os olhos são brilhantes e maliciosos. Quando olho de relance para trás, reparo num grupo de garotas rindo e nos observando. Forço um sorriso. Costumo gostar de receber atenção em boates, mas às vezes quero apenas fechar os olhos e deixar que o caos me leve para longe.

Ela se debruça e comprime os lábios no meu ouvido: – Desculpa te incomodar – grita, mais alto do que o barulho –, mas minhas amigas querem saber se você é o Day.

Já me reconheceram? Eu me encolho instintivamente e balanço a cabeça para que as outras possam ver:

– Quem me dera! – respondo com um sorriso sarcástico. – Mas obrigado pelo elogio.

O rosto da garota é quase imediatamente coberto por sombras, mas mesmo assim dá pra ver que ela está corando de raiva. Suas amigas soltam uma gargalhada. Parece que nenhuma delas acreditou na minha negativa.

– Quer dançar? – pergunta a guria. Ela relanceia sobre o ombro em direção às

luzes azuis e douradas, e depois volta a me encarar. Suas amigas devem tê-la desafiado a dar em cima de mim.

Tento inventar uma desculpa educada, mas aí presto atenção na aparência da garota. A boate está escura demais para que eu possa vê-la direito, e tudo que consigo enxergar são lampejos da iluminação fraca em sua pele e no comprido rabo de cavalo, os lábios brilhantes entreabertos num sorriso, o corpo bonito num vestido curto e botas militares. Desisto de expressar minha recusa. Alguma coisa nela me lembra a June. Nos oito meses desde que June se tornou a Primeira Cidadã, não me empolguei muito com nenhuma garota, mas agora, com essa sósia indistinta pedindo para dançar comigo, eu me permito sentir esperança de novo e digo:

– Tudo bem, por que não?

A garota dá um largo sorriso. Quando saio da cabine e pego sua mão, suas amigas gritam surpresas, celebrando a conquista. A menina passa comigo por elas e rapidamente nos misturamos à multidão e abrimos um minúsculo espaço bem no centro da pista.

Eu a comprimo contra mim, ela passa a mão na minha nuca, e começamos a dançar segundo o som barulhento da música. Reconheço que "ela é bonitinha", ofuscado no mar de luzes e corpos.

A canção muda, e depois muda de novo. Não sei bem quanto tempo ficamos atordoados com isso, mas quando ela se debruça para a frente e roça os lábios nos meus, fecho os olhos e deixo que me beije. Chego a sentir um frio na espinha. Ela me beija duas vezes; sua boca é macia e úmida, e a língua tem gosto de vodca e frutas. Ponho a mão na parte inferior das costas da moça e a puxo para mais perto, até seu corpo ficar praticamente colado ao meu. Os beijos dela ficam mais intensos. *Ela é June*, digo a mim mesmo, vivendo minha fantasia. Com os olhos fechados e a cabeça ainda atordoada pelas substâncias alucinógenas do meu cigarro, acredito nessa ilusão por um momento: consigo *visualizá-la* me beijando nesta boate e tirando todo o ar dos meus pulmões. A moça provavelmente percebe a mudança dos meus movimentos, minha carência e meu desejo, porque sorri ao me beijar. *Ela é June.*

É o cabelo escuro de June que roça no meu rosto, os longos cílios de June que tocam minhas bochechas, o braço de June que está segurando meu pescoço, o corpo de June colado ao meu. Um gemido suave escapa da minha boca.

– Vamos lá fora – suas palavras são insinuantes – respirar um pouco de ar puro.

Há quanto tempo não transo? Não quero sair da boate, porque isso quer dizer que vou precisar abrir os olhos e ver que June foi embora, substituída por essa garota que não conheço. Ela, porém, me puxa pela mão e sou forçado a olhar em torno. É claro que June não está por aqui. As luzes da boate cintilam, e não consigo enxergar nada por um tempo. A moça me leva pelos grupos de dançarinos, pelo corredor escuro da boate, então saímos por uma porta dos fundos sem identificação e paramos num beco silencioso. Alguns holofotes de luz pouco intensa iluminam o local e causam um brilho esverdeado e soturno.

Ela me empurra para a parede e beija meu pescoço. Sua pele é úmida, e percebo que ela se arrepia ao meu toque. Eu também a beijo, e ela sorri surpresa quando eu inverto nossa posição e a encosto no muro.

Ela é June, digo a mim mesmo repetidas vezes. Meus lábios beijam vorazmente seu pescoço, e sinto cheiro de fumo e perfume.

Leves chiados de estática que lembram chuva e ovos fritos soam no meu fone de ouvido. Tento ignorar a chamada, mesmo quando a voz de um homem me enche os ouvidos. Isso é que é um estraga-prazer!

– Sr. Wing.

Nem respondo. *Se manda! Estou ocupado!*

Alguns segundos depois, a voz recomeça:

– Sr. Wing, aqui é o Comandante David Guzman, da Décima Quarta Patrulha da Cidade de Denver. Sei que o senhor está me ouvindo.

Ah, *esse* cara. Esse infeliz desse comandante é sempre encarregado de tentar me contatar.

Suspiro e me afasto da garota:

– Rapidinho – peço, arfante. Faço uma expressão de pedido de desculpa e aponto para meu ouvido. – Me dá um minuto?

Ela sorri e alisa o vestido.

– Vou te esperar lá dentro – responde. – Depois me procura. – Em seguida abre a porta e volta à boate.

Ligo o microfone e começo, lentamente, a andar para cima e para baixo no beco.

– O que é? – sussurro, aborrecido.

O comandante suspira no fone de ouvido e começa a falar:

– Sr. Wing, é preciso que o senhor esteja em Denver amanhã à noite, para comparecer ao Baile do Dia da Independência, no Capital Tower. Como sempre, sinta-se à vontade para recusar esta solicitação, para variar – resmunga ele baixinho. – Contudo, esse banquete é uma reunião excepcional de extrema importância. Se o senhor quiser comparecer, um jato particular estará à sua espera pela manhã.

Uma reunião excepcional de extrema importância? Alguém já ouviu tantas palavras pomposas numa só frase? Reviro os olhos. Mais ou menos a cada mês, recebo um convite para um espalhafatoso evento na capital, como um baile para os generais de alta patente ou para as comemorações que se realizaram quando Anden finalmente resolveu acabar com as Provas. Mas a única razão pela qual eles querem que eu compareça a esses eventos é poderem me exibir e lembrar ao povo que "Caso vocês tenham esquecido, Day está do nosso lado!". *Não abuse da sorte, Anden.*

– Sr. Wing – diz o comandante, quando me mantenho calado, como se ele estivesse recorrendo a um argumento definitivo: – O glorioso Eleitor em pessoa faz questão de sua presença. Assim como a Primeira Cidadã.

A Primeira Cidadã.

Minhas botas rangem quando paro no meio do beco. Esqueço até de respirar.

Não se anime muito – afinal de contas, há três Primeiros Cidadãos, e ele pode estar se referindo à outra mulher. Passam-se alguns segundos até eu finalmente perguntar:

– Qual delas?

– Aquela com quem você realmente se importa.

Minhas bochechas ardem ao tom provocador da voz dele e indago:

– June?

– Sim, a srta. June Iparis – responde o comandante. Ele parece aliviado por ter finalmente despertado minha atenção. – Desta vez ela quis que o pedido fosse pessoal; gostaria muito de que o senhor comparecesse ao banquete no Capital Tower.

Minha cabeça dói, e me esforço para estabilizar a respiração. Todos os pensamentos sobre a garota da boate desaparecem no mesmo instante. Faz oito meses que June não solicita minha presença; esta é a primeira vez que ela pede

que eu compareça a um evento público.

– Qual o motivo da celebração? – pergunto. – É apenas uma festa do Dia da Independência? Por que é tão importante?

O comandante hesita e diz:

– Trata-se de assunto de segurança nacional.

– Isso quer dizer *o quê* exatamente? – Meu entusiasmo inicial lentamente diminui. Talvez ele esteja apenas blefando. – Comandante, estou no meio de um compromisso muito importante. Tente me convencer de novo amanhã de manhã.

O comandante pragueja baixinho e diz:

– Tudo bem, Sr. Wing. Como quiser.

Ele resmunga alguma coisa que não consigo entender e desliga. Fecho a cara, desesperado, quando minha animação inicial se transforma em profunda decepção. Talvez eu deva ir para casa. Está mesmo na hora de eu ver como está o Éden. Esse cara devia estar fazendo uma gracinha de mau gosto. Não duvido nada que ele estivesse mentindo sobre o pedido de June, porque se ela quisesse tanto assim que eu voltasse à capital, ela...

– Day?

Ouço outra voz no meu fone de ouvido e fico paralisado.

Será que os efeitos alucinógenos dos remédios não passaram? Será que acabei de imaginar ter escutado a voz dela? Embora eu não a tenha ouvido há quase um ano, eu a reconheceria em qualquer lugar, e apenas o som é o bastante para evocar a imagem de June à minha frente, como se a tivesse encontrado por acaso neste beco. *Por favor, não deixe que seja ela. Por favor, deixe que seja ela.*

Será que sua voz sempre vai ter esse efeito sobre mim?

Não tenho ideia de quanto tempo permaneci paralisado assim, mas deve ter sido por algum tempo, porque ela insiste:

– Day, sou eu, June. Está me ouvindo?

Um calafrio percorre meu corpo. Não estou imaginando coisas! É ela mesmo!

Seu tom de voz está diferente daquele do qual me lembro: é hesitante e formal, como se ela estivesse falando com um desconhecido. Finalmente consigo me recompor e ligo o microfone:

– Estou sim – respondo. O próprio tom da minha voz também está diferente:

hesitante e formal, como o dela. Espero que June não perceba o ligeiro tremor.

Há uma pequena pausa do outro lado antes de June continuar:

– Oi! – Depois de um longo silêncio, ela pergunta: – Como você está?

De repente sinto uma avalanche de palavras se formando dentro de mim, ameaçando escapar. Quero despejar tudo: tenho pensado em você todos os dias, desde nossa última despedida; desculpe não ter feito contato; queria muito que você tivesse me procurado. Sinto saudade de você. Sinto sua falta.

Mas não falo nada; em vez disso, só consigo dizer:

– Muito bem. E aí?

Ela faz uma pausa e depois diz:

– Ah, que ótimo! Desculpe ligar tão tarde; aposto que você está tentando dormir, mas o Senado e o Eleitor me encarregaram de lhe fazer este pedido pessoalmente. Eu não o faria se não achasse que é muito importante. Denver vai realizar um baile pelo Dia da Independência e, durante o evento, vamos fazer uma reunião de emergência e precisamos que você participe dela.

– Por quê?

Estou recorrendo a respostas curtas e rasteiras, pois só consigo falar assim, ao ouvir a voz de June.

Ela expira, causando um leve ruído de estática no fone de ouvido, e diz:

– Você já deve ter ouvido falar no tratado de paz que está sendo esboçado entre a República e as Colônias, não é?

– Já, claro.

Todo mundo no país tem conhecimento disso: a maior ambição do nosso precioso e jovem Anden é acabar com esse combate que vem sendo travado há muito tempo. Até agora, parece que as coisas estavam indo bem, e prova disso é que a guerra na frente de batalha está num silencioso impasse há quatro meses. Ninguém podia supor que chegaria esse dia, nem se podia esperar que os estádios da Prova permanecessem sem ser usados em todo o país.

– Parece que o Eleitor está a caminho de se tornar o herói da República, né?

– Não fale antes do tempo. – O tom de June se entristece, e visualizo sua expressão através do fone de ouvido. – Ontem recebemos uma transmissão raivosa das Colônias. Há uma praga que está se propagando nas cidades no *front* da guerra, e eles acreditam que tenha sido causada por alguma das armas biológicas que enviamos pelas divisas das cidades. Até já rastrearam os números

de série nos cartuchos das armas que eles julgam ter provocado essa praga.

Suas palavras são abafadas pelo choque na minha mente, a neblina que está trazendo de volta lembranças de Éden e de seus olhos negros sangrando, do menino naquele trem que estava sendo usado como parte da frente de batalha.

– Isso quer dizer que o tratado de paz foi descartado?

– Isso mesmo. – June baixa o tom de voz. – As Colônias alegam que a praga é um ato oficial de guerra contra elas.

– E o que isso tem a ver comigo?

Mais uma pausa longa e ameaçadora, que me enche de um medo tão grande que sinto meus dedos se entorpecerem. *A praga está acontecendo. O círculo está se fechando.*

– Eu conto quando você chegar aqui – diz June finalmente. – É melhor não falar sobre o assunto em fones de ouvido.

Abomino minha primeira conversa com Day após oito meses sem nenhuma comunicação. *Odeio* esse contato. Quando me tornei tão manipuladora? Por que sempre uso seus pontos fracos contra ele?

Ontem à noite, às 23h06, Anden veio ao edifício onde moro e bateu à porta do meu apartamento. Sozinho. Acredito que não havia seguranças no corredor para protegê-lo. Esse foi meu primeiro alerta de que o assunto que ele tinha a discutir comigo devia ser importante e sigiloso.

– Preciso lhe pedir um favor – disse ele, quando o deixei entrar. Anden está quase dominando completamente a arte de ser um jovem Eleitor: ele é calmo, frio, senhor de si, mantém a cabeça erguida mesmo sob estresse, e a voz serena mesmo quando zangado, mas desta vez percebi uma profunda preocupação nos seus olhos. Mesmo meu cachorro, Ollie, sentiu que ele estava com problemas e tentou animá-lo ao empurrar o focinho úmido na mão de Anden.

Afastei Ollie e voltei a encarar o Eleitor.

– Qual é o problema? – perguntei.

Anden passou a mão pelo cabelo escuro ondulado e disse, inclinando a cabeça para mim, em silenciosa agitação:

– Não queria perturbá-la tão tarde da noite, mas esta conversa não podia esperar.

Ele estava perto o bastante e, se eu quisesse, poderia erguer o rosto e acidentalmente roçar os lábios nos dele. Meu coração se acelerou a essa ideia.

Anden notou a tensão na minha postura, porque recuou um passo como para se desculpar e me deu mais espaço para respirar. Senti uma estranha mistura de alívio e decepção.

– Acabou o tratado de paz – sussurrou ele. – As Colônias estão se preparando para declarar guerra contra nós mais uma vez.

– Como é que é? – sussurrei também. – Por quê? O que aconteceu?

– Meus generais me informaram que há umas duas semanas, um vírus mortal começou a se propagar com grande rapidez na frente de batalha das Colônias. – Quando viu meus olhos se arregalarem, tentando absorver a

informação, ele assentiu. Parecia exausto, sobrecarregado com o peso da segurança de uma nação inteira. – Aparentemente eu demorei demais a retirar nossas armas biológicas do *front* de guerra.

Éden. Os vírus experimentais que o pai de Anden havia usado na tentativa de causar uma praga nas Colônias. Durante meses, tentei não pensar muito nisso – afinal, Éden agora estava em segurança sob os cuidados de Day e, segundo a última notícia que tive, ele estava lentamente se adaptando ao que poderíamos chamar de uma vida normal. Nos últimos meses, a frente de batalha havia permanecido em silêncio enquanto Anden tentava negociar um tratado de paz com as Colônias. Eu havia pensado que teríamos sorte e que não haveria consequências negativas daquela guerra biológica. Grande ilusão!

– Os senadores estão a par disso? – perguntei após algum tempo. – E os outros Primeiros Cidadãos? Por que você está *me* contando isso? Eu não sou sua assessora mais próxima.

Anden suspirou e apertou a ponte do nariz.

– Perdoe-me. Não queria envolvê-la nisso. As Colônias acreditam que temos a cura para esse vírus em nossos laboratórios, mas que a estamos sonegando. O pessoal das Colônias exige que partilhemos a fórmula com eles; se não fizermos isso, vão atacar em massa a República e desta vez não será igual à nossa antiga guerra. As Colônias conseguiram um aliado: fecharam um acordo comercial com a África, pelo qual as Colônias recebem ajuda militar, e em troca a África ganha metade das nossas terras.

Um mau pressentimento se apossou de mim. Mesmo sem que ele dissesse nada, eu sabia aonde Anden queria chegar. Perguntei:

– Nós não temos a cura, temos?

– Não, mas *sabemos* de ex-pacientes que têm o potencial para nos ajudar a encontrar essa cura.

Comecei a balançar negativamente a cabeça. Quando Anden estendeu a mão para tocar meu cotovelo, livrei-me com um safanão e lhe disse:

– Nem pensar. Você não pode me pedir isso. Não vou compactuar com isso.

Anden assumiu uma expressão atormentada e falou:

– Organizei um banquete reservado amanhã à noite para reunir todos os

nossos senadores. Não temos escolha, se é que queremos pôr um ponto final nessa história e encontrar uma forma de garantir disso tão bem quanto eu. Quero que ele compareça a esse banquete e nos escute. Precisamos da permissão dele para chegar até o Éden.

Ele está falando sério, me dei conta disso, transtornada, e disse:

– Você sabe que nunca vai conseguir que ele faça isso, não sabe? O apoio que o país lhe dá, Anden, ainda não é sólido, e sua aliança com Day é, no máximo, hesitante. Como você acha que ele vai reagir a essa *proposta*? E se você conseguir deixá-lo furioso o bastante para que ele convoque o povo a agir, mandar que eles se revoltem contra você? Ou, *pior* ainda: e se ele pedir ao povo que apoie as Colônias?

– Eu sei. Já analisei todas essas hipóteses. – Anden esfregou as têmporas, exaurido. – Se houvesse uma opção melhor, eu a escolheria.

– Então você quer que *eu* faça com que ele concorde com isso?! – disparei. Eu estava tão irritada que nem me importei em disfarçar. – Não vou fazer isso. Mande os senadores convencerem o Day, ou tente você mesmo convencê-lo. Ou encontre uma forma de se desculpar com o Chanceler das Colônias, peça-lhe que negocie novas condições.

– *Você* é o ponto fraco do Day, June. Ele vai escutar você. – Anden vacilou ao dizer isso, como se não quisesse admitir o fato. – Sei o que isso me faz parecer. Não quero ser cruel, não quero que Day nos considere o inimigo, mas *farei* o que for preciso para proteger o povo da República. Caso contrário, as Colônias vão atacar, e, se isso acontecer, é provável que o vírus se propague aqui também.

Era pior do que isso, embora Anden não o tenha dito em voz alta. Se as Colônias nos atacarem tendo como aliada a África, nossas forças armadas talvez não consigam frear os ataques. Desta vez, é possível que as Colônias vençam. *Ele vai escutar você.* Fechei os olhos e abaixei a cabeça. Não queria admitir, mas Anden tinha razão.

Por isso, fiz o que ele me solicitou. Liguei para Day e pedi que voltasse à capital. A simples ideia de vê-lo de novo acelerou meu coração, dolorido com a ausência dele na minha vida nos últimos meses. Eu não o via nem falava com ele havia tanto tempo... E é *dessa maneira* que vamos nos reunir? O que ele vai pensar de mim?

O que será que ele vai achar da República ao descobrir o que eles querem fazer com seu irmãozinho?

12H01.
TRIBUNAL DE CRIMES FEDERAIS DO CONDADO DE DENVER.
22°C EM AMBIENTE FECHADO.
FALTAM 6 HORAS PARA EU ENCONTRAR Day NO BAILE DESTA NOITE.
289 DIAS E 12 HORAS DESDE A MORTE DE METIAS.

Thomas e a Comandante Jameson estão sendo julgados hoje.

Estou exausta de julgamentos. Nos últimos quatro meses, doze ex-senadores foram julgados e condenados por participar do plano para assassinar Anden, plano que Day e eu mal conseguimos impedir. Os senadores foram todos executados. Razor também já está morto. Às vezes tenho a impressão de que uma nova pessoa está sendo condenada toda semana.

Mas o julgamento de hoje é diferente. Sei *exatamente* quem está sendo julgado hoje, e por quê.

Estou sentada no balcão que dá para a sala redonda do tribunal; minhas mãos inquietas calçam luvas de seda branca, meu corpo não para de se mexer no colete e no casaco preto amarrotado, e minhas botas batem levemente nas colunas do balcão. Minha cadeira é de carvalho sintético, almofadada de um tecido escarlate macio, mas não consigo me sentir confortável. Para me manter calma e ocupada, estou cuidadosamente entrelaçando quatro clipes de papel no meu colo, para formar um pequeno anel. Dois guardas estão de pé ao meu lado. Três filas circulares com os vinte e seis senadores do país rodeiam o estrado, idênticos nos ternos escarlates e pretos combinando; as ombreiras prateadas refletem a luz do local, e suas vozes ressoam no teto arcado. Eles parecem totalmente indiferentes, como se estivessem reunidos para discutir rotas comerciais e não o destino de pessoas. Muitos são rostos novos que substituíram os senadores traidores, já extirpados por Anden. Eu me sobressaio com meu uniforme preto e dourado (até mesmo os setenta e seis guardas presentes usam uniformes escarlates: dois para cada senador, dois para mim, dois para cada um dos Primeiros

Cidadãos, quatro para Anden, e catorze postados nas entradas da frente e dos fundos, o que quer dizer que os réus – Thomas e a Comandante Jameson – são considerados de alta periculosidade e poderiam de repente tentar fugir).

Obviamente não sou senadora. Sou uma Primeira Cidadã, e preciso ser diferenciada como tal.

Duas outras pessoas usam uniforme preto e dourado igual ao meu. Meus olhos encontram os dois, sentados em outros balcões. Depois que Anden me designou para treinar para a posição de Primeira Cidadã, o Congresso insistiu para que ele escolhesse outros candidatos. Afinal de contas, não se deve ter apenas uma pessoa preparada para se tornar líder do Senado, especialmente quando essa pessoa é uma adolescente de dezesseis anos sem qualquer experiência política. Anden concordou, e selecionou mais dois Primeiros Cidadãos, ambos já senadores. Um deles é Mariana Dupree. Meu olhar se fixa nela; seu nariz é arrebitado e seu olhar, severo. Ela tem trinta e sete anos, e é senadora há dez. Essa mulher me odiou no instante em que me viu. Desvio o olhar, e me concentro no balcão onde está sentado o segundo Primeiro Cidadão. Ele é Serge Carmichael, um senador irascível de trinta e dois anos e grande capacidade política, que não perdeu tempo em demonstrar que não apreciava o fato de eu ser tão jovem e inexperiente.

Serge e Mariana. Meus dois adversários no título de Primeira Cidadã. Fico exausta só de pensar nisso.

Num balcão a vários metros de distância, flanqueado por guardas, Anden parece calmo, discutindo um assunto com um dos guardas. Está usando um elegante casaco militar cinzento com reluzentes botões prateados, ombreiras prateadas e insígnias também prateadas nas mangas. De vez em quando ele olha para os prisioneiros na sala de audiências. Eu o observo um momento, e admiro sua aparente calma.

Thomas e a Comandante Jameson vão receber suas sentenças por crimes contra a nação.

Thomas está mais arrumado do que de costume – se isso for possível. O cabelo está penteado para trás, e dá pra ver que ele deve ter acabado com uma lata de graxa para polir as botas. Encontra-se em posição de sentido no meio da sala e olha fixo para a frente com uma intensidade que deixaria

orgulhoso qualquer comandante da República. Eu me pergunto no que estará pensando. Estará visualizando a noite na ala do hospital quando assassinou meu irmão? Estará pensando nas várias conversas que teve com Metias, nos momentos em que baixou a guarda? Ou na noite fatídica em que escolheu trair Metias em vez de ajudá-lo?

Por outro lado, a Comandante Jameson está ligeiramente desgrenhada. Seus olhos frios e indiferentes se fixam em mim. Ela está me observando firmemente nos últimos doze minutos. Eu retribuo o olhar por um instante, tentando perceber um indício de emoção nos seus olhos, mas sem sucesso: eles refletem apenas um ódio pétreo, uma absoluta falta de consciência.

Desvio o olhar, respiro profunda e lentamente, e tento me concentrar em outra coisa. Meus pensamentos se fixam em Day.

Faz 241 dias que ele esteve no meu apartamento e se despediu de mim. Às vezes tenho vontade de que Day me abrace de novo e me beije como fez naquela última noite, tão perto que mal conseguíamos respirar, seus lábios macios contra os meus. Mas então elimino esse desejo. O pensamento é inútil porque me lembra da perda, da mesma forma que estar sentada aqui agora e olhando para as pessoas que mataram minha família me faz relembrar todas as coisas que eu tinha, e também a minha culpa por *ter tirado* todas as coisas que *Day* tinha.

Além do mais, é provável que Day nunca mais queira me beijar, quando descobrir por que lhe pedi que voltasse a Denver.

Anden está olhando na minha direção agora. Quando cruzamos olhares, ele assente, sai do balcão e um minuto depois entra no meu. Eu me levanto e, assim como meus guardas, faço uma breve continência. Anden faz um gesto impaciente e diz:

– Sente-se, por favor. – Quando me acomodo de volta na cadeira, ele se debruça e acrescenta: – Como você está, June?

Luto contra o rubor que se espalha nas minhas bochechas. Depois de oito meses sem Day na minha vida, consigo sorrir para Anden, gostando da atenção que ele me dá, e às vezes até esperando por ela.

– Muito bem, obrigada. Estava ansiosa para este dia chegar.

– É claro. – Anden concorda com a cabeça e diz: – Não se preocupe. Não vai demorar para esses dois saírem para sempre da sua vida.

Ele aperta meu ombro para enfatizar o que disse e em seguida sai tão rapidamente quanto chegou, desaparecendo com um leve clique de medalhas e ombreiras, e logo depois ressurgindo no seu balcão.

Levanto a cabeça numa tentativa inútil de mostrar coragem, sabendo que o olhar gélido da Comandante Jameson ainda não deve ter desgrudado de mim. À medida que cada um dos senadores anuncia seu voto em voz alta sobre a sentença da militar, prendo a respiração e cuidadosamente afasto todas as lembranças que tenho dos olhos dela fixos em mim e as disponho ordenadamente no fundo da memória. A votação demora uma eternidade, embora os senadores se apressem em dizer o que acreditam que agradará ao Eleitor.

Ninguém tem coragem de se arriscar a contrariar Anden, depois de verem tantos outros condenados e executados. Quando chega minha vez, minha garganta está seca. Engulo algumas vezes e depois digo, com voz nítida e calma:

– Culpada.

Serge e Mariana votam depois de mim. Após mais uma rodada de votos, agora referentes a Thomas, o julgamento termina. Três minutos depois, um homem (calvo, rosto redondo enrugado e vestes escarlates que chegam até o chão e que ele segura com a mão esquerda) chega rapidamente ao balcão de Anden e faz uma breve reverência. Anden se inclina até o homem e sussurra no seu ouvido. Observo essa interação com tranquila curiosidade, perguntando-me se consigo prever o veredicto final pelos gestos que fazem. Após breve deliberação, Anden e o homem fazem um sinal afirmativo com a cabeça. O oficial de justiça se dirige então a todos os presentes:

– Estamos prontos para anunciar os veredictos para o Capitão Thomas Alexander Bryant e a Comandante Natasha Jameson, da Patrulha Oito da Cidade de Los Angeles. Todos de pé para o pronunciamento de nosso glorioso Eleitor!

Os senadores e eu ficamos de pé com um ruído uníssono, enquanto a Comandante Jameson simplesmente se vira para encarar Anden com uma expressão de total desprezo. Thomas faz uma vigorosa continência para Anden. Ele mantém o gesto quando Anden se ergue, se apruma e põe as mãos nas costas. Faz-se silêncio enquanto esperamos pelo seu veredicto

final, o voto que realmente importa. Reprimo uma vontade iminente de tossir. Meus olhos se dirigem instintivamente aos outros Primeiros Cidadãos, algo que faço o tempo todo: Mariana franze a testa, antecipadamente satisfeita, e Sergio parece entediado. Agarro com força o anel de clipes de papel que estou fazendo. Sei que vou ficar com sulcos profundos na palma da mão.

– Os senadores da República apresentaram seus veredictos individuais – anuncia Anden para o tribunal; suas palavras expressam toda a formalidade de um discurso de antigas tradições. Admiro a maneira pela qual sua voz parece tão suave, apesar da gravidade do assunto. – Analisei sua decisão conjunta, e agora anuncio minha própria decisão. – Anden para e focaliza o lugar onde os dois réus estão esperando. Thomas continua prestando continência e a olhar fixamente para a frente. – Capitão Thomas Alexander Bryant, da Patrulha Oito da Cidade de Los Angeles, a República da América o considera *culpado*...

A sala fica em silêncio. Eu me esforço para manter minha respiração equilibrada. *Pense em alguma coisa, qualquer coisa.* Que tal sobre todos os livros de ciência política que li esta semana? Tento descrever alguns dos fatos que aprendi, mas de súbito não consigo me lembrar de nenhum. Isso não tem nada a ver comigo.

– ... da morte do Capitão Metias Iparis na noite de trinta de novembro, da morte da civil Grace Wing sem as justificativas necessárias para a execução, de executar sozinho doze manifestantes na Batalla Square na tarde de...

A voz dele entra e sai das distorções nebulosas do barulho na minha cabeça. Descanso uma das mãos no braço da cadeira, solto o ar devagar e tento me impedir de balançar o corpo. *Culpado.* Thomas foi considerado culpado de matar meu irmão e a mãe de Day. Minhas mãos tremem.

– ... e é, portanto, condenado a morrer por fuzilamento daqui a dois dias, às dezessete horas. Comandante Natasha Jameson, da Patrulha Oito da Cidade de Los Angeles, a República da América a considera *culpada...*

A voz de Anden esmorece em um zumbido monótono irreconhecível. Tudo ao meu redor está muito lento, como se eu estivesse vivendo tudo aquilo depressa demais, e deixando o mundo para trás.

Há um ano eu estava do lado de fora do Batalla Hall, em um tipo

diferente de tribunal, observando o que acontecia junto a uma imensa multidão quando o juiz impôs a Day exatamente a mesma sentença. Hoje em dia Day está vivo, e é uma celebridade da República. Abro os olhos de novo. Os lábios da Comandante Jameson se contraem quando Anden lê em voz alta sua sentença de morte. A expressão de Thomas é de indiferença. Será essa expressão *verdadeira?* Estou muito longe para saber, mas suas sobrancelhas estão arqueadas num tipo estranho de tragédia. *Eu devia estar feliz*, digo a mim mesma. Day e eu deveríamos estar eufóricos. Thomas matou Metias e atirou na mãe de Day a sangue-frio, sem hesitar um segundo.

Mas agora a sala do tribunal se desvanece e tudo que consigo ver são lembranças de Thomas como adolescente, quando ele, Metias e eu costumávamos comer porco com edamame em um quiosque na 1ª Rua, com um toró desabando ao redor. Lembro-me de Thomas me exibindo a primeira arma que lhe foi designada. Lembro até da vez em que Metias me levou para assistir aos seus exercícios vespertinos. Eu tinha doze anos e começara recentemente a estudar na Drake – tudo era tão inocente naquela época... Metias me apanhou depois das aulas naquela tarde, bem na hora, e nos dirigimos ao setor Tanagashi, onde ele estava exercitando sua patrulha. Ainda sinto o calor do sol no meu cabelo, ainda visualizo o farfalhar da meia capa preta de Metias, o brilho das suas dragonas prateadas, e ainda ouço os vigorosos cliques das suas botas reluzentes no cimento. Enquanto eu me acomodava num banco lateral e ligava meu computador (ou fingia ligá-lo) para adiantar minhas leituras, Metias enfileirava seus soldados para inspecioná-los. Ele parava em frente de cada um para indicar as falhas no seu uniforme.

– Cadete Rin – gritou ele para um dos soldados mais jovens. Ela pulou à voz severa do meu irmão e abaixou a cabeça, envergonhada, quando Metias deu uma pancadinha na única medalha presa à farda dela. – Se eu usasse minhas medalhas desta maneira, a Comandante Jameson me rebaixaria de posto. Quer ser removida desta patrulha, soldado?

– N-não, senhor – gaguejou a cadete.

Metias manteve as mãos enluvadas metidas no cinto nas costas e continuou a inspeção. Criticou mais três soldados antes de chegar a Thomas,

em posição de sentido quase no final da fila. Metias examinou o uniforme dele com um olhar severo e atento. Obviamente, o uniforme de Thomas estava impecável: não havia um único fio fora do lugar, todas as medalhas e as ranhuras das dragonas muito bem envernizadas e as botas tão polidas, que eu provavelmente poderia ver minha imagem refletida nelas. Fez-se longo silêncio. Desliguei o computador e me inclinei para a frente a fim de observar mais de perto. Finalmente, meu irmão assentiu e disse a Thomas:

– Muito bem, soldado. Se continuar assim, farei com que a Comandante Jameson o promova antes do fim do ano.

A expressão de Thomas nunca se alterava, mas percebi que levantou o queixo, orgulhoso.

– Obrigado, senhor – respondeu. Os olhos de Metias se demoraram nele por mais um segundo, e depois ele continuou sua vistoria.

Quando finalmente concluiu a inspeção, meu irmão encarou toda a patrulha.

– Esta inspeção me decepcionou, soldados! – gritou meu irmão. – Vocês agora estão sob minha vigilância, o que quer dizer que estão sob a vigilância da Comandante Jameson. Ela espera que esta patrulha seja de alto nível, portanto, para seu próprio bem, é melhor que se esforcem mais. Entendido?

Calorosas continências lhe responderam:

– *Sim, senhor!*

Os olhos de Metias se voltaram para Thomas. Vi respeito, quase admiração, no rosto do meu irmão.

– Se cada um de vocês prestasse atenção aos detalhes como o Cadete Bryant, nós seríamos a melhor patrulha do país. Que ele sirva de exemplo a vocês todos. – Metias se uniu a eles na continência final: – Vida longa à República! – Os cadetes repetiram essa frase em uníssono.

A lembrança lentamente se esvai dos meus pensamentos, e a voz nítida de Metias se transforma em um murmúrio fantasmagórico, enfraquecendo-me e me exaurindo na minha tristeza.

Metias sempre falava sobre a fixação de Thomas em ser o soldado perfeito. Lembro-me da devoção cega de Thomas pela Comandante Jameson, a mesma devoção que ele agora dedica a seu novo Eleitor. Depois vejo Thomas e eu, sentados um de frente para o outro em uma sala de

interrogatório, e recordo a angústia nos seus olhos. Lembro quando ele me disse querer proteger-me. O que aconteceu com aquele menino tímido e desengonçado dos setores pobres de Los Angeles, o menino que treinava com Metias todas as tardes? Alguma coisa nubla minha visão e rapidamente seco uma lágrima com uma das mãos.

Eu *poderia* ter compaixão e pedir a Anden para poupar a vida de Thomas e deixar que ele passasse o resto de sua existência numa prisão, dando-lhe oportunidade de se redimir. Em vez disso, porém, simplesmente não digo nada e mantenho minha postura firme e o coração duro como pedra. Na minha posição, Metias seria mais piedoso.

Mas nunca fui uma pessoa tão boa quanto meu irmão.

– Isso conclui o julgamento do Capitão Thomas Alexander Bryant e da Comandante Natasha Jameson – declara Anden. Ele estende a mão na direção de Thomas, inclina a cabeça e pergunta: – Capitão, o senhor tem algo a dizer ao Senado?

Thomas nem sequer pisca, nem demonstra qualquer indício de medo, remorso ou raiva. Eu o observo detidamente. Após um minuto, ele dirige o olhar para Anden e faz uma reverência.

– Meu glorioso Eleitor – responde com voz clara e firme –, desonrei a República ao agir de uma forma que lhe desagradou e desapontou, senhor. Com humildade, aceito meu veredicto. – Levanta a cabeça, presta continência e diz: – Vida longa à República!

Ele olha de relance para mim quando todos os senadores expressam estar de acordo com o veredicto final de Anden. Por um instante, nossos olhares se cruzam, e em seguida olho para baixo. Depois de um instante, olho de novo para ele, que dirige o olhar fixamente à frente.

Anden fala agora a Comandante Jameson:

– Comandante – ele diz, estendendo a mão enluvada na direção dela e levantando o queixo, num gesto régio –, a senhora tem algo a dizer ao Senado?

Ela olha firmemente para o jovem Eleitor. Seus olhos são lâminas frias e escuras. Após uma pausa, a militar finalmente concorda com a cabeça.

– Tenho, *Eleitor* – diz ela, em tom ao mesmo tempo severo e debochado, em veemente contraste ao tom de Thomas. Os senadores e os soldados se

remexem, constrangidos, mas Anden levanta uma das mãos para que se faça silêncio. – Tenho sim, algumas palavras a lhe dizer. Não fui a primeira pessoa a desejar sua morte, nem serei a última. O senhor é o Eleitor, mas não passa de um rapaz que não sabe quem é. – Ela estreita os olhos e sorri. – Mas *eu* sei. Já vi muito mais coisas do que o senhor: já derramei o sangue de prisioneiros com o dobro da sua idade, já matei homens duas vezes mais fortes do que o senhor, já fiz prisioneiros tremerem com os corpos esfacelados cuja coragem era provavelmente o dobro da sua. O senhor se acha o salvador deste país, não é? Mas eu não caio nessa. O senhor é apenas o filhinho do papai, e tal pai, tal filho. Ele falhou, e o senhor também falhará. – Ela dá um largo sorriso, mas seus olhos não o refletem. – Este país vai virar pó com o senhor no comando, e meu espectro vai rir do senhor lá no inferno.

A expressão de Anden não muda. Seus olhos permanecem nítidos e destemidos e, nesse momento, sinto-me atraída por ele como um inseto pela luz. Ele continua olhando friamente para a militar.

– Isso conclui o julgamento de hoje – declara ele; sua voz ressoa na sala do tribunal. – Comandante, sugiro que guarde suas ameaças para o pelotão de fuzilamento. – Ele então cruza as mãos atrás das costas e, acenando com a cabeça, ordena: – Removam os prisioneiros da minha frente.

Não sei como Anden consegue não demonstrar nenhum medo da Comandante Jameson. Invejo essa capacidade, porque ao ver os soldados conduzindo-a para fora da sala, sinto um terror profundo e gélido, como se ela ainda fosse nos fazer muito mal, como se ela estivesse nos advertindo para ter cuidado.



O avião aterrissa em Denver na manhã do banquete de emergência. Essas palavras me dão vontade de rir: *banquete* de emergência? Para mim, um banquete significa uma festa, e não creio que nenhuma emergência justifique uma montanha espalhafatosa de comida, mesmo que seja para celebrar o Dia da Independência. É assim que os senadores lidam com crises? Se empanturrando de comida?

Depois que Éden e eu nos acomodamos num apartamento temporário do governo e Éden cochila, exaurido pelo nosso voo cedinho de manhã, relutantemente eu o deixo com Lucy e vou ao encontro do assistente designado para me preparar para o evento desta noite.

– Se alguém quiser falar com ele – sussurro à Lucy enquanto Éden dorme – por qualquer razão, ligue para mim, por favor. Se alguém quiser...

Lucy, acostumada à minha paranoia, me cala com um aceno.

– Pode ficar tranquilo, sr. Wing. – Ela me dá um tapinha na bochecha. – Garanto que ninguém vai falar com Éden enquanto o senhor estiver fora.

Faço um sinal positivo com a cabeça. Meu olhar se detém em Éden, como se ele fosse desaparecer se eu piscasse por um segundo.

– Obrigado.

Para comparecer a um evento tão requintado, preciso me vestir de acordo e, com esse fim, a República encarregou a filha de um senador de me levar ao centro comercial, onde se concentram as principais áreas de shoppings. Ela me encontra na estação de trem no centro do bairro. É bem fácil identificá-la: veste um uniforme estiloso dos pés à cabeça. Seus olhos são castanho-claros, a pele é morena, e os espessos cachos pretos estão presos numa trança. Ao me reconhecer, ela me dá um breve sorriso.

Percebo que está me examinando, e possivelmente criticando minha roupa.

– Você deve ser o Day – diz ela, ao apertar minha mão. – Meu nome é Faline Fedelma, e o Eleitor me designou para ser sua guia. – Ela para e ergue uma sobrancelha ao olhar minha roupa. – Temos muito trabalho pela frente.

Olho para o que estou vestindo: calças enfiadas em botas há muito

desgastadas pelo uso, camisa com colarinho amarrotado e um velho cachecol. Isso seria considerado luxuoso pelos sem-teto.

– Que bom que você aprova! – digo, em tom de brincadeira. Faline ri, e passa o braço pelo meu.

Enquanto ela me leva até uma rua que vende roupas para o governo e se especializa em trajes de gala, percebo grupos de pessoas que se apressam ao nosso redor. São pessoas bem-vestidas, classe A. Três estudantes passam por nós, dando risinhos sabe-se lá por quê, vestindo imaculados uniformes militares e botas envernizadas. Ao dobrarmos uma esquina e entrarmos numa loja, percebo que há soldados montando guarda, marchando para cima e para baixo da rua. *Muitos soldados.*

– Sempre tem tantos guardas assim no centro da cidade? – pergunto à Faline.

Ela apenas dá de ombros e me mostra um uniforme, mas vejo que está inquieta.

– Para dizer a verdade, não, mas tenho certeza de que você não precisa se preocupar.

Deixo para lá, mas fico um pouco ansioso. Denver está reforçando seu sistema defensivo. June não explicou por que queria tanto que eu comparecesse a esse banquete, o suficiente para ela própria me contatar depois de tantos meses em silêncio. Que diabos ela quer de mim? O que será que a República quer desta vez?

Se a República vai mesmo entrar em uma nova guerra, talvez eu possa encontrar uma forma de tirar Éden do país. Afinal de contas, temos condições de ir embora. Não sei por que continuo aqui.

Horas depois, quando o sol se pôs e começaram a soltar fogos de artifício pelo aniversário do Eleitor em vários lugares da cidade, um jipe me leva do meu apartamento em direção a Colburn Hall. Vou esquadrinhando impacientemente a paisagem pela janela. As pessoas caminham para cima e para baixo nas calçadas, em grupos compactos. Esta noite, todas elas vestem roupas muito específicas, a maioria vermelha, com detalhes dourados e emblemas da República estampados aleatoriamente, na parte posterior das luvas brancas ou nas mangas dos paletós militares. Eu me pergunto quantas dessas pessoas concordam com a pichação "Anden é nosso salvador", e quantas aprovam a que diz "Anden é um farsante".

Tropas não param de desfilar para cima e para baixo nas ruas. Todos os telões exibem imagens de enormes emblemas da República, seguidas por cenas filmadas ao vivo das festividades acontecendo no Colburn Hall. Uma coisa é fato: desde que Anden assumiu o poder, as propagandas da República, anunciadas nos telões, diminuíram bastante, mas eles continuam sem apresentar notícias do mundo exterior.

Acho que não se pode ter tudo.

Quando chegamos aos degraus de pedra do Colburn Hall, as ruas estão uma confusão de celebrações, multidões e guardas sisudos. Os transeuntes gritam um escandaloso viva quando me veem saltar do jipe, um berreiro que atravessa meus ossos e me faz sentir um espasmo de dor na nuca. Hesitante, aceno para as pessoas.

Feline me espera na base dos degraus que conduzem ao Colburn Hall. Desta vez, ela usa um vestido dourado, e suas pálpebras brilham com um pó da mesma cor. Trocamos reverências antes que eu a siga, observando-a gesticular para que os outros abram caminho.

– Até que você ficou bem apresentável. Sei de uma pessoa que vai gostar muito de te ver.

– Não acho que o Eleitor vai ficar tão entusiasmado quanto você pensa.

Ela sorri para mim por cima do ombro.

– Não me referi ao Eleitor...

Ao ouvir isso, meu coração dispara.

Abrimos caminho entre a multidão estridente. Levanto a cabeça e observo a beleza minuciosa de Colburn Hall. Tudo brilha. Esta noite as colunas estão todas adornadas com grandes estandartes escarlates que exibem a insígnia da República. Pendurado bem no meio das colunas e acima da entrada do hall está o maior retrato que já vi na vida, com o rosto gigantesco de Anden.

Faline me guia pelo corredor, onde os senadores batem papo e outros convidados da elite conversam e riem, como se tudo no país estivesse uma beleza. Entretanto, sob suas máscaras sorridentes há sinais de nervosismo, olhos vacilantes e cenhos franzidos. Eles também já devem ter percebido o número incomum de soldados. Tento imitar a maneira polida e precisa que eles têm de andar e falar, mas paro ao ver que Faline está reparando no que estou fazendo.

Vagamos pelo suntuoso salão do Colburn Hall durante vários minutos,

perdidos no mar de políticos. As franjas das minhas dragonas clicam. Eu procuro por ela, embora não saiba o que vou dizer quando – *se* – a encontrar. Será que vou conseguir sequer vê-la de relance em meio a todo esse luxo escandaloso? Para onde quer que nos voltemos, vejo uma profusão de coloridos vestidos longos e ternos bem cortados, fontes e pianos, garçons com finas taças de champanhe, gente elegante com falsos sorrisos. De repente, sinto uma súbita sensação de claustrofobia.

Que lugar é esse? O que estou fazendo aqui?

Bem nessa hora, no instante em que me faço essas perguntas, é o momento em que finalmente a vejo. Não sei como, em meio àqueles aristocratas que se misturam em um cenário nebuloso, meus olhos percebem a silhueta de June e se detêm. O barulho ao meu redor se esmaece num zunido confuso, tranquilo e desinteressante, e toda a minha atenção se concentra inutilmente na moça que julguei ser capaz de encarar.

Ela usa um vestido escarlate que vai até o chão, e o cabelo espesso e brilhoso está disposto no alto da cabeça em ondas escuras, presas no lugar com pequenos pentes vermelhos decorados com joias que refletem a luz. Ela é a moça mais linda que já vi na vida, e sem dúvida a mais deslumbrante da sala. June cresceu nos oito meses em que não a vi, e sua postura é firme e graciosa. Com o pescoço delgado semelhante ao de um cisne e os olhos profundos e negros, ela é a imagem da perfeição.

Ou quase. Depois do impacto inicial, reparo numa coisa que me faz franzir a testa. Ela exibe um ar reservado, uma expressão incerta e insegura. Nada que lembre a June que conheço. Impotente, acabo guiando Faline e eu na direção dela. Só me detenho quando as pessoas ao seu redor se afastam, revelando o homem ao seu lado.

É Anden, claro, e eu não deveria me surpreender. Mais ao lado, várias moças bem-vestidas tentam inutilmente atrair sua atenção, mas ele está concentrado em June. Observo quando se inclina para sussurrar algo no ouvido dela e depois continua a conversar à vontade com ela e muitas outras pessoas.

Quando me viro em silêncio para sair dali, Faline franze a testa à minha súbita mudança e pergunta:

– Tudo bem com você?

Tento sorrir, confiante.

– Tudo beleza, não se preocupe.

Sinto-me tão deslocado entre esses aristocratas, com suas polpudas contas bancárias e seus modos metidos a besta... Independentemente do dinheiro que a República me oferece, serei sempre um garoto de rua.

Eu havia esquecido que um garoto de rua jamais poderia estar à altura da futura Primeira Cidadã.

19H35.
COLBURN HALL, SALÃO PRINCIPAL DE BAILE.
20°C.

Acho que vi Day na multidão. Um lampejo de cabelo louro quase branco e olhos azuis brilhantes. De súbito desvio a atenção de minha conversa com Anden e os demais Primeiros Cidadãos, e inclino o pescoço, esperando ver Day de novo, mas ele sumiu, se é que estava lá mesmo. Desapontada, volto a olhar para os outros e lhes dirijo um sorriso bem ensaiado. Será que Day virá *mesmo*? Certamente os soldados de Anden teriam avisado se Day tivesse se recusado a viajar no jato particular que lhe foi enviado hoje de manhã. Mas ele estava tão frio e estranho ao microfone naquela noite, que talvez tenha decidido que não valia a pena vir a este evento. Talvez ele me odeie, agora que passamos tanto tempo separados e ele pôde analisar claramente nossa amizade. Volto a esquadrinhar a multidão quando os outros Primeiros Cidadãos riem das piadas de Anden.

Um frio na barriga me diz que Day *virá,* mas não sou o tipo de pessoa que acredita em intuições. Distraidamente, toco nas joias no meu cabelo, para me certificar de que continuam lá. Elas não são as coisas mais confortáveis que já usei, mas o cabeleireiro ficou deslumbrado com o realce que os rubis davam aos meus cachos negros, e aquela reação bastou para que eu achasse que valeria a pena sofrer um pouquinho. Não sei bem por que tive tanta vontade de ficar bonita para o baile. Bem, presumo que seja por que estamos comemorando o Dia da Independência, e é uma ocasião importante.

– A srta. Iparis é tão precoce quanto nós todos supusemos – Anden está dizendo aos senadores, dirigindo-me um sorriso. Sua aparente felicidade é um joguinho de cena, claro. Acompanho Anden há tempo suficiente para saber quando ele está tenso, e esta noite seu nervosismo se reflete em todos os gestos que faz. Eu também estou nervosa. Daqui a um mês, é possível que a República ostente bandeiras das Colônias em suas cidades. – Seus professores particulares afirmam nunca ter visto uma aluna progredir tão

rapidamente, através de suas dissertações políticas.

– Obrigada, Eleitor – agradeço automaticamente ao seu elogio. Os dois senadores dão risadinhas falsas, mas sob suas expressões alegres não deixam de se ressentir comigo, uma *pirralha* escolhida pelo Eleitor para potencialmente vir a ser a líder deles um dia. Mariana me dirige um aceno positivo, embora severo, de cabeça, mas Serge não parece muito contente com a maneira pela qual Anden me destaca. Eu ignoro a cara feia que o senador lança na minha direção. Suas expressões de desagrado costumavam me incomodar, mas agora simplesmente me entediam.

– Que bom – diz o senador Tanaka, da Califórnia, ao ajeitar o colarinho do paletó militar e trocar um olhar com a esposa. – Essa é uma notícia maravilhosa, Eleitor, mas é claro que os professores também sabem que grande parte do trabalho de um senador *não* se aprende nos livros, e sim durante anos de experiência no Senado. Nosso caro senador Carmichael é prova disso. – Ele faz uma pausa e assente gentilmente para Serge, que infla como um pavão.

Com um gesto, Anden demonstra não estar preocupado com isso e diz:

– É claro. Tudo a seu tempo, senador.

Ao meu lado, Mariana suspira, se debruça para perto de mim e aponta o queixo para Serge, murmurando:

– Se você olhar para a cabeça dele por tempo o bastante, ela é capaz de criar asas e voar.

Sorrio.

Eles abandonam esse assunto e começam a falar sobre a melhor maneira de distribuir os alunos no ensino médio, agora que não se fazem mais Provas. O papo político me irrita. Começo a examinar de novo a multidão, à procura de Day. Depois de mais uma tentativa frustrada, ponho a mão no braço de Anden e me inclino para sussurrar:

– Com licença. Já volto.

Ele concorda com a cabeça. Quando me viro e começo a me misturar à multidão, sinto que ele não para de me olhar.

Passo vários minutos percorrendo inutilmente o salão de baile, cumprimentando senadores e suas famílias enquanto procuro. Onde está Day? Tento escutar trechos de conversas e reparar onde estão reunidos

grupos. Day é uma celebridade. Ele deve estar atraindo atenção, se é que já chegou. Dirijo-me à outra parte do salão quando sou interrompida pelos alto-falantes. É hora do juramento. Suspiro e volto para onde Anden já ocupou seu lugar na frente do palco, ladeado por soldados erguendo bandeiras da República.

– Juro fidelidade à bandeira da República da América...

Day! Lá está ele.

Ele se encontra a uns quinze metros de distância, com as costas parcialmente viradas para mim, de modo que só consigo ver parte do seu rosto, o cabelo espesso solto e perfeitamente liso e, de braço com ele, uma moça num reluzente vestido dourado. Ao observá-lo mais detidamente, reparo que sua boca não está se mexendo. Ele permanece calado durante todo o juramento. Volto de novo a atenção para a frente quando os aplausos enchem o salão e Anden começa seu discurso ensaiado. Pelo canto do olho, vejo Day se virar para olhar por cima do ombro. Minhas mãos tremem ao ver seu rosto de relance: será que esqueci o quanto ele é lindo, o modo como seus olhos refletem algo selvagem e indomado, livre mesmo em meio a toda esta disciplina e elegância?

Quando o discurso acaba, me encaminho diretamente para onde Day está. Ele veste uma calça e um paletó militar pretos, perfeitamente cortados.

Está mais magro. Parece ter perdido uns cinco quilos desde a última vez em que o vi. Esteve doente recentemente. Quando me aproximo, Day me vê e interrompe a conversa com sua acompanhante. Seus olhos se arregalam um pouco. Sinto minhas bochechas enrubescerem, mas consigo dominar isso. Este é nosso primeiro encontro cara a cara em meses, e me recuso a bancar a idiota.

Paro a alguns centímetros de distância. Meus olhos se detêm na acompanhante dele, que reconheço como sendo Faline, a filha de dezoito anos do senador Fedelma.

Faline e eu nos cumprimentamos brevemente com a cabeça. Ela dá um risinho e diz:

– Olá, June! Você está deslumbrante.

Ela consegue arrancar um sorriso verdadeiro de mim, o que é um alívio, depois de todos os sorrisos ensaiados que dei aos outros Primeiros

Cidadãos.

– Você também, Faline.

Faline não desperdiça um segundo sequer com constrangimentos: ela percebe o leve rubor nas minhas bochechas e faz uma leve reverência a nós dois. Em seguida se dirige para a multidão, deixando Day e eu sozinhos naquele mar de gente.

Por um instante, nós apenas nos olhamos. Quebro o silêncio antes que ele se prolongue demais:

– Oi! – digo. Observo cuidadosamente seu rosto, avivando minha memória com todos os mínimos detalhes. – Que bom ver você!

Day retribui o sorriso e se inclina, mas seus olhos não deixam de me fitar. A maneira como ele me olha fixamente faz meu coração se acelerar.

– Obrigado pelo convite.

Ouvir sua voz em pessoa de novo... Respiro fundo, e recordo por que o convidei a comparecer ao baile. Seus olhos recaem no meu rosto e no meu vestido; ele parece na iminência de fazer um comentário sobre minha roupa, mas desiste e aponta para o salão.

– Festinha maneira que vocês organizaram.

– Nunca é tão divertida quanto parece – comento em voz baixa, para que não me ouçam. – Fico imaginando que esses senadores vão acabar explodindo de tanto conversar com pessoas de que não gostam.

Minha gracinha provoca um ligeiro sorriso de alívio nos lábios de Day.

– É bom saber que não sou só eu que acho isso tudo um saco.

Anden já desceu do palco, e o comentário de Day me lembra de que em breve vou acompanhá-lo ao banquete. Esse pensamento me faz ficar séria.

– Está quase na hora – eu digo, fazendo um gesto para que Day me acompanhe. – O banquete é muito restrito. Seremos só você, eu, os outros Primeiros Cidadãos e o Eleitor.

– O que está acontecendo? – pergunta Day ao ficar ao meu lado.

Seu braço roça no meu e faz com que eu me arrepie toda. Faço um esforço para controlar a respiração. *Concentre-se, June.*

– Você não foi nada específica na última vez em que conversamos. Espero que eu esteja tendo que suportar todos esses troteiros esnobes do Congresso por uma boa causa.

Não posso deixar de achar graça na forma como Day se refere aos senadores.

– Você vai saber quando chegarmos lá. E limite seus insultos ao mínimo.

Desvio o rosto e olho para o pequeno corredor ao qual estamos nos dirigindo, a Câmara Jaspe, um recinto discreto que é uma ramificação do principal salão de baile.

– Eu não vou gostar disso, vou? – murmura Day no meu ouvido.

Essa pergunta faz eu me sentir culpada.

– Provavelmente não.

Nós nos acomodamos na sala particular de banquetes, onde há uma pequena mesa retangular de cerejeira com sete cadeiras e, após um tempinho, Serge e Mariana aparecem. Cada um deles se senta de cada lado da cadeira reservada de Anden. Fico perto de Day, conforme o desejo de Anden. Dois garçons circulam a mesa, colocando delicados pratos de salada de melancia e porco à frente de cada convidado. Serge e Mariana conversam informalmente, mas nem Day nem eu dizemos uma palavra. De vez em quando, dou um jeito de olhá-lo de relance. Ele observa com a cara fechada e constrangida as fileiras de garfos, colheres e facas na mesa, tentando determinar quais deles usar sem pedir ajuda. *Ah, Day!* Não sei por que isso me causa uma sensação dolorosa e palpitante, nem por que me sinto tão solidária a ele. Eu já havia esquecido como seus longos cílios absorvem a luz.

– O que é isto? – ele me pergunta sussurrando, levantando um dos utensílios.

– Uma faca de manteiga.

Day zomba ao passar o dedo pela ponta cega arredondada da faca.

– Isto *não é* uma faca.

Ao seu lado, Serge repara na hesitação dele e lhe diz friamente:

– Suponho que você não esteja acostumado a garfos e facas no lugar de onde vem.

Day se retesa, mas não perde a oportunidade. Segura uma faca maior de trinchar, e intencionalmente desarrumando os talheres cuidadosamente dispostos, a agita para lá e para cá. Serge e Mariana se afastam da mesa.

– De onde venho, nós nos preocupamos mais com eficiência. Uma faca igual a esta pode espetar carne, besuntar manteiga e cortar gargantas, tudo

ao mesmo tempo.

É claro que Day jamais cortou a garganta de ninguém na vida, mas Serge não sabe disso. Ele torce o nariz com desprezo ao ouvir essa resposta, mas o rosto fica lívido. Preciso fingir tossir para não rir à expressão ao mesmo tempo séria e debochada. Para quem não o conhece bem, suas palavras realmente são intimidadoras.

Reparo em uma coisa pela primeira vez: Day está pálido. *Muito* mais pálido do que me lembro. Meu divertimento vacila. Será sua recente doença algo mais sério do que supus a princípio?

Um minuto depois Anden chega à sala, causando a habitual agitação quando todos nos levantamos; ele faz um gesto para que nos sentemos. Está acompanhado de quatro soldados; um deles fecha a porta, e finalmente ficamos restritos à nossa refeição particular.

– Olá, Day! – Ele para e inclina a cabeça gentilmente para Day, que parece não gostar da atenção, mas consegue retribuir o gesto. – É um prazer revê-lo, ainda que sob circunstâncias lamentáveis.

– Muito lamentáveis – responde Day. Pouco à vontade, eu me mexo na cadeira, tentando imaginar um cenário mais constrangedor do que este jantar.

Anden ignora o comentário.

– Permita-me deixá-lo a par da situação atual. – Ele põe o garfo na mesa. – O tratado de paz que vínhamos negociando com as Colônias foi engavetado. Um vírus se abateu fortemente sobre as cidades sulistas das Colônias na frente de batalha.

Ao meu lado, Day cruza os braços e observa o grupo com uma expressão desconfiada, mas Anden prossegue:

– Eles acreditam que esse vírus foi causado por nós, e exigem que nós lhes disponibilizemos a cura, se quisermos continuar com as negociações do tratado de paz.

Serge pigarreia e começa a dizer algo, mas Anden levanta a mão pedindo silêncio e em seguida discorre sobre todos os detalhes: primeiro as Colônias mandaram um recado atrevido para a República, exigindo informações sobre o vírus que está devastando suas tropas, fazendo com que os soldados afetados sejam rapidamente retirados, e depois divulgando pelo rádio seu

ultimato aos generais da República, advertindo sobre consequências terríveis caso a cura não seja divulgada imediatamente.

Day ouve tudo isso sem mover um músculo nem pronunciar uma palavra. Uma de suas mãos agarra com tanta força a beira da mesa, que suas articulações ficam lívidas. Eu me pergunto se ele está prevendo aonde esse discurso levará e o que isso tudo tem a ver com ele, mas fica esperando Anden acabar de falar.

Serge se recosta na cadeira e franze o cenho.

– Se as Colônias querem jogar duro com nossa proposta de paz – debocha ele –, que joguem. Estamos em guerra há tempo suficiente para aguentar mais um pouco.

– Não, não podemos – interrompe Mariana. – O senhor acredita *sinceramente* que as Nações Unidas vão aceitar a notícia de que nosso tratado de paz se dissolveu?

– As Colônias têm alguma prova de que fomos nós que provocamos essa praga? Ou as acusações não se baseiam em nada sólido?

– Exatamente. Se eles pensam que nós vamos...

Subitamente Day resolve falar; encarando Anden:

– Vamos parar de enrolação. Diz logo por que estou aqui. – Ele não fala alto, mas o tom ameaçador de sua voz silencia a conversa no recinto. Anden lhe retribui o tom sério com voz igualmente grave:

– Day, acredito que esse seja o resultado de uma das armas biológicas do meu pai, e que o vírus se originou do sangue do seu irmão, Éden.

Os olhos de Day se estreitam, e ele pergunta:

– E daí?

Anden reluta em prosseguir, mas diz:

– Há mais de uma razão para eu não querer que todos os meus senadores comparecessem a esta reunião. – Ele se debruça para a frente, abaixa o tom de voz e olha com humildade para Day. – Não quero saber a opinião de mais ninguém agora; quero saber a *sua* opinião. Você é o coração do povo, Day, sempre foi. Você abriu mão de tudo que tinha para protegê-los. – Ao meu lado, sinto Day enrijecer, mas Anden continua: – Eu temo pelo povo. Preocupo-me com a segurança deles, e que os estaremos entregando ao inimigo logo agora que estamos começando a chegar a uma solução pacífica.

– Ele fica em silêncio por alguns segundos. – Preciso tomar decisões difíceis.

Day levanta uma sobrancelha e pergunta:

– Que tipo de decisões?

– As Colônias estão desesperadas por uma cura. Eles vão nos *destruir* para consegui-la, tudo com que você e eu nos importamos. A única oportunidade que temos de descobrir a cura é fazer com que Éden seja levado para um...

Day empurra a cadeira para trás com força, levantando-se.

– Não.

Sua voz é monótona e gélida, mas me lembro bem das discussões acaloradas que tive com Day para reconhecer a profunda fúria sob sua calma. Sem mais uma palavra, ele dá as costas ao grupo e sai.

Serge faz menção de se levantar, sem dúvida para reclamar com Day de sua grosseria, mas Anden lança um olhar de advertência a ele e faz um gesto para que se sente. Então Anden se vira para mim com uma expressão que significa "*Fale com ele, por favor*".

Observo o vulto de Day se retirando. *Ele tem todo o direito de recusar, todo o direito de nos odiar por lhe pedir uma coisa dessas.* Mesmo assim, levanto-me da cadeira, me afasto da mesa de banquete e me apresso na direção de Day.

– Day, espere! – grito. Minhas palavras me lembram dolorosamente da última vez em que estivemos juntos, quando nos despedimos.

Percorremos o pequeno corredor que leva ao salão de baile. Day não se vira, mas diminui o ritmo, para deixar que eu o alcance. Quando finalmente me aproximo, respiro fundo e digo:

– Olhe, eu sei...

Day põe um dedo nos lábios para eu me calar, e agarra minha mão. Sinto sua pele quente sob o tecido da luva. O arrepio do toque dos seus dedos nos meus me impacta tanto, mesmo após tantos meses, que não consigo lembrar o que ia dizer – tudo nele, seu toque, sua proximidade me *abala*.

– Vamos conversar em outro lugar – sussurra ele.

Entramos numa das salas do corredor e trancamos a porta. Meus olhos fazem uma varredura minuciosa do recinto: é uma sala particular de jantar, com as luzes apagadas, uma mesa redonda e doze cadeiras cobertas de panos brancos, e uma única janela grande em arco na parede ao fundo, por

onde penetra um raio de luar. Aqui dentro o cabelo de Day parece um lençol dourado. Ele se vira e me olha firme.

Será minha imaginação ou ele parece tão frustrado quanto eu em relação a nosso breve aperto de mão? Sinto a restrição súbita da cintura do vestido, o ar que atinge meus ombros e clavícula expostos, o peso do tecido e as joias no meu cabelo. Day olha demoradamente para o colar de rubis na minha garganta, *o presente de despedida que ele me deu.* Mesmo no escuro, percebo suas bochechas enrubescerem, e ele diz então:

– Quer dizer que esse é o verdadeiro motivo de eu estar aqui?

Apesar da raiva na voz, sua objetividade é uma brisa suave de ar fresco, depois de tantos meses de conversas políticas premeditadas. Quero absorver isso bem.

– As Colônias se recusam a aceitar quaisquer outras condições – respondo. – Estão convencidos de que temos meios de acabar com a praga, mas o único que pode nos dar a cura é o Éden. A República já está realizando testes com outros... ex-pacientes, para ver se conseguem encontrar alguma coisa.

Day se contrai, cruza os braços no peito e me olha com ar zombeteiro.

– "Já está realizando testes" – resmunga ele para si mesmo, olhando para a janela enluarada. – Mil desculpas por não demostrar mais entusiasmo com essa notícia – acrescenta secamente.

Fecho os olhos um instante e reconheço:

– Não temos muito tempo. A cada dia em que não entregamos a cura, as Colônias se enfurecem mais.

– E o que vai acontecer se a gente não fizer nada?

– Você sabe muito bem o que acontecerá: guerra.

Um vislumbre de receio surge nos olhos de Day, mas ainda assim ele dá de ombros.

– A República e as Colônias estão em guerra desde sempre. Por que vocês estão tão preocupados agora?

– Desta vez eles vão vencer – murmuro. – Eles têm um forte aliado. Sabem que estamos vulneráveis durante a transição para um jovem novo Eleitor. Se não conseguirmos entregar-lhes essa cura, não teremos a menor chance. – Estreito os olhos. – Você não se lembra do que vimos quando

fomos às Colônias?

Day se cala por um segundo. Embora não manifeste em voz alta, vejo o conflito claramente estampado no seu rosto. Finalmente, ele suspira e aperta os lábios, raivoso.

– Você acha mesmo que vou deixar que a República use Éden mais uma vez? Se o Eleitor acredita nisso, eu pisei feio na bola ao apoiá-lo. Eu não o ajudei para ver esse cara atirar Éden de volta num laboratório.

– Lamento – digo. Não adianta tentar convencê-lo de que Anden também detesta essa situação. – Ele não devia ter te pedido daquela maneira.

– Foi ele quem te meteu nessa, não foi? Aposto que você hesitou, né? Você *sabe* que isso é um horror. – Seu tom de voz fica mais exasperado. – Você *sabia* qual seria minha resposta. Mesmo assim, por que pediu que eu viesse?

Olho firme para ele e digo a primeira coisa que me vem à cabeça:

– Porque eu queria te ver. Não foi por isso que você concordou em vir?

Isso faz com que ele se cale um momento; depois me dá as costas, revolve o cabelo com as mãos e suspira.

– Então, o que você acha? Fale a verdade. O que *você* me pediria para fazer, se não tivesse ninguém te pressionando?

Meto uma mecha de cabelo atrás da orelha. *Seja firme, June.*

– Eu... – começo a falar, mas hesito. O que posso dizer? Logicamente, concordo com a avaliação de Anden. Se as Colônias fizerem o que estão prometendo, se nos atacarem com a força máxima e com o apoio de uma superpotência, muitas vidas inocentes serão sacrificadas, a não ser que assumamos o risco com *uma* vida. Simplesmente, não existe uma escolha fácil. Além disso, poderíamos assegurar que Éden fosse tratado da melhor forma possível, com os melhores médicos e o maior conforto. Day estaria presente durante todos os procedimentos, poderia saber exatamente o que quer que estivesse acontecendo. Mas como explico isso a um garoto que já perdeu a família inteira, que conhece as experiências terríveis às quais o irmão caçula foi submetido? Ele próprio já foi usado como cobaia! É essa parte que Anden não compreende tão bem quanto eu, embora conheça o passado de Day no papel. Ele ainda não conhece de verdade o Day, não

viajou com ele, nem testemunhou o sofrimento pelo qual passou. O assunto é complexo demais para simplesmente usar a lógica.

O mais importante é que Anden *não tem como garantir a integridade física de Éden.* Tudo virá acompanhado de risco, e tenho absoluta certeza de que nada no mundo poderia fazer Day assumir *esse* risco.

Day deve ter percebido a frustração estampada no meu rosto, porque se acalma e se aproxima. Quase posso sentir o calor que emana de seu corpo, o ar ficando mais quente a cada passo dele, dificultando minha respiração.

– Vim aqui esta noite por *você* – diz ele em voz baixa. – Nada que eles dissessem me convenceria a vir, exceto que *você* queria que eu viesse. Não consigo recusar um pedido seu. Me disseram que você pessoalmente... – ele engole em seco. Sua expressão apresenta um conflito familiar de emoções que me deixa passando mal: emoções que eu sei serem de *desejo*, pelo que já vivemos, e *angústia,* por desejar a garota que destruiu sua família. – É tão bom te ver, June.

Ele disse isso como se estivesse liberando um enorme peso que o estava sufocando. Eu me pergunto se ele pode escutar os batimentos frenéticos do meu coração contra minhas costelas. Contudo, quando falo, consigo manter a voz firme e calma:

– Está tudo bem? Você está pálido!

O pesar volta aos seus olhos, e nosso breve momento de intimidade se esvai quando ele se afasta e começa a mexer nas pontas das luvas. Lembro que *ele sempre odiou luvas.*

– Tive uma gripe muito forte nas duas últimas semanas – responde, sorrindo rapidamente para mim –, mas estou melhorando.

Os olhos desviam sutilmente para o lado, ele coça a ponta da orelha, seus braços e pernas estão rígidos, e seu timing não combina com as palavras e o sorriso. Inclino a cabeça até ele e franzo a testa.

– Você mente muito mal, Day. Por que não me diz logo o que está pensando?

– Não estou pensando em nada – responde automaticamente. Desta vez ele abaixa os olhos para o chão e põe as mãos nos bolsos. – Se pareço estar "viajando", é porque estou preocupado com Éden. Já faz um ano que ele vem tratando dos olhos e ainda não consegue enxergar direito. Os médicos

me disseram que é possível que ele tenha de usar lentes de contato, mas, mesmo assim, talvez não volte a enxergar perfeitamente.

Dá para ver que essa não é a verdadeira razão para a aparência exausta de Day, mas ele sabe que mencionar a recuperação de Éden vai impedir que eu lhe faça mais perguntas. Bem, já que ele não quer me contar, não vou insistir. Pigarreio meio sem jeito e murmuro:

– Que pena! Lamento muito por Éden. Mas, tirando isso, ele está bem?

Day assente, e voltamos ao nosso silêncio enluarado. Não posso deixar de recordar a última vez em que estivemos a sós, quando ele segurou meu rosto, e suas lágrimas se derramaram nas minhas bochechas. Lembro a maneira como ele sussurrou *"Lamento muito"* junto aos meus lábios. Agora, com apenas um metro nos separando e nós nos olhando fixamente, sinto o abismo que se criou entre nós, depois de passarmos tanto tempo afastados, um momento cheio da eletricidade de um primeiro encontro e a incerteza do desconhecido.

Day se debruça sobre mim, como se atraído por uma força invisível. O trágico apelo no seu rosto embrulha dolorosamente meu estômago. Seus olhos suplicam: *"Por favor, não me peça isso. Por favor, não me peça para desistir do meu irmão. Eu faria qualquer coisa por você, menos isso."*

– June, eu... – murmura ele. Sua voz parece que vai falhar, devido ao grande sofrimento que ele mantém represado.

Ele não termina a frase. Em vez disso, suspira e baixa a cabeça.

– Não posso concordar com as condições do seu Eleitor – diz ele, em tom sombrio. – Não vou entregar meu irmão à República para ser uma cobaia de novo. Diga a Anden que vou colaborar com ele para encontrar outra solução. Compreendo que o assunto é muito sério... Não quero ver a destruição da República. Terei prazer em ajudá-lo a descobrir uma saída, mas usar Éden está fora de cogitação.

Assim acaba nossa conversa. Day se despede de mim com um aceno de cabeça, me encara por mais alguns segundos e depois se dirige à porta. Subitamente exausta, recosto-me na parede. Sem ele por perto, falta-me energia, e a cor do luar, antes prateada, esmaece e fica cinzenta. Analiso, pelo canto do olho, a palidez de Day pela última vez. Ele evita meu olhar. Alguma coisa está errada, mas ele se recusa a me dizer o que é.

O que não estou conseguindo enxergar?

Day abre a porta. Sua expressão endurece antes de sair da sala.

– Se, por alguma razão, a República tentar pegar Éden à força, vou fazer com que o povo se vire contra Anden tão depressa, que ele terá de enfrentar uma revolução antes mesmo de conseguir piscar.

Sinceramente, eu já devia estar acostumado com meus pesadelos.

Desta vez, sonho comigo e com Éden num hospital de São Francisco. Um médico está dando a Éden outro par de óculos. Vamos a um hospital pelo menos uma vez por semana, para que possam monitorar a lenta adaptação de Éden aos medicamentos, mas esta é a primeira vez que vejo o médico sorrir animado para meu irmão. Deve ser um bom sinal, certo?

Éden se vira para mim, dá um sorrisinho e estufa o peito de maneira exagerada, o que me faz rir.

– Que tal? – pergunta ele, mexendo na armação nova e grande. Seus olhos ainda têm uma cor roxa desbotada esquisita, e ele não consegue focalizar a vista em mim, mas reparo que já pode distinguir coisas como as paredes ao seu redor e a luz que penetra pelas janelas. Meu coração pula de alegria. Éden está progredindo.

– Você parece uma coruja de onze anos – respondo e vou até ele para bagunçar seu cabelo. Ele dá um risinho e afasta minha mão com uma pancadinha.

Quando nos sentamos na sala do médico, esperando a papelada ficar pronta, vejo Éden dobrando uns pedaços de papel, formando uma espécie de estrutura rebuscada. Ele precisa se curvar para perto dos papéis para ver o que está fazendo; os olhos danificados ficam quase estrábicos com a concentração, os dedos se mostram ágeis e objetivos. Esse guri está sempre inventando alguma coisa.

– O que é isso? – pergunto-lhe depois de um tempo.

Ele está muito concentrado para me responder de cara. Finalmente, quando abre o último triângulo de papel, levanta o objeto e me dá um sorriso atrevido.

– Olha – diz ele, apontando para o que parece ser uma folha de papel saindo da bola de papel. – Puxa isto.

Faço o que ele pede. Para minha surpresa, a estrutura se transforma numa rebuscada rosa de papel em 3-D. Retribuo o sorriso, no meu sonho.

– Impressionante!

Éden pega de volta sua dobradura.

Nesse instante, soa um alarme estridente no hospital. Éden larga a flor de papel e se põe de pé com um pulo. Seus olhos que mal veem estão arregalados de pavor. Olho de relance para as janelas do hospital, junto às quais se reuniram os médicos e as enfermeiras. Lá fora, ao longo do horizonte de São Francisco, uma esquadrilha de aeronaves se aproxima rapidamente de nós. A cidade abaixo está tomada por vários incêndios.

O alarme me ensurdece. Agarro a mão de Éden e saio correndo da sala com ele.

– A gente tem de ir embora daqui. – Quando ele tropeça, sem poder ver para onde estamos indo, eu o levanto e carrego nas costas. Ao nosso redor, as pessoas correm.

Chego às escadas, onde uma fila de soldados da República nos detém. Um deles tira Éden das minhas costas. Ele berra e chuta pessoas que não consegue ver. Luto para me soltar dos soldados, mas eles me agarram com muita força, e meus membros parecem estar chafurdando em lama. *Precisamos dele*, sussurra nos meus ouvidos uma voz não identificada. *Ele pode salvar todos nós.*

Dou um berro, mas ninguém me ouve. A distância, as aeronaves das Colônias miram o hospital. Vidros quebram ao nosso redor. Sinto o calor do fogo. A flor de papel de Éden está no chão, e suas beiras queimam com o fogo. Já não consigo enxergar meu irmão.

Ele desapareceu. Ele morreu.

Uma enxaqueca lancinante me acorda. Os soldados somem, o alarme silencia e o caos do hospital desaparece no tom azul-escuro do nosso quarto. Tento respirar fundo e olhar em volta à procura de Éden, mas a dor de cabeça me ataca na parte de trás do crânio como um furador de gelo e me sento com um grito sufocado de dor. Agora me lembro de onde estou: num apartamento temporário em Denver, na manhã seguinte ao meu encontro com June. Na cômoda do quarto está minha costumeira caixa de transmissão, a estação ainda ligada a uma das radiofrequências que achei que os Patriotas talvez estivessem usando.

– Daniel?

Éden se mexe na cama ao lado da minha. Fico aliviado, mesmo em meio à minha agonia. Foi apenas um pesadelo. Como sempre. *Apenas um pesadelo.*

– Você tá bem?

Levo um segundo para me dar conta de que o amanhecer ainda não chegou: o quarto continua escuro, e tudo que consigo ver é a silhueta do meu irmão contra o tom preto-azulado da noite.

Não respondo de imediato. Em vez disso, giro as pernas para o lado da cama para encará-lo, seguro a cabeça com as duas mãos. Mais um espasmo de dor atinge minha nuca, e digo a Éden, em voz baixa:

– Pega meu remédio.

– Não é melhor chamar a Lucy?

– Não, não precisa acordá-la – respondo. Lucy já havia passado duas noites em claro por minha causa. – O remédio.

A dor me faz ser mais curto e grosso do que o habitual, mas Éden pula da cama antes que eu possa me desculpar. Ele começa na mesma hora a procurar desajeitadamente o vidro de comprimidos verdes que fica na cômoda entre nossas camas. Ele pega o vidro e o estende na minha direção.

– Obrigado.

Seguro o vidro, ponho três comprimidos, com dedos trêmulos, na palma da mão, e tento engoli-los. Minha garganta está muito seca. Faço um esforço para sair da cama e cambaleio até a cozinha.

Atrás de mim, Éden volta a perguntar:

– Você tem certeza de que está bem? – Mas a dor na minha cabeça é tão forte, que mal posso ouvi-lo. Aliás, mal posso *enxergar.*

Chego à pia da cozinha e ligo a torneira, encho a mão d'água e tomo o remédio. Depois deslizo até o chão no escuro, e encosto a cabeça no metal frio da porta da geladeira.

Está tudo bem, tento me consolar. Minhas enxaquecas pioraram desde o ano passado, mas os médicos me garantiram que esses ataques não deveriam durar mais do que meia hora de cada vez. É claro que também me recomendaram que, se alguma delas fosse anormalmente forte, eu deveria ser levado às pressas até um pronto-socorro. Por isso, cada vez que sinto uma dor de cabeça, eu me pergunto se estou vivendo um dia típico ou se é o último dia da minha vida.

Alguns minutos depois, Éden chega tropeçando à cozinha com seu marcador inteligente de caminhada, que emite um bipe sempre que ele se aproxima demais de uma parede. Meu irmão sussurra:

– Vai ver é melhor a gente pedir para Lucy chamar um médico.

Não sei por quê, mas a visão de Éden tateando na cozinha me provoca um acesso de riso baixo e incontrolável.

– Cara, olha só pra nós – digo. Minha risada se transforma em tosse. – Que dupla, hein?!

Éden me encontra ao colocar uma das mãos na minha cabeça. Ele se senta ao meu lado com as pernas cruzadas e me dá um sorriso forçado.

– Com sua perna de metal e meio cérebro, e eu, com os quatro sentidos que me restam, nós quase formamos uma pessoa inteira.

Rio mais forte, o que piora muito minha enxaqueca.

– Desde quando você se tornou tão sarcástico, miniatura de gente? – Eu lhe dou um empurrãozinho afetuoso.

Permanecemos sentados em silêncio durante a hora seguinte, enquanto a dor de cabeça não para. Eu me contorço de dor. O suor encharca minha camisa de colarinho branco, e lágrimas me marcam o rosto. Éden está sentado ao meu lado, e suas pequenas mãos agarram a minha.

– Tenta não pensar na dor – incentiva ele baixinho, estreitando os olhos cor de lavanda para me ver, e empurra os óculos de aros pretos mais para cima do nariz. Trechos do meu pesadelo voltam à minha mente, imagens de sua mão sendo arrancada de mim, os sons dos seus gritos. Aperto a mão dele com tanta força, que o menino se encolhe e diz: – Não se esquece de respirar. O médico sempre diz que respirar fundo ajuda, né? Puxa o ar devagar e solta o ar devagar.

Fecho os olhos e tento seguir as instruções do meu irmãozinho, mas é difícil ouvir o que ele diz, porque a enxaqueca faz minha cabeça latejar forte. A dor é dilacerante, intensa, uma faca fervente que me golpeia a parte posterior do cérebro. Puxa o ar devagar e solta o ar devagar.

O padrão é o seguinte: primeiro sinto uma dor irritante e entorpecedora, logo seguida pela pior dor de cabeça que se possa imaginar, é como uma lança enfiada no cérebro, e seu impacto é tão intenso que todo o meu corpo se enrijece. Isso dura uns três segundos, seguidos por uma fração de segundo de alívio. Depois, a dor se repete sem cessar.

– Já faz quanto tempo? – pergunto a Éden com a voz ofegante. Uma luz fraca azul-claro penetra lentamente pelas janelas.

Éden pega um pequeno tablet e pressiona o único botão de controle.

– Que horas são? – O dispositivo responde imediatamente: "*Cinco e meia da manhã".* Ele guarda o aparelho; seu rosto espelha preocupação. – Faz quase uma hora. Já demorou tanto assim antes?

Estou morrendo. De verdade. Em horas como estas é que fico feliz por já não estar mais com a June. Só de pensar nela me vendo suado e sujo no chão de uma cozinha, agarrado à mão de meu irmãozinho, temendo pela minha preciosa vida como um fracote chorão, enquanto ela está deslumbrante num vestido escarlate, com o cabelo ornamentado por joias... Fico até aliviado que mamãe e John não possam me ver assim.

Quando dou um gemido provocado por mais uma pontada angustiante de dor, Éden pega seu tablet de novo e aperta o botão do menu mais uma vez:

– Chega! Vou pedir ajuda. – Quando soa o bipe pedindo instruções, ele diz: – Day precisa de uma ambulância. – Então, antes que eu possa protestar, ele levanta a voz e grita por Lucy.

Segundos depois, ouço Lucy se aproximar. Ela não acende a luz – sabe que isso piora minhas dores de cabeça. Em vez disso, vejo sua silhueta corpulenta na escuridão e a ouço perguntar:

– Day! Há quanto tempo você está aqui? – Ela se apressa para chegar onde estou e põe uma das mãos rechonchudas na minha bochecha, depois olha Éden de relance e lhe toca no queixo: – Você já chamou o médico?

Éden assente. Lucy examina meu rosto de novo, estala a língua em desaprovação preocupada e sai rapidamente para buscar uma toalha fria.

O último lugar em que quero estar agora é deitado num leito de um hospital da República, mas Éden já chamou a emergência, e é claro que eu prefiro não morrer. Minha visão começou a se embaçar, e percebo que é porque não consigo parar de lacrimejar. Passo a mão no rosto e sorrio debilmente para Éden.

– Droga, estou jorrando água que nem uma torneira com vazamento.

Éden tenta retribuir meu sorriso.

– É... Você já viu dias melhores.

– Ei, guri! Lembra quando John te encarregou de regar as plantas do lado de fora da porta?

Éden franze a testa um instante, escavacando a memória e depois um risinho lhe ilumina o rosto.

– Eu fiz um trabalho muito maneiro, não fiz?

– Você construiu uma pequena catapulta na frente da nossa porta. – Fecho os olhos e me entrego a essa lembrança, uma distração provisória da enorme dor que estou sentindo. – É, lembro bem disso. Você ficava soltando balões cheios d'água nas pobres flores. Não sobrava nenhuma pétala quando você acabava sua "tarefa"! Muito engraçado. John ficava possesso. – Ele ficava ainda mais irado porque Éden só tinha quatro anos na época. Como é que se poderia castigar um irmãozinho de olhos arregalados?

Éden dá um risinho. Me encolho todo quando mais uma onda de agonia me percorre.

– O que era mesmo que a mamãe costumava dizer sobre nós? – pergunta ele. Dá para sacar que está tentando me fazer pensar em outras coisas também.

Consigo sorrir e respondo:

– Mamãe costumava dizer que ter três filhos homens era mais ou menos como ter um tornado de estimação que retruca tudo que ela diz.

Nós dois rimos por um momento, pelo menos até eu fechar os olhos mais uma vez.

Lucy volta com a toalha e a coloca na minha testa. Suspiro aliviado com a superfície fresca. Ela verifica meu pulso e minha temperatura.

– Daniel – diz Éden, enquanto ela trabalha. Ele se aproxima de mim e continua a olhar inexpressivamente para um lugar à direita da minha cabeça, –, aguenta firme, tá?

Lucy olha para ele com uma expressão crítica ao que o tom dele deixa transparecer.

– Éden – repreende ela –, mais otimismo nesta casa, por favor!

Sinto um nó na garganta, e minha respiração fica mais arfante. John morreu, mamãe morreu, papai morreu. Observo Éden com uma dor profunda no peito. Eu tinha a esperança de que ele, sendo o mais novo de nós três, pudesse aprender com os erros de John e os meus e ter mais sorte do que nós; talvez frequentar uma faculdade ou ter uma vida boa como mecânico. Nós estaríamos por perto para orientá-lo nos períodos difíceis da vida. O que aconteceria com ele se eu também morresse? Se ele precisasse enfrentar a República sozinho?

– Éden – murmuro de repente, puxando-o para perto. Seus olhos se arregalam diante da urgência em minha voz. – Preste bem atenção, tá? Se alguma vez alguém da República pedir que você o acompanhe, e se um dia eu

não estiver em casa ou estiver hospitalizado e os soldados da República baterem à nossa porta, não vá com eles, entendeu bem? Tente falar comigo, grite pela Lucy, você... – Hesito, mas digo: – Chame a June Iparis.

– A sua Primeira Cidadã?

– Ela não é minha... – Faço uma careta quando a dor me ataca mais uma vez. – Não discuta. Chame a June e peça que ela detenha os soldados.

– Eu não entendo...

– *Quero que você me prometa.* Não vá com eles, de jeito nenhum. Certo?

A resposta dele é interrompida quando mais um choque de dor me atinge com intensidade suficiente para me atirar no chão, contraído como uma bola. Sufoco um grito de dor; parece que minha cabeça está sendo dividida ao meio. Chego a levar a mão trêmula até a nuca, como se para me certificar de que meu cérebro não se está esvaindo até o chão. Acima de mim, Éden solta um grito.

Lucy chama mais uma vez o médico, desta vez, frenética.

– Venham logo! – berra ela. – Depressa!

Quando o socorro chega, desmaio e recobro a consciência algumas vezes. Através de uma nuvem de bruma e névoa, sinto me levantarem do chão da cozinha e me carregarem para fora do apartamento, depois me enfiarem numa ambulância camuflada para parecer um jipe policial. Está mesmo nevando? Sinto alguns flocos caírem sobre meu rosto, provocando pequenos choques gelados. Grito por Éden e Lucy: eles me respondem de algum lugar que não consigo ver.

Agora estamos todos na ambulância, que começa a se movimentar.

Tudo que enxergo por muito tempo são borrões coloridos, círculos difusos se movendo para trás e para a frente na minha visão, como se eu estivesse espreitando através de um vidro maciço esburacado.

Tento reconhecer algumas imagens: serão de pessoas? Espero sinceramente que sim, porque do contrário devo estar morto, ou talvez flutuando no oceano, e dejetos estejam à deriva ao meu redor. O que não faz muito sentido, a menos que os médicos tenham resolvido me atirar no Pacífico. Onde está Éden? Devem tê-lo levado embora, igualzinho ao meu pesadelo. Eles o arrastaram para os laboratórios.

Não consigo respirar.

Minhas mãos tentam alcançar meu pescoço, mas aí alguém grita alguma coisa e sinto um peso nos braços que me prende à maca. Um treco frio está

descendo pela minha garganta, me sufocando.

– Acalme-se! Você está bem. Tente engolir.

Faço o que a voz manda. Engolir acaba sendo mais difícil do que pensei, mas seja lá o que for a tal coisa gelada, ela desliza pela minha garganta e chega ao estômago, congelando até minha alma.

– Pronto! – diz a voz, agora menos agitada. – Acho que isso vai ajudar com futuras dores de cabeça. – Ele já não parece estar falando comigo, e um segundo depois, outra voz concorda:

– Parece que está funcionando, doutor.

Devo ter desmaiado de novo depois disso, porque na próxima vez em que acordo o desenho do teto é diferente, e a luz de fim de tarde entra enviesada no meu quarto. Pisco e olho em volta. A dor excruciante na minha cabeça desapareceu, pelo menos por enquanto. Dá para ver nitidamente que estou num quarto de hospital, com o indefectível retrato de Anden numa parede e uma tela em outra, transmitindo o noticiário. Dou um gemido, fecho os olhos e suspiro. Droga de hospital! Estou de saco cheio deles.

– *Paciente acordado.*

Viro-me e vejo o monitor perto da minha cabeceira que disse aquela frase. Um minuto depois, uma voz humana de verdade se faz ouvir nos alto-falantes:

– Sr. Wing?

– Sim? – respondo.

– Excelente! – continua a voz. – Logo seu irmão irá visitá-lo.

No instante em que a voz desaparece, a porta do quarto se abre com violência e Éden entra, com duas enfermeiras desesperadas atrás dele.

– Daniel! – exclama ele, arquejante. – Finalmente você acordou! Demorou pra caramba!

Sua falta de visão faz com que ele tropece na beira de uma cômoda antes que eu possa alertá-lo, e as enfermeiras precisam segurá-lo para que ele não caia no chão.

– Vai com calma, garoto! – digo. Minha voz soa cansada, embora eu me sinta alerta e sem dor. – Quanto tempo fiquei fora do ar? Onde está a...? – Paro de falar, momentaneamente confuso. Que esquisito! Como é mesmo o nome da nossa guardiã? Faço um esforço para me lembrar. *Lucy.* – ... Lucy?

Ele não responde logo. Quando as enfermeiras conseguem finalmente sentar

Éden ao meu lado na cama, ele se aproxima de mim e atira os braços ao redor do meu pescoço. Para minha surpresa, percebo que ele está chorando e digo: – Ei! – Passo a mão na sua cabeça. – Calma, garoto. Está tudo bem. Acordei.

– Pensei que você não ia se salvar – murmura ele. Os olhos descorados procuram os meus. – Pensei que você tinha morrido.

– Bem, não morri, estou bem aqui.

Deixo que ele soluce um pouquinho, com a cabeça enterrada no meu peito, as lágrimas embaçando seus óculos e manchando a camisola do hospital. Comecei a usar recentemente um mecanismo de defesa que consiste em me refugiar na carapaça do meu coração e rastejar para fora do corpo, como se eu não estivesse aqui de verdade e fosse alguém observando o mundo segundo a perspectiva de outra pessoa. *Éden não é meu irmão. Ele nem sequer é real. Nada é real. Tudo é ilusão.* Isso ajuda. Espero, indiferente, Éden pouco a pouco se recompor, e então cuidadosamente me permito entrar de novo no meu corpo.

Por fim, quando ele acaba de secar as lágrimas, se apruma e se senta ao meu lado. – Lucy está preenchendo a papelada na recepção. – A voz dele continua um pouco trêmula. – Você ficou desmaiado umas dez horas. Eles disseram que precisaram apressar a sua saída do nosso prédio pela porta da frente porque não dava tempo de levar você às escondidas.

– Alguém viu?

Éden comprime as têmporas num esforço para se lembrar.

– Talvez, não sei. Não me lembro, eu estava prestando atenção em você. Passei a manhã inteira na sala de espera porque não me deixaram entrar.

– Você sabe... – Engulo em seco. – Os médicos te disseram alguma coisa sobre mim?

Éden suspira aliviado.

– Mais ou menos, mas você agora está bem. Os médicos falaram que você reagiu mal ao remédio que te receitaram, e que vão trocá-lo por outro.

A maneira como Éden diz isso acelera meu coração. Ele não entende completamente a seriedade da situação; pensa que o único motivo pelo qual desmaiei daquele jeito não foi porque eu estava piorando, mas sim porque reagi mal ao remédio. Um frio doentio me embrulha o estômago. É claro que ele tinha de ser otimista sobre tudo que está acontecendo; é claro que ele acha que foi apenas um retrocesso temporário. Havia dois meses eu estava tomando aquele

maldito medicamento depois que os dois primeiros ciclos também deixaram de fazer efeito. Apesar de todas as enxaquecas, pesadelos e náuseas colaterais eu esperava que os comprimidos tivessem, pelo menos, feito *algum* bem e conseguido reduzir a área afetada do meu hipocampo, o nome metido a besta usado pelos médicos para se referir à parte inferior do cérebro. Aparentemente, isso não aconteceu.

E se *nada* funcionar?

Respiro fundo e sorrio para animar meu irmão.

– Bem, pelo menos agora eles sabem. Espero que tentem alguma coisa melhor desta vez.

Éden sorri também. Ele é tão meigo, tão ingênuo...

– É verdade.

Vários minutos depois, meu médico entra, e Éden vai para a sala de espera. Quando o médico fala em voz baixa sobre "nossas próximas opções" e os tratamentos que vão experimentar em seguida, ele também me informa sobre as pequenas possibilidades de êxito. Como eu temia, a reação que tive não foi apenas um efeito colateral temporário.

– A medicação está reduzindo lentamente o local afetado – diz o médico, mas sua expressão se mantém sombria. – Mesmo assim, a área continua a se deteriorar, e seu organismo começou a rejeitar o remédio antigo, o que nos força a procurar outras opções. Resumindo: estamos correndo contra o relógio, Day, tentando diminuir o local afetado o suficiente para extrair o problema antes que piore.

Ouço tudo isso com uma expressão indiferente; sua voz parece vir de algum lugar debaixo d'água, insignificante e sem nitidez.

Finalmente, o interrompo e digo:

– Olhe, não precisa me enrolar. Quanto tempo mais eu tenho, se nada funcionar?

O médico franze os lábios, hesitante, então suspira e balança a cabeça.

– Provavelmente um mês – admite –, talvez dois. Estamos fazendo o melhor possível.

Um ou dois meses. *Bem, eles já erraram no passado; um ou dois meses deve significar quatro ou cinco.* Ainda assim, olho para a porta, onde Éden provavelmente está pressionando os ouvidos contra a madeira, para tentar, em

vão, escutar o que estamos falando. Viro-me para o médico e engulo o nó na garganta.

– Dois meses – repito. – Existe alguma possibilidade de cura?

– Podemos explorar tratamentos mais arriscados, embora tenham efeitos colaterais que podem ser fatais se você reagir mal a eles. Uma cirurgia antes de você estar preparado possivelmente o mataria. – O médico cruza os braços. Seus óculos refletem a luz fria fluorescente, e o reflexo bloqueia inteiramente seus olhos. – Sugiro, Day, que você comece a pôr suas prioridades em ordem.

– Minhas prioridades em ordem?

– Preparar seu irmão para o pior e resolver qualquer assunto pendente.

Às oito horas e dez minutos da manhã seguinte ao banquete de emergência, Anden me telefona.

– Trata-se do Capitão Bryant. Ele nos transmitiu seu último pedido, que é receber sua visita.

Sento na beira da cama, piscando depois de uma noite de sono inquieto, tentando reunir energia para compreender o que Anden está me dizendo.

– Amanhã vamos transferi-lo para uma prisão do outro lado de Denver, a fim de que se prepare para a execução. Ele pediu para ver você antes disso.

– O que ele quer?

– Seja lá o que tiver a dizer, ele quer que só você ouça – responde Anden. – Lembre-se, June: você tem a opção de recusar. Não somos obrigados a lhe conceder esse último pedido.

Amanhã, Thomas vai morrer. Eu me pergunto se Anden sente algum remorso ao condenar um soldado à morte. A ideia de enfrentar Thomas sozinha numa cela de prisão me apavora, mas me contenho. Talvez Thomas tenha algo a dizer sobre meu irmão. Será que eu quero ouvir?

– Vou falar com ele – respondo afinal. – E espero que seja a última vez.

Anden deve ter percebido algo na minha voz, porque suas palavras se suavizam:

– É claro. Vou providenciar sua escolta.

09H30.

PENITENCIÁRIA ESTADUAL DE DENVER.

O corredor onde Thomas e a Comandante Jameson estão detidos é iluminado por uma luz fria fluorescente, e o som das minhas botas ressoa no teto alto. Vários soldados me ladeiam, mas a não ser por nós, o corredor está vazio e sinistro. Há muitos retratos de Anden pendurados nas paredes. Meus olhos se concentram em cada uma das celas por que passamos, analisando-as. Seus detalhes percorrem minha cabeça, num esforço para me manter calma e focada. (Elas têm 9,70m x 9,70m, paredes de aço polido, vidros à prova de bala e câmeras instaladas do lado de fora. A maioria está

vazia, e as que estão ocupadas são habitadas por três dos senadores da República que conspiraram contra Anden. Este andar é reservado para os prisioneiros associados especificamente com a tentativa de assassinato de Anden.)

– Se a senhorita tiver algum problema – me diz um dos soldados, tocando no quepe com um cumprimento gentil –, é só nos chamar. Nós botamos esse traidor no chão antes que ele possa se mexer.

– Obrigada – respondo, meus olhos ainda concentrados nas celas à medida que nos aproximamos. Sei que não vou precisar fazer o que o soldado disse, porque tenho certeza de que Thomas jamais desobedecerá ao Eleitor, nem tentará me machucar. Thomas tem muitos defeitos, mas não é insubordinado.

Chegamos ao final do corredor onde ficam duas celas adjacentes, cada uma vigiada por dois soldados.

Alguém se mexe na cela mais perto de mim, chamando a minha atenção. Nem tenho tempo de estudar o interior da cela antes que uma mulher passe os dedos com força nas barras de aço. Dou um pulo, e depois contenho o grito na minha garganta ao olhar firme para o rosto da Comandante Jameson.

Ao fixar seus olhos nos meus, ela me dá um sorriso que me faz suar frio. Lembro bem desse sorriso: ela sorriu assim na noite em que Metias morreu, quando me aprovou como agente júnior de sua patrulha. Ela não demonstra emoção, piedade, ou mesmo raiva. Poucas coisas me amedrontam, mas encarar a expressão fria e implacável da verdadeira assassina do meu irmão é uma delas.

– Olha só quem veio nos visitar! Iparis – diz ela baixinho. Seus olhos cintilam ao me olhar; os soldados me cercam, num gesto protetor. *Não tenha medo.* Eu me aprumo ao máximo, depois cerro os dentes e me obrigo a encará-la sem vacilar.

– Não desperdice meu tempo, Comandante – digo. – Não estou aqui por sua causa. Na próxima vez em que eu a vir, você estará diante do pelotão de fuzilamento.

Ela apenas sorri para mim.

– Você é muito corajosa, agora que tem o jovem Eleitor bonitão para

protegê-la, não é mesmo? – Quando estreito os olhos, ela dá uma risada. – O Comandante DeSoto teria sido um melhor Eleitor do que esse menino jamais será. Quando as Colônias invadirem, vão arrasar completamente este país. O povo vai lamentar ter apoiado um garotinho. – Ela pressiona o corpo contra as grades, tentando se aproximar ao máximo de mim. Engulo em seco, mas mesmo com medo, meu sangue ferve de ódio. Não desvio o olhar. É estranho, mas creio ter visto um brilho nos olhos dela, algo que não combina com seu sorriso instável. – Você era uma das minhas favoritas. Sabe por que me interessei tanto em que fizesse parte da minha patrulha? Porque me vi refletida em você. Nós somos iguais, você e eu. Eu também teria sido Primeira Cidadã. Eu merecia.

Meus braços se arrepiam. Ocorre-me uma lembrança da noite em que Metias morreu, quando a Comandante Jameson me acompanhou até onde estava o corpo dele.

– Uma pena que isso não aconteceu, não é mesmo? – retruco. Desta vez não consigo evitar o veneno nas minhas palavras. *Espero que eles a executem tão brutalmente quanto executaram Razor.*

A Comandante Jameson se limita a rir de mim. Seus olhos se dilatam, e ela sussurra:

– Tome cuidado, Iparis, ou você pode terminar como eu.

Essas palavras me congelam até os ossos, e eu finalmente preciso dar-lhe as costas e desviar meus olhos dos dela. Os soldados que vigiam a sua cela não me olham; mantêm o olhar firme para a frente. Continuo andando. Atrás de mim, ainda ouço seu riso irônico. Meu coração bate forte junto às minhas costelas.

Thomas está confinado em uma cela retangular com espessas paredes de vidro, grossas o suficiente para me impedir de escutar o que está acontecendo lá dentro. Espero do lado de fora, tentando me recuperar de meu encontro com a Comandante Jameson. Por um instante me pergunto se deveria ter permanecido afastada de Thomas e recusado seu último pedido; talvez tivesse sido melhor.

Entretanto, se eu sair agora, vou ter de enfrentar a Comandante Jameson de novo. Precisaria de mais um tempinho para me preparar para isso. Portanto, respiro fundo e me encaminho até as barras de aço que formam a

porta da cela de Thomas. Um guarda a abre, faz com que entrem mais dois guardas depois de mim, e então a fecha. Nossos passos ressoam no pequeno recinto vazio.

Thomas se levanta, e ouço o tinido metálico de suas algemas. Ele está mais desarrumado do que jamais o vi, e sei que, se suas mãos estivessem livres, ele imediatamente alisaria o uniforme amarrotado e penteaaria o cabelo bagunçado. Em vez disso, ele une os pés em pose de continência e só me olha quando lhe digo para ficar à vontade.

– É um prazer vê-la, Primeira Cidadã. – Noto um indício de tristeza em seu rosto sério e sisudo. – Obrigado por atender a meu último pedido. Em pouco tempo a senhorita estará livre de mim de uma vez por todas.

Balanço a cabeça. Aborrecida comigo mesma, irritada porque, apesar de tudo que ele fez, a inabalável lealdade de Thomas para com a República ainda é capaz de me comover.

– Sente-se e fique à vontade – digo-lhe. Ele não hesita um segundo: num movimento uniforme, nós dois nos ajoelhamos no frio piso da cela; ele se recosta na parede da cela, e eu dobro as pernas debaixo de mim. Permanecemos assim por um momento, deixando que se prolongue o silêncio constrangedor entre nós.

Sou a primeira a falar:

– Você já não precisa ser tão leal à República, pode abdicar disso.

Thomas apenas balança a cabeça e diz:

– É o dever de um soldado da República ser leal até o fim, e eu ainda sou um soldado, e serei até morrer.

Não sei por que a ideia da morte dele toca meu coração de muitas maneiras estranhas. Estou feliz, aliviada, furiosa e triste. Finalmente, pergunto:

– Por que você quis me ver?

– Srta. Iparis, antes que o amanhã chegue... – Thomas faz uma pausa antes de continuar – quero lhe contar todos os detalhes sobre o que aconteceu ao Metias naquela noite no hospital. Acho... Acho que devo isso à senhorita. Se alguém deve saber, esse alguém é você.

Meu coração bate mais depressa. Estou preparada para reviver tudo aquilo de novo? Preciso saber disso? Metias está morto; saber os detalhes do

que aconteceu não o trará de volta. Mas acabo cruzando com o olhar fixo de Thomas de modo sereno e equilibrado. Ele *realmente* me deve essas informações. Mais importante ainda: devo isso a meu irmão. Depois que Thomas for executado, *alguém* deve manter viva a lembrança da morte dele, do que realmente aconteceu.

Devagar, vou estabilizando meus batimentos cardíacos. Quando abro a boca, minha voz soa meio instável:

– Muito bem.

A voz dele está tranquila.

– Eu me lembro de tudo sobre aquela noite. Todos os mínimos detalhes.

– Então me conte.

Como o soldado obediente que é, Thomas começa a falar:

– Na noite da morte do seu irmão, a Comandante Jameson me ligou. Esperávamos com os jipes junto à entrada do hospital. Metias estava conversando com uma enfermeira em frente à entrada principal. Eu estava atrás dos jipes, a alguma distância, quando recebi a ligação.

À medida que Thomas conta a história, a prisão ao nosso redor se dissolve e é substituída pelo cenário daquela noite fatídica: o hospital, o jipe militar e os soldados e as ruas como se eu estivesse caminhando bem ao lado de Thomas, vendo tudo que ele via. Revivendo os acontecimentos.

– Sussurrei um cumprimento à Comandante Jameson no meu fone de ouvido – continua ele –, e ela não o retribuiu.

"'Precisa ser feito esta noite', disse. 'Se não agirmos agora, seu capitão pode planejar um ato de traição contra a República, ou até contra o Eleitor. Estou lhe dando uma ordem direta, Tenente Bryant. Encontre uma forma de levar o Capitão Iparis para um local reservado hoje à noite. Não importa como.'"

Thomas me olha bem nos olhos e repete:

– Um ato de traição contra a República...

"Estava temendo essa chamada fatídica desde que soube que Metias havia hackeado os bancos de dados dos civis falecidos. Ocultar segredos da Comandante Jameson era quase impossível. Meus olhos observaram, de relance, seu irmão à entrada. Murmurei: 'Entendido, Comandante.'

"'Ótimo', respondeu ela. 'Me informe quando estiver pronto; vou

transmitir ordens diferentes ao restante da sua patrulha, para que seus companheiros estejam em outro lugar nessa hora. Resolva de uma vez o problema e não deixe pistas.' Foi então que minhas mãos começaram a tremer. Tentei argumentar com a Comandante, mas sua voz ficou ainda mais gélida: 'Se você não aceitar a missão, *eu* a farei, e pode acreditar que o estrago será bem maior. Entendido?'

"Não respondi a ela de imediato. Em vez disso, vi seu irmão se despedir da enfermeira com um aperto de mão. Ele se virou, à minha procura, e me viu perto dos jipes. Acenou para que eu fosse até ele, e assenti, tomando cuidado para manter meu rosto impassível. 'Entendido, Comandante', acabei respondendo.

"'Confio em você, Bryant', continuou ela. 'Se tiver sucesso, pode considerar-se promovido a capitão.' Então a ligação foi interrompida. Juntei-me a Metias e a outro soldado na entrada do hospital. Metias sorriu para mim e comentou: 'Mais uma noite difícil, hein? Juro a você que se ficarmos enfiados aqui até o amanhecer de novo, vou fazer manha feito uma garotinha com a Comandante Jameson!'

"Eu me forcei a sorrir e disse: 'Então, vamos esperar que seja uma noite tranquila.' A mentira fluiu bem.

"'É, vamos esperar que seja mesmo', desabafou Metias. 'Pelo menos tenho você como companhia.'

"'Digo o mesmo', respondi a ele. Metias me olhou de relance, os olhos hesitaram um segundo, e depois se desviaram.

"Os primeiros minutos transcorreram sem incidente, mas, pouco depois, um menino de roupas rasgadas se arrastou até a entrada do hospital e parou para falar com uma enfermeira. Ele era uma sujeira só, lama misturada com terra, sangue nas bochechas, o cabelo escuro e sujo cobrindo parte do rosto, e mancava feio. 'Posso ser internado, tia?', perguntou à enfermeira. 'Tem algum quarto vago? Eu posso pagar.'

"A enfermeira continuou rabiscando no seu caderno até finalmente perguntar: 'O que aconteceu com você?'

"'Me meti numa briga', respondeu o menino, 'e acho que levei uma facada'.

"A enfermeira olhou de relance para seu irmão, e Metias fez um sinal

afirmativo para dois de seus soldados, que foram até o garoto e o revistaram. Após um tempo, meteram alguma coisa no bolso e fizeram sinal para que o menino entrasse. Quando ele passou cambaleando, me inclinei para Metias e murmurei: 'Não gostei da aparência desse aí. Ele não anda como se tivesse sido esfaqueado.'

"Seu irmão e o garoto trocaram um breve olhar. Quando o menino desapareceu dentro do hospital, Metias assentiu e me disse: 'Também achei. Fique de olho nele. Depois que terminarmos nosso turno, quero interrogá-lo.'"

Thomas se detém e olha para mim, como que pedindo permissão para parar de falar, mas eu não a dou.

Ele respira fundo e continua:

– Fiquei sem jeito com a proximidade dele, e seu irmão também pareceu ter notado, porque houve um silêncio embaraçoso entre nós. Eu sempre soube que ele sentia atração por mim, mas naquela noite isso ficou ainda mais evidente. Talvez porque o dia dele tivesse sido cansativo, ou porque as gracinhas que a senhorita aprontou na universidade o tivessem desconcertado, de qualquer forma, o costumeiro ar de comando de Metias não estava presente. Sob minha aparente calma, meu coração batia forte. "Encontre uma forma de levar o Capitão Iparis para um local reservado hoje à noite. Não importa como." Essa vulnerabilidade seria minha única chance.

Thomas olha um instante para as mãos, e prossegue:

– Então, algum tempo depois, dei uma pancadinha no ombro de Metias e murmurei: "Capitão, posso lhe falar em particular um instante?"

"Metias piscou e perguntou: 'É tão urgente assim?'

"'Não, senhor, não é, mas prefiro que o senhor saiba logo.'"

"Seu irmão me olhou, momentaneamente confuso, buscando um indício. Depois fez um sinal para um soldado assumir seu lugar na entrada, e nós dois nos dirigimos a uma rua silenciosa e escura, perto dos fundos do hospital.

"Metias na mesma hora abandonou a pose formal e me perguntou: 'Qual é o problema, Thomas? Você não parece bem.'

"Eu só conseguia pensar na 'traição contra a República'. Ele não seria capaz disso, seria? Crescemos juntos, treinamos juntos, ficamos muito

próximos... Então me lembrei das ordens de minha comandante e senti a faca embainhada na minha cintura. 'Estou ótimo', disse a ele.

"Mas seu irmão riu e falou: 'Qual é? Você nunca precisou esconder nada de mim. Você sabe disso, certo?'

"*Fale logo, Thomas!*, disse a mim mesmo. Eu sabia que estava na corda bamba entre o conhecido e o ponto sem volta. *Obrigue-se a dizer as palavras, deixe que ele as ouça.* Finalmente, olhei para ele e perguntei: 'O que está rolando entre nós?'

"O sorriso de seu irmão desapareceu, e ele ficou calado; depois recuou um passo e perguntou: 'Como assim?'

"'Você sabe muito bem do que estou falando', respondi. 'Essa coisa, todos esses anos.'

"Metias examinou meu rosto intensamente durante demorados segundos e finalmente respondeu, enfatizando estas duas palavras: '*Essa coisa* não pode acontecer. Você é meu subordinado.'

"Então eu perguntei: 'Mas é importante pra você, não é?'

"O rosto de Metias estampou algo jovial e trágico. Ele se aproximou, e entendi que uma fenda finalmente se abrira na muralha entre nós. 'É importante pra *você?*'"

Thomas faz outra pausa e depois, numa voz mais suave, continua:

– A sensação de uma lâmina perfurante de culpa se retorceu dolorosamente no meu peito, mas era tarde demais para retroceder, por isso dei um passo à frente, fechei os olhos, e o beijei.

"Seu irmão ficou paralisado, como eu previra. Fez-se um silêncio total. Nós nos afastamos, constrangidos, e por um momento me perguntei se havia cometido um enorme engano, se eu simplesmente tinha interpretado mal vários sinais nos últimos anos. Ou que talvez, *talvez* ele soubesse o que eu estava tramando.

"Essa ideia me deu uma estranha sensação de alívio. *Talvez fosse melhor se Metias descobrisse os planos da Comandante Jameson para ele. Talvez exista uma forma de sair dessa confusão.*

"Mas aí ele se inclinou para a frente e retribuiu o beijo, e o que restava da barreira entre nós se rompeu."

– Pare! – exclamo de repente. Ele tenta esconder suas emoções sob uma

aparência de nobreza, mas o rosto evidencia sua vergonha. Eu me inclino para trás, desvio o rosto para não encará-lo e comprimo as mãos nas têmporas. O desgosto ameaça me esmagar.

Thomas não havia apenas matado Metias sabendo que meu irmão o amava. Thomas *havia se aproveitado desse sentimento e o usado contra ele.*

Quero que você morra! Eu o odeio!

O nível de minha raiva aumenta até que finalmente ouço o sussurrar da voz de Metias na minha cabeça, a pálida luz da razão.

Vai dar tudo certo, Joaninha. Ouça bem o que lhe digo. Tudo vai ficar bem.

Assim espero. Meu coração bate firmemente, até que as palavras suaves dele me trazem de volta à realidade. Abro os olhos, olho fixamente para Thomas e pergunto:

– O que aconteceu depois disso?

Thomas demora a me responder. Quando o faz, sua voz treme:

– Não havia saída. Metias não tinha ideia do que estava acontecendo. Ele havia caído na armadilha de boa-fé. Minha mão tocou sutilmente na faca presa à minha cintura, mas fui incapaz de fazer o que me tinha sido ordenado. Eu não conseguia nem respirar.

Meus olhos se enchem de lágrimas. Quero desesperadamente saber todos os detalhes, mas, ao mesmo tempo, desejo que Thomas pare de falar, que aquela noite desapareça da minha lembrança e nunca mais volte.

– Ouvimos um alarme e nos separamos com um pulo. Metias estava corado e parecia confuso; só um instante depois nos demos conta de que o alarme vinha do hospital.

"Isso acabou com o clima entre nós. Seu irmão retomou rapidamente a postura de capitão, e corremos para a entrada do hospital. 'Entrem no hospital!', gritou ele no fone de ouvido, sem olhar para trás. 'Quero metade dos soldados lá dentro. Identifiquem o que acionou o alarme. Quero o restante na entrada. Aguardem minhas ordens. *Agora!'*

"Comecei a correr atrás dele. Perdi a oportunidade perfeita de concluir minha missão. Eu me perguntei se a Comandante Jameson havia dado um jeito de ver meu fracasso. *Os olhos da República estão em todos os lugares. Eles sabem de tudo.* Entrei em pânico. Precisava achar outra maneira de ficar sozinho com seu irmão. Se eu não conseguisse matá-lo, o destino de Metias

cairia em mãos muito mais severas.

"Quando eu o alcancei na entrada, seu rosto estava lívido de raiva e ele disse: 'Alguém tentou roubar o hospital. Foi aquele menino que nós vimos, tenho certeza. Bryant, reúna cinco soldados e cerque o lado leste. Eu vou para o oeste.' Seu irmão começou a agir, levando cinco soldados. 'Uma hora ele vai ter de sair do hospital', disse. 'Vamos estar esperando por ele quando isso acontecer.'

"Segui as ordens dele, mas no instante em que ele já não podia me ouvir, ordenei a meus soldados que fossem para o leste e se escondessem nas sombras. *Preciso seguir o Metias. Esta é minha última chance. Se eu fracassar, estarei assinando minha sentença de morte.* Gotas de suor molhavam minhas costas. Eu me enfiei nas sombras, e recordei todas as lições que Metias me havia ensinado sobre sutileza e ações furtivas.

"Então, escutei vidros se despedaçando, me escondi atrás de um muro quando seu irmão passou correndo, sozinho e desprotegido, em direção ao barulho. Aí fui atrás dele. A escuridão da noite impediu que eu fosse visto. Por um momento, perdi Metias de vista nos becos escuros. *Onde estará ele?* Girei em círculos num beco, tentando descobrir aonde fora seu irmão.

"Nesse instante, recebi um chamado da Comandante Jameson, que me disse asperamente: 'É melhor você encontrar logo uma segunda oportunidade de acabar com ele, Tenente Bryant.'

"Felizmente, minutos depois, encontrei Metias. Ele estava sozinho, esforçando-se para se levantar do chão, com uma faca enfiada no ombro e cercado de sangue e cacos de vidro. A alguns centímetros de distância, havia uma tampa de esgoto. Corri até ele, que me deu um leve sorriso, enquanto agarrava a faca no ombro.

"'Foi Day', disse ele, arfante. 'Ele fugiu pelo esgoto.' Estendeu a mão para mim e me pediu que o ajudasse a levantar.

"Então disse a mim mesmo: *Esta é sua oportunidade, sua única oportunidade, e se você não resolver o assunto agora, nunca vai resolver."*

Thomas gagueja enquanto eu tento falar. Quero que se cale de novo, mas não consigo, estou entorpecida.

Ele apenas levanta a cabeça e diz:

– Eu queria poder lhe contar todas as imagens em redemoinho na minha

cabeça: a Comandante Jameson interrogando Metias, torturando-o para obter informações, arrancando-lhe as unhas, retalhando o corpo dele até que implorasse por piedade, matando-o lentamente como fazia com todos os prisioneiros de guerra.

Ele pronuncia as palavras cada vez mais depressa, e elas se despejam de sua boca num amontoado frenético.

– Visualizei a bandeira da República, o emblema da República, o juramento que prestei no dia em que Metias me aceitou como soldado de sua patrulha: que eu seria leal à minha República e ao meu Eleitor até morrer. Meus olhos se fixaram na faca enterrada no ombro de Metias. *Chegou o momento. Resolva isso agora,* eu disse a mim mesmo. Agarrei a gola do uniforme dele, arranquei-lhe a faca do ombro, e a enterrei no seu peito, até o cabo.

Eu me ouço arquejar, como se esperasse outro final, como se a história mudasse se eu a ouvisse muitas vezes, mas isso não acontece nunca.

– Metias soltou um grito muito fraco – sussurrou Thomas –, ou talvez tenha sido eu que gritei, já não me lembro. Ele desabou no chão; uma de suas mãos continuou a agarrar meu pulso, e seus olhos estavam arregalados de susto.

"'Me desculpe', eu implorei, engasgado."

Thomas olha para mim ao continuar; seu pedido de desculpa foi dirigido a mim e ao meu irmão.

– Eu me ajoelhei junto ao seu corpo trêmulo e repeti: "Me desculpe, me desculpe! Eu não tive escolha. *Você não me deu escolha!"*

Mal escuto Thomas enquanto ele continua a falar:

– Uma centelha de compreensão apareceu nos olhos do seu irmão. Com ela veio mágoa, alguma coisa que ultrapassou a dor física, um momento sofrido de percepção, e depois de repulsa e desapontamento. "Agora eu sei por quê", sussurrou ele. Não precisei perguntar para saber que ele se referiu ao nosso beijo.

"Não! Eu fui sincero!, tive vontade de gritar. *Foi um adeus, o único que eu podia dar, mas foi sincero, garanto."*

"Em vez disso, perguntei: 'Por que você teve de trair a República? Eu te alertei várias vezes. Se você continuar a trair a República, um dia vão acabar

com você. *Eu te avisei!* Eu disse pra você me escutar!'

"Mas seu irmão balançou a cabeça. '*É uma coisa que você nunca vai entender*', seus olhos pareceram expressar. Sangue começou a escorrer de sua boca, e ele agarrou meu pulso com mais força quando disse: 'Não machuque a June. Ela não sabe de nada.' Uma luz aterrorizada lhe surgiu nos olhos e ele balbuciou: 'Não a machuque, me prometa!'

"Eu respondi então: 'Eu vou protegê-la. Não sei como, mas vou tentar, prometo.'

"A luz começou a se apagar pouco a pouco dos seus olhos, e ele foi soltando meu pulso. Metias me olhou fixo até que não pôde mais, e então deduzi que ele morreu. *Mexa-se! Vá embora daqui!,* disse a mim mesmo, mas continuei agachado junto ao corpo de Metias; minha mente era um espaço em branco. Foi quando me dei conta de sua ausência repentina. Metias estava morto, Metias não voltaria nunca mais, e tudo por minha culpa. Não. *Vida longa à República!* Era isso que realmente importava, eu disse a mim mesmo. Sim, sim, isso era importante. Aquilo, o que se passava entre mim e Metias, não era real, nunca poderia acontecer. Não com Metias sendo meu capitão. Não sendo Metias um criminoso que agia contra o país. Sua morte foi por um bem maior. *Sim, claro que foi.*

"Finalmente ouvi os gritos das tropas se aproximando. Eu me levantei e enxuguei os olhos. Precisava completar o serviço. Eu tinha conseguido, havia permanecido leal à República. Meu instinto de sobrevivência se apossou de mim. Tudo estava abafado, como se uma neblina tivesse se instalado na minha vida. Ótimo. Eu precisava dessa estranha calma, do completo vazio que ela trazia.

"Guardei meu pesar cuidadosamente no peito, como se nada tivesse acontecido, e quando as primeiras tropas chegaram ao local, liguei para a Comandante Jameson.

"Não precisei pronunciar uma palavra. Meu silêncio lhe disse tudo que ela queria saber. 'Vá buscar a pequena Iparis quando puder', ordenou ela. 'Você fez um bom trabalho, Capitão.'

"Não respondi."

Thomas fica em silêncio, a cena esmaece. Estou de volta à sua cela na prisão, com as bochechas manchadas de lágrimas e o coração dilacerado

como se ele tivesse me esfaqueado no peito como fizera com meu irmão.

Thomas olha fixo para o chão entre nós com olhos inexpressivos.

– Eu o amei, June – diz ele, após um instante. – De verdade. Tudo que fiz como soldado, *todo* o duro que eu dava, me esforçando e treinando, era para impressioná-lo.

Ele finalmente baixa a guarda e percebo a verdadeira profundidade de sua tortura. Sua voz engrossa, como se ele estivesse tentando se convencer do que estava falando:

– Meu dever é com a República. O próprio Metias me treinou para ser como sou. Até *ele* compreendeu.

Fico surpresa ao sentir pena dele. *Você podia ter ajudado Metias a fugir, você podia ter feito alguma coisa, qualquer coisa. Você podia ter tentado.* Mas mesmo agora, Thomas não se mexe. Ele nunca vai mudar, e nunca, jamais saberá quem Metias realmente era.

Finalmente compreendo a verdadeira razão por que Thomas pediu para falar comigo: desejava fazer uma confissão real. Igual à nossa conversa, quando ele me prendeu, está tentando desesperadamente obter meu perdão, conseguir algo que justifique – ainda que ligeiramente – o que ele fez. Quer acreditar que seu crime foi justificado. Quer que eu seja solidária a ele. Quer se sentir em paz, antes de morrer.

Mas desperdiçou seus esforços comigo. Não lhe posso dar paz, nem no seu último dia na terra. Há coisas que não podem ser perdoadas.

– Sinto pena de você – digo baixinho – porque é muito fraco.

Thomas comprime os lábios. Ainda procurando alguma espécie de legitimação para o que fez, ele diz:

– Eu podia ter escolhido o caminho de Metias e me tornado um criminoso, mas não fiz isso. Fiz tudo *certo,* você não vê? Era disso que Metias gostava em mim. Ele me respeitava. Eu seguia *todas* as normas, obedecia a *todas* as leis. Trabalhei duro para sair do zero e chegar aonde cheguei. – Ele se inclina para a frente; os olhos ficam mais desesperados. – Eu fiz um juramento, June. Ainda estou vinculado a esse juramento. Vou morrer com honra por sacrificar tudo que tenho – *tudo* – por meu país. Mesmo assim, Day é uma lenda, e eu estou aqui, esperando para ser executado. – Sua voz falha com toda a sua angústia e tormento interior por se achar injustiçado. –

Não faz sentido.

Eu me levanto. Atrás de mim, os guardas se dirigem à porta da cela. Digo tristemente:

– É aí que você se engana. Faz *todo* o sentido.

– Por quê?

– Porque Day escolheu o caminho do bem. – Dou as costas a ele pela última vez. A porta se abre; as barras da cela dão lugar ao corredor, a um novo turno de guardas da prisão, à liberdade. – E Metias também.

15H32.

Naquela tarde, rumo para a pista de corrida da Universidade de Denver, numa tentativa de clarear as ideias. Do lado de fora, o céu está amarelo e enevoado com a luz do sol vespertino. Tento visualizar o céu coberto pelas aeronaves das Colônias, flamejando com o fogo dos combates e das explosões aéreas. Faltam doze dias para oferecermos alguma coisa às Colônias. Sem a ajuda de Day, como vamos conseguir fazer isso? Esse pensamento me perturba, mas felizmente serve para manter fora da minha cabeça as lembranças de Thomas e da Comandante Jameson. Aperto o passo. Meus tênis de corrida avançam na pavimentação.

Quando chego à pista, reparo que há guardas parados em todas as entradas. São pelo menos quatro soldados por portão. Anden deve estar fazendo seus exercícios diários aqui também. Os soldados me reconhecem, deixam-me passar e me levam até o estádio, onde a pista cerca um grande campo aberto. Anden não se encontra em lugar algum. Talvez esteja nos vestiários subterrâneos do estádio.

Faço uns poucos alongamentos enquanto Ollie espera impacientemente, dançando de uma pata para outra. Começo a percorrer a pista, indo cada vez mais rápido ao longo do percurso curvo, até correr a toda em redor das curvas. Meu cabelo voa atrás de mim, e Ollie arfa ao meu lado. Imagino a Comandante Jameson correndo velozmente atrás de mim, a arma empunhada. *Tome cuidado, Iparis, ou você pode terminar como eu.*

Quando dou a volta para o lado da pista onde estão instalados os alvos, derrapo e paro, tiro a arma do coldre, e atiro em todos os alvos, em rápida

sucessão. Acerto quatro deles na mosca! Sem parar, dou mais três voltas na pista. Depois, dez vezes, depois quinze. Finalmente paro: meu coração parece que vai sair pela boca.

Mudo o ritmo dos exercícios para um caminhar, lentamente recuperando o fôlego, com os pensamentos a mil. Se eu não tivesse conhecido o Day, será que poderia me tornar igual à Comandante Jameson quando ficasse mais velha? Fria, calculista, impiedosa? Eu não agi exatamente assim quando descobri quem Day era? Conduzi soldados – e *a própria* Comandante Jameson – até a casa da família dele, sem sequer considerar que sua família poderia ser afetada. Recarrego a arma e volto a mirar nos alvos. Com um ruído seco, minhas balas acertam o centro das placas.

Se Metias estivesse vivo, o que pensaria do que fiz?

Não, não posso me lembrar do meu irmão sem pensar na confissão de Thomas hoje de manhã. Disparo a última bala e depois me sento no meio da pista com Ollie e enterro a cabeça nas mãos. Estou exausta. Não sei se algum dia vou conseguir superar o que eu fui. E agora estou repetindo tudo: tentando persuadir Day a desistir do irmão, tentando usá-lo em benefício da República.

Finalmente me levanto, limpo o suor da testa e me dirijo aos vestiários subterrâneos. Ollie se acomoda para me esperar à sombra do beiral perto das portas. Ele pula ávido até uma cumbuca cheia d'água que ponho à sua frente. Desço a escada e viro à esquerda. O ar está úmido por causa dos chuveiros, e a única tela embutida no fim do corredor tem uma ligeira camada de névoa em cima. Caminho pelo corredor que se divide nos vestiários masculino e feminino. Ouço algumas vozes ao fundo.

Um minuto depois, vejo Anden sair do vestiário, acompanhado por dois guardas. Enrubesço, embaraçada com o que vejo. Anden parece ter acabado de sair do chuveiro; está sem camisa e ainda enxuga o cabelo úmido, com os músculos ressaltados, depois de ter malhado. Uma camisa esportiva de gola alta está jogada num ombro. O tecido branco contrasta lindamente com o tom moreno de sua pele. Um dos guardas fala com ele em tom baixo; com uma sensação terrível, eu me pergunto se tem algo a ver com as Colônias.

Um momento depois, Anden olha de relance e finalmente me vê olhando fixo para eles. Há uma pausa na conversa.

– Srta. Iparis! – exclama Anden; um sorriso amável disfarça o que talvez o estivesse aborrecendo. Ele pigarreia, entrega a toalha a um dos guardas e coloca um braço através da manga da camisa de gola. – Peço desculpas por não estar propriamente vestido.

Baixo a cabeça uma vez, e me esforço para não parecer impressionada, quando todos os olhos se fixam em mim.

– Não precisa se desculpar, Eleitor.

Ele assente e diz:

– Podem ir. Encontro vocês na escada.

Os dois guardas fazem uma reverência ao mesmo tempo e depois nos deixam a sós. Anden espera que eles desapareçam ao dobrar o corredor e se volta para mim.

– Espero que sua manhã tenha sido calma – diz ele, e começa a abotoar a camisa. Franze as sobrancelhas e pergunta: – Houve algum problema?

– Nenhum – respondo, sem querer falar sobre minha conversa com Thomas.

– Muito bem.

Anden passa a mão pelo cabelo úmido e diz:

– Então sua manhã foi melhor do que a minha. Passei várias horas numa conferência particular com o Presidente de Ross City, na Antártida; pedimos ajuda militar a eles, no caso de uma invasão. – Ele suspira. – A Antártida é solidária, mas eles não são fáceis de agradar. Não sei se podemos contornar isso usando o irmão de Day, nem como persuadir Day a permitir isso.

– Ninguém vai ser capaz de convencê-lo – respondo, cruzando os braços. – Nem eu. Você diz que eu sou o ponto fraco dele, mas sua maior fraqueza é a família.

Anden permanece calado um momento. Analiso cuidadosamente seu rosto, e me pergunto o que estará pensando. Lembro-me bem de como ele pode ser implacável quando quer, como nem hesitou ao condenar Thomas à morte, como revidou o insulto da Comandante Jameson, como sequer piscou ao executar todas as pessoas que tentaram destruí-lo. Por baixo da voz delicada e do coração generoso existe bastante frieza. Digo então:

– Não o obrigue. – Anden me olha surpreso. – Sei que é isso que você está pensando em fazer.

Anden termina de abotoar a camisa e diz gentilmente, quase com tristeza:

– Tenho apenas de fazer o que for necessário, June.

Não. Nunca vou permitir que você magoe Day assim. Não da maneira como eu já o magoei.

– Você é o Eleitor. Não *precisa* fazer nada. E se você se importa mesmo com a República, não vai se arriscar a enfurecer a única pessoa em quem o povo acredita.

Falei demais. Como pude ser tão idiota? *O povo acredita em Day, mas não acredita em você.* Anden se retrai visivelmente, e embora não faça nenhum comentário, eu silenciosamente me censuro por minha notória falta de tato.

– Desculpe – murmuro –, não era bem isso que eu queria dizer.

Um longo silêncio se arrasta antes de Anden voltar a falar:

– Não é tão fácil quanto parece. – Ele balança a cabeça. Uma gotícula d ´água cai do seu cabelo e atinge a gola da camisa. – Você agiria de outra maneira? Arriscaria uma nação inteira em vez de apenas uma pessoa? Não posso justificar isso. As Colônias vão atacar se não lhes fornecermos um antídoto, e toda essa confusão se originou de uma coisa pela qual *eu* sou responsável.

– Não, seu pai foi responsável pela desordem. Isso não quer dizer que *você* também seja.

– Bem, sou filho do meu pai – responde Anden com a voz subitamente severa. – Que diferença isso faz?

Essas palavras surpreendem a nós dois. Aperto os lábios e resolvo não fazer nenhum comentário, mas meus pensamentos se agitam freneticamente. *Faz muita diferença.* Mas aí me lembro do que Anden me disse uma vez sobre a fundação da República, sobre o fato de que seu pai e os Eleitores antes dele foram obrigados a agir naqueles primeiros anos tenebrosos. *Tome cuidado, Iparis, ou você pode terminar como eu.*

Talvez eu não seja a única pessoa a precisar ter cuidado.

Alguma coisa que aparece na tela no final do corredor me distrai. Observo um instante. É uma notícia sobre Day; a filmagem mostra um close-up dele de um vídeo antigo e uma breve imagem do hospital de Denver, mas embora a maior parte do vídeo esteja fragmentada, percebo de

relance multidões reunidas em frente ao prédio. Anden também se vira para olhar para a tela. As pessoas estão protestando? Contra o quê?

DANIEL ALTAN WING É INTERNADO EM HOSPITAL PARA REALIZAR EXAMES MÉDICOS DE ROTINA. DEVE RECEBER ALTA AMANHÃ.

Anden comprime uma das mãos junto ao ouvido, para receber uma ligação. Ele me olha de relance, liga o microfone e diz: – Prossiga.

Silêncio. À medida que o noticiário na tela continua, o rosto de Anden empalidece. Isso me lembra da palidez de Day no banquete, e os dois pensamentos convergem em um só, apavorante. De repente eu sei, sem qualquer sombra de dúvida, que *esse* é o segredo que Day tem escondido de mim. Um horrível pressentimento enche meu peito.

– Quem aprovou a liberação da filmagem? – pergunta Anden após um instante; sua voz é um sussurro raivoso. – Não haverá próxima vez. Eu preciso ser consultado *antes*. Entendido?

Sinto um nó na garganta. Quando a ligação finalmente termina, Anden deixa a mão cair, me olha demorada e seriamente e diz:

– Trata-se do Day. Ele está hospitalizado.

– Por quê?

– Lamento muito.

Ele baixa a cabeça num gesto trágico, depois se inclina para a frente e sussurra a notícia no meu ouvido. De súbito, fico tonta, como se o mundo inteiro se fundisse num borrão em movimento, como se nada disso fosse real, como se eu estivesse de novo no Hospital Central de Los Angeles na noite em que me ajoelhei junto ao corpo frio e inanimado de Metias, olhando fixamente para um rosto que já não reconhecia. Meu coração quase para. Tudo para. *Isso não pode ser verdade.*

Como é possível que o garoto que mobilizou uma nação inteira esteja morrendo?

DAY

Os médicos fazem com que eu passe a noite internado no hospital, antes de me darem alta e eu poder voltar ao meu apartamento. A essa altura, a notícia já estava na boca do povo: pessoas que passavam me viram sair do hospital numa cadeira de rodas e espalharam a notícia, que logo se propagou como um incêndio, e boatos em breve alcançaram todos os cantos da cidade. Já vi o noticiário tentando esconder o que aconteceu duas vezes, em duas versões: fui ao hospital para me submeter a um checkup de rotina, e fui ao hospital para visitar meu irmão. Enfim, só história esfarrapada. Ninguém caiu nelas.

Passo o dia inteiro desfrutando o luxo de uma cama que não é de hospital e observando a chuva e a neve lamacenta caindo do lado de fora da nossa janela, enquanto Éden não desgruda do pé da minha cama e se diverte com um kit de robótica dado de presente pela República. Ele agora está montando uma espécie de robô: combina um cubo de luz magnética – uma caixa do tamanho da palma da mão, com minitelas laterais – com vários outros cubos para criar braços, pernas e asas, inventando uma espécie de pequeno Homem de Telão Voador. Ele sorri encantado, depois separa os cubos e os reorganiza num par de pernas ambulantes que exibem trechos de vídeos sempre que elas dão um passo. Eu também sorrio, temporariamente contente porque *ele* está contente. Se existe alguma coisa boa em relação à República, é que eles são condescendentes no que diz respeito à paixão de Éden por construir coisas. De duas em duas semanas recebemos uma nova engenhoca que só crianças de classe média alta podem ter. Eu me pergunto se foi June que apresentou um pedido especial para beneficiar Éden, sabendo o que ela sabe. Ou talvez Anden se sinta culpado por todos os problemas que seu pai nos causou.

Fico curioso para saber se ela já está a par da notícia referente à minha saúde. Deve estar.

– Cuidado! – alerto Éden, quando ele sobe na minha cama e se inclina para colocar sua nova criação na beira da janela. Suas mãos se atrapalham ao tatear o parapeito e a vidraça. – Se você cair e se quebrar, vamos ter de voltar ao hospital, e eu não vou gostar nada disso.

– Você está pensando nela de novo, não está? – retruca Éden suavemente. Os olhos cegos se estreitam e miram os blocos à sua frente, a uns três centímetros do seu rosto. – Sua voz sempre muda quando você pensa nela.

Pisco os olhos, surpreso.

– Como é que é?

Ele olha na minha direção e levanta uma sobrancelha: a expressão é cômica, no seu rosto infantil.

– Ah, para com isso! É tão óbvio... Fala sério, o que essa tal de June significa pra você? O país inteiro não para de fofocar sobre vocês dois, e quando ela te pediu pra vir a Denver, na mesma hora você concordou. Você me disse pra ligar pra *ela* se a República viesse me buscar. Você vai ter de abrir o jogo mais cedo ou mais tarde, né? Você não para de falar nela!

– Isso não é verdade!

– Ah! Tá bom...

Ainda bem que Éden não consegue ver minha expressão. Ainda não falei com ele sobre June e sua ligação com o resto da nossa família, o que é mais uma boa razão para eu ficar longe dela.

– Ela é só uma amiga – respondo finalmente.

– Você gosta dela?

Meus olhos voltam a observar a neve caindo do lado de fora da nossa janela.

– Gosto.

Éden espera que eu diga mais alguma coisa, mas quando permaneço em silêncio, ele dá de ombros e volta a prestar atenção no seu robô.

– Tudo bem – resmunga. – Você me conta mais quando quiser.

Bem na hora, meu fone de ouvido ressoa um segundo de estática e me avisa de uma chamada, que atendo. Um momento depois, a voz sussurrada de June ecoa no meu ouvido. Ela não menciona minha doença, pergunta apenas: – A gente pode conversar?

Eu sabia que seria só uma questão de tempo antes que ela me procurasse. Observo Éden brincar por mais um minuto e sussurro de volta: – Em algum outro lugar. – Meu irmão me olha de relance, curioso com minhas palavras. Não quero estragar meu primeiro dia fora do hospital ao revelar meu prognóstico deprimente a uma criança de onze anos.

– Então, que tal darmos uma volta?

Olho rapidamente pela janela. É hora do jantar, e os cafés das ruas estão apinhados de fregueses, quase todos no seu canto, encolhidos debaixo de chapéus, bonés, guarda-chuvas e capuzes sob a neve semiderretida do crepúsculo. É uma boa hora para caminhar por aí sem atrair muita atenção.

– Que tal você vir até aqui, e a gente sai junto?

– Combinado – responde June, e desliga.

Dez minutos depois, a campainha toca, e Éden fica de pé, assustado: o novo robô de cubos que ele está construindo cai da minha cama, e três dos seus membros se soltam. Éden vira os olhos na minha direção e pergunta:

– Quem está aí?

– Não se preocupa, guri – respondo, indo até a porta. – É a June.

Às minhas palavras, os ombros de Éden relaxam; um sorriso animado ilumina seu rosto, e ele salta da beira da cama, deixando seu robô de cubos perto da janela. Ele tateia o caminho até a outra extremidade da cama.

– E aí? – pergunta ele. – Você não vai deixar ela entrar?

Parece que, durante a época em que vivi na rua, perdi o desabrochar de Éden. Ele se transformou de um menino tranquilo em um garoto teimoso e obstinado. Não faço ideia de *quem* ele herdou isso. Suspiro; eu detesto esconder coisas dele, mas como posso explicar tudo que aconteceu? Eu já falei quem era June: uma garota da República que havia resolvido nos ajudar, uma garota que estava sendo treinada para ser a futura Primeira Cidadã do país. Ainda não sei como lhe contar o resto, por isso apenas não toco no assunto.

June não sorri quando abro a porta. Relanceia o olhar até Éden, depois de novo para mim e pergunta baixinho: – Esse é o seu irmão?

Concordo com a cabeça e digo:

– Você ainda não conhecia o Éden, né?

Viro-me e digo em voz alta a ele:

– Éden, olhe a educação.

Éden acena da cama e diz:

– Oi!

Dou um passo para o lado, para que June possa entrar. Ela vai até onde Éden está, senta-se perto dele com um sorriso, põe a pequena mão do menino entre as suas e a aperta duas vezes.

– Prazer em te conhecer, Éden – diz ela com a voz suave. Eu me encosto na

porta, para observar os dois. – Como você está?

Éden dá de ombros e responde:

– Acho que tô legal. Os médicos dizem que meus olhos se estabilizaram. Estou tomando dez comprimidos por dia. – Ele inclina a cabeça e continua: – Mas acho que estou ficando mais forte. – Ele estufa um pouco o peito e brinca ao fazer pose de fortão flexionando os braços. Seus olhos estão desfocados e apontam ligeiramente para a esquerda do rosto de June. – O que você acha?

June ri e diz:

– Vou te falar: sua aparência é melhor do que a da maioria das pessoas que vejo. Já me falaram muito de você.

– Eu também já ouvi falar muitas coisas de você – responde Éden rapidamente –, principalmente pelo Daniel. Ele te acha muito gostosa.

– O que é isso, moleque?! Pode parar. – Pigarreio alto o suficiente para Éden ouvir, e depois lanço um olhar irritado na direção dele, embora ele seja tão cego quanto um morcego. – Vamos indo?

– Você já jantou? – pergunta ela, quando nos dirigimos à porta. – Eu deveria estar acompanhando Anden com os outros Primeiros Cidadãos, mas ele foi chamado até o quartel da infantaria blindada para um rápido *briefing* sobre uma intoxicação alimentar entre os soldados, por isso fiquei livre por algumas horas. – Um leve rubor aparece no seu rosto quando ela diz isto: – Achei que talvez a gente pudesse fazer uma boquinha.

Levanto uma sobrancelha, depois me inclino para que minha bochecha encoste na orelha dela. Fico todo animado quando reparo que ela estremeceu ao meu toque.

– Ora, vejam só! – digo, em voz baixa e suave, sorrindo junto ao seu ouvido: – Você está me convidando para um *encontro*?

June fica mais ruborizada, mas esse calor não se reflete nos seus olhos.

Termino meu momento de gozação, pigarreio, olho para Éden por cima do ombro e lhe digo:

– Vou trazer comida pra você. Não saia sozinho. Obedeça ao que Lucy lhe mandar fazer.

Éden faz que sim com a cabeça, de novo entretido com o robô de blocos.

Minutos depois, saímos do prédio e começamos a sentir as gotas do chuvisco que engrossa. Mantenho a cabeça baixa e o rosto escondido sob a aba de um

boné de soldado, o pescoço protegido por meu espesso cachecol vermelho e as mãos enfiadas bem no fundo dos bolsos do casaco militar. É estranho perceber que me adaptei ao vestuário da República. June levanta a gola do casaco, e sua respiração forma nuvens de vapor ao seu redor. A neve semiderretida aumentou, e o gelo e a água gelada pingam no meu rosto e pinicam meus cílios. Bandeiras espalhafatosas continuam penduradas nas janelas da maioria dos andares dos edifícios, e os telões ostentam um símbolo rubro-negro nos cantos de suas transmissões, em honra ao aniversário de Anden. Pessoas na rua passam apressadas, formando um borrão de movimento. Caminhamos em um silêncio agradável, saboreando nossa proximidade.

Na verdade, é meio esquisito. Estou me sentindo um pouco melhor hoje, e não tenho qualquer dificuldade em manter o mesmo ritmo de June. Hoje, não parece que tenho *apenas* dois meses de vida. Quem sabe os novos medicamentos que estou tomando estejam dando certo desta vez?

Não dizemos uma palavra até que June finalmente nos faz parar num café pequeno e informal, a vários quarteirões do meu apartamento. Imediatamente entendo por que ela o escolheu: está quase vazio, é um lugar minúsculo situado no térreo de um imponente prédio coberto de neve semiderretida, e mal iluminado. Embora esteja aberto, como muitos outros cafés na área, tem alguns recantos escuros agradáveis onde podemos nos sentar, e suas únicas luzes vêm das lanternas reluzentes em forma de cubos que há em cada mesa. Uma atendente vem a nosso encontro e, a pedido de June, nos conduz a um dos cantos mais afastados. Algumas vasilhas de água perfumada estão espalhadas em todo o café. Estremeço, apesar de que o lugar onde ficamos está bastante aquecido pela lanterna.

Por que estamos aqui mesmo? Uma estranha espécie de neblina toma conta de mim, mas depois se esvai. *Estamos aqui pra jantar, é pra isso, cara!* Balanço a cabeça. Recordo o esforço que precisei fazer há alguns dias, quando não conseguia lembrar o nome da Lucy. Um pensamento amedrontador me ocorre.

Talvez esse seja um novo sintoma. Ou talvez eu esteja sendo apenas paranoico.

Depois que fazemos nossos pedidos, June fala francamente. As partículas douradas nos seus olhos fulguram ao brilho laranja da lanterna.

– Por que você não me contou? – murmura.

Aproximo as mãos da lanterna, e desfruto o calor.

– De que adiantaria?

June franze o cenho, e só então reparo que seus olhos estão meio inchados, como se ela tivesse chorado. June balança a cabeça.

– Os boatos estão correndo soltos por aí – continua ela com uma voz que mal escuto. – Testemunhas afirmam ter visto você ser levado de maca do seu apartamento há trinta e quatro horas, e parece que uma delas chegou a ouvir, por acaso, um médico falando sobre seu estado de saúde.

Suspiro e levanto as mãos, derrotado.

– Quer saber? Se esse assunto está causando tumulto nas ruas e mais problemas para Anden, lamento. Me mandaram manter o caso em sigilo, e fiz isso da melhor maneira que pude. Tenho certeza de que nosso glorioso Eleitor vai encontrar um jeito de acalmar o povo.

June morde os lábios e diz:

– Deve haver uma solução, Day. Os seus médicos...

– Eles já estão tentando de tudo. – Estremeço quando um espasmo de dor me atinge a nuca, como se estivesse seguindo uma deixa. – Já passei por três ciclos de tratamentos. Até agora, o progresso tem sido lento e doloroso.

Explico à June o que os médicos me disseram, a infecção incomum no meu hipocampo, o remédio que tem me enfraquecido, me sugando a força do corpo.

– Pode acreditar, eles estão testando todas as opções.

– Quanto tempo de vida lhe resta? – sussurra ela.

Não digo nada e finjo estar fascinado com a lanterna. Não sei se tenho coragem de responder.

June se inclina mais à frente, até o ombro encostar suavemente no meu, e repete:

– Quanto tempo de vida lhe resta? Por favor, espero que você ainda se importe o bastante comigo para me contar.

Eu retribuo o seu olhar fixo, e lentamente me rendo – como sempre – ao seu fascínio. *Por favor, não me obrigue a responder.* Não quero dizer em voz alta, porque pode tornar tudo irremediavelmente real. Ela, porém, parece tão triste e temerosa, que não consigo ocultar mais nada dela. Solto a respiração, passo a mão pelo cabelo e baixo a cabeça ao murmurar:

– Eles me deram um mês, talvez dois. E recomendaram que eu organizasse

minhas prioridades.

June fecha os olhos e oscila ligeiramente no assento.

– Dois meses... – sussurra ela, de modo vago. A agonia em seu rosto justifica minha relutância em deixar que ela soubesse a verdade.

Depois de um demorado silêncio entre nós, June sai do seu torpor e enfia a mão no bolso, de onde tira alguma coisa pequena e metálica, e diz:

– Estava guardando isto pra você.

Olho fixo para o objeto: é um anel de clipes de papel, com uma sequência de arame disposta numa harmoniosa série de espirais fechadas num círculo, igualzinho ao que eu fiz para ela. Arregalo os olhos e a encaro rapidamente. Ela não diz nada; em vez disso, olha para baixo e me ajuda a colocar o anel no dedo anular direito. – Eu tive um tempinho de sobra – murmura ela finalmente.

Encantado, passo a mão pelo anel; meu coração dispara. Um turbilhão de emoções me percorre.

– Lamento – gaguejo após algum tempo, tentando animar um pouco a situação. Isso é tudo que consigo dizer, depois desse presente que ela me deu? – Os médicos acreditam que ainda há esperança, e em breve vão dar início a novos tratamentos.

– Certa vez você me contou por que escolheu "Day" como seu nome de guerra – diz ela com firmeza. Movimenta a mão, que põe em cima da minha, escondendo o anel de clipes. O calor de sua pele na minha me acelera o coração. – A cada novo dia, tudo volta a ser possível, certo?

Um formigamento me percorre a espinha. Quero de novo pegar-lhe o rosto entre as mãos, beijar-lhe as bochechas, analisar seus olhos escuros e tristes, e lhe dizer que vou ficar bem, mas isso seria mais uma mentira. Metade do meu coração está sofrendo com a dor que vejo no seu rosto, mas a outra parte – percebo com culpa – está radiante por saber que ela ainda se importa comigo. Existe amor nas suas palavras trágicas, nas dobras daquele anel de metal. Ou não?

Finalmente, respiro fundo e digo:

– Às vezes o sol se põe mais cedo. Os dias não duram para sempre, não é? Mas vou lutar com todas as forças, eu te garanto.

Os olhos de June se suavizam, e ela fala:

– Você não precisa passar por isso sozinho.

– Por que você iria querer se envolver com uma coisa dessas? – pergunto baixinho. – Eu só pensei que... Seria mais fácil desse jeito.

– Mais fácil para quem? – retruca June. – Para você, para mim, para o povo? Você preferiria morrer em silêncio um dia, sem nunca mais trocar uma palavra comigo?

– Sim, preferiria – respondo bruscamente. – Se eu tivesse te contado naquela noite, você teria concordado em ser uma Primeira Cidadã?

Fossem quais fossem as palavras na ponta da língua de June, elas não foram pronunciadas. Ela para ao ouvir o que eu disse, e engole em seco.

– Não – admite. – Eu não teria tido a coragem de aceitar. Eu esperaria.

– Exatamente! – Respiro fundo e continuo: – Você acha mesmo que eu queria dar uma de bebê chorão e te contar sobre a minha saúde naquele dia? Para ser um obstáculo e atrapalhar a possibilidade única de você conseguir aquele cargo?

– Essa escolha cabia *a mim* – respondeu June, com dentes cerrados.

– E *eu* queria que você fizesse essa escolha sem que *eu* atrapalhasse.

June balança a cabeça e baixa ligeiramente os ombros.

– Você acha mesmo que me importo tão pouco com você?

Nossa refeição chega: tigelas fumegantes de sopa, cestas com pãezinhos e um pacote bem embrulhado com o jantar do Éden. Dou graças por essa interrupção e fico em silêncio. *Teria sido mais fácil pra mim mesmo*, penso. *Prefiro me afastar a ser lembrado todos os dias de que tenho apenas alguns meses para estar com você.* Mas sinto vergonha de dizer isso em voz alta. Quando June me olha, ansiosa por uma resposta, apenas balanço a cabeça e dou de ombros.

E então ouvimos um alarme lamentoso soar na cidade.

O som é ensurdecedor. Ambos ficamos paralisados e olhamos para os alto-falantes instalados em todos os prédios da rua. Nunca escutei uma sirene assim em toda a vida: um grito incessante e ensurdecedor que enche o ar, abafando todos os demais sons. Os telões escurecem. Olho para June, sem entender nada. *O que diabos está acontecendo?*

Mas June já não está olhando para mim. Seus olhos estão concentrados nos alto-falantes que alardeiam o alarme pela rua inteira, e sua expressão demonstra pavor. Juntos, vemos quando os telões voltam a brilhar. Desta vez, todas as telas estão vermelho-sangue, e apresentam duas palavras douradas em negrito:

PROCURAR ABRIGO

– O que significa isso? – grito.
June agarra minha mão e começa a correr.
– Significa que vem aí um ataque aéreo. Estamos sendo atacados!

– Éden!

Essa é a primeira palavra que sai da boca de Day. Os telões continuam transmitindo seu nefasto noticiário escarlate enquanto o alarme ressoa na cidade, ensurdecendo-me com seu rugir ritmado e abafando os demais sons da cidade. Na rua, pessoas espreitam pelas janelas e saem apressadas de edifícios, tão perplexas com o alarme incomum quanto nós. Incontáveis soldados entram em formação na rua, gritando nos fones de ouvido à medida que veem o inimigo se aproximar. Estou logo atrás de Day; pensamentos e números se misturam rapidamente na minha cabeça enquanto corremos: quatro segundos, doze segundos, quinze segundos por esquina, o que quer dizer que daqui a setenta e cinco segundos chegaremos ao apartamento de Day, se mantivermos o ritmo. Será que existe um atalho? E *Ollie!* Preciso tirá-lo do meu apartamento, para que fique junto de mim.

Concentro-me em um assunto diferente, da mesma forma que aconteceu quando libertei Day do Batalla Hall há muitos meses, como o momento em que Day escalou o Capital Tower para se dirigir ao povo e eu despistei os soldados que o perseguiam. Posso até ser uma observadora silenciosa e pouco à vontade no Senado, mas aqui nas ruas, em meio ao caos, eu sou eu mesma: consigo raciocinar e agir.

Lembro bem, no ensino médio, de ler sobre esse alarme específico e treinar o que fazer, embora Los Angeles seja tão distante das Colônias que mesmo esse tipo de treinamento era raro.

O alarme só deveria ser acionado se forças inimigas atacassem nossa cidade, ou se estivessem na fronteira do país, forçando sua entrada. Não sei como é o processo em Denver, mas imagino que não possa ser assim tão diferente: devemos evacuar as ruas imediatamente, depois procurar o abrigo subterrâneo mais próximo e usar as linhas de metrô para ir até uma cidade mais segura. Quando entrei para a faculdade e me tornei oficialmente uma soldado, o exercício mudou: os soldados devem dirigir-se imediatamente à localidade que seus superiores lhes ordenarem pelos fones de ouvido. Devemos estar preparados para a guerra a qualquer hora.

Mas nunca ouvi o alarme usado para um ataque verdadeiro a uma cidade

da República porque nunca antes tinha havido um. A maioria dos ataques era abortada antes que nos alcançasse. Até agora. E enquanto corro junto a Day, sei exatamente o que deve estar passando pela sua cabeça. Isso me provoca uma sensação bem conhecida de remorso.

Day nunca antes ouviu o alarme, nem jamais passou por exercícios de treinamento, isso porque se origina de um setor pobre. Nunca tive muita certeza do que isso significava, e reconheço que tampouco pensei muito no assunto, mas ver a expressão confusa de Day trouxe a verdade à tona. As casamatas subterrâneas destinam-se apenas à classe A, aos setores abastados. Os que vêm dos setores pobres que se virem!

Acima, ouve-se o forte barulho do motor de um jato da República; em seguida, vários outros. Os gritos das pessoas se misturam ao som do alarme. Espero uma ligação de Anden a qualquer momento. Então, muito a distância no horizonte, vejo os primeiros brilhos laranja reluzirem na cidade. A República está lançando um contra-ataque a partir das muralhas. *Isso está mesmo acontecendo*, mas não deveria estar. As Colônias tinham nos dado mais *tempo*, embora limitado, para entregar o antídoto, e desde esse ultimato, passaram-se apenas quatro dias. Fico possessa. Será que queriam nos pegar desprevenidos assim?

Agarro a mão de Day e acelero meu ritmo.

– Você pode ligar para Éden? – grito.

– Posso – responde Day, arquejante. Dá para ver que ele já não tem a energia de antes: sua respiração está levemente forçada, e os passos são um pouco mais lentos. Isso me dá um nó na garganta. Essa é a primeira comprovação de que seu estado de saúde está se deteriorando, o que me abala muito. Atrás de nós, mais uma explosão ressoa no ar noturno. Aperto mais a mão dele.

– Diga a Éden para estar pronto e esperar na entrada do edifício – grito. – Sei para onde podemos ir.

Uma voz urgente soa no meu fone de ouvido: é Anden.

– Onde você está? – pergunta ele. Estremeço ao perceber um leve indício de medo na sua voz; mais uma coisa que raramente ouço. – Estou no Capital Tower. Vou mandar um jipe te apanhar.

– Mande um jipe para o apartamento de Day. Vou chegar lá daqui a um

minuto. E Ollie, meu cachorro...

– Vou mandar que o levem imediatamente para a casamata – diz Anden. – Tome cuidado.

Ele desliga, e escuto sons de estática por um instante; depois, meu fone de ouvido fica mudo. Ao meu lado, Day repete minhas instruções para Éden pelo seu microfone.

Ao chegarmos ao edifício, jatos da República passam zunindo a cada dois segundos, desenhando dezenas de rastros no céu da noite. Multidões já começaram a se aglomerar do lado de fora do prédio e estão sendo orientadas em várias direções por patrulhas municipais. Um tremor de medo se apossa de mim quando me dou conta de que alguns dos jatos no horizonte não são da República: são aeronaves inimigas desconhecidas. Se estão assim tão próximas, devem ter escapado de nossos mísseis de longo alcance. Dois grandes pontos negros pairam a distância no céu. São dirigíveis das Colônias.

Day vê Éden antes de mim. Ele é um pequeno vulto de cabelo dourado segurando os corrimões da entrada do conjunto de apartamentos, estreitando inutilmente os olhos para o mar de gente ao redor. Sua guardiã está atrás dele, e suas mãos seguram firme os ombros do menino.

– Éden! – grita Day. O menino vira a cabeça na nossa direção. Day sobe os degraus aos pulos e o recolhe nos braços, depois se vira para mim e pergunta aos gritos: – Para onde vamos?

– O Eleitor vai mandar um jipe nos apanhar – respondo no ouvido dele, para que os outros não escutem. A essa altura algumas pessoas nos olham de relance e nos reconhecem, embora passem por nós numa bruma de pânico. Levanto ao máximo as golas dos meus casacos e baixo a cabeça. – *Andem logo!* – resmungo para mim mesma.

– June, o que vai acontecer com os outros setores? – me pergunta Day, e olho para ele.

Essa é a pergunta que eu temia. *O que vai acontecer com os outros setores?* Hesito e, nesse breve instante de silêncio, Day se dá conta da resposta. Seus lábios se contraem, e seus olhos exprimem uma raiva profunda.

A chegada do jipe evita que eu responda de imediato. O veículo freia de súbito a alguns metros de onde os demais se aglomeraram. Vejo Anden

acenar para mim do lado do carona e apresso Day para irmos logo para o jipe. Descemos os degraus, e um soldado abre a porta para nós. Day ajuda Éden e a guardiã a entrarem primeiro, e depois que ambos colocam o cinto de segurança, nós subimos no jipe, que parte em alta velocidade quando mais jatos da República sobrevoam nossas cabeças. A distância, surge mais uma nuvem em tom laranja vivo em forma de cogumelo. É impressão minha, ou eles estão um pouco mais perto? (Talvez estejam mais próximos uns trinta metros, em vista do tamanho da explosão.)

– Que bom vocês todos estarem a salvo! – exclama Anden, sem se virar para trás. Ele cumprimenta a todos com breves palavras e dá uma ordem em voz baixa ao motorista, que faz uma curva em S e dobra a esquina seguinte. Éden solta um gritinho assustado. A guardiã lhe aperta os ombros e tenta tranquilizá-lo.

– Por que você escolheu o caminho mais longo? – pergunta Anden ao motorista, quando enveredamos por uma rua estreita. O chão estremece com a força de outro impacto ao longe.

– Minhas desculpas, Eleitor – responde o motorista. – Disseram que várias explosões aconteceram no quartel dos blindados; o caminho mais curto não é seguro. Bombardearam alguns jipes no outro lado de Denver.

– Algum ferido?

– Felizmente, só alguns. Alguns jipes capotaram, vários prisioneiros fugiram e um soldado morreu.

– Quais foram os prisioneiros?

– Ainda estamos verificando.

Um terrível presságio me ocorre. Quando fui falar com Thomas, tinha havido uma troca de guardas em frente à cela da Comandante Jameson. Quando saí, os guardas eram outros.

Anden emite um som de frustração, e depois se vira e nos encara:

– Estamos nos dirigindo para um abrigo subterrâneo chamado Subterrâneo Um. Se vocês precisarem entrar ou sair de lá, meus guardas vão escanear seus polegares na entrada. Vocês ouviram o que nosso motorista falou: não é seguro sair sozinho, entendido?

O motorista comprime uma das mãos na orelha, empalidece e olha para Anden.

– Senhor, já temos a confirmação dos três prisioneiros que fugiram. – Ele hesita e engole em seco. – O Capitão Thomas Bryant, o Tenente Patrick Murray e a Comandante Natasha Jameson.

Meu mundo dá uma reviravolta. Eu sabia, eu sabia! Ontem vi a Comandante Jameson detida em segurança atrás das grades e conversei com Thomas enquanto ele definhava na prisão. *Eles não podem ter ido muito longe,* digo a mim mesma.

– Anden – sussurro, obrigando-me a raciocinar friamente. – Ontem, quando fui falar com o Thomas, houve uma troca de guardas. Eles deviam mesmo estar lá?

Day e eu trocamos um breve olhar, e por um instante acho que o mundo inteiro acredita que somos otários, transformando nossas vidas em uma piada de mau gosto.

– Encontrem os prisioneiros – ordena Anden bruscamente no microfone; seu rosto está lívido – e atirem à queima-roupa. – Ele olha de relance para mim enquanto continua falando: – Quero falar com os guardas que estavam de plantão. *Agora!*

Eu me encolho quando mais uma explosão faz a terra tremer. *Eles não podem ter ido muito longe. Até o final do dia serão capturados e mortos a tiros.* Repito sem cessar esse mantra para mim mesma.

Há mais forças em ação aqui. Minha mente conjectura as possibilidades: Não é coincidência que a Comandante Jameson tenha dado um jeito de fugir nem que o ataque das Colônias tenha ocorrido no mesmo dia em que ela foi transferida. Deve haver outros traidores nas fileiras da República, soldados que Anden ainda não conseguiu extirpar. É possível que a Comandante Jameson estivesse passando informações às Colônias por meio desses traidores. Afinal, de alguma forma as Colônias sabiam quando haveria a troca de turnos dos soldados do nosso quartel de blindados e também que hoje tínhamos menos soldados na ativa devido à intoxicação alimentar. Eles estavam cientes de nossa vulnerabilidade e resolveram nos atacar.

Se este for mesmo o caso, então há meses as Colônias estão planejando um ataque. Talvez até mesmo antes da disseminação da praga.

E Thomas? Será que estava mancomunado com tudo? A não ser que

tivesse tentado me alertar. Por isso pediu que eu fosse falar com ele ontem. Como seu último pedido, mas também na esperança de que eu reparasse na troca de guardas. Meu coração acelera. Mas por que ele simplesmente não me avisou?

– E agora? – me pergunto, entorpecida.

Anden recosta a cabeça no assento. Ele também deve estar analisando uma lista semelhante de possibilidades sobre os prisioneiros que fugiram, mas não fala nada.

– Nossos jatos estão todos posicionados na divisa de Denver. O quartel dos blindados deve resistir por um bom tempo, mas existe a forte possibilidade de que mais forças das Colônias estejam a caminho. Vamos precisar de ajuda. As cidades próximas foram alertadas e vão mandar reforços, mas – Anden se cala e olha para mim por cima do ombro – podem não ser suficientes. Enquanto continuamos a abrigar os civis no subterrâneo, June, você e eu precisamos conversar em particular.

– Para onde você está mandando os pobres, Eleitor? – pergunta Day calmamente.

Anden se vira para trás de novo e se depara com os olhos azuis hostis de Day da maneira mais equilibrada que consegue. Reparo que ele evita olhar para Éden.

– Tropas estão a caminho dos setores periféricos. Elas vão encontrar abrigos para os civis e defendê-los até que eu lhes dê outra ordem.

– Nesse caso, suponho que eles não vão poder se refugiar nos abrigos subterrâneos – comenta Day, com um tom frio na voz.

– Lamento – Anden respira fundo. – Os abrigos foram construídos há muito tempo, antes mesmo de meu pai ser o Eleitor. Estamos construindo mais.

Day se debruça para a frente e estreita os olhos. Sua mão direita segura a de Éden com força.

– Então divida os abrigos entre os setores: metade para os pobres, metade para os ricos. O pessoal da classe mais abastada deve arriscar o pescoço da mesma forma que os pobres.

– Não é possível – responde Anden firmemente, embora eu perceba certo pesar na sua voz. Ele cai na bobagem de discutir esse assunto com Day, e

não posso detê-lo. – Se fôssemos fazer isso, a logística seria um pesadelo. Os setores periféricos não têm as mesmas rotas de fuga; se a cidade fosse atingida por explosões, centenas de milhares de pessoas ficariam vulneráveis a céu aberto, porque não conseguiríamos organizar todo mundo a tempo. Primeiro desocuparemos os setores da classe A, depois vamos...

– *Faça* o que sugeri! – grita Day. – Estou me lixando pra droga da sua logística!

O rosto de Anden se endurece, e ele diz:

– Você *não pode* falar comigo desse jeito! – Sua voz é dura como aço, a mesma que usou no julgamento da Comandante Jameson. – Sou seu Eleitor.

– Mas fui *eu* que te coloquei no poder! – retruca Day no mesmo instante. – Tudo bem, você quer discutir logística? Eu topo! Se você não se esforçar mais para proteger os pobres *agora*, posso garantir que vai ter de lidar com uma revolta daquelas. *Tem certeza* de que quer isso enquanto as Colônias estão atacando? Você mesmo disse que é o Eleitor, mas vai deixar de ser se os pobres do país ficarem sabendo como você está lidando com o assunto, e nem mesmo eu serei capaz de impedi-los de começar um motim. Por quanto tempo você acha que a República pode resistir a uma guerra externa *e* interna*?*

Anden vira o rosto para a frente de novo.

– Esta conversa terminou.

Como sempre, sua voz está perigosamente baixa, mas dá para escutar cada palavra.

Day solta um palavrão e volta a se recostar no assento. Eu o olho de relance, e balanço a cabeça. É claro que Day está certo, mas Anden também está. O *problema* é que não temos tempo para esses disparates. Depois de um momento de silêncio, eu me debruço no assento, pigarreio e tento uma alternativa.

– Podemos fazer com que os pobres sejam encaminhados para os setores ricos. Ainda assim eles continuarão acima do solo, mas os setores ricos ficam no centro de Denver, e não perto do quartel dos blindados, onde estão acontecendo os combates. Não é um plano perfeito, mas os pobres vão comprovar que estamos fazendo um esforço conjunto para protegê-los. E então, à medida que as pessoas nos abrigos forem gradativamente

encaminhadas para Los Angeles pelos metrôs, vamos ter tempo e espaço para encaminhá-los para o subterrâneo também.

Day resmunga alguma coisa baixinho, mas ao mesmo tempo grunhe sua relutante aprovação, me olha agradecido e diz:

– Acho esse plano melhor. Pelo menos o povão vai ter *alguma* chance. – Um instante depois, me dou conta do que Day resmungou em voz baixa: *Você daria um Eleitor melhor do que esse imbecil.*

Anden fica em silêncio por um momento, ao refletir sobre minhas palavras; em seguida, concorda com a cabeça e comprime uma das mãos no ouvido.

– Comandante Greene – diz ele, e dispara uma série de ordens.

Meu olhar e o de Day se encontram. Ele continua parecendo nervoso, mas pelo menos seus olhos não estão mais com uma expressão furiosa, como há um minuto. Ele volta a prestar atenção em Lucy, que abraça Éden de modo protetor. O menino está encolhido no canto do assento do jipe, com as pernas dobradas e os braços em volta do corpo. Estreita os olhos para as paisagens embaçadas, mas não sei direito o que ele consegue enxergar. Estendo o braço para Day e toco no de Éden, que imediatamente se retesa.

– Está tudo certo, é a June. E não se preocupe, nós vamos ficar bem, viu?

– Por que as Colônias atacaram? – pergunta Éden, virando os grandes olhos de tom violeta para mim e Day.

Engulo em seco. Nenhum de nós dois lhe responde. Finalmente, quando ele repete a pergunta, Day o abraça apertado e lhe sussurra algo no ouvido. Éden se recosta no ombro do irmão. Ainda está triste e assustado, mas o terror pelo menos está controlado. Conseguimos chegar ao final da viagem sem que nenhuma outra palavra seja dita.

Parece que decorreu uma eternidade – de fato, o percurso só demorou dois minutos e doze segundos –, quando finalmente chegamos a uma construção indefinida, perto do centro de Denver. Trata-se de um edifício de trinta andares coberto por vigas de suporte nas laterais. Dezenas de patrulhas municipais se misturam à multidão de civis, organizando-os em grupos na entrada. Nosso motorista estaciona o jipe ao lado do prédio, onde patrulhas nos deixam atravessar a entrada de uma cerca improvisada.

Pela janela, vejo soldados batendo os calcanhares com os saltos das botas em vigorosas saudações quando passamos. Um deles segura Ollie pela coleira. Sinto alívio ao vê-lo. Quando o jipe para, dois soldados rapidamente abrem as portas para nós. Anden salta e é imediatamente rodeado por quatro capitães das patrulhas; todos o atualizam febrilmente sobre a maneira como está sendo feita a evacuação. Meu cachorro, frenético, arrasta o soldado que o segura até onde estou. Agradeço ao soldado, apanho a coleira e acarinho a cabeça de Ollie. Ele está arfante de tão ansioso.

– Por aqui, srta. Iparis – diz o soldado que abriu minha porta. Day me segue em um silêncio tenso, com a mão ainda apertando a de Éden. Lucy é a última a sair do jipe. Olho por cima do ombro para onde Anden está conversando seriamente com seus capitães: ele faz uma pausa e nos olhamos de relance. Seus olhos se fixam em Éden. Sei que o pensamento dele deve ser o mesmo que está passando pela cabeça de Day: *Manter Éden a salvo.* Faço um sinal afirmativo com a cabeça indicando a ele que compreendo, em seguida passamos por uma multidão de refugiados e o perco de vista.

Em vez de cuidar da fila de civis à entrada, soldados nos escoltam por uma passagem separada e por uma escada em caracol, até alcançarmos um corredor pouco iluminado que acaba em duas largas portas duplas de aço. Os guardas à entrada mudam de postura ao me reconhecer.

– Por aqui, srta. Iparis – dizem. Um deles enrijece ao ver Day, mas logo desvia o olhar quando Day o encara. As portas se abrem para nós.

Somos recebidos por um jato de ar quente e úmido, e um cenário de caos organizado. O recinto em que entramos parece um enorme depósito (metade do tamanho de um estádio das Provas; três dezenas de lâmpadas fluorescentes e seis filas de vigas de aço forram o teto), com um único telão à esquerda estrilando instruções aos abrigados da classe alta que se movem lentamente ao nosso redor. Entre eles há um punhado de pessoas dos setores pobres – catorze, para ser exata – que devem ser governantas e zeladores de algumas das casas do setor dos ricos. Para minha decepção, vejo que soldados os estão separando em outra fila. Várias pessoas da elite os olham solidárias, enquanto outras lhes dirigem olhares de desprezo.

Day também repara no que está havendo, e resmunga:

– É, somos todos iguais...

Não digo nada.

Uma série de recintos menores se alinha na parede à direita. Na extremidade do local, vê-se a parte traseira de um vagão de metrô estacionado dentro de um túnel; multidões de soldados e civis se aglomeram nas duas plataformas. Os soldados estão tentando organizar os grandes grupos de pessoas atônitas e amedrontadas para entrarem no vagão. Não faço a menor ideia para onde estão indo.

Ao meu lado, Day observa a cena com olhos silenciosos e sofredores. Sua mão continua agarrando a de Éden. Eu me pergunto se ele está reparando nas roupas aristocráticas que a maioria desses abrigados está usando.

– Desculpe a bagunça – me diz uma guarda, ao nos acompanhar até uma das salas menores. Ela dá uma batidinha gentil no quepe e explica: – Estamos ainda na fase inicial das evacuações e, como a senhorita pode ver, a primeira leva ainda está em andamento. Podemos acomodar a senhorita e também o Day e sua família neste primeiro grupo, se não se importarem de descansar um pouco numa suíte particular.

Mariana e Serge talvez já estivessem esperando em suítes individuais. Agradeço à guarda. Passamos por várias portas: as janelas compridas e retangulares revelam salas vazias e sem móveis, com retratos de Anden pendurados nas paredes. Algumas das salas parecem estar reservadas para oficiais de alta patente, enquanto outras são ocupadas por arruaceiros que devem ter causado transtornos e foram detidas: seus rostos estão taciturnos, e elas são ladeadas por pares de soldados. Várias outras pessoas, vigiadas por guardas, se encontram em outra sala.

Esta sala me faz parar. Reconheço uma das pessoas lá dentro. Será ela mesmo?

– Esperem! – grito, e me aproximo da janela. Não há dúvida: vejo uma jovenzinha de olhos arregalados e cabelo desgrenhado aparado curto, sentada numa cadeira ao lado de um garoto de olhos cinzentos e três outros mais maltrapilhos do que eu me lembrava. Olho de relance para nossa guarda e pergunto: – O que eles estão fazendo aí?

Day segue meu exemplo e, quando vê o que vejo, respira fundo e murmura: – Coloque a gente lá dentro – sua voz expressa uma urgência

desesperada –, *por favor!*

– Eles são prisioneiros, srta. Iparis – responde a soldado, intrigada com nosso interesse. – Eu não recomendo...

Aperto os lábios e a interrompo:

– Quero falar com eles.

A soldado hesita, desvia o olhar para a sala, e assente relutantemente.

– Claro.

Ela abre a porta e nos conduz para dentro.

Lucy fica do lado de fora; a mão segurando com força a de Éden.

Na sala, fico olhando fixo para Tess e um bando de Patriotas.

Caramba! Na última vez que vi Tess, ela estava no meio do beco perto de onde deveríamos assassinar Anden, com os punhos fechados e o rosto, uma pintura rachada. Ela agora está diferente, mais calma e madura. Cresceu bastante, e seu rostinho redondo se afinou. É esquisito ver isso tudo.

Ela e os outros estão algemados a cadeiras. Essa visão piora meu humor. Reconheço imediatamente um de seus companheiros: Pascao, o Corredor de pele morena, com cachos curtos e olhos ridiculamente acinzentados. Ele não mudou muito, apesar de que agora que estou perto o bastante, vejo traços de uma cicatriz no nariz e de outra, perto da têmpora direita. Ele me lança um sorrisinho alvo e brilhante que escorre sarcasmo.

Ele pisca para mim e diz:

– É você mesmo, Day? Continua lindo como sempre. Os uniformes da República ficam maneiros em você.

Suas palavras me ferem. Viro-me e olho furioso para os soldados que os vigiam.

– Por que eles estão presos?

Um deles me olha com uma expressão atrevida. Com base nas decorações espalhafatosas no seu uniforme, ele deve ser o capitão dos guardas ou algo parecido.

– Eles são ex-*Patriotas* – responde o cara, enfatizando a última palavra como se para me provocar. – Nós prendemos o grupo perto do quartel dos blindados, onde estavam tentando desativar nossos equipamentos militares e ajudar as Colônias.

Pascao se mexe indignado na cadeira e diz bruscamente:

– Isso é mentira, seu troglodita! A gente estava acampado perto dos blindados porque tentava ajudar os pobres dos *seus* soldados a escapar. A gente devia era não ter dado a mínima!

Tess me observa com uma expressão cautelosa que nunca usou comigo antes. Seus braços parecem minúsculos e finos com aquelas algemas enormes presas nos pulsos. Cerro os dentes e olho para as armas nos cintos dos soldados.

Nada de movimentos súbitos, lembro a mim mesmo. *Nem pensar, perto desses trogloditas que adoram armas.* Pelo canto do olho, reparo que uma garota está sangrando no ombro e digo ao soldado:

– Solte-os. Não são eles os inimigos.

O soldado me olha com raiva e desprezo e diz:

– De jeito nenhum. Nossas ordens são para que eles fiquem detidos até...

Ao meu lado, June levanta o queixo e pergunta:

– Ordens de quem?

A bravata do soldado oscila um pouco.

– Srta. Iparis, minhas ordens foram dadas diretamente pelo glorioso Eleitor.

Suas bochechas ficam vermelhas quando ele vê June estreitar os olhos, e então começa a matraquear sobre seu turno de vigilância nas proximidades dos blindados, e que a batalha tinha sido muito intensa. Eu me aproximo de Tess e me inclino para baixo, até nossos olhos ficarem no mesmo nível. Os guardas pegam as armas, mas June lhes ordena abruptamente que parem com aquilo.

– Você voltou – sussurro para Tess.

Embora ela continue cautelosa, alguma coisa se suaviza nos seus olhos.

– Voltei.

– Por quê?

Tess vacila. Olha para Pascao, que concentra os assombrosos olhos cinzentos em mim e diz:

– Nós voltamos porque Tess ouviu você chamar a gente.

Eles haviam me ouvido! Todas as transmissões pelo rádio que passei meses e meses enviando não haviam sido inúteis. Não sei como, *mas eles tinham escutado minhas mensagens.* Tess engole em seco antes de ter coragem suficiente para falar:

– Frankie foi quem primeiro captou sua fala no rádio faz alguns meses. – Ela aponta com a cabeça para uma garota de cabelo cacheado presa a uma das cadeiras. – Ela disse que você estava tentando contatar a gente. – Tess baixa os olhos e acrescenta: – Eu não estava a fim de responder, mas aí eu soube que você estava doente e...

É... Realmente a notícia se espalhou...

– Se toca – interrompe Pascao ao ver minha expressão. – A gente não voltou à República só porque teve *pena* de você, cara. A gente tem ouvido as notícias

que vêm de você e das Colônias. A gente tá sabendo da ameaça de guerra.

– E então vocês resolveram vir nos ajudar? – interrompe June. Seus olhos mostram desconfiança. – Por que essa generosidade repentina?

O risinho sarcástico de Pascao se esvai, e ele observa June com uma inclinação da cabeça.

– Você é June Iparis, certo?

O capitão começa a dizer a ele para tratá-la com mais respeito, porém ela apenas assente.

– Quer dizer que foi *você* quem sabotou nossos planos e dividiu nossa equipe. – Pascao dá de ombros e continua: – Não tenho nenhum ressentimento, eu não era muito fã do Razor mesmo.

– Por que vocês voltaram ao país? – repete June.

– Tudo bem, tudo certo. Fomos expulsos do Canadá. – Pascao respira fundo. – A gente *tava* se escondendo lá depois que... – Ele faz uma pausa e olha para os soldados ao redor. – Ah, você sabe... depois da nossa brincadeirinha com Anden. Mas aí os canadenses sacaram que a gente não devia estar no país deles, e tivemos que fugir de volta para o sul. Um monte dos nossos se mandou sei lá pra onde. Não sei por onde anda metade do nosso grupo original. Vai ver alguns deles continuam no Canadá. Quando correu a notícia sobre Day, Tessinha perguntou se podia deixar a gente e se mandar sozinha de volta pra Denver. Eu não queria que *apagassem ela,* por isso todo mundo voltou também. – Pascao olha para baixo um instante. Não para de falar, mas dá pra ver que está só balbuciando, tentando apresentar um motivo, mas não a principal razão: – Com o ataque das Colônias, achei que, se a gente tentasse ajudar vocês no seu esforço de guerra, talvez nós fôssemos perdoados e autorizados a ficar no país, mas sei que o Eleitor não deve ser nosso maior...

– O que está acontecendo aqui?

Ao ouvir essa voz, todos nos viramos, bem na hora em que os soldados prestavam continência. Eu estava agachado, mas me levanto e vejo Anden de pé à porta, acompanhado por um grupo de guarda-costas. Seus olhos escuros estão ameaçadores. Ele olha fixamente primeiro para June, e depois para mim e os Patriotas. Embora não fizesse muito tempo que o deixamos para trás falando com seus generais, há uma leve camada de poeira nos ombros de seu uniforme, e seu rosto está sombrio. O capitão que falou antes conosco pigarreia, nervoso,

e tenta se explicar:

– Lamento, Eleitor, mas detivemos esses criminosos perto do quartel dos blindados...

Ao ouvir isso, June cruza os braços e diz:

– Então suponho que não tenha sido *você* que autorizou essa detenção, não é, Eleitor? – Sua voz está cortante, o que me faz pensar que neste momento a relação dos dois não é das melhores.

Anden contempla a cena. Nossa discussão durante o percurso de carro ainda devia estar fervilhando na sua cabeça, e ele sequer se deu o trabalho de olhar para mim de novo. Que bom! Vai ver eu consegui passar meu recado. Finalmente, ele faz um sinal com a cabeça e pergunta ao capitão:

– Quem são eles?

– Ex-Patriotas, senhor.

– Sei... Quem ordenou essa detenção?

O capitão fica vermelho como uma beterraba.

– Bem, Eleitor – responde ele, tentando dar uma conotação oficial –, meu comandante...

Anden desvia a atenção do oficial mentiroso e começa a sair do recinto, ordenando, sem se virar.

– Tire as algemas deles. Mantenha todos aqui por enquanto, e depois os leve junto com o último grupo. Fique de olho neles. – Ele faz um gesto para que nós o acompanhemos. – Srta. Iparis e sr. Wing, por favor.

Olho mais uma vez para Tess, que observa os soldados soltarem as algemas dos seus pulsos, e depois saio com June. Éden corre até onde estou, quase esbarrando em mim, e pego sua mão mais uma vez.

Anden nos leva até um grupo de soldados da República. Franzo a testa ao ver a cena. Quatro deles estão ajoelhados, com as mãos na cabeça e os olhos baixos. Um chora em silêncio.

Os outros soldados do grupo apontam as armas para os que estão ajoelhados. O comandante diz a Anden:

– Estes são os guardas encarregados de vigiar a Comandante Jameson e o Capitão Bryant. Descobrimos uma comunicação suspeita entre um deles e as Colônias.

Não me admira que Anden quisesse nos trazer aqui para ver o rosto dos

nossos traidores em potencial. Olho para os guardas capturados. O que chora levanta a vista para Anden e fala, com olhos suplicantes:

– Eu lhe imploro, Eleitor. Não tive nada a ver com a fuga dos dois. Eu... Eu não sei como isso aconteceu. – Suas palavras são interrompidas por um disparo que lhe esfacela a cabeça.

O rosto de Anden, habitualmente pensativo e reservado, mostra-se gélido. Olho para os soldados e depois para ele, que se cala por um momento e depois faz um gesto afirmativo com a cabeça para seus comandados:

– Interroguem-nos. Se não colaborarem, atirem neles. Espalhem o que aconteceu aqui para o resto das tropas. Que sirva de lição para os traidores entre nós. Quero que saibam que vamos exterminar *todos*.

Os soldados com as armas batem as botas e dizem ao mesmo tempo:

– Sim, senhor.

Eles arrastam os acusados de traição para que fiquem de pé. Sinto um embrulho no estômago, mas Anden não retira suas palavras; observa os soldados sendo levados, gritando e implorando, para fora do abrigo. June parece apavorada enquanto os olhos seguem os prisioneiros.

Anden nos encara com uma expressão séria e afirma:

– As Colônias estão recebendo ajuda.

Um barulho seco ressoa em algum lugar acima de nós, e o chão e o teto estremecem em reação. June observa mais de perto o rosto de Anden, como se o estivesse analisando, e pergunta:

– Que espécie de ajuda?

– Vi as esquadrilhas deles no ar, pouco além do quartel dos veículos blindados. Os jatos não são todos das Colônias. Alguns têm estrelas africanas pintadas nas laterais. Meus generais me garantem que as Colônias estão suficientemente confiantes para terem estacionado uma aeronave e um esquadrão de jatos a menos de oitocentos metros dos nossos blindados, montando aeroportos improvisados à medida que avançam. Eles estão se preparando para outro ataque.

Aperto a mão de Éden. Ele estreita os olhos para ver as multidões de refugiados perto do metrô, mas provavelmente não consegue enxergar mais do que uma massa de borrões em movimento. Queria muito poder eliminar a expressão de medo do seu rosto.

– Por quanto tempo Denver vai resistir? – pergunto.

– Não sei – responde Anden, taciturno. – Os blindados são fortes, mas não temos como combater uma superpotência por muito tempo.

– Então, o que faremos agora? – indaga June. – Se não podemos resistir sozinhos, vamos simplesmente perder esta guerra?

Anden balança a cabeça e responde:

– Nós também precisamos de ajuda. Vou conseguir uma audiência com as Nações Unidas ou com a Antártida, e ver o que eles estão dispostos a fazer por nós. Podem garantir que ganhemos tempo suficiente para...

Ele olha de relance para meu irmão, silencioso e calmo ao meu lado. Sinto uma pontada de culpa e raiva. Estreito os olhos para Anden, e minha mão aperta com mais força o braço do meu irmão. Éden não merecia estar no meio desse furacão. Eu não merecia ter que escolher entre perder meu irmão ou este maldito país.

– Vamos torcer para isso não acontecer – digo.

Quando ele e June começam uma conversa minuciosa sobre a Antártida, olho para a sala onde Tess e os Patriotas estão detidos. Pela janela, vejo Tess cuidando com atenção da menina com o ombro sangrando, enquanto os soldados observam com expressões inquietas. Sei lá por que todos esses matadores experientes teriam medo de uma garotinha cheia de curativos e álcool. Estremeço ao pensar na maneira pela qual Anden ordenou que os soldados acusados fossem retirados do abrigo e mortos a tiros. Pascao parece frustrado e, por um momento, nossos olhares se encontram através da vidraça. Embora ele não mova os lábios, sei bem o que está pensando.

Ele sabe que encurralar os Patriotas dentro de uma sala enquanto civis e soldados estão sendo mortos acima do solo é um total e escandaloso desperdício.

– Eleitor – digo de repente, virando-me para encarar Anden e June. Ele se cala e olha para mim. – Deixe que eles saiam desse abrigo. – Quando Anden fica em silêncio, acrescento: – Eles podem ajudar no combate nas ruas. Aposto que são mais eficientes nas lutas de guerrilha do que qualquer um dos seus soldados, e como você ainda vai demorar um pouco para evacuar os setores pobres, precisa de toda a ajuda que conseguir.

June fica em silêncio sobre minha "jogada", mas Anden cruza os braços e diz:

– Day, perdoei os Patriotas por conta do nosso acordo original, mas não esqueci os problemas que tive com eles. Embora eu não queira ver seus amigos algemados como prisioneiros, não tenho nenhuma razão para acreditar que eles agora vão ajudar um país que aterrorizaram por tanto tempo.

– Eles são inofensivos – insisto. – Não têm mais por que lutar contra a República.

Anden retruca:

– Três prisioneiros no corredor da morte acabaram de fugir. As Colônias lançaram um ataque surpresa contra nossa capital e agora meus quase assassinos estão a dez metros de mim. Não estou muito disposto a perdoá-los.

– Estou tentando te ajudar – disparo. – Você acabou de pegar seus traidores, não foi? Você acha mesmo que os Patriotas tiveram alguma coisa a ver com a fuga da Comandante Jameson? Logo ela, que quis acabar com eles? Você acha que *gosto* de saber que os assassinos da minha mãe estão à solta? Solte os Patriotas, e eles lutarão a seu lado.

Anden estreita os olhos e indaga:

– Por que você acredita que eles serão leais à República?

– Se você permitir que *eu* os comande – Éden me olha, surpreso –, você vai ter a lealdade deles.

June me lança um olhar de advertência. Respiro fundo, engulo a frustração e me obrigo a ficar calmo. Ela está certa. É burrice eu brigar com Anden porque preciso que ele fique do meu lado.

– Por favor – acrescento, em um tom de voz mais calmo. – Deixe que eu ajude. Você precisa confiar em *alguém.* Não permita que lá fora as pessoas morram.

Anden examina meu rosto por um longo momento; sinto um calafrio ao reparar em como ele se parece com o pai. Mas a semelhança logo desaparece e é substituída pelo olhar sério e preocupado de Anden, como se ele de repente se lembrasse de quem somos. Ele dá um longo suspiro e aperta os lábios.

– Conte-me seu plano, e então decidiremos. Nesse meio tempo, sugiro que você ponha seu irmão em um dos trens do metrô. – Ao ver minha expressão, ele acrescenta: – Ele vai estar a salvo até você se reunir a ele. Você tem minha palavra.

Ele então vai embora e faz um sinal para que June o acompanhe. Solto minha

respiração ao ver um soldado levar Anden e June até um grupo de generais. June me olha por cima do ombro quando eles se afastam. Sei que ela está pensando o mesmo que eu: ela se preocupa com os efeitos que esta guerra está causando em Anden, em todos nós, aliás.

Lucy interrompe meus pensamentos:

– Acho que devemos levar seu irmão para o trem dos refugiados. – Ela me olha, solidária.

– Está bem. – Olho para Éden e lhe dou uma pancadinha no ombro. Eu me esforço para confiar na promessa do Eleitor. – Vamos até o trem para saber em detalhes como tirar vocês daqui.

– E você? – pergunta Éden. – Vai mesmo chefiar um tipo de ataque?

– Me encontro com vocês em Los Angeles, prometo.

Éden fica em silêncio enquanto abrimos caminho até a plataforma do trem e deixamos os guardas nos escoltarem até a frente. A expressão dele é séria e soturna. Quando finalmente alcançamos a porta de vidro fechada do trem, eu me inclino até o nível dos olhos dele.

– Escute bem: lamento não poder ir com você agora, mas preciso ficar aqui pra ajudar, está certo? Lucy vai ficar com você e te manter em segurança. Vou me juntar a vocês em breve...

– Tá bom... – interrompe Éden, me dando as costas.

Pigarreio. Éden é fanático por tecnologia e chega às vezes a ser irritante, mas raramente se zanga dessa maneira. Mesmo depois de sua cegueira, permaneceu otimista, por isso sua agressividade me desconcerta.

– Que bom! – decido responder. – Fico feliz que você...

Ele volta a se virar para mim.

– Você está escondendo alguma coisa de mim, Daniel. Eu *sei* que está. O que é?

Paro e respondo:

– Não, não estou.

– Você mente muito mal. – Éden se livra de mim e franze a testa. – Tem coisa aí. Deu pra sentir na voz do Eleitor, e depois você disse uma coisa esquisita pra mim no outro dia: que você tinha medo de que os soldados da República fossem bater à nossa porta... Por que eles fariam isso de repente? Pensei que estava tudo bem agora.

Suspiro e inclino a cabeça. Os olhos de Éden se suavizam um pouco, mas ele se mantém sério.

– O que é? – repete.

Ele tem onze anos. Merece saber a verdade.

– A República está querendo realizar mais experimentos em você – respondo, mantendo a voz o mais baixo possível para que só ele possa ouvir. – Há um vírus se espalhando pelas Colônias, e eles acham que você tem o antídoto no seu sangue. Querem levá-lo para os laboratórios.

Éden fixa o olhar na minha direção por um momento longo e silencioso. Acima de nós, mais um barulho surdo estremece a terra. Eu me pergunto se o quartel dos blindados estará resistindo. Os segundos passam devagar. Finalmente, ponho a mão no braço dele e digo, tentando animá-lo:

– Não vou deixar que eles te levem, ouviu? Você vai ficar bem. Anden, o Eleitor sabe que não pode te levar sem se arriscar a provocar uma revolução. Ele não pode te levar sem que eu autorize.

– Todas aquelas pessoas nas Colônias vão morrer, não vão? – pergunta Éden baixinho. – Todas as que estão contaminadas?

Hesito. Na verdade, nunca perguntei muita coisa sobre quais eram os sintomas da praga; parei de ouvir no instante em que mencionaram meu irmão.

– Não sei – confesso.

– E elas vão espalhar o vírus pela República. – Éden baixa a cabeça e torce as mãos. – Se duvidar, já estão fazendo isso agora. Se eles tomarem a capital, a doença vai se espalhar, não vai?

– Não sei – repito.

Os olhos de Éden procuram meu rosto. Embora ele esteja quase cego, percebo infelicidade neles. – Você não precisa tomar as decisões por mim.

– Eu não achei que estivesse fazendo isso. Você não quer ir para LA? Lá é mais seguro, e eu já te disse que vou me encontrar com vocês, prometo.

– Não, não tô falando disso. Por que você decidiu não me contar nada?

É por *isso* que ele está aborrecido?

– Você tá de gozação, né?

– Por quê? – insiste Éden.

– Você teria *concordado?* – Eu me aproximo dele, olho de relance para os soldados e os refugiados, e baixo a voz. – Sei que declarei meu apoio a Anden,

mas isso não quer dizer que esqueci o que a República fez com nossa família. Com *você*. Quando você ficou doente, quando as patrulhas da praga vieram à nossa casa e te levaram naquela maca, com sangue escurecendo seus olhos... – Paro de falar e faço a cena desaparecer. Já a revivi um milhão de vezes, não preciso fazer isso de novo. A lembrança me provoca um espasmo de dor na nuca.

– Você pensa que eu não sei disso? – replica Éden, em voz baixa e desafiadora. – Você é meu irmão e não minha mãe.

Estreito os olhos e digo:

– Agora eu sou.

– Não, você não é. Mamãe está morta. – Éden respira fundo. – Lembro muito bem o que a República fez com a gente, é claro que me lembro. Mas as Colônias estão invadindo, e quero ajudar.

Não consigo acreditar que Éden esteja dizendo isso. Ele não compreende até onde a República pode chegar. Será que esqueceu os experimentos? Eu me inclino para a frente e ponho a mão no seu pulso minúsculo.

– Os testes podem te matar, você se dá conta disso? E talvez nem encontrem a cura usando o seu sangue.

Éden se retrai mais uma vez e diz:

– A decisão é minha, não sua.

Suas palavras ecoam as que June disse antes.

– Tudo bem – replico. – Então, o que você quer fazer, guri?

Ele se enrijece e responde:

– Talvez eu queira ajudar.

– Você está mesmo de gozação! Você quer se voluntariar para os testes? Será que não está fazendo isso só pra me contrariar?

– Eu estou falando sério.

Sinto um nó na garganta e me ponho a falar:

– Éden, perdemos mamãe e John. Papai também já se foi. Você é tudo o que eu tenho. Não posso te perder também. Tudo que fiz até hoje foi por você. Não vou deixar que se arrisque para salvar a República, muito menos as Colônias.

O desafio se esvai dos olhos de Éden. Ele leva os braços até o corrimão e apoia a cabeça nas mãos.

– Se tem uma coisa de que eu tenho certeza é que você não é egoísta.

Não digo nada. Eu *sou* um egoísta. Quero que Éden fique protegido, fora do

alcance do mal, e que se dane o que ele achar disso. Mas suas palavras me fazem sentir culpa. Quantas vezes John tentou me manter longe de problemas? Quantas vezes ele me preveniu para não me meter com a República, nem tentar encontrar a cura para Éden? Nunca lhe dei ouvidos, e não me arrependo. Éden me olha com olhos que não podem ver, deficiência essa causada pela República. E agora ele está se oferecendo como um cordeirinho para o abate, e não consigo entender por quê.

Não é verdade. Eu entendo. Ele é igual a mim e está fazendo exatamente o que eu faria.

Mas a ideia de perdê-lo é insuportável. Ponho a mão em seu ombro e o oriento para dentro do vagão.

– Primeiro você vai para LA. Depois a gente fala sobre isso. É melhor você pensar melhor, porque se se oferecer como voluntário e...

– Eu *já* pensei – responde Éden. Depois se solta de mim e recua, atravessando a porta da sacada. – E depois, se viessem me pegar, você acha mesmo que a gente seria capaz de impedir?

E então chega a vez dele. Lucy o ajuda a entrar no trem, e seguro sua mão por um instante, antes que ele precise soltá-la. Apesar de estar muito aborrecido comigo, Éden aperta minha mão com força e diz:

– Vem logo, tá bem?

De repente, ele atira os braços ao redor do meu pescoço. Ao seu lado, Lucy me dá um dos seus sorrisos reconfortantes.

– Não se preocupe, Daniel. Vou ficar de olho nele como uma águia.

Faço um sinal de agradecimento com a cabeça. Depois abraço Éden com força e respiro fundo.

– Não vou demorar, não, garoto – sussurro. Depois, relutante, solto os dedos dele dos meus, e Éden desaparece no metrô. Momentos depois, o trem sai da estação, carregando a primeira leva de refugiados rumo à costa oeste da República, deixando para trás as palavras de Éden martelando na minha cabeça.

Talvez eu queira ajudar.

Depois que o trem parte, permaneço sentado por um tempo, perdido em pensamentos, relembrando repetidamente aquelas palavras. Eu agora sou seu tutor e tenho todo o direito de cuidar para que não sofra nenhum mal. Não sou louco para deixar que ele volte a ser cobaia dos laboratórios da República, depois

de tudo o que fiz para que ele não voltasse para lá. Fecho os olhos e enterro as mãos no cabelo.

Após algum tempo, volto para sala onde estão os Patriotas. A porta está aberta. Quando entro, Pascao para de alongar os braços e Tess olha para mim de onde está terminando de colocar o curativo no ombro machucado da garota.

– Então – digo, fixando o olhar em Tess –, vocês voltaram para mostrar às Colônias o significado da palavra inferno?

Tess olha para baixo.

Pascao dá de ombros e diz:

– Não vai fazer diferença se não deixarem a gente voltar. Por quê? Você tem alguma coisa em mente?

– O Eleitor deu permissão para vocês voltarem. Desde que eu fique no comando, ele acha que a gente não vai fazer nada contra a República.

Que medo mais idiota, penso. Eles estão com meu irmão.

Um leve sorriso se espalha no rosto de Pascao.

– Isso aí pode ser bem maneiro. Conta logo teu plano.

Ponho as mãos no bolso e volto a usar minha máscara arrogante.

– Tem a ver com uma coisa que eu sei fazer bem.

51,5 HORAS DESDE MINHA CONVERSA COM THOMAS.
15 HORAS DESDE QUE ESTIVE COM Day.
8 HORAS DESDE QUE AS COLÔNIAS BOMBARDEARAM O QUARTEL DOS VEÍCULOS BLINDADOS.

Estamos no avião do Eleitor, a caminho de Ross City, na Antártida.

Estou sentada em frente a Anden. Ollie está deitado a meus pés. Os outros dois Primeiros Cidadãos se encontram num compartimento anexo, separados de nós por um vidro (de 1m x 2m, à prova de bala, o emblema da República gravado no lado voltado para mim, a julgar pelo contorno da gravação). Do lado de fora da janela, o céu está azul; um cobertor de nuvens forra a parte inferior de nossa visão. A qualquer minuto devemos sentir o avião mergulhar e ver a metrópole da Antártida se estender à nossa frente.

Permaneci calada a maior parte da viagem, escutando Anden atender uma série de ligações intermináveis de Denver sobre a batalha. Só quando estamos quase sobrevoando as águas da Antártida ele finalmente fica em silêncio. Observo a luz brincar sobre seus traços, contornando o rosto jovem cuja mente abriga pensamentos pessimistas sobre o mundo.

– Qual é a história entre nós e a Antártida? – pergunto, após algum tempo. O que realmente quero saber é: "Você acha que eles vão nos ajudar?", mas essa pergunta é meio descabida, já que é impossível de ser respondida e, consequentemente, inútil.

Anden desvia o olhar da janela e concentra os brilhantes olhos verdes em mim.

– A Antártida é nossa aliada. Nos ajuda há décadas. Nossa economia não é forte o bastante para se aguentar por si só.

Ainda me inquieta o fato de que a nação que outrora acreditei ser tão poderosa esteja lutando para sobreviver.

– E qual é nosso relacionamento com eles agora?

Anden continua a me olhar fixamente. Percebo a tensão nos seus olhos, mas o rosto continua sereno.

– A Antártida prometeu duplicar sua ajuda se conseguirmos elaborar um

tratado que faça com que as Colônias voltem a se entender conosco. E ameaçou cortar sua assistência financeira pela metade se não fecharmos um acordo até o final do ano. – Ele faz uma pausa. – Essa visita não é apenas para pedir ajuda, mas também para tentar persuadi-los a não suspender esse apoio.

Temos de explicar por que tudo desmoronou. Engulo em seco e pergunto:

– E por que a Antártida?

– Eles têm uma longa rivalidade com a África – responde Anden. – Se tem algum país poderoso que pode nos ajudar a vencer uma guerra contra as Colônias, esse país é a Antártida. – Ele se inclina para a frente e apoia os cotovelos nos joelhos. Suas mãos enluvadas estão a trinta centímetros das minhas pernas. – Vamos ver o que vai acontecer. Devemos muito dinheiro a eles, que não têm estado muito satisfeitos conosco nos últimos anos.

– O Presidente já se reuniu pessoalmente com você?

– Às vezes eu vinha com meu pai às reuniões dos dois. – Ele me dá um sorriso maroto, que me provoca uma inesperada sensação gostosa no estômago. – Durante as reuniões, ele era um sedutor. Você acha que tenho alguma chance?

Retribuo o sorriso. Percebo o duplo sentido em sua pergunta; ele não se referiu apenas à Antártida. Resolvo dizer então:

– Você é carismático, se é isso que quer saber.

Anden dá uma risadinha que me anima. Ele desvia o olhar, baixa os olhos e murmura:

– Ultimamente não tenho conseguido encantar ninguém.

O avião mergulha. Fico atenta à janela, respiro fundo e me esforço para que ele não repare que minhas bochechas estão coradas.

As nuvens se aproximam à medida que descemos, e logo somos envoltos por uma névoa cinzenta em espiral. Após alguns minutos, ela se abre e vemos uma extensão maciça de terra coberta por uma densa camada de altos edifícios, de grande variedade de cores. Prendo a respiração diante desse panorama. Um só olhar é tudo de que preciso para constatar a enorme distância de tecnologia e riqueza entre a República e a Antártida. Uma cúpula fina e transparente se estende pela cidade, mas a atravessamos tão

facilmente como fizemos com as nuvens.

Cada construção parece ter a capacidade de mudar de cor por capricho (duas passaram de um tom verde-pastel para um azul-escuro, e outra, de dourado para branco). Todos os edifícios parecem novos em folha, reluzentes e impecáveis de uma maneira em que pouquíssimos prédios da República se encontram. Pontes enormes e harmoniosas estão ligadas a muitos dos gigantescos arranha-céus, brilhantemente brancas sob o sol. Cada uma delas liga o andar do prédio a seu prédio adjacente, formando uma rede semelhante a uma colmeia de marfim.

As pontes mais elevadas têm plataformas redondas no meio. Ao olhar mais de perto, vejo o que parecem ser aeronaves estacionadas nas plataformas. (Mais uma esquisitice: todos os edifícios têm enormes hologramas prateados de números flutuando sobre o telhado, e cada um deles varia de zero a trinta mil. Franzo a testa; estariam sendo emitidos por uma luz em cada telhado? Talvez representem a população que vive em cada um dos arranha-céus, embora, se fosse esse o caso, trinta mil seria um teto relativamente baixo, em vista do tamanho de cada edifício.)

A voz do piloto, pelo dispositivo de comunicação, nos avisa que vamos aterrissar. À medida que os prédios coloridos pouco a pouco ocupam nossa visão, focalizamos uma das plataformas da ponte. Lá em baixo, vejo funcionários se apressando para preparar o pouso do nosso jato. Quando finalmente pairamos sobre a plataforma, um solavanco nos joga de lado nos assentos. Ollie levanta a cabeça e rosna.

– Estamos sendo magneticamente aterrissados – explica Anden, ao ver minha expressão surpresa. – Daqui em diante, nosso piloto não precisa fazer nada. A própria plataforma vai nos pousar.

Pousamos tão harmoniosamente que não sinto nada. Quando saímos do avião junto com nossa comitiva de senadores e guardas, fico impressionada com a temperatura agradável. E surpresa com a brisa fresca e o calor do sol. Não estamos num dos polos da Terra? (Calculo que a temperatura seja de 22°C, com ventos do sudoeste e uma brisa surpreendentemente leve, considerando-se a altura em que estamos do solo.) Lembro-me então da cúpula fina e transparente que atravessamos. Pode ser a maneira pela qual o clima nas cidades da Antártida é controlado.

Fico também abismada ao ver que somos imediatamente transportados para uma tenda de plástico por uma equipe usando trajes brancos à prova de riscos biológicos e máscaras de gás. (A notícia da praga nas Colônias já deve ter chegado até aqui.) Uma pessoa rapidamente inspeciona meus olhos, nariz, boca e ouvidos, e em seguida passa uma intensa luz verde pelo meu corpo inteiro. Espero, calada e inquieta, enquanto a pessoa (não dá para saber se é homem ou mulher) analisa a leitura num dispositivo manual. Pelo canto do olho, vejo Anden ser submetido aos mesmos testes. Ser o Eleitor da República não exclui necessariamente a possibilidade de estar contaminado pela praga. Passam-se uns dez minutos antes de sermos todos liberados e conduzidos para fora da tenda.

Anden cumprimenta três autoridades da Antártida (cada uma vestindo um traje verde, preto ou azul, talhado em estilo estranho), que nos esperam na ponte de pouso com alguns guardas.

– Espero que tenham feito boa viagem – diz uma delas quando Mariana, Serge e eu nos aproximamos. Ela nos cumprimenta em inglês, mas tem um sotaque forte e exuberante. – Se preferirem, podemos mandá-los de volta para casa em um de nossos jatos.

A República está longe de ser perfeita; sei disso há muito tempo, desde que conheci Day, mas as palavras dessa mulher são tão arrogantes que me dão raiva. Parece que nossos jatos não valem grande coisa para eles. Olho para Anden a fim de ver sua reação, mas ele simplesmente inclina a cabeça, dirige um lindo sorriso à mulher e diz:

– *Gracias,* Lady Medina. A senhora é sempre tão gentil. Agradeço muito sua oferta, mas não quero importunar. Vamos nos contentar com nossos jatos.

Não posso deixar de admirar Anden. A cada dia, comprovo a pesada carga que ele carrega.

Depois de alguma discussão, relutantemente deixo um dos guardas levar Ollie para o quarto de hotel onde vou ficar hospedada. Depois seguimos em silencioso cortejo quando nossos anfitriões nos conduzem para fora da plataforma e pela ponte, rumo ao edifício anexo (de cor escarlate, embora eu não saiba direito se isso foi em honra do nosso pouso). Faço questão de caminhar perto da beira da ponte, para poder contemplar a cidade lá

embaixo.

Excepcionalmente, demoro a contar os andares (baseada nas pontes que se expandem de todos os andares, este edifício tem mais de trezentos andares, aproximadamente trezentos e vinte e sete, embora eu tenha desviado o olhar algumas vezes para não ter vertigens). A luz do sol banha os andares superiores, mas os andares inferiores estão também bastante iluminados; devem estar simulando a luz do sol para os pedestres no térreo. Observo Anden e Lady Medina conversando, rindo como se fossem velhos amigos. Anden está tão concentrado na conversa, que não sei dizer se simpatiza de verdade com essa mulher ou se está apenas sendo politicamente correto. Aparentemente, nosso falecido Eleitor soube treinar bem o filho em relações internacionais.

A entrada pela ponte do edifício, uma abóbada emoldurada por espirais rebuscadamente gravadas, desliza para nos receber. Estamos num lobby bem decorado (um espesso tapete cor de marfim que, para meu fascínio, explode em espirais coloridas onde quer que eu pise; fileiras de vasos de palmeiras, uma parede de vidro curvado exibindo anúncios vívidos e o que parece ser um tipo de estações interativas para coisas que não compreendo). Ao caminharmos, as autoridades que nos receberam nos entregam um fino par de óculos. Anden e muitos dos senadores imediatamente os colocam, como se estivessem acostumados a esse ritual, mas, de qualquer forma, os anfitriões nos dão uma explicação. Eu me pergunto se sabem quem sou, ou se se importam com isso. É evidente que repararam que fiquei intrigada com os óculos.

– Usem esses óculos durante toda a sua estada – recomenda-nos Lady Medina com seu forte sotaque, embora eu saiba que suas palavras se dirigem a mim. – Eles vão ajudá-los a ver como é Ross City.

Perplexa, ponho os óculos.

Pisco, surpresa. A primeira coisa que *sinto* é uma pequena cócega nos ouvidos, e a primeira que *vejo* são pequenos números brilhantes pairando sobre as cabeças de nossos anfitriões da Antártida. Lady Medina estampa *28.627: NÍVEL 29,* enquanto seus dois acompanhantes (que ainda não emitiram nenhum som) têm os números *8.819: NÍVEL 11* e *11.201: NÍVEL 13.* Quando olho ao redor do lobby, reparo que há vários números e

palavras virtuais espalhados: acima da planta verde bulbosa no canto pode-se ver *ÁGUA: +1,* enquanto *LIMPO: +1* flutua sobre uma mesa lateral escura em meio círculo. Pelo canto dos óculos, vejo estas palavras minúsculas e reluzentes:

JUNE IPARIS
PRIMEIRA CIDADÃ 3
REPÚBLICA DA AMÉRICA
NÍVEL 1
22, SETEMBRO, 2132
CONTAGEM DIÁRIA: 0
CONTAGEM ACUMULADA: 0

Recomeçamos a andar. Nenhum dos outros parece muito preocupado com o massacre do texto e dos números virtuais dispostos sobre o mundo real, por isso fico sozinha com minha intuição. (Embora os anfitriões não estejam usando óculos, de vez em quando eles piscam para as coisas virtuais de uma forma que me faz pensar se têm algum dispositivo implantado nos olhos, ou talvez no cérebro, que permanentemente simule todas essas coisas virtuais para eles.)

Um dos dois companheiros de Lady Medina, um homem de ombros largos, cabelos brancos, olhos muito escuros e pele acastanhada, caminha mais devagar do que os outros. Ele acaba me alcançando quase no fim do cortejo e se põe ao meu lado. Fico nervosa com sua presença, mas quando ele fala, sua voz é baixa e gentil:

– Srta. June Iparis?

– Sim, senhor – respondo, e baixo a cabeça em sinal de respeito, como Anden havia feito. Para minha surpresa, vejo que mudam os números no canto dos meus óculos:

22, SETEMBRO, 2132

CONTAGEM DIÁRIA: 1

CONTAGEM ACUMULADA: 1

Minha mente entra em parafuso. De alguma forma, os óculos devem ter registrado minha breve reverência e acrescentaram um ponto ao sistema de contagem da Antártida, o que quer dizer que fazer uma reverência equivale a um ponto. Isso também acontece quando percebo outra coisa. Quando o homem grisalho falou, não detectei nenhum sotaque: ele estava falando um inglês perfeito. Olho de relance para Lady Medina e, ao ouvir algumas palavras do que ela está dizendo a Anden, reparo que seu inglês também está impecável. A coceira que senti nos ouvidos quando coloquei os óculos talvez esteja agindo como um tipo de dispositivo de tradução de idiomas, fazendo com que as pessoas da Antártida voltem à sua língua nativa ao se comunicarem conosco, sem que percamos o significado de nada.

O homem grisalho se inclina para mim e sussurra:

– Sou o soldado Makoare, um dos mais recentes guarda-costas de Lady Medina. Ela me designou para ser seu guia, srta. Iparis, porque a senhorita não conhece nossa cidade. É muito diferente da sua República, não é?

Ao contrário de Lady Medina, a maneira pela qual o soldado Makoare falou não foi nada condescendente, e sua pergunta não me afeta negativamente.

– Obrigada, senhor – respondo, agradecida. – Sim, devo reconhecer que esses números virtuais que vejo em todos os lugares me são estranhos e não os compreendo bem.

Ele sorri e coça o queixo grisalho.

– A vida em Ross City é um jogo do qual todos nós participamos. Os nativos da Antártida não precisam de óculos como os visitantes: todos temos *chips* inseridos perto das nossas têmporas quando fazemos treze anos. É um programa que atribui pontos a tudo ao nosso redor. – Ele gesticula para as plantas e pergunta: – A senhorita está vendo as palavras *Água – Mais Um* pairando sobre aquela planta? – Faço um aceno afirmativo com a cabeça. – Por exemplo, se a senhorita quisesse regar aquela planta, receberia um ponto por isso. Quase todas as ações positivas de uma pessoa em Ross City lhe dão pontos, enquanto as ações negativas tiram pontos. À medida que se

acumulam pontos, galgam-se níveis. Neste instante, seu nível é Um. – Ele faz uma pausa e aponta para o número virtual que flutua acima de sua cabeça. – Meu nível atual é Treze.

– Qual o sentido de se ganhar mais níveis? – pergunto, quando saímos do hall e entramos num elevador. – Isso determina seu status na cidade? Serve para manter os civis na linha?

O soldado Makoare concorda com a cabeça e afirma:

– A senhorita vai ver.

Saímos do elevador e nos dirigimos a mais uma ponte (desta vez, ela está coberta por um teto de vidro arqueado) que liga este edifício a outro. Enquanto caminhamos, começo a entender o que o soldado Makoare quer dizer. O novo prédio em que entramos é uma enorme academia. Quando espreitamos através de painéis de vidro, vejo salas de aula cheias de fileiras que devem ser de estudantes: todos têm suas contagens de pontos e níveis pairando sobre as cabeças. À frente da sala, uma gigantesca tela de vidro exibe uma série de perguntas de matemática, acima das quais mostram uma contagem reluzente de pontos:

CÁLCULO - SEGUNDO SEMESTRE

P1: 6 PTS

P2: 12 PTS

E assim por diante. A certa altura, reparo que um dos alunos tenta se debruçar sobre um colega para "colar". A contagem de pontos sobre sua cabeça fica vermelha, e um segundo depois o número diminui cinco pontos:

COLA: -5 PTS

1.642: NÍVEL 3

O aluno fica sem reação, e depois volta rapidamente a prestar atenção na sua prova.

O soldado Makoare sorri ao me ver analisando a situação.

– O nível que a pessoa tem é importantíssimo em Ross City. Quanto maior o seu nível, mais dinheiro você pode ganhar e mais respeito você terá.

Você pode candidatar-se aos cargos mais importantes também. Os indivíduos com as maiores contagens são muito admirados e famosos. – Ele aponta para as costas do estudante que tentou colar. – Como a senhorita pode ver, nossos cidadãos se encontram tão absorvidos nesse jogo da vida, que a maioria sabe muito bem que não deve fazer coisas que diminuirão suas contagens. Como resultado, a incidência de crimes em Ross City é mínima.

– Fascinante – murmuro com os olhos ainda fixos na sala de aula, mesmo quando chegamos ao final do corredor e nos dirigimos a outra ponte. Depois de algum tempo, surge uma nova mensagem no canto dos meus óculos:

CAMINHOU 1.000 METROS: +2 PTS

CONTAGEM DIÁRIA: 3

CONTAGEM ACUMULADA: 3

Para minha surpresa, ver esses números me provoca uma breve sensação de dever cumprido. Viro-me para o soldado Makoare e digo:

– Dá pra entender por que esse sistema de nivelamento é uma boa motivação para os seus conterrâneos: ele é genial!

Acho melhor não dizer em voz alta meu pensamento seguinte, mas secretamente me pergunto: *Como eles fazem para diferenciar boas e más ações?* Quem decide isso? O que acontece quando alguém fala mal do governo? Sua contagem sobe ou desce? Fico maravilhada com a tecnologia disponível no país: ela evidencia, pela primeira vez, o enorme atraso da República em relação à Antártida. Será que as coisas sempre foram assim tão desiguais? Será que alguma vez fomos os líderes?

Após algum tempo, nós nos acomodamos em um edifício com uma grande sala circular usada para reuniões diplomáticas (Lady Medina a chama de "Sala de Debates"). O recinto está cheio de bandeiras de países ao redor do mundo. No centro da sala há uma comprida mesa de mogno. Os representantes da Antártida se sentam em um dos lados, e nós, do outro. Mais dois representantes com níveis próximos ao de Lady Medina se juntam a nós quando começamos a apresentar nossa proposta, mas é um terceiro representante que atrai minha atenção. Ele é um quarentão de cabelo cor de

bronze, pele morena e barba bem aparada. As palavras que flutuam sobre sua cabeça dizem *NÍVEL 202.*

– Este é o Presidente Ikari – anuncia Lady Medina ao apresentá-lo a nós. Anden e os demais senadores inclinam respeitosamente a cabeça, e eu faço o mesmo. Embora não me atreva a desviar os olhos da conferência, posso ver a bandeira da República com minha visão periférica. Com meus óculos, vejo os dizeres virtuais *REPÚBLICA DA AMÉRICA* em letras reluzentes acima da bandeira. Bem ao seu lado está a bandeira das Colônias, com suas listras pretas e cinza e o cintilante pássaro dourado no centro.

Algumas bandeiras dos outros países exibem a palavra *"Aliado"* sob o nome, mas não a nossa.

Desde o início, a discussão é tensa.

– Parece que os planos de seu pai se viraram contra vocês – diz o Presidente a Anden. Ele se inclina rigidamente para a frente e continua: – É claro que as Nações Unidas estão preocupadas porque a África já se uniu às Colônias. As Colônias recusaram o convite para se reunir conosco.

Anden suspira e diz:

– Nossos cientistas estão trabalhando muito para encontrar a cura. – Reparo que ele não menciona o irmão de Day, nem a falta de cooperação dele. – Mas as forças das Colônias estão inundadas de dinheiro e do apoio militar da África. Precisamos de ajuda para reprimi-las ou seremos derrotados ainda este mês. O vírus poderia se alastrar para nosso país também...

– O senhor fala com ardor – interrompe o Presidente –, e não tenho dúvida de que está realizando grandes feitos como novo líder da República, mas numa situação como esta, o vírus precisa ser contido, e eu soube que as Colônias já invadiram sua fronteira.

Os olhos cor de mel do Presidente são penetrantemente vivos. Quando Serge tenta falar, o Presidente o silencia na hora e não tira os olhos de Anden.

– Deixe que seu Eleitor responda.

Serge se recolhe, mal-humorado, mas não antes de eu perceber um olhar presunçoso entre os senadores. Isso me dá raiva. Eles – o senador, o presidente da Antártida e até os próprios Primeiros Cidadãos – estão

zombando de Anden de maneira sutil, interrompendo-o, enfatizando sua pouca idade. Olho para Anden, e silenciosamente desejo que ele se defenda. Mariana lhe dirige um aceno positivo com a cabeça e diz:

– Senhor?

Sinto alívio quando Anden dirige um olhar reprovador a Serge, levanta o queixo e responde calmamente:

– Sim, conseguimos detê-los até agora, mas eles estão nos arredores de nossa capital.

O Presidente se inclina para a frente e apoia os cotovelos na mesa.

– Quer dizer que há uma possibilidade de que esse vírus já tenha chegado ao seu território?

– Sim – responde Anden.

O Presidente se cala por um momento e finalmente pergunta:

– O que exatamente o senhor deseja de nós?

– Precisamos de suporte militar. Seu exército é o melhor do mundo. Ajude-nos a proteger nossas fronteiras, mas, principalmente, ajude-nos a descobrir uma cura. As Colônias já nos advertiram que só um antídoto fará com que recuem. E nós precisamos de tempo para que isso aconteça.

O Presidente comprime os lábios e balança a cabeça.

– Nada de suporte militar, dinheiro ou suprimentos. Lamento, mas vocês já estão nos devendo muito. O que *posso* fazer é oferecer meus cientistas para ajudá-los a encontrar a cura para a doença, mas *não* vou enviar minhas tropas para uma área infestada por uma praga. É perigoso demais. – Ao ver a expressão no rosto de Anden, seu olhar se endurece e ele acrescenta: – Por favor, mantenham-nos a par, porque espero tanto quanto vocês que o assunto seja resolvido. Peço desculpas por não poder ser de mais ajuda para o senhor, Eleitor.

Anden se debruça na mesa, junta os dedos e pergunta:

– O que posso fazer para persuadi-lo a nos ajudar, sr. Presidente?

O Presidente recosta-se na cadeira e olha um instante para Anden com uma expressão meditativa. Isso me dá calafrios. Ele estava esperando que Anden perguntasse aquilo.

– O senhor vai ter de me oferecer algo que valha a pena – diz finalmente. – Uma coisa que seu pai nunca me ofereceu.

– E o que seria?

– Parte de suas terras.

Meu coração se contrai de dor ao ouvir essas palavras. Ceder terras. Para salvar nosso país, vamos ter de nos vender a outra nação. Isso faz eu me sentir como se estivéssemos vendendo nossos próprios corpos. Ou oferecendo um filho para um desconhecido. Ou destruindo parte de nossa casa. Olho para Anden, tentando decifrar suas emoções sob o exterior controlado.

Anden olha para ele durante um longo momento. Estará pensando o que seu pai diria numa situação dessas? Estará se perguntando se é um líder tão bom para seu país quanto foi seu pai? Finalmente, Anden baixa a cabeça e, com elegância e até humildade, diz com serenidade:

– Estou aberto a discussões.

O Presidente assente; percebo um sorrisinho no canto de sua boca.

– Então, vamos discutir. Se o senhor descobrir a cura desse vírus e se chegarmos a um acordo sobre as terras, eu lhe prometo suporte militar. Até então, o mundo vai ter de lidar com isso como fazemos com qualquer pandemia.

– E o que o senhor quer dizer com isso, Presidente?

– Vamos precisar vedar seus portos e fronteiras, assim como os das Colônias. Outras nações serão avisadas. Estou certo de que o senhor compreende.

Anden fica em silêncio. Espero que o Presidente não repare na minha expressão arrasada. A República inteira terá de ficar em quarentena.

June foi para a Antártida, e Éden, para Los Angeles, com a segunda leva de refugiados. O restante de nós está confinado neste abrigo, escutando enquanto as Colônias continuam a nos atacar. O combate parece pior agora. Às vezes a terra treme tanto que uma poeira fina cai do teto, cobrindo de cinzas as fileiras de refugiados que se apressam para entrar nos trens nas plataformas. Luzes giratórias acima do túnel nos deixam avermelhados. Eu me pergunto como estarão resistindo os outros abrigos da cidade.

As desocupações se tornam mais urgentes na medida em que cada trem que parte é substituído imediatamente por outro. Não se sabe por quanto tempo este túnel permanecerá estável. De vez em quando, vejo soldados empurrando civis de volta às filas. "Fila única!", gritam, levantando as armas de modo ameaçador. Seus rostos estão escondidos atrás das viseiras dos capacetes de choque, familiares demais para meu gosto. "Os dissidentes serão deixados para trás, sem hesitação. Vamos andando!"

Permaneço numa extremidade do abrigo, encolhido junto de Pascao, Tess e os outros Patriotas que sobraram, enquanto a chuva de poeira continua a cair. A princípio, alguns soldados tentaram me forçar a entrar num dos vagões, mas me deixaram em paz depois que os "amaciei" com um monte de palavrões. Agora estão me ignorando. Observo as pessoas encherem o trem por alguns segundos antes de voltar a conversar com Pascao. Tess está sentada ao meu lado, embora a tensão silenciosa entre nós me faça sentir como se ela estivesse a quilômetros de distância de mim. Minha dor de cabeça incessante lateja na minha nuca, a uma cadência monótona.

– Você viu mais da cidade do que eu – sussurro para Pascao. – Você acha que o quartel dos blindados está resistindo bem?

– Duvido muito. Com outro país ajudando as Colônias, não seria surpresa pra mim se o quartel dos blindados entregasse os pontos em poucos dias. Debaixo desse tipo de ataque, acho que eles não vão aguentar muito tempo, não.

Viro o rosto para ver quantas pessoas ainda estão esperando para embarcar nos trens.

– Como é que a gente pode dificultar as coisas pras Colônias? – pergunto.

É Frankie, a Hacker com o ombro machucado, quem me responde:

– Se a gente achar umas eletrobombas – diz, pensativa –, é bem possível que eu consiga reprogramá-las para interferir com algumas das armas das Colônias ou algo do tipo. Talvez também dê para destruir uns jatos inimigos com elas.

Jatos. É isso aí. Anden tinha mencionado os jatos das Colônias estacionados num aeroporto improvisado fora dos muros do quartel dos blindados.

– Eu posso conseguir algumas dessas bombas, e umas granadas também – afirmo.

Pascao estala a língua, animado.

– Quer dizer que a gente pode acrescentar diversão à nitroglicerina no seu plano? Adorei, cara! – Ele se vira e se dirige a Baxter, que me olha de cara feia. Sua orelha parece tão estropiada como sempre. – Baxter, você fica com Gioro e Frankie; eles vão precisar de cobertura enquanto executam o truque de mágica deles.

– Pascao – digo tranquilamente –, que tal um truque para chamar atenção dos pobres soldados das Colônias?

Ele ri e responde:

– Meu caro, sendo o Corredor que sou, diria que essa é uma das especialidades da casa!

– Vamos brincar com eles um pouco. Quero que você seja meu dublê enquanto eu me mando para o aeroporto improvisado deles.

– Maneiro!

– Ótimo. – Apesar da gravidade da situação, sorrio. Minha voz incorpora um tom arrogante: – Hoje à noite vamos mandar para os ares um monte de máquinas militares caras e inúteis.

– Você só pode estar de sacanagem! – replica Baxter. – A própria República não consegue manter as Colônias longe daqui, e você acha que nosso *grupinho* tem alguma chance?

– Nós não precisamos acabar com eles. Tudo que a gente tem que fazer é ganhar tempo, e sei que somos bons nisso.

Baxter solta uma gargalhada desdenhosa, mas o sorriso de Pascao aumenta. Tess se remexe desconfortavelmente ao meu lado. Ela deve estar se lembrando de todos os meus delitos passados, e das ataduras que precisava colocar em

mim depois de tudo que eu aprontava. Vai ver, está preocupada comigo. Ou talvez esteja satisfeita; talvez desejasse que eu não estivesse aqui, mas acontece que ela voltou por minha causa. Foi isso que ela disse, não foi? Ela ainda deve se importar comigo, pelo menos um pouco. Tento pensar na coisa certa a lhe dizer para acabar com este silêncio constrangedor, mas em vez disso faço perguntas às pessoas que participam da conversa:

– Vocês me disseram que voltaram pra cá porque queriam ser perdoados, mas podiam ter tentado fugir para outro país que não a República, certo? Aí vocês nem precisariam ajudar a República. Anden... isto é, o Eleitor, de qualquer maneira teria perdoado a todos vocês.

Olho para Pascao e digo:

– Você sabia disso, não sabia? Abre logo o jogo: por que vocês todos voltaram pra cá? Sei que não foi só porque ouviram meu apelo.

O sorrisinho de Pascao desaparece, e por um instante ele fica sério: suspira, olha para todos do nosso pequeno grupo e finalmente diz:

– Somos os Patriotas, certo? Nosso objetivo é ver os Estados Unidos se recuperarem de qualquer modo. Do jeito que as coisas estão nas Colônias, não sei se eles seriam os caras certos pra causar essa mudança. Mas reconheço que o novo Eleitor da República tem potencial, e depois da safadeza que o Razor fez com a gente, até *eu* acho que Anden pode ser a resposta que a gente tem procurado. – Pascao faz uma pausa e assente para Baxter, que apenas dá de ombros. – Até o Baxter concorda com isso.

Franzo a testa e digo:

– Quer dizer que vocês vieram pra cá porque realmente querem ajudar a República a vencer a guerra? Vocês querem, de verdade, nos ajudar a nos defendermos? – Pascao faz um sinal afirmativo com a cabeça. – Por que vocês não disseram isso quando foram presos? Teria feito diferença.

– Duvido muito. – Pascao balança a cabeça. – Eles nunca iriam acreditar na gente. Logo os Patriotas, os terroristas que costumavam botar os soldados da República pra correr sempre que tinham uma chance? Até parece. Achei que seria melhor a gente dar uma de humilde e pedir perdão. Isso ia parecer mais verdadeiro pro seu Eleitor e pra sua pequena Primeira Cidadã.

Fico em silêncio. Quando Pascao me vê hesitar, limpa a poeira das mãos e se levanta.

– Mais ação, menos conversa! A gente não tem tempo a perder; lá em cima tá uma loucura! – Ele gesticula para os outros Patriotas se juntarem num círculo e começa a atribuir as tarefas individuais. Eu fico agachado.

Tess respira fundo e, quando vê que estou olhando para ela, fala comigo pela primeira vez desde que nos reencontramos. Ela diz baixinho, para que os demais não possam ouvir: – Desculpa, Day.

Fico paralisado, apoiando os cotovelos nas pernas agachadas.

– Mas por quê? Você não fez nada de errado.

– Fiz sim. – Tess desvia o olhar. Como é que ela cresceu tão depressa? Continua magra e delicada, mas seus olhos pertencem a outra pessoa, a alguém mais madura. – Eu não tive a intenção de deixar você pra trás, nem tive a intenção de culpar June por tudo. Pra ser sincera, não acredito que ela seja má. *Nunca* acreditei nisso. É que eu estava muito... Chateada.

O rosto dela me atrai como um ímã, igual a quando a vi pela primeira vez, fuçando uma caçamba de lixo. Tenho vontade de dar um abraço nela, mas me controlo e espero que ela dê o primeiro passo.

– Tess... – digo devagar, tentando determinar a melhor maneira de expressar o que estou sentindo. Droga, já falei tanta besteira para ela... – Eu te amo. Independente do que acontecer entre nós.

Tess passa os braços ao redor dos joelhos e diz:

– Eu sei.

Engulo em seco e olho para baixo.

– Mas não do jeito que você gostaria. Lamento se te fiz pensar o contrário. Acho que nunca te tratei tão bem quanto você merecia. – Meu coração se contrai dolorosamente à medida que as palavras saem da minha boca e vejo o impacto que elas têm sobre ela. – Por isso, não se desculpe; a culpa é minha, não sua.

Tess balança a cabeça.

– Eu sei que você não me ama "daquele" jeito. Ou você acha que ainda não sei disso? – Sua voz tem um tom amargo. – Mas você não sabe o que sinto por você. Ninguém sabe.

Eu nivelo meu olhar com o dela.

– Então me conte.

– Day, você significa mais para mim do que uma simples paixonite. – Ela

franze o cenho ao tentar se explicar: – Quando o mundo inteiro me virou as costas e me condenou a morrer sozinha nas ruas, *você* me acolheu. Você foi a única pessoa que se importou com o que poderia me acontecer. Você foi tudo. *Tudo.* Você se tornou minha família: meus pais, meus irmãos e meu guardião, meu único amigo e companheiro; você foi meu protetor, mas, ao mesmo tempo, era alguém que precisava de proteção também. Entende? Eu não te amava da maneira que você achava que eu amava... Quer dizer, isso também fazia parte de tudo que eu sentia por você. Mas o que eu sinto vai muito além disso.

Abro a boca para responder, mas não sai uma palavra. Não sei o que dizer. Tudo que posso fazer *é ver.*

A respiração de Tess está trêmula.

– Por isso, quando pensei que June podia levar você embora, eu não soube o que fazer. Achei que ela estava levando tudo que me importava. Achei que ela estava *tirando* de você todas as coisas que eu não tinha. – Ela baixa os olhos. – É por isso que pedi desculpas. Lamento porque você *não* deveria ser *tudo* pra mim. Eu tinha você, mas me esqueci de que eu também tinha *a mim*. – Ela para e olha para os Patriotas, que conversam concentrados. – É um sentimento novo, ainda estou me acostumando com ele.

Nesse instante, voltamos a ser crianças. Estamos sentados na beirada de um prédio em ruínas, balançando as pernas e observando o sol se esconder no oceano, noite após noite. Penso no quanto já vivemos desde então e na distância que percorremos.

Estendo a mão e dou uma pancadinha no nariz dela como sempre fiz, e ela sorri pela primeira vez.

A noite rapidamente se transformou nas primeiras horas da manhã; a garoa e a neve derretida finalmente deram uma trégua, deixando a cidade reluzindo sob o luar. O alarme de desocupação ainda soa de vez em quando, e os telões continuam sua ameaçadora advertência para procurar abrigo, mas uma breve calmaria toma conta da frente de batalha e o céu não está cheio de jatos e explosões. Acho que ambos os lados devem estar descansando. Esfrego meus olhos cansados e tento ignorar minha dor de cabeça; preciso dormir um pouco.

– Você tá sabendo que não vai ser fácil, né? – murmura Pascao enquanto examinamos a manhã. – Eles devem estar espreitando, à procura de soldados da

República.

Estamos empoleirados no topo do quartel dos blindados, observando os campos além dos limites da cidade. Não é que as pessoas não morem do lado de fora do quartel dos blindados, mas, ao contrário de LA – que é uma grande extensão de edifícios que se fundem com as cidades vizinhas –, a população de Denver é mais dispersa fora da segurança de suas muralhas. Há pequenos aglomerados de prédios aqui e ali. Parecem desabitados, e me pergunto se a República viu que as Colônias se aproximavam e abrigou a população no quartel dos blindados. Embora as aeronaves das Colônias tenham regressado ao seu país para reabastecerem, eles deixaram vários jatos nos campos além dos muros da cidade, e as áreas que eles ocuparam estão profusamente iluminadas com holofotes.

Fico meio surpreso com minha repulsa à ideia de as Colônias tomarem posse da República. Há um ano, eu estaria gritando de alegria com todas as minhas forças ao observar essa mesma situação. Agora, porém, minha cabeça não para de ecoar o lema *Um país livre é um país corporativo.* A propaganda oficial das Colônias me dá arrepios.

Para ser sincero, é difícil escolher: ver meu irmão crescer sob o domínio das Colônias ou vê-lo ser levado pela República mais uma vez para ser usado como cobaia dos experimentos deles?

– É, eles devem estar vigiando – concordo. Afasto-me então da extremidade do quartel de blindados e começo a descer pelo muro. Ao longo do exterior dos muros do quartel, há jatos da República de prontidão. – Mas nós não somos soldados da República. Se eles podem lançar um ataque de surpresa contra nós, a gente também pode.

Pascao e eu estamos vestidos exatamente iguais: de preto dos pés à cabeça e máscaras no rosto. Não fosse por uma ligeira diferença de altura, não creio que alguém pudesse nos distinguir.

– Vocês dois estão prontos? – sussurra Pascao no microfone, dirigindo-se aos nossos hackers. Depois me olha de relance e aponta o polegar para cima. Se eles estão onde deveriam, então Tess também está. *Tenha cuidado.*

Pascao e eu nos juntamos aos soldados da República e deixamos que nos levem até uma passagem subterrânea pequena e discreta. Ela nos conduzirá para fora do quartel dos blindados até o território inimigo. Os soldados fazem um

sinal positivo com a cabeça para nos desejar boa sorte antes de voltarem para dentro. Quero muito que tudo dê certo.

Observo a área em que estão os jatos das Colônias. Quando fiz quinze anos, incendiei uma leva novinha em folha de caças F-472 da República, na base aérea de Burbank, em Los Angeles. Essa foi a primeira das peripécias que me levaram ao primeiro lugar da lista dos mais procurados, e um dos crimes que a própria June me fez confessar quando me prenderam. Eu executei essa proeza ao roubar galões de nitroglide azul altamente explosivo e depois derramar o líquido pelo bocal de exaustão e nas extremidades da cauda dos jatos. No instante em que os motores foram acionados, as caudas explodiram.

Parece que foi ontem que isso aconteceu. O desenho dos jatos das Colônias é diferente: têm asas esquisitas, protuberantes na frente, mas, no final das contas, são apenas máquinas. E desta vez, não estou trabalhando sozinho: tenho o apoio da República. Mais importante ainda: tenho os explosivos da República.

– Você está pronto para fazer sua parte? – sussurro. – As bombas estão aí?

– Você acha mesmo que *eu* ia me esquecer de trazer as bombas? Pensei que me conhecesse melhor. – O tom de voz de Pascao agora é debochado: – Day, sem sacanagem desta vez, ouviu, bonitão? Se você sentir vontade de mudar de ideia, só te digo uma coisa: é melhor me avisar primeiro pra gente pelo menos ter tempo de socar a tua cara.

Começo a rir e respondo:

– Sim, senhor!

Nossos trajes se misturam às sombras. Percorremos silenciosamente a curta distância até onde podíamos contar com a cobertura das armas do quartel de blindados. Agora estamos por nossa conta, e poucos metros nos separam do aeroporto improvisado das Colônias. Soldados montam guarda ao longo do campo. Logo depois estão algumas fileiras de tanques. Suas aeronaves podem não estar aqui, mas, sem brincadeira, dá para começar outra batalha com as máquinas de guerra deste lugar.

Pascao e eu nos agachamos atrás de um monte de entulho perto do aeroporto. Tudo que consigo ver com esta luz é a silhueta dele. Ele faz um sinal afirmativo com a cabeça antes de sussurrar alguma coisa no microfone.

Esperamos durante alguns tensos segundos. Então os telões que se encontram nas extremidades exteriores do quartel de blindados se acendem ao

mesmo tempo. Exibida nas telas vê-se a bandeira da República, e nos alto-falantes da cidade, o juramento de fidelidade se propaga aos quatro ventos. A história toda se parece exatamente com aqueles filmes típicos de propaganda oficial. Os telões começam a mostrar cenas genéricas de soldados e civis patrióticos, vitórias em guerras e ruas prósperas. No aeroporto, a atenção dos soldados se concentra nos vídeos dos telões. No começo os soldados estão alertas e cautelosos, mas à medida que o vídeo continua por mais alguns segundos eles relaxam.

Ótimo! Eles acham que a República está apenas transmitindo vídeos para levantar o moral. Não há nada de excepcional que faça com que os soldados das Colônias fiquem em alerta máximo; mas é o suficiente para distraí-los. Escolho uma área onde todos os soldados estão assistindo aos telões e aceno positivamente com a cabeça para Pascao. Ele gesticula para mim: é a minha vez de agir.

Estreito os olhos para ver como posso seguir até o aeroporto. Aqui há quatro soldados das Colônias, todos vendo a transmissão; um soldado com uniforme de piloto é quem está mais distante, virado de costas para mim. De onde estou, parece que ele está zombando da transmissão com um companheiro. Espero até todos os soldados desviarem o olhar de onde estou. Depois corro, sem fazer ruído, e me escondo atrás da roda traseira do trem de pouso do jato mais próximo. Tento ocupar o menor espaço possível; meu traje preto se confunde com as sombras.

Um dos guardas olha distraído sobre o ombro para o jato, mas ao não perceber nada interessante, volta a vigiar o quartel dos blindados.

Espero mais alguns segundos, depois endireito minha mochila e subo até a turbina do jato. Meu coração bate forte com ansiedade à sensação de *déjà-vu* que isso provoca em mim. Não perco mais tempo: tiro um pequeno cubo de metal da mochila e o prendo firmemente no interior da turbina. O painel digital do objeto emite um brilho vermelho esmaecido, tão fraco que mal consigo enxergá-lo. Certifico-me de que está bem preso e me posiciono na extremidade da turbina. Não vamos ter muito tempo até que os guardas se desinteressem pelo vídeo da República. Quando não há mais perigo, salto do jato. Minhas botas acolchoadas alcançam o chão sem nenhum barulho. Eu me incorporo de novo às sombras formadas pelo trem de pouso, observo se há guardas e vou até a fila

seguinte de jatos. Pascao deve estar fazendo exatamente a mesma coisa no outro lado do campo. Se tudo funcionar como planejado, uma explosão por fileira vai conseguir causar muito estrago.

Quando chego a terceira fila de jatos e termino minha tarefa, estou encharcado de suor. A distância, os telões continuam a exibir propaganda, mas dá para ver que alguns guardas já perderam o interesse em assistir ao vídeo. Está na hora de me mandar. Eu me posiciono no jato para saltar silenciosamente, encoberto pelas sombras, e depois escolho o momento certo para pular e sair correndo até a escuridão.

Só que não era o momento certo. Minha mão escorrega, e a borda metálica da turbina faz um corte profundo nela. Meu corpo enfraquecido não atinge o solo de modo harmonioso, e solto um gemido de dor. Acabo levando mais tempo do que deveria até as sombras do trem de pouso e um guarda me vê. Antes que eu possa impedi-lo, o sujeito arregala os olhos e aponta a arma para mim.

Ele nem tem a oportunidade de gritar quando uma faca reluzente sai rapidamente da escuridão e se afunda em seu pescoço. Eu observo, horrorizado. Pascao. Sei que foi ele que me livrou de abotoar o paletó, ao mesmo tempo chamando atenção para si próprio. Ouço gritos no outro lado do campo. Ele está desviando a atenção dos guardas de mim. Agarro a oportunidade e corro até a área relativamente segura do aeroporto.

Ligo meu microfone e sussurro para Pascao, em tom de urgência:

– Você está bem?

– Tão bem quanto você, bonitão. – No meu fone de ouvido, escuto sons altos de respiração ofegante e passadas. – Acabei de sair da área do aeroporto. Pode dizer à Frankie pra mandar brasa. Eu ainda preciso me livrar de dois caras que estão atrás de mim. – Ele desliga.

Contato Frankie e lhe digo:

– Estamos prontos. Agora é com você.

– Deixa comigo – responde Frankie.

De repente, os telões param de transmitir e suas telas escurecem; o som alto que inunda a cidade é interrompido, e somos todos mergulhados em um silêncio sinistro. Os soldados das Colônias que provavelmente estavam perseguindo Pascao olham atônitos para as telas vazias, junto com os demais.

Alguns segundos silenciosos se passam.

Em seguida uma explosão intensa e ofuscante dilacera o centro do aeroporto. Eu perco o equilíbrio. Quando olho de novo para a primeira fileira de soldados na rua, vejo que estão caídos e lentamente, atordoados, se põem de pé. Centelhas de eletricidade enchem o ar e se deslocam freneticamente para cá e para lá entre os jatos. Soldados que estão mais afastados apontam as armas para os edifícios e disparam aleatoriamente, mas os que se encontram ao longo da linha de frente descobrem que suas armas não funcionam. Eu continuo a correr de volta em direção ao quartel dos blindados.

Mais uma explosão sacode a mesma área, e um enorme nevoeiro cobre tudo à vista. As tropas das Colônias gritam em pânico. Os soldados não conseguem ver o que está acontecendo, mas sei que neste exato momento todas as bombas que colocamos estão destruindo os jatos e temporariamente danificando suas armas. Alguns soldados sacam as armas e atiram aleatoriamente na escuridão, como se soldados da República estivessem à espreita. Suponho que não estejam totalmente enganados. Assim como combinamos, os jatos da República ao longo do quartel dos blindados decolam. O barulho dos motores me ensurdece.

Ligo o microfone de novo e falo com Frankie:

– Como estão indo as evacuações?

– Sem surpresas – responde ela. – Ainda faltam dois grupos embarcarem nos trens. Você está pronto para seu momento especial?

– Vamos nessa!

Os telões voltam a funcionar. Desta vez, porém, exibem meu rosto em todas as telas. Trata-se de um vídeo pré-gravado que a gente fez. Dou um largo sorriso para as Colônias, mesmo quando os soldados correm feito baratas tontas para os jatos que sobraram. Nesse instante, sinto como se estivesse olhando o rosto de um desconhecido, um rosto estranho e amedrontador. Por um momento, nem consigo me lembrar de ter gravado o vídeo. Esse pensamento me faz procurar desordenadamente na memória, apavorado, até que por fim me lembro e suspiro aliviado. “Meu nome é Day”, anuncia meu vídeo no telão, “e estou lutando pelo povo da República. Se eu fosse vocês, seria mais cuidadoso...”

Frankie interrompe a transmissão de novo. Acima de nós, os jatos da República riscam o céu; vejo bolas de fogo laranja iluminarem o aeroporto. Com a nossa proeza, sem metade dos jatos, e a desvantagem de serem apanhados de surpresa, os soldados das Colônias estão totalmente desnorteados, procurando

abrigo. Aposto que as mensagens sendo enviadas para o seu comando estão indo a toda velocidade, e freneticamente.

Frankie volta a me ligar. Está eufórica:

– As tropas da República já foram informadas que tivemos sucesso. – Para meu alívio ouço, ao fundo, o clique da linha de Pascao. – Bom trabalho, Corredores. Gioro e Baxter já estão a caminho. – Ela parece distraída. – Vamos voltar agora. Preciso de uns segundos pra gente...

Ela desliga. Tem alguma coisa errada.

– Frankie? – Tento retomar a conexão, mas não consigo. Só ouço ruído de estática.

– Aonde é que ela foi? – pergunta Pascao, através do ruído branco. – Ela também caiu pra você?

– Caiu.

Continuo correndo, tentando não pensar o pior. A segurança do quartel dos blindados não está longe. Dá para ver a minúscula entrada lateral pela qual devemos passar – e aqui, em meio ao caos, vejo vários soldados da República apressando-se através da poeira para enfrentar as tropas das Colônias que possam ter nos seguido. Estou a apenas alguns metros da porta.

Uma bala passa raspando por mim, e por pouco não atinge minha orelha. Ouço então um grito que gela meu sangue. Giro o corpo e vejo Tess e Frankie correndo atrás de mim. Estão apoiadas uma na outra. Em seu encalço estão cinco ou seis soldados das Colônias. Fico paralisado por um segundo, mas em seguida arranco uma faca do cinto e a atiro contra os soldados o mais forte que posso. A faca atinge o peito de um deles, que cai de joelhos. Os outros me veem. Tess e Frankie mal conseguem alcançar a porta. Eu me precipito na direção delas. Atrás de mim, os soldados erguem as armas.

No momento em que Tess empurra Frankie pela entrada, um soldado sai das sombras ao lado da porta. Eu o reconheço na mesma hora: é *Thomas*, com uma arma empunhada.

Seus olhos se concentram em Tess e em mim, e sua expressão é sombria, mortal e furiosa. Por um instante, o mundo parece se silenciar. Olho de relance para sua arma. Ele a ergue. *Não!* Instintivamente, corro na direção de Tess e uso meu corpo como escudo para protegê-la. *Ele vai matar nós dois.*

Mas quando esse pensamento passa pela minha cabeça, Thomas fica de

costas para nós, e se posiciona entre o quartel e os soldados das Colônias que se aproximam. A mão treme de raiva e aperta a arma. Fico confuso, mas não há tempo para pensar nisso agora e grito para Tess fugir. Nós tropeçamos na porta lateral.

Nesse mesmo momento, Thomas ergue a arma e dispara uma, duas, três vezes. Ele solta um grito horripilante à medida que cada bala atinge as tropas inimigas. Demoro uma fração de segundo para entender o que ele está berrando:

– Vida longa ao Eleitor! Vida longa à República!

Ele consegue disparar seis tiros antes que os soldados das Colônias atirem nele. Aconchego Tess no meu peito e cubro seus olhos. Ela solta um grito de protesto.

– Não olhe – sussurro no seu ouvido. Então, vejo a cabeça de Thomas tombar com um estalo violento para trás e seu corpo perder o equilíbrio. De repente a imagem da minha mãe surge diante dos meus olhos.

Ele levou um tiro na cabeça. Um tiro na cabeça.

Morte por fuzilamento.

O barulho faz Tess dar um pulo, e ela sufoca um soluço atrás das minhas mãos protetoras. Aí, a porta se fecha.

Pascao nos cumprimenta no instante em que estamos lá dentro a salvo. Ele está coberto de poeira dos pés à cabeça, mas mantém um pequeno sorriso.

– O último jipe da leva de evacuação está esperando pela gente – diz ele, fazendo um sinal com a cabeça para dois jipes estacionados e prontos para nos levar de volta ao abrigo. Soldados da República se movem na nossa direção, mas antes que qualquer um de nós possa respirar aliviado, reparo que Frankie desabou no chão e Tess está debruçada sobre dela. O sorriso de Pascao desaparece. Quando os soldados vedam a entrada lateral, nós nos reunimos ao redor de Frankie. Tess pega um estojo de primeiros socorros. Frankie está tendo uma convulsão.

Tiramos seu casaco; sua blusa está encharcada de sangue. Os olhos arregalados mostram que ela está em choque, e se esforça para respirar.

– Atiraram nela quando a gente estava fugindo – diz Tess ao rasgar o tecido da blusa de Frankie. Sua testa está cheia de gotas de suor. – Três ou quatro vezes.

Suas mãos trêmulas percorrem o corpo de Frankie, espalhando um pó branco

e unguento nos ferimentos. Quando acaba, pega um grosso rolo de ataduras.

– Ela não vai sair dessa – murmura Pascao à Tess quando ela o empurra para fora do caminho e pressiona firmemente um dos ferimentos que jorra sangue. – A gente precisa ir *agora.*

Tess seca a testa e insiste, com os dentes cerrados:

– Me dá só mais um minuto. Preciso estancar o sangramento.

Pascao começa a protestar, mas o forço a desistir com um olhar intimidador.

– Deixe-a tentar. – Então me ajoelho ao lado de Tess; não consigo evitar olhar para o corpo deplorável de Frankie. Dá para ver que ela não vai se safar. – O que você quer que a gente faça? – pergunto à Tess. – Deixe a gente ajudar.

– Pressione os ferimentos – responde Tess, apontando para as ataduras que já estão mais vermelhas do que brancas. Ela se apressa em aplicar o cataplasma.

As pálpebras de Frankie se agitam. Ela sufoca um grito e depois consegue nos olhar e balbuciar:

– Vocês... precisam... ir. Os soldados... estão... chegando.

Leva um minuto para ela morrer. Tess continua aplicando medicamentos por mais um tempo, até que eu finalmente ponho minha mão sobre a dela, pedindo que pare. Olho para Pascao. Um dos soldados da República se aproxima, olha severamente para nós e aponta as portas abertas dos dois jipes, dizendo:

– Este é seu último aviso. Nós vamos partir.

– Pode ir – digo a Pascao. – A gente pega o próximo jipe.

Pascao hesita um instante, chocado ao olhar para Frankie, mas fica de pé com um pulo e desaparece no primeiro jipe, que parte deixando uma nuvem de poeira na sua esteira.

– Venha – insisto com Tess, curvada sobre o corpo inanimado de Frankie. No outro lado do quartel dos blindados, ouvem-se os ruídos do combate que prossegue furioso. – Precisamos ir.

Tess se livra das minhas mãos com um puxão e joga o rolo de ataduras com força na parede. Depois se vira e contempla o rosto lívido de Frankie. Eu me levanto e obrigo Tess a fazer o mesmo. Minha mão sangrenta deixa marcas no seu braço. Soldados nos agarram e nos levam até o último jipe. Quando finalmente subimos no veículo, Tess me encara com olhos cheios de lágrimas. Sua angústia me corta o coração. Partimos do quartel dos blindados quando os soldados levam o corpo de Frankie para um caminhão. Aí dobramos uma esquina

e voltamos velozmente para o abrigo.

Quando chegamos, o jipe de Pascao estava vazio e eles já haviam se dirigido para o trem. Os soldados estão tensos. Quando nos fazem passar pela cerca que protege a entrada do abrigo, outra explosão no quartel dos blindados estremece o chão. Como se estivéssemos num sonho, descemos correndo a escada de metal e percorremos os corredores iluminados por fracas luzes vermelhas. O som de botas marchando ressoa monotonamente vindo do lado de fora. Descemos cada vez mais até finalmente chegarmos ao trem que esperava. Soldados nos puxam para dentro.

À medida que o metrô se afasta do abrigo, uma série de explosões reverbera no espaço, quase nos fazendo cair. Tess se segura em mim. Quando a abraço, o túnel atrás de nós desaba, e ficamos confinados na escuridão. O vagão avança com velocidade. Ecos das explosões continuam a nos seguir.

Tenho uma crise de dor de cabeça.

Pascao tenta me dizer alguma coisa, mas já não consigo ouvi-lo. Não consigo ouvir nada. O mundo ao meu redor fica sombrio, vejo tudo girar. *Onde estamos mesmo?* Ouço Tess gritar meu nome de algum lugar, mas não sei o que ela diz depois disso porque me perco numa dor imensa e desabo na escuridão.

21H.
QUARTO 3.323, NÍVEL INFINITY HOTEL, ROSS CITY.

Todos nós já nos instalamos em nossos quartos individuais. Ollie está descansando aos pés da minha cama, completamente "fora do ar" depois de um dia exaustivo. Ainda assim, nem consigo pensar em dormir. Após algum tempo, eu me levanto sem fazer barulho, deixo três guloseimas para Ollie perto da porta e saio do quarto. Perambulo pelos corredores com meus óculos virtuais enfiados no bolso, aliviada de ver o mundo como realmente ele é, sem a agressão visual de números e palavras a pairar. Não sei para onde estou indo, mas de repente me encontro dois andares acima, perto do quarto de Anden. Aqui é mais tranquilo. É possível que apenas Anden esteja hospedado neste andar, bem como alguns guardas.

À medida que caminho, passo por uma porta que leva a um grande recinto que deve ser uma área comum. Retrocedo e esquadrinho o lugar, que parece imaculado, provavelmente porque estou sem meus óculos virtuais e não consigo ver todas as simulações. A sala é dividida em uma série de altas cabines semelhantes a cilindros. Cada uma delas é um círculo de grandes placas de vidro transparente. Interessante. Há uma dessas cabines cilíndricas no canto do meu quarto de hotel, embora eu ainda não tenha me dado o trabalho de experimentá-la. Olho pelo corredor e depois empurro a porta cautelosamente, que desliza e se abre sem um ruído.

Entro na sala e, tão logo a porta desliza e se fecha quando passo, o lugar faz uma afirmação qualquer em antarticano que eu, obviamente, não consigo entender. Tiro os óculos virtuais do bolso e os coloco. Automaticamente, a voz se aviva e repete a frase, desta vez em inglês: – Bem-vinda à sala da simulação, June Iparis. – Vejo minha pontuação virtual aumentar em dez pontos, parabenizando-me por usar uma sala de simulação pela primeira vez. Exatamente como eu desconfiava, a sala agora está clara e colorida, e as paredes de vidro das cabines cilíndricas têm todos os tipos de telas móveis.

Seu acesso ao portal longe de casa!, diz um painel. *Use-o junto com seus*

óculos virtuais para vivenciar uma experiência totalmente envolvente. Subjacente ao texto há um vídeo exuberante exibindo lindas paisagens ao redor do mundo. Eu me pergunto se o portal é a maneira deles de se conectarem com a internet. De repente, meu interesse se aguça. Nunca naveguei na internet fora da República, nunca vi o mundo como ele é, sem as máscaras e filtros do meu país. Eu me aproximo de uma das cabines cilíndricas de vidro e entro nela. O vidro à minha volta se ilumina e diz:

– Olá, June! O que posso encontrar para você?

O que devo procurar? Resolvo tentar a primeira coisa que me vem à cabeça. Respondo, hesitante, e me pergunto se a máquina precisa apenas da minha voz: – Daniel Altan Wing. – O quanto o resto do mundo sabe sobre Day?

De súbito, tudo ao meu redor desaparece e me vejo de pé num círculo branco junto com centenas – milhares – de telas retangulares pairando à minha volta, cada uma com imagens, vídeos e textos. A princípio não sei o que fazer, por isso permaneço onde estou, contemplando maravilhada as imagens que me cercam. Cada uma das telas exibe informações diferentes sobre Day, muitas obtidas de noticiários. A tela mais próxima transmite um vídeo antigo de Day na sacada do Capital Tower, incentivando o povo a apoiar Anden. Quando olho a cena por três segundos, uma voz começa a falar:

– Neste vídeo, Daniel Altan Wing, também conhecido como Day, reitera seu apoio ao novo Eleitor da República e impede uma revolta nacional. Fonte: arquivos públicos da República da América. Assistir à matéria completa?

Meus olhos se desviam para observar outra tela, e a voz da primeira esmaece. A segunda tela ganha vida quando continuo a olhar para ela; ela transmite uma entrevista com uma garota que não conheço, de pele morena e olhos da cor de avelã. O cabelo tem uma mecha escarlate. Ela diz: – Vivo em Nairóbi há cinco anos, mas nunca ouvi falar dele até os vídeos de seus ataques à República começarem a aparecer on-line. Eu agora pertenço a uma organização...

O vídeo para nesse trecho. E ouve-se a mesma voz tranquilizadora de antes:

– Fonte: Kenya Broadcasting Corporation. Assistir ao vídeo completo?

Dou um passo cauteloso à frente. Cada vez que me mexo, as telas retangulares se reorganizam à minha volta, para exibir o círculo seguinte de imagens para eu examinar. Surgem imagens de Day da época em que ele e eu ainda estávamos trabalhando para os Patriotas. Vejo uma imagem destorcida dele olhando sobre o ombro, com um sorriso de desdém. Isso me faz enrubescer e imediatamente desvio o olhar. Assisto a mais duas rodadas de vídeos, e decido variar minha busca. Desta vez procuro algo sobre o qual sempre tive curiosidade. Digo então: – Estados Unidos da América.

As telas com vídeos e imagens de Day desaparecem, o que me frustra muito. Um novo conjunto de telas surge ao meu redor, e quase posso sentir uma ligeira brisa quando ele se instala. A primeira coisa que vejo é uma imagem que instantaneamente reconheço como a bandeira que os Patriotas usam e na qual baseiam seu símbolo. A voz diz:

– Esta é a bandeira dos antigos Estados Unidos da América. Fonte: Wikiversity, The Free Academy. História dos Estados Unidos 102, Categoria 11. Ver matéria completa? Para versão textual, dizer "Texto".

– Ver matéria completa – digo.

A tela entra em close e me envolve com seu conteúdo.

Fecho os olhos, momentaneamente desconcertada com a velocidade com a qual as imagens aparecem nas telas. Quando abro os olhos de novo, quase tropeço. Estou pairando no céu sobre um panorama que é, ao mesmo tempo, conhecido e desconhecido. Seu contorno parece ser uma versão da América do Norte, exceto que não há qualquer lago se estendendo de Los Angeles a São Francisco e a área das Colônias está muito maior do que aquela da qual me lembro. As nuvens flutuam abaixo dos meus pés. Quando dou um passo hesitante à frente, parte das nuvens se dissipa, e chego a sentir um ar fresco silvando sob meus sapatos.

Começa a narração:

– Os Estados Unidos da América, também conhecidos como EUA, Estados Unidos, US, América e States, eram um país importante da América do Norte, formado por cinquenta estados reunidos como uma república constitucional federal. Sua independência da Inglaterra foi proclamada em 4 de julho de 1776, e se tornou reconhecida em 3 de setembro de 1783. Os

Estados Unidos se dividiram oficialmente em dois países em 1º de outubro de 2054, e se tornaram oficialmente a República Ocidental da América e as Colônias Orientais da América em 14 de março de 2055.

A narração para e muda em seguida:

– Saltar para um subtópico? Subtópicos populares: A Inundação de Três Anos, a Inundação de 2046, a República da América, as Colônias da América.

Surge uma série de marcadores em azul-vivo sobre os litorais oeste e leste da América do Norte. Olho fixo para eles por um momento, com o coração acelerado, antes de estender a mão e tentar tocar num marcador perto do litoral sul das Colônias. Para minha surpresa, consigo sentir a textura da paisagem sob meu dedo. Digo, então:

– As Colônias da América.

O mundo passa depressa por mim, a uma velocidade estonteante. Estou agora no que parece terra firme, e ao meu redor encontram-se milhares de pessoas amontoadas em abrigos provisórios numa paisagem urbana inundada, enquanto centenas de outras estão lançando um ataque generalizado contra soldados usando uniformes que não reconheço. Atrás dos soldados estão engradados e sacos que parecem conter provisões.

– Ao contrário da República da América – começa a narração –, onde o governo fez vigorar a ordem por meio de uma lei marcial a fim de barrar o fluxo de refugiados em suas fronteiras, as Colônias da América foram formadas em 14 de março de 2055, depois que as corporações assumiram o controle do governo federal dos antigos Estados Unidos (ver índice anterior), em consequência do fracasso deste em lidar com as dívidas acumuladas desde a Inundação de 2046.

Dou alguns passos à frente; sinto como se estivesse bem ali, no meio daquela situação, a apenas alguns metros de onde o povo está se rebelando. A paisagem parece trêmula e granulada, como se retirada dos vídeos pessoais de alguém.

– Nesta gravação, feita por um civil, a cidade de Atlanta protagoniza um motim de quinze dias contra a Agência Federal de Gestão de Emergências dos Estados Unidos. Motins semelhantes surgiram em todas as cidades do leste no período de três meses, após o qual as cidades afirmaram sua

lealdade à corporação militar DesCon, que possuía recursos de que o governo sitiado era carente.

A cena se torna indistinta e, em seguida, fica nítida e me coloca no centro de um enorme *campus* cheio de edifícios, cada um exibindo um símbolo que reconheço como sendo o logotipo da DesCon.

– Juntamente com mais doze corporações, a DesCon cede recursos financeiros para ajudar os civis. No início de 2058, o governo dos Estados Unidos deixou totalmente de existir no leste e foi substituído pelas Colônias da América, formadas por uma coalizão das treze maiores empresas do país e fortalecidas por seus lucros conjuntos. Depois de uma série de fusões, as Colônias da América agora consistem de quatro organizações dominantes: DesCon, Cloud, Meditech e Evergreen. Pesquisar uma empresa específica?

Permaneço em silêncio, assistindo ao resto do envolvente vídeo se desenrolar até finalmente parar no último quadro: uma imagem inquietante de um civil desesperado, protegendo o rosto da arma que um soldado aponta para ele. Tiro então meus óculos virtuais, esfrego os olhos e saio do cilindro de vidro, agora em branco e aparentemente estéril. Meus passos ressoam na sala vazia. Sinto-me tonta e entorpecida pela súbita ausência de imagens.

Como é possível dois países com filosofias tão radicalmente diferentes se unirem? Que esperança podemos ter de transformar a República e as Colônias no que elas já foram outrora? Ou talvez essas nações não sejam tão drasticamente diferentes quanto imagino. As corporações das Colônias e o governo da República não são, na verdade, a mesma coisa? Poder absoluto é poder absoluto; não importa o nome que ele tenha. Não é mesmo?

Saio do recinto, perdida em pensamentos, e quando dobro o corredor para voltar ao meu quarto, quase dou um encontrão em Anden.

– June?! – exclama ele, surpreso. O cabelo ondulado está ligeiramente despenteado, como se ele o tivesse penteado com as mãos, e o colarinho de sua camisa está amarrotado, as mangas enroladas até os cotovelos e os primeiros botões, abertos. Ele dá um jeito de se recompor, sorri para mim e faz uma pequena reverência. – O que você está fazendo por aqui?

– Apenas conhecendo o local. – Retribuo seu sorriso. Estou muito cansada para mencionar minhas pesquisas on-line. – Pra ser sincera, não sei

direito o que estou fazendo aqui.

Anden dá um risinho e diz:

– Nem eu. Há mais de uma hora estou batendo perna pelos corredores. – Ficamos calados por um momento. Ele se vira então rumo à sua suíte e me olha interrogativamente. – O pessoal da Antártida não quer nos ajudar, mas eles foram muito gentis e mandaram uma garrafa do seu melhor vinho para o meu quarto. Gostaria de provar um pouquinho? Seria ótimo ter companhia... E receber uns conselhos.

Conselhos da Primeira Cidadã menos experiente? Eu o acompanho, caminhando a seu lado, perfeitamente ciente da proximidade entre nós.

– Eles foram mesmo muito gentis – comento.

– Extremamente gentis – murmura ele tão baixinho, que mal consigo ouvi-lo. – Daqui a pouco vão desfilar para nós...

É evidente que a suíte de Anden é mais bonita do que a minha; pelo menos as autoridades da Antártida lhe fizeram *essa* cortesia. Uma janela de vidro curvo ocupa metade da parede e nos proporciona uma vista deslumbrante de Ross City imersa em milhares de luzes cintilantes.

O povo da Antártida deve estar simulando também este anoitecer, considerando que deve ser verão por aqui, mas a simulação é impecável. Recordo-me da cúpula semelhante a uma abóbada pela qual passamos ao pousarmos na cidade. Talvez também funcione como uma tela gigantesca. Listras dançam silenciosas no céu em camadas de cores arrebatadoras, em tons turquesa, fúcsia e cor-de-rosa, todas em espirais simultâneas, desaparecendo e reaparecendo contra um pano de fundo estrelado. Recupero o fôlego. Eles devem estar imitando a aurora austral. Já havia lido sobre essas luzes do polo sul, durante nossas aulas semanais, embora não esperasse que fossem tão lindas; simulação ou não.

– Linda vista – digo.

Anden dá um sorrisinho irônico; uma centelha de bom humor ilumina sua até então deprimida feição, e ele comenta:

– Esta é uma das inúteis vantagens de ser o Eleitor da República. Eles me garantiram que mesmo podendo ver através do vidro, ninguém do lado de fora consegue nos ver. Por outro lado, talvez estejam só querendo rir da minha cara.

Nós nos instalamos em poltronas macias perto da janela. Anden serve o vinho e vira-se para mim ao me entregar uma das taças.

– Um dos guardas acusados confessou tudo sobre a Comandante Jameson. Os responsáveis foram soldados da República, descontentes com minha administração e que foram subornados pelas Colônias. As Colônias estão se aproveitando do conhecimento que a Comandante Jameson tem de nossas forças armadas. É bem possível que ela ainda esteja dentro de nossas fronteiras.

Bebo o vinho, anestesiada. Então, era tudo verdade. Eu queria desesperadamente poder voltar ao dia em que visitei Thomas na sua cela para ter a chance de desmascarar a armação a tempo. *É bem possível que ela ainda esteja dentro de nossas fronteiras.* Onde estará Thomas?

– Pode ter certeza – diz Anden, ao ver minha expressão – de que estamos fazendo o possível para encontrá-la.

Fazer o possível talvez não seja suficiente. Porque nossa atenção e nossos soldados estão dispersos, tentando lutar uma guerra em muitas frentes.

– O que faremos agora?

– Voltaremos para a República amanhã de manhã – responde ele. – É isso o que vamos fazer. E vamos repelir as tropas das Colônias sem a assistência da Antártida.

– Você seria capaz de ceder parte de nossas terras a eles? – pergunto, após um momento.

Anden faz girar o vinho na taça antes de dar um gole e responder:

– Eu ainda não recusei a proposta deles. – Pela voz, percebo o quanto ele sente nojo de si próprio. Seu pai certamente consideraria essa atitude uma traição ao seu país.

– Lamento – digo baixinho, sem saber como consolá-lo.

– Eu também lamento. A boa notícia é que eu soube que Day e o irmão chegaram sãos e salvos a Los Angeles. – Ele respira fundo. – Não quero forçá-lo a fazer nada, mas estou ficando sem opções. Day vem cumprindo a parte dele. Concordou em nos ajudar de todas as maneiras que pudesse, só não vai colocar o irmão em risco. Ele está tentando ajudar, na esperança de que eu me sinta culpado por insistir que Éden nos ajude a descobrir a cura. Queria que ele estivesse aqui conosco, que enxergasse a situação do meu

ponto de vista.

Ele baixa a cabeça.

Meu coração se contrai mais uma vez à ideia de Day ser morto em ação e fica aliviado com a notícia de que ele sobreviveu ileso.

– E se persuadirmos as autoridades da Antártida a tratar Day? Talvez seja a única oportunidade que ele tenha de sobreviver à doença, e isso poderia pelo menos fazer com que ele considerasse permitir que Éden se submetesse aos experimentos.

Anden balança a cabeça.

– Não temos nada para barganhar. A Antártida já ofereceu o máximo de ajuda que estão dispostos a conceder. Nunca se dariam ao trabalho de aceitar um dos nossos como paciente.

No meu íntimo, sei disso muito bem. Foi apenas uma última e desesperada tentativa. Compreendo, tão bem quanto Anden, que Day jamais arriscaria a vida do irmão para salvar a própria pele. Meus olhos voltam a contemplar ao espetáculo de luzes lá fora.

– Eu não o culpo, de jeito nenhum – diz Anden após um instante. – Eu devia ter dado fim a essas armas biológicas logo que me designaram como Eleitor. No mesmo dia em que meu pai morreu. Se eu fosse inteligente, isso é o que eu teria feito. Mas agora é muito tarde para ficar lamentando o passado. Day tem todo o direito de recusar meu pedido.

Sinto uma onda de solidariedade por ele. Se usar a força para levar Éden em custódia, Day certamente evocará o povo a se revoltar. Se Anden acatar a decisão de Day, ele corre o risco de não descobrir a cura a tempo e permitir que as Colônias se apossem da nossa capital – e do nosso país. Se ele ceder parte de nossas terras à Antártida, o povo pode considerá-lo um traidor. E se nossos portos forem vedados, não poderemos receber quaisquer importações ou suprimentos.

Mesmo assim, não posso culpar Day. Tento me colocar no lugar dele. A República tentou me matar quando eu tinha dez anos; ela me fez de cobaia de seus experimentos até que eu conseguisse fugir. Nos anos que se seguiram morei nas piores favelas de Los Angeles. Vi a República envenenar minha família, matar minha mãe e meu irmão mais velho, e cegar meu irmão mais novo com as pragas criadas por eles.

Como se não bastasse tudo isso, como resultado dos experimentos aos quais fui submetida, estou morrendo pouco a pouco. E agora, depois de todas as mentiras e crueldades, a República me aborda, implorando meu perdão. Suplicando que eu deixe que usem meu irmão mais novo como cobaia mais uma vez, sem qualquer garantia de que ele sairá vivo do experimento. O que *eu* diria? Eu provavelmente recusaria o pedido, da mesma forma que Day. É verdade que minha própria família sofreu atrocidades indescritíveis nas mãos da República... Mas Day tinha estado na frente de batalha, observando tudo se desenrolar desde que era criança. Pensando bem, é espantoso que Day tenha apoiado Anden.

Anden e eu sorvemos o vinho por mais quatro minutos, contemplando as luzes da cidade em silêncio.

– Sabe, eu invejo Day – diz ele com a voz suave de sempre. – Invejo sua capacidade de tomar decisões com o coração. *Todas* as escolhas que ele faz são sinceras, e o povo o ama por isso. Ele *pode* se dar ao luxo de usar o coração. – Sua expressão fica sombria. – Mas o mundo fora da República é *muito mais* complicado. Não existe espaço para emoções, não é verdade? Todas as relações dos nossos países se mantêm unidas por meio de uma frágil rede de fios diplomáticos, e são justamente esses fios que nos impedem de nos ajudarmos mutuamente.

Tem algo estranho no tom de voz dele.

– Não há espaço para emoções no cenário político – comento, e ponho a taça na mesa. Não sei bem se estou ajudando, mas, ainda assim, as palavras saem da minha boca. Nem eu tenho certeza se acredito nelas. – Quando a emoção falha, a lógica salva. Você pode até invejar Day, mas você nunca será ele, tampouco ele será você. Ele não é o Eleitor da República: é um adolescente protegendo o irmão. *Você* é um político. Precisa tomar decisões que partem seu coração, que magoam e enganam, e que nenhuma outra pessoa compreende. Esse é o seu dever. – Mesmo ao dizer isso, tenho sérias dúvidas, sementes que Day plantou.

Sem emoção, qual o sentido de ser humano?

Os olhos de Anden expressam muita tristeza. Ele relaxa sua postura, e por um momento consigo vê-lo como é realmente: um jovem governante remando contra a maré da oposição, tentando carregar o ônus do seu país

nos ombros, pois o Senado só colabora por medo.

– Às vezes sinto saudade do meu pai. Sei que não devia admitir isso, mas é verdade. Sei muito bem que o resto do mundo o considera um monstro.

Ele põe a taça de vinho na mesinha lateral, enterra a cabeça nas mãos e esfrega o rosto.

Sinto pena dele. Eu pelo menos posso sofrer por meu irmão sem temer o ódio de outras pessoas. Qual deve ser a sensação de saber que o pai que você amou outrora foi responsável por atos atrozes?

– Não se sinta culpado pelo seu pesar – digo suavemente. – Apesar de tudo, ele *era* seu pai.

Ele me olha fixamente e, como se impelido por uma força invisível, se inclina em minha direção. Anden hesita, pairando de modo precário entre o desejo e a razão. Está tão perto de mim que, se eu me mexesse um pouquinho, nossos lábios se tocariam. Sinto a respiração dele debilmente contra minha pele, o calor dessa proximidade, a serena tranquilidade de seu amor. Neste momento, sinto-me atraída por ele.

– June... – murmura ele. Seus olhos percorrem meu rosto.

Ele então toca no meu queixo com a mão, puxando-me para perto, e me beija.

Fecho os olhos. Eu deveria impedi-lo, mas não quero. Existe alguma coisa eletrizante na paixão evidente do jovem Eleitor da República, na maneira como ele se debruça sobre mim, expondo seu desejo mesmo sob sua constante gentileza. No modo pelo qual ele só abre o coração para mim. Em como, apesar de tudo conspirar contra ele, Anden anda sempre de cabeça erguida e costas eretas. Na maneira como ele continua a lutar, em nome do seu país. Como o resto de nós. Não consigo resistir. Ele se desprende de meus lábios e beija minha face suavemente, depois, o contorno do meu queixo, a lateral do meu pescoço. Um arrepio percorre meu corpo. Sinto que ele está se controlando, sei que ele está louco para afundar os dedos no meu cabelo e afogar-se no meu corpo.

Mas ele não faz isso. Sabe, tão bem quanto eu, que o que está acontecendo não é real.

Preciso parar. É com tremendo esforço que me afasto dele e tento recuperar o fôlego. Sussurro:

– Sinto muito, mas não posso.

Anden baixa a cabeça, constrangido, mas não surpreso. Suas bochechas estão ligeiramente rosadas à luz fraca do quarto. Ele passa a mão pelo cabelo e murmura:

– Eu não devia ter feito isso.

Ficamos em um silêncio constrangedor durante alguns segundos, até que Anden suspira e se recosta na poltrona. Relaxo minha postura, desapontada e aliviada ao mesmo tempo.

– Eu... sei que você gosta muito de Day e que nunca serei páreo pra ele. – Ele faz uma careta. – O que fiz foi inadequado. Minhas sinceras desculpas, June.

Sinto uma vontade louca de beijá-lo de novo, de dizer que eu *gosto* dele, e de apagar a dor e a vergonha que seu rosto expressa e que carrego no coração. Mas acontece que não o amo, e não posso enganá-lo dessa maneira. Sei que a verdadeira razão pela qual fomos tão longe é que eu não pude suportar rejeitá-lo no momento mais difícil de sua vida. Bem lá no fundo, eu queria que ele... fosse outra pessoa. A verdade me enche de culpa. Digo então, tristemente:

– É melhor eu ir agora.

Anden se afasta ainda mais de mim. Parece mais solitário do que nunca. Mesmo assim, ele se recompõe e inclina a cabeça respeitosamente. Superou seu momento de fraqueza, e logo o substitui pela habitual cordialidade. Como sempre, ele disfarça bem sua dor. Então, levanta-se e estende a mão para mim.

– Vou acompanhá-la até seu quarto. Descanse um pouco, vamos partir amanhã cedo.

Também me levanto, mas não seguro a mão dele e digo:

– Não é preciso. Eu consigo voltar sozinha.

Evito encará-lo; não quero constatar que cada coisa que digo o magoa mais. Vou até a porta e o deixo para trás.

Ollie me recebe com a cauda abanando quando chego ao quarto. Depois de acarinhá-lo muito, decido experimentar o portal da internet do meu quarto. Ele se enrosca perto de mim e logo adormece. Faço uma busca por Anden e também por seu pai. Este portal é uma versão simplificada do que

usei antes, sem texturas interativas e sons envolventes anexos, mas ainda assim é extremamente mais sofisticado do que todos os portais em que naveguei na República. Seleciono calmamente os resultados da busca.

A maioria é de fotos publicitárias e vídeos promocionais que reconheço: Anden posando para um retrato quando menino, o ex-Eleitor de pé à frente de Anden em coletivas de imprensa e reuniões. Até mesmo a comunidade internacional parece ter poucas informações sobre o relacionamento entre pai e filho. Mas, quanto mais me aprofundo, mais me deparo com coisas surpreendentemente verdadeiras. Assisto a um vídeo de Anden aos quatro anos, prestando continência com uma expressão solene enquanto o pai, com paciência, lhe mostra como fazer isso. Encontro uma foto do falecido Eleitor abraçando Anden, que chora, assustado, e sussurrando algo em seu ouvido, sem tomar conhecimento da multidão que os rodeia.

Vejo também o ex-Eleitor pedindo à imprensa internacional que se afastasse do filho pequeno, apertando a mão de Anden com tamanha força que suas articulações estão brancas. Encontro uma rara entrevista entre ele e um repórter africano, que lhe pergunta o que é mais importante para ele na República.

"Meu filho", responde o finado Eleitor, sem hesitar. Sua expressão nunca se suaviza, mas o tom de sua voz se altera ligeiramente. "Meu filho sempre será tudo para mim, porque algum dia ele vai ser tudo para a República." Ele faz uma pequena pausa e sorri para o repórter. Nesse sorriso, percebo vislumbres de um homem diferente do que eu conheci. "Meu filho não me deixa *esquecer*."

Havíamos planejado voltar à capital na manhã seguinte, mas a notícia nos alcançou no momento em que embarcávamos no nosso jato em Ross City. Ela chegou mais cedo do que imaginávamos.

As Colônias se apossaram de Denver.

– Day. Chegamos.

Abro os olhos, tonto, ao ouvir o som suave da voz de Tess, que sorri para mim. Sinto uma pressão na cabeça e, quando levanto a mão para tocar meu cabelo, percebo que minha testa está enfaixada. Minha mão cortada também está coberta por uma atadura branca e limpa. Demoro um segundo para me dar conta de que estou sentado numa cadeira de rodas.

– Poxa, qual é? – imediatamente falo sem pensar. – Uma cadeira de rodas?! – Estou confuso e atrapalhado, com a sensação de já não sentir o efeito de analgésicos. – Onde estamos? O que aconteceu comigo?

– Você vai ter que dar uma paradinha num hospital quando a gente saltar do trem. Eles acham que toda aquela agitação provocou uma reação negativa em você – explica Tess.

Tess caminha ao meu lado enquanto alguns soldados abrem caminho para mim no vagão do metrô. Mais à frente, vejo Pascao e os outros Patriotas saltando do trem.

– Estamos em Los Angeles. A gente voltou pra casa.

– Você sabe onde estão Éden e Lucy?

– Eles já estão instalados no seu apartamento temporário, no setor Rubi – responde Tess. Ela se cala um instante e depois continua: – Parece que a sua casa agora é no setor de joias.

Minha casa. Permaneço calado quando saímos do trem e seguimos o fluxo de pessoas na plataforma com os outros soldados. A temperatura de Los Angeles está morna como sempre, um típico dia nublado de fim de outono, e a luz amarelada me faz estreitar os olhos.

A cadeira de rodas é estranha e irritante. Sinto uma vontade súbita de sair de repente daqui e ir caminhar pelos trilhos. Sou um Corredor, não alguém que precisa de uma cadeira de rodas. Outra reação negativa, desta vez provocada pelo alvoroço... Cerros os dentes ao me dar conta do quanto piorei. O último diagnóstico médico é como uma assombração me rondando: *um mês, talvez dois.* A frequência das dores de cabeça terríveis definitivamente aumentou.

Os soldados me ajudam a entrar num jipe. Antes de partirmos, Tess se enfia pela janela aberta do veículo e me abraça rapidamente. Essa repentina demonstração de afeto me assusta. Tudo que posso fazer é retribuir o abraço, saboreando o breve momento. Nós nos olhamos fixo até o jipe partir da estação e o vulto de Tess desaparecer em uma curva. Mesmo assim, continuo virado para trás para ver se consigo enxergá-la.

Paramos num cruzamento. Enquanto esperamos que um grupo de refugiados atravesse na frente do jipe, examino as ruas do centro de Los Angeles. Algumas coisas não mudaram: fileiras de soldados vociferam ordens para refugiados indisciplinados; alguns civis estão postados nas calçadas e protestam contra a chegada de mais pessoas; os telões continuam a transmitir mensagens encorajadoras sobre as "vitórias" da República na frente de batalha, repetindo antigas propagandas anticolônias: *Não permita que eles conquistem seus lares! Apoie nossa causa!*

Relembro a conversa que tive com Éden.

Fecho os olhos por alguns segundos, depois olho mais detidamente para as ruas. Desta vez, as cenas que eu julgava familiares assumem um novo contexto. As filas de soldados gritando ordens estão na verdade distribuindo comida aos novos abrigados. Os civis protestando contra a chegada de mais pessoas não estão sendo censurados: os soldados estão vigilantes, mas suas armas permanecem penduradas nos cintos. E as propagandas dos telões, que antigamente soavam mais como uma ordem do que qualquer outra coisa, agora parecem mensagens de otimismo, uma transmissão de esperança em tempos sombrios e uma tentativa desesperada de manter elevado o moral do povo.

Perto de onde nosso jipe parou, vejo um grupo grande de crianças cercando um jovem soldado. Ele está agachado para ficar na altura delas e usa um fantoche para contar uma história a elas. Baixo o vidro da janela. A voz dele é nítida e bem-humorada. As crianças dão risadas. Por algum tempo, o medo e a confusão que devem estar sentindo são deixados de lado. Posso ver os pais por perto, com rostos ao mesmo tempo exaustos e agradecidos.

O povo e a República... estão trabalhando juntos.

Franzo a testa diante dessa ideia. A República já fez coisas terríveis com todos nós, talvez ainda esteja fazendo, mas... acho que estou começando a ver as coisas que *quero* ver. Talvez agora que o antigo Eleitor se foi, os soldados da

República tenham começado a tirar as máscaras. Talvez estejam realmente seguindo a liderança de Anden.

Primeiro o jipe me leva ao apartamento onde Éden está. Quando estacionamos, ele corre para falar comigo, todo o ressentimento de nossa última discussão foi esquecido.

– Disseram que você fez muito estrago por lá – me diz Éden, quando ele e Lucy entram no jipe comigo. Um olhar desaprovador transforma seu rosto. – Nunca mais me assuste desse jeito, tá?

Minha resposta é um sorriso irônico.

– Agora você sabe como eu me sinto sobre a *sua* maluquice – digo, despenteando o cabelo dele.

Quando paramos na entrada do Hospital Central de Los Angeles, a notícia de nossa chegada já tinha se espalhado feito fogo em pavio de pólvora, e uma multidão estava à espera do nosso jipe. As pessoas gritam meu nome, choram e entoam brados de encorajamento. São necessárias duas patrulhas de soldados abrindo caminho para conseguirmos entrar no hospital. Observo as pessoas, entorpecido, ao passar por elas. Muitas têm uma mecha escarlate no cabelo, enquanto outras seguram cartazes. Todas gritam a mesma coisa:

SÓ VOCÊ PODE NOS SALVAR!

Desvio o olhar, nervoso. Todos eles viram e souberam o que fiz com os Patriotas em Denver, mas não sou um supersoldado invencível: sou um garoto moribundo na iminência de ficar confinado, impotente, num leito de hospital, enquanto o inimigo se apossa do nosso país.

Éden se inclina sobre minha cadeira de rodas. Embora não diga uma palavra, basta um olhar para seu rosto solene para eu saber exatamente o que ele está pensando. Essa certeza faz com que um calafrio percorra minha espinha.

Eu posso salvar essa gente é o que meu irmãozinho está pensando. *Você precisa me deixar ajudar.*

Dentro do hospital, depois que os soldados trancaram as portas, empurram minha cadeira até os quartos do terceiro andar. Lá, Éden espera do lado de fora, enquanto os médicos fixam uma porção de eletrodos e fios metálicos no meu

corpo. Eles fazem uma tomografia do meu cérebro e finalmente me deixam descansar. O tempo todo, minha cabeça lateja sem parar, às vezes com tanta intensidade que tudo parece rodar, embora esteja deitado num leito. Enfermeiras entram e me dão algum tipo de injeção. Algumas horas depois, quando já me sinto forte o suficiente para me sentar, dois médicos vêm falar comigo.

– O que foi? – pergunto, antes que eles possam falar. – Só me restam três dias? Qual é o problema?

– Não se preocupe – afirma o médico mais jovem e inexperiente. – Você ainda tem uns dois meses de vida, seu diagnóstico não mudou.

– Que ótimo... – ironizo. *Não se preocupe, você ainda tem dois meses de vida.* Que imbecil!

O médico mais velho coça a barba, pouco à vontade.

– Você ainda pode se movimentar e realizar suas atividades normais, sejam elas quais forem – resmunga –, mas não se exceda. Quanto ao seu tratamento... – Ele faz uma pausa e me espreita por cima dos óculos. – Vamos tentar uns tratamentos mais radicais – continua o médico com uma expressão constrangida –, mas permita-me ser bem franco, Day: nosso maior inimigo é o tempo. Estamos nos esforçando para prepará-lo para uma cirurgia muito arriscada, mas o tempo para o medicamento fazer efeito pode ser maior do que o tempo que você dispõe. Existem limites para o que podemos fazer.

– E o que *dá* para fazer? – pergunto.

O médico aponta com a cabeça para a bolsa de soro ao lado da minha cama.

– Se você conseguir terminar o tratamento, pode estar pronto para ser operado daqui a alguns meses.

Baixo a cabeça. Ainda me restam alguns meses? Eles estão abreviando legal o tempo que ainda tenho.

– Então – resmungo – é possível que eu esteja morto quando chegar a hora da cirurgia. Ou que não exista mais uma República.

Meu último comentário faz escoar todo o sangue do rosto do médico. Ele não me responde. Nem precisa. Bem que os outros médicos me mandaram cuidar dos meus assuntos pendentes... Na melhor das circunstâncias, eu talvez não tenha tempo suficiente para me salvar, mas é possível que eu viva o bastante para ver a derrocada da República. Esse pensamento me faz estremecer.

A única maneira de conseguir a ajuda da Antártida é comprovando que temos

a cura para essa praga, dando a eles uma justificativa para convocar suas tropas e deter a invasão das Colônias. E a única forma de conseguir isso é permitir que Éden se entregue à República.

O remédio me derruba, e levo um dia inteiro para me recuperar. Quando os médicos não estão por perto, eu testo minhas pernas ao caminhar um pouco pelo quarto. Sinto-me forte o suficiente para dispensar a cadeira de rodas. Entretanto, tropeço quando me esforço demais, tentando pular de uma extremidade do quarto à outra. Sem chance. Suspiro, frustrado, e depois me enfio de novo na cama. Meus olhos focalizam uma tela na parede, na qual está sendo transmitida uma série de imagens de Denver.

Percebo que a República escolhe com cuidado o que divulgar para a população. Eu vi em primeira mão a movimentação das tropas das Colônias, mas na tela só aparecem imagens distantes da cidade. O espectador só consegue ver focos de fumaça saindo de vários prédios e a agourenta fila de aeronaves das Colônias pairando perto do quartel dos blindados. Em seguida, eles mostram jatos da República enfileirados no aeroporto, preparando-se para participar da batalha. Desta vez, sou obrigado a concordar com a propaganda que está sendo exibida. Não faz sentido apavorar o país inteiro. É melhor mostrar que a República está revidando aos ataques.

Não consigo deixar de pensar no rosto inanimado de Frankie. Nem na maneira em que a cabeça de Thomas caiu para trás com um estalo quando os soldados das Colônias o balearam. Eu me contraio quando a imagem se forma na minha cabeça. Espero em silêncio por mais meia hora, assistindo à medida que as sequências na tela focalizam desde a batalha em Denver até manchetes sobre como eu ajudei a retardar a invasão das tropas das Colônias. Agora há mais pessoas nas ruas, exibindo as listras escarlates e os cartazes feitos à mão. O povo acha mesmo que estou fazendo diferença. Esfrego a mão no rosto. As pessoas não compreendem que sou apenas um garoto; nunca tive a intenção de me envolver tanto assim. Sem os Patriotas, June ou Anden, eu nunca poderia ter feito nada. Sozinho, sou inútil.

Meus fones de ouvido de repente captam um estalo: estou recebendo uma chamada. Dou um salto, e então ouço uma voz masculina desconhecida:

– Sr. Wing? Presumo que seja o senhor.

Pergunto, em tom ríspido:

– Quem está falando?

– Sr. Wing – diz o homem, acrescentando um tom floreado na voz animada: – Quem está falando é o Chanceler das Colônias. Prazer em falar com o senhor.

O Chanceler? Engulo em seco. Só podem estar me zoando...

– Que palhaçada é essa?! – retruco bruscamente no microfone. – Você deve ser um desses hackers adolescentes que...

– Por favor! Este não seria um trote muito divertido, não é mesmo?

Eu não sabia que as Colônias podiam acessar a frequência de nossos fones de ouvido e fazer ligações como esta. Franzo a testa e baixo o tom de voz:

– Como o senhor conseguiu fazer esta chamada? – Será que as Colônias estão vencendo em Denver? Será que a cidade já foi dominada, logo depois que acabamos de desocupá-la?

– Tenho minhas maneiras – replica o homem com a voz absolutamente tranquila. – Parece que parte do seu pessoal desertou para nosso lado. Não posso culpá-los.

Alguém da República deve ter passado a informação às Colônias sobre como funciona nossa transmissão de rádio. De repente meus pensamentos se concentram no servicinho que fiz com os Patriotas, quando soldados das Colônias atiraram na cabeça de Thomas. Essa imagem me faz estremecer com violência, e eu me obrigo a afastá-la. *A Comandante Jameson.*

– Espero não o estar incomodando – diz o Chanceler antes que eu possa retrucar –, considerando seu estado de saúde. Tenho certeza de que o senhor deve estar meio cansado, depois de sua fuga de Denver. Devo admitir que fiquei impressionado.

Não respondo. Eu me pergunto o que mais ele sabe; se sabe em que hospital estou ou, pior ainda, onde fica nosso novo apartamento, onde o Éden está.

– O que você quer? – acabo sussurrando.

Posso praticamente ouvir o sorriso do Chanceler no meu fone de ouvido:

– Não gostaria de desperdiçar seu tempo, portanto, vamos direto ao assunto. Estou a par de que o atual Eleitor da República é o jovem Anden Stravopoulos. – Seu tom é condescendente. – Mas, cá entre nós, você e eu sabemos quem realmente dirige o país, e esse alguém é *você.* O povo o adora, Day. Logo que minhas tropas chegaram a Denver, sabe o que me contaram? "Os civis colaram

cartazes do Day nas paredes. Eles querem vê-lo de novo nas telas." O povo da República reluta muito em cooperar com meus homens, e é um processo surpreendentemente cansativo conseguir que eles façam isso.

Minha raiva começa a se acumular.

– Deixe os civis fora dessa história – digo com os dentes cerrados. – Eles não têm culpa se vocês invadiram a casa deles sem pedir licença.

– Mas não se esqueça – diz o Chanceler, com voz persuasiva – de que sua República fez exatamente a mesma coisa com eles durante décadas. Estamos invadindo a República em razão do que *eles* fizeram *conosco.* Eu me refiro a esse vírus que eles espalharam pela fronteira. Exatamente a quem você é leal, e *por quê*? Você se dá conta, meu rapaz, da incrível posição de que desfruta na sua idade, de que você detém o rumo desta nação, e do poder que...

– Vamos direto ao ponto, Chanceler?

– Sei que você está morrendo. Também sei que tem um irmão mais novo que você adoraria ver crescer.

– Se voltar a mencionar o Éden, esta conversa termina aqui.

– Está certo. Seja paciente comigo. Nas Colônias, a Meditech é responsável por todos os hospitais e tratamentos, e posso lhe garantir que a empresa poderia cuidar muito melhor do seu caso do que qualquer médico que a República possa oferecer. Então, esta é a minha proposta: você pode agonizar lentamente, permanecendo leal a um país que não lhe é leal, ou pode fazer alguma coisa por nós. Basta pedir publicamente ao povo da República que aceite as Colônias, e ajudar seu país a cair sob o domínio de uma administração muito melhor. Você será tratado num local de qualidade superior. Isso não seria bom? Certamente você merece mais do que aquilo que está recebendo.

Um riso desdenhoso escapa da minha boca involuntariamente.

– Tá bom. Você espera que eu acredite nisso?

– Pois bem – diz o Chanceler, tentando parecer divertido, mas desta vez detecto a seriedade de suas palavras. – Entendo que esse é um argumento fraco. Se você escolher lutar pela República, respeitarei essa decisão. Só espero o melhor para você e seu irmão, mesmo depois de nos estabelecermos firmemente na República. Mas acontece que sou um homem de negócios, Day, e gosto de trabalhar sempre com um Plano B. Portanto, permita-me lhe perguntar outra coisa. – Ele faz uma breve pausa. – Você ama a Primeira Cidadã June Iparis?

Sinto um aperto gelado no coração.

– Por quê?

– Bem – a voz do Chanceler fica soturna –, você precisa considerar esta situação do meu ponto de vista – diz ele suavemente. – Do jeito que as coisas estão indo, as Colônias serão vitoriosas, sem a menor dúvida. A srta. Iparis é uma das principais representantes do governo atual. Por isso, filho, quero que pense bem sobre o assunto. O que você acha que acontece com o governo dominante quando ele está do lado derrotado de uma guerra?

Minhas mãos tremem. Esse pensamento tem ocupado os recessos sombrios da minha mente; é uma coisa sobre a qual tenho me recusado a pensar. Até agora. Sussurro então:

– Você a está ameaçando?

O Chanceler faz um muxoxo de desaprovação à minha pergunta.

– Estou apenas sendo razoável. O que você acha que acontecerá com ela quando declararmos nossa vitória? Você acha *mesmo* que vamos deixar viva uma garota que está a caminho de se tornar a líder do Senado da República? É assim que agem todas as nações civilizadas, Day, e tem sido dessa maneira há séculos. Milênios. Afinal de contas, tenho certeza de que seu Eleitor executou todos que se opuseram a ele. Ou não?

Fico em silêncio.

– A srta. Iparis, juntamente com o Eleitor e seus senadores, será julgada e executada. É *isso* que ocorre com o governo que perde uma guerra, Day. – Sua voz adquire um tom grave. – Se você não cooperar conosco, talvez tenha de viver com o sangue deles nas mãos. Mas, se cooperar, é possível que eu encontre uma forma de perdoá-los por seus crimes de guerra e, além disso – acrescenta ele –, você poderá desfrutar de todo o conforto de uma vida de qualidade. Você nunca mais vai ter de se preocupar com a segurança de sua família e tampouco com a segurança do povo da República. Eles não sabem de nada; as pessoas mais simples não sabem o que é melhor para elas. Mas você e eu sabemos, não é verdade? Você sabe que o povo ficará melhor sem o domínio da República. Às vezes as pessoas simplesmente não compreendem suas opções e precisam que alguém tome decisões por elas. Afinal de contas, você mesmo preferiu manipulá-las quando quis que aceitassem seu novo Eleitor. Não é verdade?

Julgada e executada. *June, morta.* Abominar essa possibilidade é uma coisa;

ouvi-la com todas as letras sendo usada para me chantagear é algo totalmente diferente. Minha mente dá múltiplos nós atrás de uma maneira de garantir a segurança de todos. Talvez consigam encontrar asilo em outro país. Quem sabe os governantes da Antártida não possam abrigar June e os outros no exterior, caso as Colônias devastem a República? Deve haver uma solução. Mas... E o resto de nós? O que pode impedir as Colônias de machucar meu irmão?

– Como posso ter certeza de que você cumprirá sua palavra? – consigo finalmente perguntar.

– Para demonstrar minha sinceridade, eu lhe dou minha palavra de que os ataques que cessaram na manhã de hoje só serão retomados daqui a três dias. Se você concordar com minha proposta, terá garantido a segurança do povo da República e de seus entes queridos. Portanto, o futuro está em suas mãos. – O Chanceler dá um risinho. – Recomendo que mantenha nossa conversa em sigilo.

– Vou pensar no assunto – murmuro.

– Excelente! – A voz do Chanceler demonstra animação. – Como eu disse, decida o mais breve possível. Daqui a três dias espero ouvir que você vai fazer um anúncio público à República. Esse pode ser o começo de um relacionamento muito proveitoso. O fator tempo é essencial; sei que você entende isso melhor do que ninguém.

A ligação termina. O silêncio é ensurdecedor. Reflito sobre nossa conversa por algum tempo. Pensamentos não param de percorrer minha mente: Éden, June, a República, o Eleitor... *Viver com o sangue deles nas mãos.*

A frustração e o medo que inundam meu peito ameaçam me afogar. Preciso reconhecer que o Chanceler é inteligente: sabe exatamente quais são meus pontos fracos e vai tentar utilizá-los em seu benefício. Mas dois podem jogar esse jogo. Preciso prevenir June, discretamente. Se as Colônias descobrirem que divulguei essa história em vez de manter a boca fechada e fazer o que o Chanceler me recomendou, quem sabe as gracinhas que eles podem aprontar... Mas talvez possamos usar isso a nosso favor. Minha mente está um redemoinho. Talvez possamos enganar o Chanceler no seu próprio jogo.

De repente, um grito ressoa no corredor lá fora, e meu corpo fica todo arrepiado. Viro a cabeça na direção do som. Alguém está sendo arrastado pelo corredor contra vontade. Seja lá quem for, está resistindo bravamente.

– Eu não estou infectada – protesta a voz, que aumenta de volume até estar

bem do lado de fora da minha porta, depois esmaece quando os sons dos gritos e das rodas da maca se afastam no corredor. Imediatamente, reconheço a voz.

– Refaçam os testes! Isso não é nada. *Não estou contaminada.*

Embora eu não saiba direito o que está acontecendo, tenho certeza de uma coisa: a doença se espalhando pelas Colônias fez mais uma vítima.

Tess.



Pela primeira vez na história da República, não há capital na qual possamos pousar.

Aterrissamos num aeroporto localizado na extremidade sul da Universidade Drake às 16h, a menos de quatrocentos quilômetros de onde eu assistia a todas as minhas aulas de História da República. A tarde está incomumente ensolarada. Faz mesmo menos de um ano desde que tudo aconteceu? Quando saímos do avião e esperamos que nossa bagagem seja descarregada, olho ao redor, acometida por um leve torpor.

O campus, ao mesmo tempo que me traz saudade, parece desconhecido. Ele está mais vazio do que me lembro: soube que muitos dos alunos do último ano tiveram as formaturas adiantadas para que pudessem se juntar à frente de batalha na luta pela sobrevivência da República. Caminho em silêncio pelas ruas do campus alguns passos atrás de Anden, enquanto Mariana e Serge, como de costume, não param de discorrer sobre os mais variados assuntos com o então silencioso Eleitor. Ollie não desgruda do meu lado; os pelos do pescoço estão eriçados. A principal praça da Drake, normalmente abarrotada de estudantes, é hoje o novo lar de grupos de refugiados trazidos de Denver e de algumas cidades vizinhas. A visão é soturna e inédita.

Quando chegamos a uma série de jipes que nos esperam e começamos a percorrer o setor Batalla, observo diversas coisas que mudaram em Los Angeles. Campos de refugiados foram erguidos onde o setor Batalla se encontra com Blueridge. Edificações militares deram lugar a arranha-céus para civis e muitos dos prédios mais antigos e meio abandonados deste setor dos pobres foram apressadamente transformados em centros de desocupação. Multidões de refugiados de Denver se aglomeram nas entradas; todos esperam ter a sorte de conseguir alojamento. Não é preciso ser muito observador para deduzir que, naturalmente, as pessoas esperando aqui se originam dos setores pobres de Denver.

– Onde estamos colocando as famílias das classes abastadas? – pergunto a Anden. – Suponho que nos setores de joias, certo? – Tenho dificuldade em dizer esse tipo de coisa agora sem deixar escapar um quê de reprovação.

Anden me parece aborrecido, mas responde calmamente:

– No setor Rubi. Você, Mariana e Serge também vão ficar em apartamentos nesse mesmo setor. – Ele traduz minha expressão. – Sei o que você está pensando, mas não me posso dar ao luxo de que as famílias ricas se revoltem contra mim se eu as obrigar a morar em centros de desocupação nos setores dos pobres. Determinei, *contudo*, que alguns locais no Rubi sejam designados aos pobres em um sistema de sorteio.

Não respondo, porque simplesmente não tenho como argumentar contra ele. O que mais se pode fazer em uma situação dessas? Nem se quisesse, Anden teria conseguido desarraigar a infraestrutura do país inteiro no espaço de um ano. Quando olho pela janela, vejo um grupo cada vez maior de manifestantes se reunir ao longo da extremidade de uma zona para desabrigados. Cartazes dizem: O LUGAR DELES É NOS SUBÚRBIOS! e QUARENTENA NELES!

Fico arrepiada ao ver isso. Não é tão diferente do que aconteceu nos primórdios da República, quando o oeste protestou contra os que fugiam do leste.

Viajamos em silêncio por algum tempo. Então, de repente, Anden comprime a mão contra o ouvido e ordena ao motorista, fazendo um pequeno gesto para o pequeno monitor embutido nos assentos do jipe: – Ligue a tela. O General Marshall me avisou que as Colônias estão transmitindo notícias para o nosso canal doze.

Todos nós grudamos os olhos na tela quando o monitor é ligado. A princípio, vemos apenas uma tela preta, mas aí começa a transmissão e vejo o slogan e o emblema das Colônias surgirem sobre uma oscilante bandeira das Colônias:

AS COLÔNIAS DA AMÉRICA

CLOUD. MEDITECH. DESCON. EVERGREEN

UM ESTADO LIVRE É UM ESTADO CORPORATIVO

Então surge um panorama noturno de uma cidade linda e reluzente, completamente coberta por milhares de luzinhas azuis que cintilam. Uma voz pomposa diz:

– Cidadãos da República, bem-vindos às Colônias da América! Como muitos de vocês já sabem, as Colônias se apossaram de Denver, capital da República e, assim, declararam uma vitória oficiosa contra o regime tirânico que tem mantido vocês sob controle constante. Depois de mais de cem anos de sofrimento, vocês agora estão livres.

O panorama se modifica e mostra um mapa geral da República e das Colônias, exceto que, desta vez, desapareceu a linha que dividia as duas nações. Sinto um calafrio percorrer minha espinha.

– Nas próximas semanas, todos vocês serão integrados a nosso sistema de livre concorrência e liberdade. Vocês serão cidadãos das Colônias. Talvez se perguntem o que isso quer dizer.

A narração para, e as imagens se deslocam para a visão de uma família feliz segurando um cheque.

– Na capacidade de novo cidadão, cada um de vocês terá direito a pelo menos cinco mil Notas das Colônias, o equivalente a sessenta mil Notas da República, concedidas por uma de nossas quatro principais corporações para a qual você resolver trabalhar. Quanto maior for seu rendimento atual, mais nós lhe pagaremos. Você não vai mais prestar contas dos seus atos à polícia local e, sim, às patrulhas municipais da DesCon, a polícia particular do seu bairro, dedicada a servir a *você.* Seu empregador deixará de ser a República e, sim, uma de nossas quatro eminentes corporações, onde você pode se candidatar a uma carreira plenamente satisfatória.

O vídeo muda de novo para cenas de rostos sorridentes e felizes e de orgulhosos trabalhadores de terno e gravata.

– Nós oferecemos a vocês, cidadãos, a liberdade de escolha.

A liberdade de escolha. Imagens do que eu vi nas Colônias, quando Day e eu nos aventuramos no território delas pela primeira vez, preenchem minha mente: multidões de operários, as favelas dilapidadas dos miseráveis. Os anúncios estampados nas roupas das pessoas. As propagandas que cobriam todos os centímetros dos edifícios. Principalmente, a polícia da DesCon, e a história que Day me contou sobre a maneira pela qual os policiais se recusaram a ajudar a mulher roubada que não conseguiu manter seus pagamentos em dia. É esse o futuro da República? De repente me sinto nauseada, porque não posso afirmar se o povo ficaria em melhor situação na

República ou nas Colônias.

A transmissão continua:

– Só pedimos que vocês nos retribuam com um pequeno favor. – Desta vez o vídeo começa a exibir uma cena de pessoas protestando em solidariedade. – Se você, como cidadão, tem queixas contra a República, chegou a hora de expressá-las. Se vocês forem corajosos o suficiente para realizar protestos nas suas respectivas cidades, as Colônias lhes pagarão mais cinco mil Notas das Colônias e também lhes concederão um ano de descontos em todas as mercadorias das mercearias da Cloud Corp. Basta enviar a prova de sua participação nos protestos a qualquer sede da DesCon em Denver, Colorado, junto com seu nome e endereço de correspondência.

Isso tudo explica os diversos protestos que surgem ao redor da cidade. Até mesmo a propaganda deles parece um anúncio. Perigosamente tentador. Digo baixinho:

– Eles estão declarando vitória antes da hora.

– Eles estão tentando fazer com que o povo se volte contra nós – murmura Anden como resposta. – Hoje de manhã anunciaram um cessar-fogo, talvez para terem a oportunidade de disseminar propagandas como essa.

– Duvido que vá fazer efeito – digo, embora não soe tão confiante quanto deveria. As Colônias terão muito trabalho para suplantar anos e mais anos de propaganda anticolônias, não é mesmo?

O jipe de Anden finalmente para. Franzo a testa, confusa por um instante. Em vez de me levar para um edifício de muitos andares onde fica meu apartamento temporário, estamos estacionados em frente ao Hospital Central de Los Angeles. O lugar onde Metias morreu. Olho de relance para Anden e pergunto:

– O que estamos fazendo aqui?

– Day está internado aqui – responde Anden. Sua voz fica meio tensa ao pronunciar o nome de Day.

– Por quê?

Anden não me olha. Parece relutante em falar do assunto, mas explica:

– Ele desmaiou durante a evacuação. A série de explosões que usamos para derrubar os túneis subterrâneos desencadeou uma de suas enxaquecas.

Os médicos deram início a mais uma sequência de medicamentos. – Anden faz uma pausa e me olha com expressão grave. – Há outra razão para estarmos aqui. Você vai ver por si própria.

Salto do jipe, e espero Anden. Uma sensação de terror lentamente se apossa de mim. E se a doença de Day se agravou? E se ele não conseguir escapar dessa? É por isso que ele está aqui? Não há razão para Day querer pisar neste edifício de novo, não depois de tudo que este hospital o fez passar, exceto se ele foi forçado a isso. Juntos, Anden e eu entramos no edifício, ladeados por soldados. Vamos até o quarto piso, e um dos soldados que guardava a porta libera nossa entrada. Depois chegamos ao laboratório do Hospital Central. O embrulho no meu estômago só faz aumentar à medida que caminhamos.

Por fim, paramos em frente a uma série menor de quartos enfileirados dentro do laboratório principal. Ao atravessarmos uma dessas portas, vejo Day. Ele está do lado de fora de um quarto com paredes de vidro, fumando um dos seus cigarros azuis e observando alguém ser examinado por técnicos de laboratório em uniformes estéreis completos. Entretanto, o que me faz ficar sem fôlego é o fato de ele estar apoiado acentuadamente num par de muletas. Há quanto tempo está aqui? Parece exausto, lívido e distante. Eu me pergunto que novas drogas os médicos estão experimentando nele. Um lembrete repentino e doloroso da luz que se extingue aos poucos dentro dele; os segundos que lhe restam se encurtam com o tique-taque do relógio.

De pé ao seu lado estão alguns técnicos de laboratório com macacões brancos e óculos protetores pendurados no pescoço. Cada um deles examina o quarto e digita informações em um notepad. A pouca distância, Pascao está entretido em uma conversa com os Patriotas. Eles deixam Day sozinho.

– Day! – digo, ao nos aproximarmos.

Ele me olha: mil emoções cintilam em seus olhos, o que faz minhas bochechas corarem. Nesse instante, ele repara que Anden está comigo. Consegue fazer uma breve reverência com a cabeça ao Eleitor e depois vira o corpo para voltar a observar a paciente do outro lado do vidro: Tess.

– O que está acontecendo? – pergunto a Day.

Ele dá mais uma tragada no cigarro e baixa os olhos.

– Não me deixam entrar lá. Acham que ela foi contaminada por essa

nova praga – responde ele. Sua voz está baixa, mas percebo frustração e raiva nela. – Já fizeram testes comigo e com os outros Patriotas. Só detectaram problemas com os testes de Tess.

Tess afasta as mãos de um dos técnicos de laboratório e depois tropeça para trás, como se estivesse tendo dificuldade para manter o equilíbrio. Há suor na sua testa, e ele escorre até o pescoço. A parte branca de seus olhos estampa um tom amarelo doentio, e quando olho detidamente, percebo que ela está estreitando os olhos, num esforço para ver as coisas ao seu redor. Lembro-me então que ela é míope, e costumava apertar os olhos para enxergar melhor, quando vivia nas ruas de Lake.

As mãos dela estão tremendo, o que me faz engolir em seco. Os Patriotas não ficaram muito tempo perto dos soldados das Colônias, mas aparentemente foi suficiente para que um soldado contaminado pelo vírus o transmitisse a um deles. Há também uma possibilidade muito grande de que as Colônias estejam propositalmente disseminando a doença entre nós, agora que estão em nosso território. Sinto um frio no estômago ao recordar uma frase do blog secreto de Metias: *Daqui a algum tempo, um vírus não vai poder ser controlado, nenhuma vacina nem cura será capaz de detê-lo.* E isso é bem capaz de derrubar a República de uma vez por todas.

Uma das técnicas de laboratório que está fora da sala se vira para mim e explica rapidamente:

– O vírus parece ser uma mutação de um dos nossos antigos experimentos com a praga – diz ela, olhando nervosamente para Day (ele deve ter brigado com ela por causa dos experimentos) antes de continuar: – Até onde sabemos, com base nas estatísticas divulgadas pelas Colônias, são baixos os índices de contaminação entre os adultos saudáveis, mas depois que o vírus se instalada, a doença avança muito depressa e a taxa de mortalidade é altíssima. Estamos analisando a incidência de infecções que levam à morte no período de uma semana.

Ela se concentra em Tess do outro lado do vidro:

– Ela está apresentando alguns dos primeiros sintomas da praga: febre, tonteira, icterícia e o sintoma que aponta para um dos vírus fabricados por nós mesmos: cegueira temporária ou permanente.

Ao meu lado, Day agarra as muletas com tanta força que suas

articulações embranquecem. Conhecendo-o como conheço, eu me pergunto se ele já não discutiu várias vezes com os técnicos de laboratório, tentando forçar a entrada para ficar com Tess, ou se não gritou com eles para que a deixassem em paz.

Sei que ele deve estar visualizando Éden com seus olhos violeta, praticamente cego, neste exato instante. Neste momento, sinto um ódio profundo pela antiga República. Meu pai trabalhou nesses laboratórios experimentais. Ele tentou desistir das pesquisas quando descobriu o que estava realmente sendo feito com todas as pragas de Los Angeles, mas, como resultado, perdeu a vida. Será que este país está nos apoiando de verdade agora? Será que nossa reputação pode algum dia mudar aos olhos do mundo ou das Colônias?

– Ela tentou salvar Frankie – sussurra Day, com os olhos ainda fixos em Tess. – Ela chegou ao quartel dos blindados logo depois de nós. Pensei que Thomas fosse matá-la. – Seu tom de voz demonstra amargura. – Mas talvez ela já estivesse marcada para morrer.

– Thomas? – pergunto baixinho.

– Thomas morreu. Quando Pascao e eu estávamos fugindo para o quartel dos blindados, eu o vi enfrentar, sozinho, os soldados das Colônias. Ele ficou disparando contra eles até ser baleado na cabeça. – Ele se encolhe todo ao dizer essa última frase.

Thomas morreu.

Pisco duas vezes, subitamente entorpecida dos pés à cabeça. Eu não deveria ficar chocada, então, por que fiquei? Eu estava preparada para isso. O soldado, que esfaqueou o coração do meu irmão e matou a tiros a mãe de Day, já não existe mais. É claro que ele morreria daquela maneira, defendendo a República até o fim, inabalável na sua lealdade insana a um país que já lhe tinha virado as costas. Compreendo na mesma hora por que isso afetou tanto Day. *Baleado na cabeça.* Sinto-me vazia ao me dar conta disso. Exausta. Paralisada. Meus ombros se curvam.

– Foi melhor assim – consigo finalmente murmurar, apesar do nó na garganta. Minha cabeça é ocupada por imagens de Metias, e pelo que Thomas me contou sobre a última noite em que meu irmão estava vivo. Obrigo-me a voltar a pensar em Tess. A pensar nos vivos, naqueles que

ainda importam. – Tess vai ficar bem – digo. Minhas palavras não soam convincentes. – Só precisamos encontrar uma solução.

Os técnicos de laboratório na sala envidraçada enfiam uma agulha comprida no braço direito de Tess, e depois no esquerdo. Ela solta um soluço meio engasgado. Com lágrimas nos olhos, Day desvia o rosto dessa cena, ajusta firmemente as muletas e começa a vir em nossa direção. Ao passar por mim, sussurra: *"Hoje à noite."* Em seguida nos deixa para trás e atravessa o corredor.

Eu o observo ir em silêncio. Anden suspira, olha tristemente para Tess, e se reúne com os técnicos de laboratório.

– Vocês têm certeza de que Day não está contaminado? – pergunta à técnica que nos deu as informações sobre o vírus. Ela confirma, e Anden lhe faz um sinal positivo com a cabeça. – Quero que seja feito um segundo teste em todos os nossos soldados *agora*. – Ele vira-se para um dos senadores: – Depois quero que seja mandada uma mensagem imediatamente ao Chanceler das Colônias e também ao presidente da DesCon. Vejamos se a diplomacia pode nos ajudar.

Em seguida, Anden me olha demoradamente e diz:

– Sei que não tenho o direito de lhe pedir isto, mas se você tiver coragem de falar mais uma vez com Day sobre o irmão, eu ficarei grato. Talvez ainda tenhamos uma oportunidade com a Antártida.

19H30.
SETOR RUBI.
23°C.

O edifício de muitos andares no qual estou morando fica a apenas alguns quarteirões de onde Metias e eu morávamos. À medida que o jipe se aproxima do prédio, olho para a rua e tento ver de relance minha antiga casa. Até mesmo o setor Rubi está bloqueado com cordões de isolamento indicando as áreas para os refugiados, e soldados ocupam as ruas. Eu me pergunto onde estará Anden em meio a toda esta bagunça; provavelmente em algum lugar do setor Batalla. Com toda a certeza hoje ele ficará acordado até tarde. Antes de me dirigir ao apartamento que me foi designado, ele me

levou para o hall do laboratório. Seus olhos se fixaram rápida e inconscientemente nos meus lábios e depois me encararam. Eu sabia que ele estava relembrando o breve momento que partilhamos em Ross City, e as palavras que se seguiram. *Sei que você gosta muito do Day.*

– June – disse ele, após uma pausa constrangedora. – Amanhã de manhã vamos nos reunir com o Senado para discutir as próximas providências a serem tomadas. Quero te informar que nessa conferência cada um dos Primeiros Cidadãos vai dirigir algumas palavras ao grupo. É uma oportunidade para expor o que cada um de vocês faria se fosse o Primeiro Cidadão ou Cidadã oficial. Mas fique prevenida de que as coisas podem esquentar. – Ele deu um pequeno sorriso. – Esta guerra deixou todos nós nervosos, para dizer o mínimo.

Tive vontade de dizer a ele que preferia não participar. Mais uma reunião com os senadores, mais uma sessão de quatro horas ouvindo quarenta papagaios tagarelando, todos lutando para superar uns aos outros, todos tentando influenciar Anden ou constrangê-lo na frente dos demais. Sem dúvida Mariana e Serge vão liderar as discussões para provar qual dos dois é o melhor candidato a Primeiro Cidadão ou Cidadã. Só de pensar nisso, a pouca força que me resta se esgota. Ao mesmo tempo, porém, a ideia de deixar Anden carregar o ônus sozinho numa sala cheia de gente fria e distante é muito difícil de suportar. Por isso, sorri, fiz uma pequena reverência, como uma Primeira Cidadã que faz jus ao título, e disse: – Estarei lá.

O jipe chega ao edifício, onde fica meu novo apartamento, e eu descarto todas aquelas recordações. Salto do jipe com Ollie e observo o veículo desaparecer completamente de vista ao dobrar a esquina. Então entro no prédio.

Pretendo dar uma passada no quarto de Day logo depois que me acomodar, para ver o que ele quis dizer com "Hoje à noite", mas quando chego ao corredor do meu andar, vejo que isso não será necessário.

Day está acampado do lado de fora da minha porta, sentado bem à vontade contra a parede, distraidamente fumando um cigarro azul. Suas muletas estão jogadas no chão, ao seu lado. Embora ele esteja imóvel, ainda é possível identificar alguns de seus traços característicos – seus modos

rebeldes, descuidados, desafiadores. Por um instante, volto ao dia em que o vi pela primeira vez, nas ruas, com seus olhos de um azul-vivo, movimentos explosivos, e cabelo louro desgrenhado. Essa imagem nostálgica é tão suave, que de repente sinto meus olhos ficarem cheios d'água. Respiro fundo e me obrigo a não chorar.

Quando me vê, no final do corredor, fica de pé.

– June!

Ollie vai até ele para recepcioná-lo, e Day acarinha a cabeça do meu cachorro uma vez. Continua parecendo exausto, mas consegue me dar um meio sorriso tristonho. Sem as muletas, ele oscila um pouco. Os olhos dele estão muito angustiados, e sei que é por causa do nosso encontro no laboratório.

– Pela sua expressão, o pessoal da Antártida não quis colaborar.

Balanço a cabeça, abro a porta e o convido para entrar.

– Não quis mesmo – respondo, ao fechar a porta. Meus olhos instintivamente examinam a sala, memorizando o layout. O lugar se parece demais com minha antiga casa, o que me deixa pouco à vontade. – Eles contataram as Nações Unidas sobre a praga. Vão suspender todas as negociações com nossos portos. Nada de importações ou exportações, nada de ajuda, nada de suprimentos. Estamos todos em quarentena. Eles disseram que só podem nos ajudar quando lhes dermos comprovação da cura da praga, ou se Anden lhes ceder, como pagamento, um bom pedaço das terras da República. Até que isso aconteça, não vão mandar nenhuma tropa. Tudo que sei agora é que estão monitorando muito de perto nossa situação.

Day não diz nada. Em vez disso, ele se afasta de mim, vai até a varanda e se debruça no parapeito. Ponho comida e água para Ollie e depois me junto a Day. O sol já se pôs há algum tempo, mas com o brilho das luzes da cidade, podemos ver as nuvens baixas que bloqueiam as estrelas, cobrindo o céu de tons cinzentos e pretos. Reparo que Day precisa se segurar com força no parapeito para ficar de pé. Fico tentada a lhe perguntar como se sente, mas sua expressão me impede. É provável que ele não queira tocar no assunto.

– Então – diz Day, após uma tragada no cigarro. A luz dos telões

distantes pinta uma linha reluzente em seu rosto. Seus olhos miram os edifícios, e sei que está instintivamente analisando como poderia fugir por eles. – Acho que agora estamos por conta própria, mas não posso dizer que estou muito chateado por causa disso. A República sempre quis fechar suas fronteiras, certo? Talvez o país agora lute melhor. Nada motiva tanto alguém do que estar sozinho e encurralado nas ruas.

Quando Day levanta o cigarro novamente para levá-lo aos lábios, vejo que sua mão está trêmula. O anel de clipes de papel brilha no seu dedo. Digo então, suavemente:

– Day – ele apenas ergue uma sobrancelha e me olha de lado –, você está tremendo.

Ele exala uma baforada de fumaça azul, estreita os olhos para contemplar as luzes da cidade na escuridão e fecha os olhos.

– É estranho estar de volta a Los Angeles – comenta com a voz distraída e distante. – Eu estou ótimo, apenas preocupado com Tess.

Segue-se uma longa pausa. Sei que o nome Éden está na ponta de nossas línguas, embora nenhum de nós dois queira mencioná-lo primeiro. Day finalmente interrompe o silêncio, e aborda o assunto com pesar lento e consternado:

– June, tenho pensado no que o seu Eleitor quer de mim. Sobre... você sabe... meu irmão. – Ele suspira e se inclina mais sobre o parapeito, passando a mão no cabelo. Seu braço roça no meu, e mesmo esse pequeno gesto acelera meu coração. – Tive uma discussão com Éden sobre isso.

– O que ele disse? – pergunto. Não sei por quê, mas me sinto culpada ao relembrar o pedido que Anden me fez: *Se você tiver coragem de falar mais uma vez com Day sobre o irmão, eu ficarei grato.*

Day apaga o cigarro no parapeito de metal, e nossos olhos se encontram.

– O Éden quer ajudar – murmura ele. – Depois de ver Tess hoje, e do que você acabou de me dizer, bem... – Ele cerra os dentes. – Vou falar com Anden amanhã. Talvez o sangue de Éden contenha alguma coisa que possa, sei lá... fazer alguma diferença. *Talvez.*

É claro que ele ainda está relutante, e percebo nitidamente o sofrimento na sua voz, mas ele *concordou*. Concordou em deixar a República utilizar seu irmãozinho para encontrar a cura para essa praga. Um pequeno sorriso

agridoce surge nos cantos da minha boca. *Day, o campeão do povo, o rapaz que não tolera ver os que o cercam sofrer em seu nome, o rapaz que daria a vida de bom grado por aqueles que ama.* Exceto que não é da vida *dele* de que precisamos para salvar Tess, mas a do irmão. Arriscar um ente querido para salvar outro. Eu me pergunto se mais alguma coisa o fez mudar de ideia.

– Day, obrigada – sussurro. – Sei como isso é difícil.

Ele faz uma careta e balança a cabeça.

– Não me agradeça, estou apenas sendo egoísta, mas não consigo evitar. – Ele baixa a cabeça, desnudando todas as suas fraquezas. – Só quero que você... peça a Anden que traga meu irmão de volta. Por favor.

Existe outra coisa que o incomoda, algo que faz suas mãos tremerem incontrolavelmente. Eu chego mais perto dele e ponho minha mão sobre a dele. Ele me olha direto nos olhos de novo. Seu rosto expressa profunda tristeza e medo, e isso me parte o coração.

– O que mais está lhe incomodando, Day? – sussurro. – O que aconteceu?

Desta vez ele não desvia o olhar. Engole em seco e, quando fala, sua voz treme ligeiramente:

– O Chanceler das Colônias ligou pra mim quando eu estava internado.

– O Chanceler? – sussurro, tendo o cuidado de manter a voz baixa. Nunca se sabe... – Tem certeza?

Day faz um sinal afirmativo com a cabeça, e depois me conta tudo: a conversa que teve com o Chanceler, os subornos, a chantagem e as ameaças. Ele me fala sobre o que as Colônias têm reservado para mim, caso Day se recuse a acatar as condições do Chanceler.

Eu já temia isso, só não externava. Finalmente, ele suspira. O fato de liberar todas essas informações parece aliviar o peso que carrega, mesmo que só levemente.

– Deve haver uma saída. Uma forma de fazer com que as Colônias sejam derrotadas no seu próprio jogo. Ainda não sei o quê, mas se conseguirmos encontrar um jeito de fazer o Chanceler pensar que vou ajudá-lo, então quem sabe a gente possa apanhá-los de surpresa.

Se as Colônias realmente vencerem, *virão* atrás de mim. Todos nós seremos assassinados. Tento parecer tão calma quanto ele, mas fracasso.

Minha voz trêmula exprime meu pavor:

– Ele espera que você reaja emocionalmente a tudo isso. Pode ser uma oportunidade tão boa quanto qualquer outra de atacar as Colônias com sua própria propaganda. Mas seja lá o que fizermos, precisamos ter muito cuidado. O Chanceler sabe que não pode confiar totalmente em você.

– Você vai estar em perigo se eles vencerem – sussurra Day com a voz sofrida. – Nunca pensei que eles fossem uns malditos corações moles, mas talvez seja bom você fugir do país, viajar para um lugar neutro e procurar asilo.

Fugir do país, escapar de todo este pesadelo e me isolar numa terra distante? Uma vozinha minúscula e soturna na minha cabeça sussurra que devo fazer isso, pois ficarei mais segura assim, mas rejeito essa ideia. Eu me aprumo da melhor maneira que posso, e respondo suavemente:

– Não, Day. Se eu fugir, o que farão todas as outras pessoas? E quem não conseguir escapar?

– Eles vão *matar* você! – Ele se aproxima. Seus olhos me imploram que eu concorde em fugir. – Por favor!

Balanço a cabeça.

– Vou continuar bem aqui. O povo não aguentaria que seu moral fosse esmagado ainda mais. Além disso, você pode precisar de mim. – Dou um pequeno sorriso. – Acho que sei algumas coisas sobre as forças militares da República que podem ser muito úteis, não concorda?

Day balança a cabeça, frustrado, mas ao mesmo tempo sabe que não vou recuar um milímetro da minha decisão. Ele sabe porque agiria exatamente da mesma forma.

Day segura minha mão, me puxa para ele e me abraça. Estou tão desacostumada ao toque dele, que seu abraço me faz sentir um enorme calor no corpo inteiro. Fecho os olhos, desabo no peito dele e saboreio a sensação. Faz tanto tempo assim desde a última vez em que nos beijamos? Será que senti tanto a falta dele assim? Será que os problemas que ameaçam nos destruir nos enfraqueceram tanto a ponto de precisarmos nos agarrar desesperadamente um ao outro para sobreviver? Eu tinha me esquecido de como é gostoso estar nos braços dele. Sua camisa de botão está amassada e macia contra a minha pele, e, debaixo dela, o peito de Day é quente e pulsa

com as fracas batidas de seu coração. Ele tem cheiro de terra, fumaça e vento.

– Você me deixa louco, June! – murmura ele junto ao meu cabelo. – Você é a pessoa mais assustadora, inteligente e corajosa que conheço. Às vezes nem consigo respirar direito porque fico tentando acompanhar o seu ritmo. Nunca vai existir alguém como você. Você sabe disso, não sabe?

Inclino o rosto para olhá-lo. Seus olhos refletem as pálidas luzes dos telões, um arco-íris de cores noturnas.

– Bilhões de pessoas vão nascer e morrer neste mundo – continua ele suavemente –, mas *nunca* haverá alguém como você.

Meu coração se contorce tanto que tenho a sensação de que ele vai se partir ao meio. Não sei o que dizer.

Ele então me solta abruptamente, e o frio da noite é um choque repentino na minha pele. Mesmo na escuridão, consigo ver o rubor em suas bochechas; sua respiração está mais pesada do que o habitual. Pergunto então:

– O que foi?

– Desculpa – responde ele com a voz tensa. – Estou morrendo, June, não sirvo pra você. Tudo está bem até eu te ver; aí as coisas mudam de novo. Penso que não me importo mais com você, que vai ser mais fácil com você distante, mas de repente estou aqui de novo e você... – Ele se cala e olha para mim. Sua expressão angustiada é uma faca que se afunda em meu peito. – *Por que* eu faço isso comigo? Quando te vejo, eu sinto um... – Seus olhos estão cheios de lágrimas. Essa visão é mais do que consigo suportar. Ele se afasta dois passos de mim e depois se vira, como um animal enjaulado. – Só pra saber: você me ama? – pergunta de súbito, agarrando meus ombros. – Eu já disse que te amo, e continuo amando, mas nunca ouvi *você* dizer o que sente por mim. Não faço ideia se você me ama, mas aí você me dá este *anel.* – Ele ergue a mão, e eu fico sem saber o que pensar.

Day se aproxima, até que sinto seus lábios junto ao meu ouvido. Todo o meu corpo estremece.

– Você tem noção de como mexe comigo? – diz ele com a voz suave, entrecortada e rouca. – Você consegue imaginar o quanto eu... O quanto eu sou louco para...

Ele se afasta o suficiente para me olhar desesperadamente nos olhos.

– Se você não me ama, é só dizer... *você precisa me ajudar.* Seria até melhor para mim; seria mais fácil ficar longe de você, não seria? Eu posso abrir mão de você. – Ele fala como se estivesse tentando se convencer. – Eu *consigo* abrir mão de você, se você não me amar.

Ele diz isso como se achasse que eu sou a mais forte entre nós dois, mas acontece que não sou. Não consigo tampouco fugir do que sinto.

– Não – digo, entre dentes cerrados, com a visão enevoada. – Não posso te ajudar porque *eu te amo.* – Pronto! Falei. – Estou completamente apaixonada por você, Daniel.

Vejo uma expressão conflitante nos olhos de Day, de alegria e dor, que o torna muito vulnerável. Só então percebo que ele não tem condições de lutar contra minhas palavras. *Ele ama com todo o seu ser, é da natureza dele.* Day pisca e tenta encontrar a resposta adequada.

– Eu... – gagueja ele – estou com muito medo, June. Muito medo do que pode acontecer comigo e...

Encosto dois dedos nos lábios dele para que não diga mais nada e sussurro:

– O medo te fortalece. – Antes que eu consiga me deter, seguro o rosto dele com as mãos e beijo sua boca.

Qualquer resquício de autocontrole que Day ainda possuía se desfaz em mil pedaços. Ele retribui meu beijo com uma urgência incontrolável. Sinto suas mãos tocarem meu rosto; uma delas macia e a outra ainda envolta em ataduras. Em seguida, ele me pega pela cintura e me puxa para perto do seu corpo com tanta força que sufoco um grito. Ninguém se compara a ele. E neste instante, não há nada que eu queira mais.

Damos um jeito de ir para o meu quarto, sem pararmos de nos beijar. Day tropeça em mim, perde o equilíbrio e caímos na minha cama. O peso de seu corpo me deixa sem ar. Suas mãos percorrem meu queixo, meu pescoço, minhas costas, minhas pernas. Eu arranco seu casaco. Os lábios de Day se afastam dos meus, e ele enterra o rosto no meu pescoço. Seu cabelo roça meu braço, espesso e mais macio do que qualquer seda que já vesti. Day finalmente encontra os botões da minha blusa. Eu já abri os dele e, sob o tecido, sua pele é ainda mais quente do que eu imaginava. O calor que ele

irradia me aquece. Saboreio o peso de seu corpo.

Nenhum dos dois se atreve a dizer qualquer coisa. Temos receio de que palavras nos detenham, de que dilacerem o fascínio que nos une. Ele está tremendo também. De repente, me ocorre que ele deve estar tão nervoso quanto eu. Sorrio quando seus olhos encontram os meus, e depois ele os desvia, num gesto envergonhado. *Day é tímido?* Que emoção nova e estranha é essa estampada em seu rosto? Algo deslocado e, ao mesmo tempo, tão apropriado! Fico aliviada ao constatar isso porque posso sentir minhas bochechas ficando quentes, de tanta vergonha. Constrangida, sinto vontade de cobrir minha pele despida. Muitas vezes imaginei como seria me deitar com Day pela primeira vez. *Estou apaixonada por ele.* Testo essas novas palavras na minha cabeça, impactada e temerosa por tudo que elas representam. Ele está aqui, ele é real, de carne e osso.

Mesmo com sua paixão febril, Day é gentil comigo. É uma gentileza diferente da de Anden, que é refinado, respeitoso e elegante. Day é rude, espontâneo, inseguro e puro. Quando olho para ele, percebo um sorriso sutil nos cantos da boca, um leve indício de traquinagem, o que só aumenta meu desejo por ele.

Day acaricia meu pescoço; seu toque me causa arrepios na espinha. Ele suspira aliviado junto ao meu ouvido, de uma forma que faz meu coração disparar: é um suspiro que parece libertá-lo de todas as emoções sombrias que o assombram. Dou-lhe mais um beijo demorado e passo as mãos por seu cabelo para que ele saiba que estou bem. Pouco a pouco, ele relaxa. Contenho a respiração quando ele se mexe junto ao meu corpo; seus olhos brilham tanto, que tenho a impressão de que posso me afogar neles. Day beija minhas bochechas e prende alguns fios do meu cabelo cuidadosamente atrás da minha orelha; eu deslizo meus braços ao redor dele e o puxo para mais perto.

Independentemente do que possa nos acontecer, do rumo que nossos caminhos sigam, este momento será nosso.

Depois, ficamos em silêncio. Day está deitado ao meu lado, e os lençóis cobrem parte de suas pernas, os olhos fechados meio sonolentos, a mão ainda enlaçada com a minha, como se para reassegurar-se daquele momento.

Olho ao redor. A colcha pende precariamente da cama. Os lençóis têm dobras que se irradiam, parecendo uma dúzia de pequenos sóis e seus raios. Há fundas reentrâncias no meu travesseiro. Cacos de vidro e pétalas de flor cobrem o chão. Eu sequer havia reparado que derrubamos um vaso da penteadeira, nem escutei o barulho quando ele se despedaçou nas tábuas de cerejeira do chão.

Meus olhos se fixam novamente em Day. Sob o parco brilho da noite, seu rosto está com uma expressão pacífica e livre de dor. Sua aparência é até ingênua. A boca já não está aberta, nem as sobrancelhas franzidas. Seu corpo tampouco treme. Fios soltos de seu cabelo lhe emolduram o rosto; alguns deles refletem as luzes da cidade que entram pela janela. Eu me viro delicadamente para ele, passo as mãos pelos músculos do seu braço, e lhe dou um beijo na face.

Seus olhos se abrem e piscam para mim, sonolentos. Ele me olha fixo demoradamente. Eu me pergunto o que será que ele vê, e se a dor, a alegria e o medo que ele confessou antes continuam presentes, assombrando-o. Ele se inclina e me beija com suavidade e delicadeza. Seus lábios demoram a se afastar, receosos de se despedirem. Eu tampouco quero me despedir. Não quero pensar no amanhã. Quando mais uma vez eu o puxo para mim, ele me acolhe, ansiando por mais. Tudo em que posso pensar é que sou grata por seu silêncio, por não me dizer que eu o estou aproximando cada vez mais de mim, quando deveria libertá-lo.

Já tive muitos momentos memoráveis na companhia de garotas. Meu primeiro beijo foi aos doze anos, quando precisei usar minha boca para calar uma guria de dezesseis que ameaçou me dedurar para a polícia municipal. Transei com algumas meninas dos setores das favelas e outras dos setores dos ricos. Teve até uma garota, de um setor de joias, com quem tive um namoro de poucos dias quando eu tinha catorze anos. Ela era bem bonita: cabelo castanho-claro curtinho, uma pele morena perfeita... Todas as tardes a gente escapulia para o porão do colégio onde ela estudava para... Bem, se divertir um pouco.

Mas *June...*

Meu coração se abriu completa e irremediavelmente para ela, da forma como eu temia, e não tenho forças para mudar isso. Qualquer barreira que eu tivesse conseguido erguer para me resguardar, qualquer resistência que eu cultivasse em relação a meus sentimentos por ela foi abaixo. Destroçadas. À luz fraca da noite que entra pela varanda, passo minha mão pelas curvas do corpo de June. Minha respiração continua superficial. Não quero ser o primeiro a dizer alguma coisa. Meu peito está pressionado com delicadeza contra as costas dela, meu braço envolve sua cintura; seu cabelo cobre o pescoço delicado como um lenço escuro e brilhante. Enterro o rosto em sua pele macia. Um milhão de pensamentos percorrem minha cabeça, mas, assim como ela, permaneço em silêncio.

Simplesmente não há mais nada a dizer.

Acordo sobressaltado na cama, arquejante. Mal consigo respirar – meus pulmões trabalham com dificuldade, numa tentativa de absorver o ar. Olho ao redor, freneticamente. *Onde estou?*

Estou na cama de June.

Foi um pesadelo, apenas um pesadelo; o beco e a rua em Lake desapareceram. Continuo deitado por um instante, tentando, com calma, recuperar o fôlego e desacelerar as batidas do meu coração. Estou completamente encharcado de suor. Olho de relance para June. Ela está deitada

de lado, de frente para mim; seu tronco sobe e desce num ritmo suave e constante. Ótimo. Não quero acordá-la. Limpo rapidamente as lágrimas do rosto com a palma da mão que não está enfaixada e continuo deitado por alguns minutos, ainda tremendo. Quando se torna óbvio que não vou conseguir voltar a dormir, sento devagar na cama e apoio os cotovelos nos joelhos. Baixo a cabeça. Meus cílios roçam a pele do meu braço. Sinto-me muito debilitado, como se tivesse acabado de escalar um edifício de trinta andares.

Esse foi, sem a menor dúvida, o pior pesadelo que já tive. Tenho medo de fechar os olhos por muito tempo e acabar tendo de reviver as imagens que dançaram sob minhas pálpebras. Olho ao redor do quarto. Minha visão se embaça de novo; transtornado, limpo as lágrimas recentes. Que horas são? Lá fora ainda está escuro como breu; apenas o brilho fraco de telões distantes e das luzes da rua ilumina o quarto. Volto a olhar para June, observando como as luzes do lado de fora salpicam cores sobre seu corpo. Desta vez, não estendo o braço para tocá-la.

Não sei quanto tempo fico sentado desse jeito, tentando encher os pulmões de ar, até que minha respiração finalmente se estabiliza. É tempo suficiente para secar as gotas de suor que empapavam meu corpo inteiro. Meus olhos vagueiam até a varanda do quarto. Olho fixamente para a noite lá fora, depois me levanto com cuidado da cama sem fazer barulho, visto a camisa e as calças, e calço as botas. Torço meu cabelo até formar um nó, e ajusto bem firme um boné à cabeça. June se mexe um pouco, e eu paro de me movimentar. Quando ela para, acabo de abotoar a camisa e vou até as portas envidraçadas da varanda. No canto do quarto, o cachorro de June me olha curioso e inclina a cabeça, mas não faz qualquer ruído. Agradeço-lhe mentalmente e abro as portas da varanda. Elas se fecham quando passo, sem fazer barulho.

Com dificuldade, subo no parapeito da varanda, me empoleiro como um gato e examino os arredores. Este é o setor Rubi, um setor onde vivem os mais abastados, e que é completamente diferente do setor em que nasci. Estou de volta a Los Angeles, mas não reconheço a cidade: ruas limpas e bem cuidadas, telões novos e reluzentes, amplas calçadas sem rachaduras nem buracos, nem policiais municipais arrastando órfãos para longe das barracas de feira. Por instinto, meu olhar se concentra na direção da cidade onde fica o setor Lake.

Deste lado da cidade, não dá para ver o centro de Los Angeles, mas consigo

senti-lo. As lembranças que me acordaram, sussurram que eu volte para casa. O anel de clipes de papel está firme no meu dedo. Um mal-estar toma conta de mim depois daquele pesadelo, uma sensação desagradável que não consigo afastar. Eu me penduro no lado de fora do parapeito e apoio os pés em uma saliência abaixo dele. Vou descendo silenciosamente andar por andar até minhas botas alcançarem a calçada e me misturo às sombras da noite. Minha respiração está entrecortada.

Mesmo aqui, num setor de gente rica, existem agora patrulhas municipais vigiando as ruas, com as armas a postos como se prontas para um ataque surpresa das Colônias. Mantenho distância delas para evitar perguntas, e volto a adotar antigos hábitos ao caminhar pelas ruas, andando por labirintos de vielas e laterais sombreadas de edifícios até alcançar uma estação de trem onde há jipes enfileirados, à espera de passageiros. Ignoro esses jipes: não estou com vontade de bater papo com um motorista que talvez me reconheça, para, na manhã seguinte, ouvir boatos sobre o que eu estava fazendo na rua até altas horas da noite. Em vez disso, vou até a plataforma e espero pelo próximo trem automatizado que me leve até o centro da cidade.

Meia hora depois, salto na estação central e caminho em silêncio pelas ruas até chegar perto da antiga casa da minha mãe. As rachaduras em todas as ruas do setor de favelas servem para uma coisa boa: de vez em quando vejo trechos de terra onde margaridas crescem ao acaso, pequenos pontos de turquesa e verde numa rua geralmente cinzenta. Por instinto, me agacho e colho algumas delas, as favoritas da minha mãe.

– Ei, você aí, garoto!

Viro o corpo para ver quem está me chamando. Demoro alguns segundos para localizá-la, porque é muito baixinha. Trata-se de uma anciã curvada ao lado de um edifício todo coberto por tábuas, tremendo sob o ar da noite. Está dobrada quase ao meio, com o rosto completamente enrugado, e suas roupas são tão esfarrapadas que não dá para saber onde começam nem onde terminam: é apenas um grande esfregão de trapos. Ela está com uma caneca rachada entre os pés descalços e imundos, mas o que me faz parar é o fato de suas mãos estarem cobertas por espessas ataduras. Igualzinho à minha mãe. Quando ela percebe que minha atenção está concentrada nela, seus olhos brilham com um leve indício de esperança. Não sei bem se me reconhece, mas tampouco sei se

ela enxerga bem. A mulher resmunga:

– Tem um trocadinho pra me dar, menino?

Enfio a mão no bolso e tiro um pequeno maço de notas: são oitocentas Notas da República. Não faz muito tempo, eu arriscaria a vida para conseguir todo esse dinheiro. Eu vou até a velha, ponho as notas nas suas palmas trêmulas e aperto-lhe as mãos enfaixadas.

– Esconde isto aí e não conta pra ninguém.

Quando a mulher continua a me olhar com expressão atônita e boquiaberta, eu me levanto e começo a andar novamente pela rua. Acho que ela gritou alguma coisa, mas não me dou ao trabalho de me virar: não quero mais ver aquelas mãos enfaixadas.

Minutos depois, chego ao cruzamento da Watson e Figueroa. Minha antiga casa.

A rua não mudou muito, mas agora a casa da minha mãe está vedada por tábuas e abandonada, assim como muitos outros prédios nos setores das favelas. Eu me pergunto se tem alguém lá dentro, entocado no nosso antigo quarto ou dormindo na cozinha. A casa, aparentemente, está às escuras. Caminho devagar até ela e me pergunto se continuo preso no meu pesadelo. Talvez eu não tenha acordado ainda.

Não há mais cordões de quarentena isolando o quarteirão, nem patrulhas de vigilância contra a praga na calçada. Reparo numa mancha de sangue ainda visível, no concreto rachado que conduz a casa. Agora está marrom e desbotada, muito diferente do que eu me lembro. Olho fixamente para a mancha de sangue, entorpecido e insensível, depois passo por ela e continuo andando. Minha mão aperta o punhado de flores que colhi.

Ao me aproximar da porta da frente, vejo que o conhecido X vermelho continua lá, embora esteja desbotado e lascado. Várias tábuas de madeira apodrecida estão pregadas por toda a extensão da porta. Fico lá um tempinho e passo um dedo na tinta desbotada. Alguns minutos depois, saio bruscamente do meu torpor e vou até os fundos da casa. Metade da nossa cerca desabou, deixando o minúsculo quintal exposto e visível aos vizinhos.

A porta dos fundos também está lacrada por tábuas de madeira, mas elas estão tão apodrecidas e dilaceradas que só preciso empurrá-las para que desabem, num estalar abafado de lascas.

Forço a porta e entro. Tiro o boné, e meus cabelos caem sobre minhas costas. Mamãe sempre mandava a gente tirar o chapéu dentro de casa.

Meus olhos se adaptam à escuridão. Dou alguns passos silenciosos e entro na nossa sala minúscula. Eles podem ter vedado a casa como parte de algum protocolo padrão, mas os móveis permanecem intactos, com a única diferença de estarem todos cobertos por uma camada de poeira.

Os poucos pertences da minha família continuam aqui, do mesmo jeito que estavam na última vez em que os vi. O retrato do antigo Eleitor pendurado na parede aos fundos da sala, proeminente e centralizado, e nossa pequena mesa de jantar ainda tem espessas camadas de papelão presas a uma das pernas, para firmar o móvel. Uma das cadeiras está no chão, como se alguém tivesse se levantado às pressas. *John fez isso*, agora me lembro. Recordo que todos nós fomos ao quarto para pegar o Éden, tentando levar nosso irmãozinho dali antes que as patrulhas contra a peste viessem atrás dele.

O quarto. Vou até a porta de nosso minúsculo quarto; preciso apenas de alguns passos para chegar a ele. É... Tudo aqui também está exatamente do mesmo jeito, a não ser pelas teias de aranha. A planta que Éden trouxe para casa certa vez continua no canto, embora agora esteja morta, com as folhas e os caules pretos e murchos. Passo um instante contemplando a planta e em seguida volto para a sala. Ando ao redor da mesa de jantar e finalmente me sento na minha velha cadeira, que range como sempre.

Coloco o ramalhete de margaridas cuidadosamente em cima da mesa. Nossa lamparina está no meio, apagada e sem uso. Geralmente, a rotina era esta: mamãe chegava em casa todo dia às seis da tarde, poucas horas depois que eu voltava do colégio, e John chegava umas nove da noite. Para economizar, mamãe só acendia a lamparina quando John regressava. Depois de um tempo, Éden e eu começamos a aguardar ansiosamente a "lâmpada mágica" se acender, pois isso queria dizer que John tinha acabado de entrar e que iríamos jantar.

Não sei por que fico sentado aqui, na expectativa de que mamãe saia da cozinha e acenda a "lâmpada mágica". Não sei por que meu peito se enche de alegria, achando que John está em casa e que o jantar está servido. Antigos e estúpidos hábitos. Ainda assim, meus olhos se concentram esperançosamente na porta da frente, e minha esperança só aumenta.

Mas a lamparina permanece apagada. John fica do lado de fora e mamãe não

está em casa.

Apoio os braços pesadamente na mesa e cubro os olhos com as mãos.

– Por favor, me ajudem – sussurro desesperado para a sala vazia. – Eu não sei mais o que fazer. – *Eu quero, eu a amo, mas não consigo suportar a dor. Faz quase um ano. Qual é meu problema? Por que não consigo seguir em frente?*

Sinto um nó na garganta. As lágrimas descem rapidamente pelo meu rosto. Nem me dou ao trabalho de secá-las, porque sei que é impossível. Soluço sem poder me controlar. Não consigo parar, não consigo recuperar o fôlego, não consigo ver. Não consigo ver minha família porque ela não está aqui. Sem eles, todos estes móveis são inúteis, as margaridas na mesa de nada valem, a lamparina é apenas uma porcaria velha e escurecida. As imagens do meu pesadelo persistem e me assombram. Por mais que eu me esforce, não adianta: não consigo fazer com que desapareçam.

O tempo cura todas as feridas. Menos essa. Ainda não.

Não me mexo, mas pelos olhos semicerrados e sonolentos, vejo Day sentar-se na cama ao meu lado e enterrar o rosto nas mãos. Ele respira pesadamente. Sete minutos depois ele se levanta sem fazer barulho, me olha de relance pela última vez e desaparece pela porta da varanda. É silencioso como sempre. Se ele não tivesse me despertado ao acordar de seu pesadelo, Day teria saído do quarto facilmente sem que eu soubesse.

Mas eu o vi, e desta vez me levanto logo que ele vai embora. Visto a primeira roupa que encontro, calço as botas e vou atrás dele. O ar frio bate no meu rosto e o luar banha a noite com tons prateados.

Mesmo com seu estado de saúde prejudicado, ele ainda é rápido quando quer. Quando consigo alcançá-lo na estação central e o sigo pelas ruas do centro da cidade, meu coração bate acelerada e continuamente, como acontece depois que termino de malhar. A essa altura, já sei para onde ele está indo: está voltando para a casa de sua família. Observo quando ele finalmente chega ao cruzamento da Watson e Figueroa, dobra a esquina e se dirige a uma casa minúscula vedada por tábuas com um *X* desbotado ainda pintado na porta.

O simples fato de estar aqui me deixa tonta com as lembranças. Não consigo nem imaginar o quanto deve estar sendo devastador para o Day. Cautelosamente vou até as janelas tampadas com tábuas e procuro escutar atentamente o que ele faz. Ele entra pela porta dos fundos, e consigo ouvi-lo se movimentando de um lado para o outro dentro da casa, com pisadas controladas e abafadas. Ele então parece parar em um dos cômodos. Vou de janela em janela até finalmente encontrar uma com uma fresta entre duas tábuas. A princípio não dá para vê-lo, mas acabo conseguindo.

Day está sentado à mesa da sala, com a cabeça entre as mãos. Muito embora esteja muito escuro lá dentro para que eu possa distinguir o que vejo, posso ouvi-lo chorar. Seu vulto estremece de pesar, e sua angústia está delineada em cada músculo machucado e arrasado do corpo. O som do seu choro é tão estranho para mim, que dilacera meu coração. Já vi Day chorar, mas não estou acostumada a isso, nem sei se me acostumarei algum dia. Passo a mão no rosto e me dou conta de que lágrimas também escorrem

pelas minhas bochechas.

Fui eu que fiz isso com ele... E porque ele me ama, não pode nunca fugir desse sofrimento. Ele se lembrará do destino de sua família toda vez em que me olhar, mesmo se me amar, *especialmente* se me amar.

Finalmente volto, com a visão turva e exausto, ao quarto de June, pouco antes do amanhecer. Ela continua lá, aparentemente imperturbada. Não tento deitar ao seu lado na cama; em vez disso, desmorono no sofá e caio em um sono profundo e sem sonhos até clarear lá fora.

June me acorda com uma sacudidela e sussurra:

– Ei!

Para minha surpresa, ela não comenta sobre quão vermelhos ou inchados devem estar meus olhos. Não parece sequer impressionada de acordar e me ver acomodado no sofá e não na sua cama. Ela diz, parecendo agradecida, cautelosa e hesitante:

– Informei a Anden sua decisão, e ele disse que uma equipe do laboratório pegará você e Éden daqui a duas horas, no seu apartamento.

– Vou estar lá – resmungo. Não posso deixar de olhar fixa e inexpressivamente para o espaço por alguns segundos: nada parece real neste momento, e sinto como se estivesse nadando num mar de nevoeiro onde emoções, imagens e pensamentos estão fora de foco. Eu me obrigo a sair do sofá e ir ao banheiro. Lá, desabotoo a camisa e jogo água no rosto, no peito e nos braços. Desta vez, tenho medo de encarar o espelho. Não quero ver John diante de mim, com minha venda apertada ao redor dos olhos. Minhas mãos tremem muito; o corte na palma esquerda reabriu e está sangrando, provavelmente porque fico apertando a mão por instinto. Será que June percebeu quando saí do quarto? Estremeço ao relembrar sua imagem do lado de fora da casa da minha mãe, esperando à frente de um pelotão. Então recordo as palavras do Chanceler sobre a situação precária em que June se encontra, em que Tess se encontra, em que Éden se encontra, isto é, em que *todos nós* nos encontramos.

Jogo muita água no rosto, e quando isso não funciona vou para o chuveiro e tento me afogar debaixo da água escaldante, mas o banho não esmaece as imagens.

Quando finalmente saio do banheiro, com o cabelo ainda molhado e a camisa

meio abotoada, estou lívido e trêmulo. June me observa calada sentada na beira da cama, bebericando uma xícara de chá de cor roxa. Embora eu saiba ser inútil tentar esconder alguma coisa dela, resolvo arriscar. Dou o melhor sorriso que consigo e digo:

– Estou pronto. – Ela não merece ver tanto sofrimento no meu rosto, e não quero que pense que é responsável por isso. *Ela* não *é responsável por isso*, lembro a mim mesmo, com raiva.

Mas June não faz qualquer comentário: apenas me analisa com os grandes olhos negros e diz, passando a mão, pouco à vontade, no cabelo:

– Anden acabou de me ligar. Conseguiram novas provas de que a Comandante Jameson é a responsável por vazar segredos militares às Colônias. Parece que ela agora está trabalhando para eles.

Sob minha gigantesca onda de emoções, forma-se um ódio profundo. Se não fosse pela Comandante Jameson, talvez tudo tivesse sido melhor entre mim e June, e nossas famílias ainda estivessem vivas. Não sei direito. *Jamais* saberemos. E agora ela está trabalhando para o inimigo, quando deveria estar morta. Solto um palavrão em voz baixa e pergunto:

– Existe alguma forma de saber onde ela está? Será que continua na República?

– Ninguém sabe. – June balança a cabeça. – Anden me disse que estão averiguando se alguma coisa nela pode ser rastreada, mas há muito tempo ela deve ter abandonado o uniforme de prisioneira, e os chips de rastreamento nas botas já não servem mais. Ela é esperta demais para cometer um erro desses.

Quando June vê a frustração no meu rosto, ela se levanta e caminha na minha direção. Nós dois fomos abalados pela mesma pessoa. Ela põe a xícara de chá na mesa e aperta minha mão ilesa.

– Eu sei como você se sente.

Ao seu toque, violentos *flashbacks* me vêm à memória e estremeço antes de poder me conter. Ela fica paralisada. Por um segundo, vejo profunda mágoa na sua expressão. Rapidamente disfarço minha pisada de bola dando um beijo nela, tentando me perder no que fizemos ontem à noite.

Mas acontece que eu nunca soube mentir, pelo menos não para ela. June recua um passo e sussurra:

– Desculpa.

– Tudo bem – digo rapidamente, irritado comigo mesmo por arrastar nossas velhas feridas de volta à superfície –, não é...

– É sim. – June se obriga a me encarar. – Eu vi aonde você foi ontem à noite, eu vi você lá... – O tom de sua voz diminui quando ela olha para baixo com remorso. – Lamento ter seguido você, mas eu precisava saber, precisava ter certeza de que eu era a responsável por todo o sofrimento que vejo nos seus olhos.

Quero dizer a ela que *nem todo* o meu sofrimento é causado por ela, e que a amo tão desesperadamente que esse sentimento me aterroriza. Mas não consigo. June vê a hesitação no meu rosto, o que confirma seu receio. Ela morde os lábios.

– A culpa é toda minha. E não sei direito se algum dia serei digna do seu perdão. Eu não mereço ser perdoada.

Eu digo então:

– Não sei o que fazer. – Minhas mãos pendem junto ao meu corpo, impotentes. Imagens terríveis do nosso passado percorrem rapidamente minha mente mais uma vez, e apesar de me esforçar, não consigo impedi-las. – Não sei como fazer isso.

Os olhos de June brilham porque estão cheios de lágrimas, porém ela consegue conter o choro. Será que um erro pode mesmo destruir uma vida inteira?

– Acho que não tem jeito – diz finalmente ela.

Dou um passo até ela.

– Ei! A gente vai ficar bem – sussurro em seu ouvido. Não tenho certeza disso, mas acho que é a melhor coisa a dizer.

June sorri, fazendo o meu jogo, mas seus olhos refletem minha própria dúvida.

Hoje é o segundo dia do cessar-fogo prometido pelas Colônias.

O Hospital Central de Los Angeles é o último lugar para onde eu gostaria de voltar neste momento. Já é bastante difícil ver Tess presa atrás de paredes envidraçadas, com um monte de coisa sendo injetada em sua corrente sanguínea. Agora estou indo para lá com o Éden e vou assistir à mesma coisa acontecer com ele. Quando nos aprontamos para sair do apartamento, eu me

ajoelho na frente de Éden e endireito seus óculos. Ele me encara solenemente.

– Você não precisa fazer isso – repito.

– Eu sei – responde ele. Éden afasta minha mão quando tento tirar fiapos dos ombros de seu casaco. – Eu vou ficar bem. Eles disseram que não ia demorar o dia inteiro.

Anden não tem como garantir a segurança do meu irmão: só pôde prometer que seriam extremamente cautelosos. Uma promessa vinda da República, ainda que de uma República na qual eu tenha passado a confiar, não quer dizer muita coisa. Suspiro e pergunto:

– Se você mudar de ideia, é só falar, tá bem?

– Não precisa se preocupar, Daniel – diz ele, minimizando a seriedade da coisa. – Eu vou ficar bem. Não parece ser tão perigoso assim. Pelo menos você vai estar comigo dessa vez.

– É... Pelo menos eu vou estar com você – repito, entorpecido. Lucy mexe nos cachos louros e embaraçados dele. Isso me traz mais lembranças de casa e da minha mãe. Fecho os olhos e tento clarear os pensamentos. Depois aperto o nariz de Éden e digo: – Quanto mais cedo eles começarem, mais cedo vai terminar.

Minutos depois, um jipe militar me apanha, enquanto uma ambulância transporta Éden separadamente até o Hospital Central de Los Angeles.

Ele vai sobreviver, repito ao chegarmos ao laboratório do quarto andar. Sou acompanhado por técnicos até uma sala com grandes janelas de vidro espesso. *E se ele pode enfrentar isso, eu também posso.* Ainda assim, minhas mãos estão suadas. Eu as aperto de novo, numa tentativa de fazê-las pararem de tremer; uma pontada de dor percorre a palma ferida. Éden está dentro desta sala envidraçada. Seus cachos louros e claros estão embaraçados e despenteados, apesar dos esforços de Lucy. Ele agora está usando uma touca fina vermelha de paciente, e os pés estão descalços. Dois técnicos de laboratório o ajudam a subir num leito comprido branco, e um deles enrola as mangas da camisa de Éden para verificar sua pressão. Éden estremece quando a borracha fria lhe toca o braço.

– Calma, garoto – diz um técnico de laboratório com a voz abafada pelo vidro. – Respire fundo.

Em resposta, Éden murmura, em voz baixa: “Está bem.” Ele parece muito pequeno ao lado deles. Seus pés sequer tocam o chão. Eles balançam

ociosamente enquanto ele fixa o olhar na janela que nos separa, procurando por mim. Eu aperto e abro as mãos, depois as pressiono na janela.

O destino da República inteira está nos ombros do meu irmão caçula. Se mamãe, John ou papai estivessem aqui, provavelmente iriam do ridículo desta situação.

– Ele vai ficar bem – murmura o técnico ao meu lado, para me dar confiança. Ele não soa muito convincente. – Os procedimentos de hoje não vão causar-lhe nenhuma dor. Vamos apenas coletar uma amostra de sangue e depois dar-lhe alguns medicamentos. Já mandamos algumas amostras para as equipes do laboratório da Antártida.

– E isso deveria me fazer sentir melhor? – retruco. – "Os procedimentos de *hoje* não vão causar-lhe nenhuma dor"? E os de amanhã?

O técnico de laboratório levanta as mãos, num gesto de defesa, e gagueja:

– Mil perdões. Não foi isso que eu quis dizer. Garanto que seu irmão não vai sentir dor. Apenas algum desconforto causado pelos remédios, mas estamos tomando todas as precauções necessárias. Eu, bem... Espero que o senhor não relate esse mal-entendido ao glorioso Eleitor.

Então, é com isso que ele está preocupado. Que, se eu ficar nervoso, vou correndo reclamar com o Anden. Estreito os olhos e digo a ele:

– Se você não me der motivo para relatar nada ruim ao Anden, não vou ter nada ruim para relatar.

O técnico de laboratório volta a se desculpar, mas já não estou prestando atenção nele. Meus olhos se concentram em Éden. Ele está perguntando alguma coisa a um dos técnicos, mas está falando tão baixinho que não consigo ouvi-lo. O técnico de laboratório balança a cabeça para meu irmão. Éden engole em seco, olha nervosamente para onde estou e fecho os olhos com força.

Um dos técnicos pega uma seringa e a injeta cuidadosamente na veia do braço de Éden, que cerra os dentes, mas não emite nenhum som. Uma dor monótona e familiar lateja na minha nuca. Tento me acalmar. Ficar estressado e provocar uma enxaqueca a esta altura dos acontecimentos não vai ajudar Éden.

Ele quis se submeter a isso, lembro a mim mesmo. Sinto orgulho da coragem dele. Quando foi que Éden cresceu? Minha sensação é de que isso aconteceu enquanto eu piscava os olhos.

O técnico de laboratório finalmente retira a seringa, que está cheia de

sangue. Aplica levemente alguma coisa no braço de Éden e depois o enfaixa. O segundo técnico põe um punhado de comprimidos na mão aberta de Éden e diz a meu irmão:

– Engula todos eles juntos. – Éden faz o que ele manda. – Eles são meio amargos; é melhor resolver o assunto de uma vez.

Éden faz uma careta e parece estar com ânsia de vômito, mas consegue tomar todos de uma só vez, bebendo água; depois se deita no leito. Os técnicos levam a cama até uma máquina cilíndrica, que não consigo me lembrar do nome, embora tenham me dado essa informação há menos de uma hora. Eles o colocam devagar dentro do cilindro, até que tudo o que consigo ver de Éden sejam os pés descalços. Lentamente tiro as mãos da janela. Minha pele deixa impressões no vidro. Um minuto depois, meu coração se contorce no peito quando escuto Éden gritar dentro do tubo. Alguma coisa deve estar lhe causando dor. Cerro os dentes com tanta força, que tenho medo de quebrar meu queixo.

Finalmente, após o que parece uma eternidade, um dos técnicos de laboratório gesticula para que eu entre. Na mesma hora, passo apressado por eles e entro na sala envidraçada para me debruçar sobre Éden. Ele está sentado na beira do leito branco de novo. Quando sente minha presença, dá um sorriso e diz com a voz fraca:

– Não doeu muito.

Eu apenas pego sua mão e a aperto.

– Você foi muito corajoso. Estou muito orgulhoso. – E estou mesmo, sinto mais orgulho dele do que jamais senti de mim; estou orgulhoso por ele ter me enfrentado.

Um dos técnicos me mostra uma tela com o que parece ser uma visão ampliada das células sanguíneas de Éden.

– Foi um bom começo. Vamos trabalhar com esse material e tentar injetar uma cura em Tess hoje à noite. Se tivermos sorte, ela vai aguentar mais uns cinco ou seis dias, e nos dar tempo para aprofundar as pesquisas.

Os olhos do técnico estão soturnos, embora suas palavras sejam esperançosas. Essa estranha combinação faz um calafrio percorrer minha espinha, e aperto ainda mais a mão de Éden.

– Não temos muito mais tempo – murmura Éden quando o técnico nos deixa

sozinhos para conversar em paz. – Se não conseguirem descobrir a cura, o que a gente vai fazer?

– Não sei – admito. Esse não é um assunto sobre o qual eu queira refletir porque me faz sentir ainda mais impotente. Se não conseguirmos encontrar a cura, não haverá nenhuma ajuda militar internacional. Sem ajuda, não teremos como vencer as Colônias. E se as Colônias nos derrubarem... Relembro o que vi quando estava lá e a oferta que o Chanceler me fez. *Se você quiser, podemos trabalhar juntos. As pessoas mais simples não sabem o que é melhor para elas. Mas você e eu sabemos, não é verdade?*

Tenho de encontrar uma forma de ganhar tempo junto às Colônias enquanto pesquisamos a cura. Qualquer coisa que retarde o avanço delas, para dar ao pessoal da Antártida uma oportunidade de chegar para nos ajudar.

– A gente vai ter de contra-atacar – digo, despenteando o cabelo dele – até não poder mais. É assim que as coisas funcionam, não é mesmo?

– Por que a República não pode vencer? – pergunta Éden. – Sempre pensei que as forças militares deles fossem as mais fortes do mundo. Esta é a primeira vez que torço para que isso seja mesmo verdade.

Sorrio tristemente à ingenuidade de Éden.

– As Colônias têm aliados, mas nós, não.

Como posso explicar a história toda a ele? Como contar ao meu irmão o quanto me sinto impotente, enquanto Anden conduz seu exército numa batalha que a República simplesmente não tem como vencer?

– O exército deles é melhor, e nós não temos soldados suficientes para enfrentá-lo.

Éden suspira e encolhe os ombros de uma forma que me dá um nó na garganta. Fecho os olhos e me obrigo a me acalmar. Chorar na frente de Éden numa ocasião dessas seria muito constrangedor.

– É uma pena que os habitantes da República não sejam todos soldados – resmunga ele.

Abro os olhos. *É uma pena que os habitantes da República não sejam todos soldados.*

De uma hora para outra, descobri o que preciso fazer. Sei como responder à chantagem do Chanceler e como ganhar tempo com as Colônias. Estou morrendo, não me restam muitos dias; minha mente está se deteriorando

lentamente, assim como minha força, mas ainda tenho energia para uma coisa. Tenho tempo suficiente para dar o último passo.

– Talvez os habitantes da República possam se transformar em soldados – respondo tranquilo.

JUNE

A noite de ontem parece um sonho, cada momento dela. A manhã de hoje é um nítido contraste. Foi impossível não notar que Day se encolheu todo quando toquei o braço dele, um violento estremecimento percorreu seu corpo com o leve roçar da minha mão. Meu coração ainda dói quando saio do meu apartamento e me dirijo a um jipe que me espera na frente do edifício. Vou ter de passar a manhã com o Senado. Tento inutilmente tirar Day da cabeça: é impossível. Uma reunião com o Senado parece tão banal neste momento. As Colônias estão pouco a pouco empurrando nosso país para a costa oeste com a ajuda de fortes aliados; a Antártida continua se recusando a nos ajudar; a Comandante Jameson está em liberdade... E aqui estou eu, falando de política! Eu poderia estar – *deveria* estar – na frente de batalha, fazendo o que fui treinada para fazer. O que vou dizer a todos os membros do Senado? Será que algum deles sequer me escutaria?

O que vamos fazer?

Preciso me concentrar. Preciso apoiar Anden quando ele tentar, mais uma vez, negociar com o Chanceler das Colônias, os presidentes das corporações e os generais. Nós dois sabemos que não vai adiantar muita coisa... Só a cura vai fazer com que eles recuem. E ainda assim, pode não ser o bastante para deter as Colônias, mas precisamos tentar, de qualquer maneira. Talvez Anden esteja disposto a ajudar os Patriotas com os planos deles, especialmente se souber o quanto Day vai estar envolvido.

Só de pensar em Day, as lembranças da noite anterior voltam à tona com força total. Sinto minhas bochechas arderem, e não por causa do calor de Los Angeles. *Péssima hora para ficar se lembrando do que vocês fizeram ontem*, eu me repreendo e afasto a noite passada dos meus pensamentos. Ao meu redor, as ruas geralmente movimentadas de Lake estão sinistramente vazias, como se estivéssemos nos preparando para uma tempestade iminente. Suponho que essa metáfora seja apropriada.

Uma sensação de formigamento de repente atinge minha coluna. Paro um momento e franzo a testa. O que foi isso? As ruas continuam desertas. Mas uma estranha sensação eriça os pelos do meu pescoço. *Alguém está me observando.* Imediatamente essa ideia me parece paranoia, mas, à medida

que caminho, tensiono o maxilar e apoio a mão na arma. Talvez eu esteja sendo ridícula. Talvez o alerta que Day me deu – de que as Colônias poderiam me usar contra ele e de que estou sendo mantida sob vigilância – esteja começando a me fazer imaginar coisas. Mesmo assim, não há razão para não ser cautelosa. Eu me encosto no prédio mais próximo de maneira que minhas costas fiquem protegidas e ligo para Anden. Quanto antes o jipe chegar, melhor.

E então eu a vejo e não faço a chamada.

Ela está bem disfarçada. Veste um uniforme desgastado da República, usado apenas por recrutas, o que quer dizer que está com aparência absolutamente comum e passa despercebida com facilidade; um quepe de soldado está puxado sobre o rosto, com apenas alguns fios do cabelo ruivo aparecendo. Mas mesmo a distância reconheço seu rosto frio e implacável.

A Comandante Jameson.

Desvio o olhar como quem não quer nada e finjo mexer nos bolsos à procura de alguma coisa, mas meu coração está disparado. Ela está aqui em Los Angeles, o que quer dizer que conseguiu escapar do combate em Denver e evitou ser detida pela República. Não é coincidência demais ela se encontrar onde estou? Vai ver, está aqui porque sabia que *eu* estaria. As Colônias. Deve haver outros espiões por aqui. Minhas mãos tremem quando ela me ultrapassa no outro lado da rua. Ela não dá qualquer indicação de ter me visto, mas sei que viu. Num quarteirão tão vazio como este, seria impossível não me ver, e não estou disfarçada.

Quando ela finalmente fica de costas para mim, cruzo os braços, inclino a cabeça ligeiramente para baixo e ligo para Anden do meu fone de ouvido.

– Eu a estou vendo. Ela está aqui. A Comandante Jameson está em Los Angeles.

Minha voz está tão baixa e abafada, que Anden tem dificuldade de entender o que digo.

– Você a está vendo? – pergunta ele, incrédulo. – Ela está no mesmo quarteirão que você?

– Está – sussurro. Tenho o cuidado de ficar de olho no vulto da Comandante Jameson que se afasta. – Ela pode estar aqui intencionalmente, querendo ver aonde o jipe me levará, ou tentando localizar você. – Quando

ela se distancia, uma vontade esmagadora de segui-la se apossa de mim. Pela primeira vez em muito tempo, minhas habilidades de agente me evocam. A política que se dane; de repente sou atirada de volta à ação. Quando ela dobra uma esquina, imediatamente saio de onde estou e vou atrás dela. Para onde ela está indo? – Ela está na esquina da Lake com Colorado – sussurro urgentemente para Anden. – Está rumando para o norte. Mande soldados para cá, mas não deixem que ela perceba que a estamos seguindo. Quero ver para onde ela está indo.

Antes que Anden possa dizer mais alguma coisa, desligo.

Caminho ao longo das laterais dos edifícios, tomando o cuidado de ficar nas sombras o máximo que consigo, e pego um atalho por uma viela em direção à rua aonde penso que a Comandante Jameson foi. Em vez de espreitar pela esquina e potencialmente me denunciar, eu me encolho na viela e calculo quanto tempo se passou. Se ela manteve o mesmo ritmo e permaneceu nesta rua, deve ter passado por esta viela há pelo menos um minuto. Cautelosamente, estico o pescoço para dar uma espiada na rua. Não deu outra! Ela já passou por aqui, e vejo seu vulto de costas, andando apressado. A olhadela bastou também para eu perceber outra coisa: ela está falando ao microfone.

Queria que Day estivesse aqui. Ele saberia instantaneamente a melhor maneira de caminhar por estas ruas sem ser visto. Por um segundo penso em chamá-lo, mas seria difícil para ele chegar aqui a tempo.

Em vez disso, sigo a Comandante Jameson por uns quatro quarteirões, até chegarmos a um local em Rubi no limite com Batalla, onde duas ou três bases de aeronaves em forma de pirâmide se encontram na rua. Ela dobra mais uma esquina. Eu me apresso para fazer o mesmo, mas quando olho a rua, a Comandante já desapareceu. Talvez soubesse que alguém estava atrás dela; afinal de contas, ela é muito mais experiente com esse tipo de rastreamento do que eu. Olho para os telhados.

A voz de Anden estala no meu fone de ouvido:

– Nós a perdemos – confirma ele. – Já enviei um alerta silencioso às tropas para que a procurem e me informem imediatamente. Ela não pode ter ido longe.

– É verdade – concordo, mas meus ombros se curvam. Ela desapareceu

sem deixar traços. Com quem terá falado pelo microfone? Meus olhos vasculham a rua, tentando deduzir com que fim ela veio até aqui. Talvez esteja reconhecendo o terreno. Essa ideia me aflige.

– Estou voltando – sussurro no meu microfone. – Se minhas suspeitas estiverem certas, é possível que nós...

Um sopro forte – uma faísca ofuscante –, e alguma coisa explode diante de meus olhos. Eu me encolho e me atiro instintivamente no chão, atrás de uma caçamba de lixo próxima. *O que foi isso?*

Uma bala. Olho para a parede onde ela se cravou, provocando um buraco no tijolo. Alguém tentou atirar em mim. Ter voltado de repente ao lugar de onde vim salvou minha vida. Começo de novo a ligar freneticamente para Anden. Sangue flui pelos meus ouvidos como uma onda gigantesca de barulho, bloqueando o raciocínio e permitindo que o pânico se instale em mim. Outra bala atinge o metal da caçamba de lixo. Não há mais dúvida de que estou sendo atacada.

Desisto da chamada. De onde a Comandante Jameson está disparando? Haverá outras pessoas com ela? Tropas das Colônias? Soldados da República que se transformaram em traidores? Não sei. Não consigo ouvir, *nem enxergar...*

Através do meu pânico crescente, a voz de Metias se materializa: *Acalme-se, Joaninha. A lógica vai te salvar. Concentre-se, pense, aja.*

Fecho os olhos. Respiro fundo e tremulamente, e me permito um segundo para tranquilizar a mente e focar na voz do meu irmão. Esta não é a hora de desmoronar. Nunca deixei que as emoções me controlassem e *não* vai ser agora que vou começar.

Pense, June. Não seja burra. Depois de mais de um ano de trauma, depois de meses e meses de negociações políticas, depois de dias de guerra e morte, estou começando a suspeitar de tudo e todos. É assim que as Colônias podem nos destruir: não com aliados ou armas, mas com propaganda. Com medo e desespero.

Meu pânico desaparece, e a lógica volta a se instalar.

Primeiro, arranco minha arma do coldre. Depois faço um gesto exagerado, como se estivesse na iminência de sair correndo de trás da caçamba de lixo. Em vez disso, continuo parada, mas meu teatrinho é

suficiente para fazer com que atirem novamente. *Zás!* A bala ricocheteia na parede de tijolos na qual estou encostada. No mesmo instante olho de relance para a marca deixada e tento localizar com precisão de onde ela pode ter vindo. (Não foi disparada dos telhados: o ângulo não é bom o bastante. Talvez tenha vindo de quatro ou cinco andares acima. Não do prédio diretamente do outro lado da rua, mas do que fica ao lado.) Observo as janelas nesses andares. Várias estão abertas. A princípio quero mirar essas janelas, mas aí me lembro de que posso atingir alguém sem querer. Em vez disso, analiso o edifício: parece uma estação de rádio ou um prédio militar – é próximo o bastante das bases aéreas, e me pergunto se é de onde os dirigíveis são monitorados.

Em que tipo de trama estará envolvida a Comandante? Será que as Colônias estão planejando um ataque surpresa à cidade?

Ligo meu microfone e sussurro, após digitar o código de Anden:

– Me tire daqui. Use o rastreador da minha arma.

Mas minha ligação nem tem tempo de ser completada. Uma fração de segundos depois, vem mais uma bala, que passa zunindo pouco acima da minha cabeça. Desta vez me encolho e me escondo debaixo da caçamba de lixo. Quando abro os olhos, dou de cara com os olhos cruéis da Comandante Jameson.

Ela me agarra pelo pulso.

Saio rapidamente de onde estou, antes que ela possa me alcançar. Giro o corpo para apontar minha arma para ela, mas a Comandante já saiu em disparada, com a arma na mão. Percebo de imediato que ela não está mirando para me matar. *Por quê?* Essa pergunta passa velozmente pela minha cabeça. *Porque as Colônias precisam de mim viva, para ser usada como moeda de troca.*

Ela atira; eu me jogo no chão, rolando. A bala não atinge minha perna por pouco. Eu fico de pé com um salto, miro a Comandante e atiro. Por um triz, não a acerto. Ela se esconde atrás da caçamba de lixo. Ao mesmo tempo, tento fazer a ligação de novo. Desta vez, consigo.

– Anden – digo arquejante ao microfone enquanto fujo correndo –, me tire daqui!

– Já estamos a caminho – responde Anden.

Corro e dobro a esquina bem na hora em que ouço mais um tiro sendo disparado atrás de mim. É o último. Logo em seguida, um jipe acelera na minha direção e freia violentamente a alguns metros de mim. Dois soldados saltam do carro e me protegem com seus corpos, enquanto outros dois correm pela rua atrás da Comandante Jameson, embora eu saiba que é tarde demais para pegá-la. Certamente ela também fugiu correndo. Tudo acaba tão depressa quanto começou. Pulo para dentro do jipe com a ajuda dos soldados e depois desmorono no assento quando o veículo parte velozmente. Sinto a adrenalina percorrer meu corpo inteiro, que treme incontrolavelmente.

– A senhorita está bem? – pergunta um dos soldados, mas sua voz soa distante. Tudo em que posso pensar é no significado daquele encontro. A Comandante Jameson sabia que eu ia esperar pelo jipe naquele quarteirão e me atraiu como isca, numa tentativa de me capturar. Sua presença na base das aeronaves não foi coincidência. Ela está transmitindo informações às Colônias sobre nossos turnos e nossa movimentação. Provavelmente, há outros soldados das Colônias infiltrados entre nós – a Comandante Jameson é uma fugitiva procurada. Ela não poderia estar circulando com tanta facilidade assim sem ajuda. E, com sua experiência, é capaz de prolongar uma perseguição por estas ruas tempo suficiente para que as Colônias ataquem. *Para que as Colônias ataquem.* Eles já escolheram o próximo alvo, e esse alvo é a cidade de Los Angeles.

No meu fone de ouvido, ouço de novo a voz de Anden:

– Estou a caminho – diz ele com urgência na voz. – Você está bem? O jipe vai te levar direto ao Batalla Hall, e você vai ser protegida vinte e quatro horas por...

– Ela está fornecendo informações às Colônias sobre os portos – digo ao microfone antes que ele possa terminar a frase. Minha voz treme quando digo: – As Colônias vão atacar Los Angeles.

Recebo a chamada sobre June quando estou sentado com Éden. Depois de passar a manhã sendo submetido a experimentos, ele finalmente adormeceu. Do lado de fora, nuvens cobrem a cidade inteira, num ambiente desolador. Ótimo! Se o dia estivesse claro e ensolarado eu não saberia como reagir a essa notícia de que a Comandante Jameson tentou atirar em June em plena luz do dia. Essas nuvens estão combinando perfeitamente com meu humor.

Enquanto espero impacientemente que June chegue ao hospital, passo o tempo observando Tess pela janela do seu quarto. A equipe do laboratório continua em volta dela, monitorando seus sinais vitais. Eles parecem um bando de abutres em um programa de TV sobre vida selvagem. Balanço a cabeça. Eu não devia ser tão rigoroso com eles. Hoje mais cedo, eles me deixaram sentar lá dentro ao lado de Tess, segurando a mão dela. Tive que usar uma roupa especial e ela estava inconsciente, mas, ainda assim, conseguiu apertar seus dedos em volta dos meus. Ela sabe que estou aqui, esperando que fique boa.

Parece que agora a equipe do laboratório está injetando nela um tipo de soro feito a partir de líquidos processados com as células do sangue de Éden. Não tenho a menor ideia do que vai acontecer em seguida. Os rostos deles estão escondidos atrás de máscaras de vidro refletor, fazendo com que pareçam alienígenas. Os olhos de Tess continuam fechados, e sua pele está amarelada.

Ela está com o vírus espalhado pelas Colônias, repito em silêncio para entender o que está acontecendo. *Não, esse é um vírus que a* República *disseminou.* Maldita seja minha memória!

Pascao, Baxter e os outros Patriotas permanecem acampados no hospital. Aliás, para onde mais eles poderiam ir? À proporção que os minutos se arrastam, Pascao se senta ao meu lado, esfrega as mãos, concentrando o olhar em Tess e resmunga:

– Ela está aguentando firme, mas tô sabendo de outros surtos na cidade, principalmente entre os refugiados. Você já viu o noticiário nos telões?

Balanço a cabeça. Meu maxilar está tenso de raiva. Quando é que June vai chegar? Tem mais de quinze minutos que eles disseram que estavam trazendo

ela.

– Não, não saí do lado do meu irmão e da Tess.

Pascao suspira e esfrega os olhos com a mão. Ele tem o cuidado de não perguntar sobre June. Eu até podia pedir desculpas pelo meu mau humor, mas estou zangado demais para me preocupar em ser educado.

– Day, eles montaram três zonas de quarentena no centro da cidade. Se você quer mesmo colocar seu plano em ação, a gente precisa agir até amanhã, no máximo.

– Esse tempo é mais do que suficiente. Se os boatos que estamos ouvindo sobre June e o Eleitor forem verdade, agora é a melhor hora para agir.

A ideia de que trechos de Los Angeles estão sendo isolados para quarentenas faz uma sensação sombria e incômoda percorrer meu corpo. Está tudo tão errado, e eu estou tão cansado. Não aguento mais me preocupar com tudo isso, se as pessoas de quem gosto vão passar desta noite ou se vão sobreviver ao dia seguinte.

Ao mesmo tempo, não consigo dormir. As palavras que Éden disse hoje de manhã ainda repercutem na minha cabeça. *É uma pena que os habitantes da República não sejam todos soldados.* Corro os dedos no anel de clipes de papel enfeitando minha mão. Se June tivesse se ferido hoje de manhã, eu me pergunto se os últimos resquícios da minha sanidade teriam permanecido. Tenho a impressão de que ela está por um fio. Acho que isso é verdade também no sentido literal: hoje minhas enxaquecas estão incessantes, e já me acostumei à dor perpétua na nuca. *Só me restam alguns meses*, penso. *Alguns meses*, como disseram os médicos, *até lá talvez os medicamentos já tenham surtido efeito para que eu possa ser operado. Aguenta firme, cara.*

Diante do meu silêncio, Pascao fixa os olhos pálidos em mim.

– O que você sugeriu é bem perigoso. – Ele está pisando em ovos. – Alguns civis vão morrer, não tem como evitar.

– Acho que não temos opção – respondo, retribuindo-lhe o olhar. – Não importa o quanto esse país está deformado, ele continua sendo a terra natal das pessoas. Precisamos que elas nos ajudem a lutar por ela.

Gritos ressoam no corredor atrás de nós. Pascao e eu paramos de conversar e prestamos atenção por um minuto e, se eu não o conhecesse, juraria que era o Eleitor. Estranho! Não sou exatamente o maior admirador de Anden, mas *nunca* o

vi perder a calma.

As portas duplas no final do corredor se abrem com um estrondo e, de repente, os gritos enchem o corredor. Anden irrompe no local com seu costumeiro grupo de soldados, e June o acompanha. *June.* O alívio percorre todo o meu corpo. Fico de pé com um pulo. O rosto dela se ilumina quando eu corro na direção dela.

– Eu estou bem – diz ela, fazendo um sinal significando "não foi nada" antes mesmo que eu abra a boca. Está impaciente, como se tivesse passado o dia inteiro convencendo as outras pessoas da mesma coisa. – Eles não precisavam ter me trazido para um hospital...

Não dou a mínima se estão exagerando. Eu a interrompo e lhe dou um abraço apertado. Meu peito fica mais leve, e deixo explodir o resto da raiva que ainda sinto.

– Você *é* o Eleitor! – grito enlouquecidamente para Anden. – Você *é* o desgraçado do *Eleitor da República,* mas não pode nem garantir que sua *Primeira Cidadã* não seja assassinada por uma prisioneira que seu pessoal não consegue manter na cadeia? Que tipo de guarda-costas você tem, afinal? Uma cambada de recrutas?

Anden me olha com raiva, mas, para minha surpresa, não diz nada. Eu me afasto de June para poder segurar seu rosto e pergunto, aflito:

– Você está bem, não está? Nenhum arranhão?

June ergue a sobrancelha e depois me dá um beijinho, para me tranquilizar.

– Sim, *nenhum arranhão.*

Ela olha de relance para Anden, mas ele está distraído, falando com um dos soldados.

– Localize os homens que foram designados para buscar a Primeira Cidadã – ordena ele, curto e grosso, ao soldado. Olheiras fundas lhe acentuam a pele sob os olhos; o rosto está abatido e furioso ao mesmo tempo. – Se a sorte não estivesse do nosso lado, Jameson a teria matado. Estou considerando se devo classificá-los como traidores. No pátio do pelotão de fuzilamento há espaço de sobra para eles.

O soldado se movimenta rapidamente e se afasta, junto com vários outros, para fazer o que Anden mandou. Minha ira diminui de intensidade, e um calafrio me percorre a espinha quando me dou conta do quanto a raiva dele *é* familiar. É

como se eu estivesse olhando para o pai dele.

Anden me encara; sua voz está mais serena:

– A equipe do laboratório me disse que seu irmão reagiu muito corajosamente aos experimentos a que foi submetido até agora. Quero lhe agradecer mais uma vez por...

– Pode parar com a bajulação – interrompo, erguendo uma sobrancelha. – Esta história toda ainda não terminou. – Depois de mais dias como o de hoje, quando Éden começar a se enfraquecer rapidamente por causa dos experimentos, não serei tão educado. Baixo a voz, esforçando-me para ser civilizado de novo, embora não esteja dando muito certo. – Podemos conversar em particular, Eleitor? Tenho algumas ideias para discutir com você. Essa última notícia sobre a Comandante Jameson pode ser nossa grande chance de criar problemas para as Colônias. Você, eu, June e os Patriotas.

Os olhos de Anden ficam sombrios ao ouvir isso, e a boca se contrai num esgar indeciso quando ele examina todos nós. O sorriso enorme e constante de Pascao não melhora seu humor. Entretanto, após alguns segundos, ele faz um sinal afirmativo com a cabeça para seus soldados.

– Providenciem uma sala de reuniões – ordena ele. – Quero as câmeras de segurança desligadas.

Os soldados se mexem para cumprir as instruções. Quando seguimos atrás dele, troco um olhar de relance com June. *Ela está bem, nenhum arranhão.* Mesmo assim, receio que ela desapareça se eu me descuidar e desviar o olhar. Eu me obrigo a não lhe perguntar o que aconteceu até estarmos todos numa sala privada e, segundo a expressão do seu rosto, ela também espera o momento certo. Estou morrendo de vontade de segurar sua mão, mas me controlo. Nós dois sempre nos estudamos como se estivéssemos num ringue de boxe, e parece que estamos condenados a repetir isso muitas vezes.

– Aqui estamos – diz Anden, quando nos instalamos numa sala depois que sua patrulha desligou todas as câmeras. Ele se recosta numa poltrona e me examina com um olhar penetrante. – Talvez possamos começar com o que aconteceu com nossa Primeira Cidadã hoje de manhã.

June levanta o queixo, mas as mãos tremem ligeiramente.

– Vi a Comandante Jameson no setor Rubi. Meu palpite é que ela se encontrava na área para escolher os locais dos ataques e deve ter descoberto

onde eu estaria. – Fico admirado com a firmeza de June. – Eu a segui por algum tempo, até chegarmos ao conjunto de bases de aeronaves na divisa de Rubi e Batalla. Foi lá que ela me atacou.

Esse resumo sucinto já foi suficiente para me deixar furioso. Anden suspira e passa a mão no cabelo.

– Desconfiamos de que a Comandante Jameson tenha informado às Colônias sobre alguns locais e as escalas das bases de aeronaves em Los Angeles. Ela também pode ter tentado sequestrar a srta. Iparis para obter uma moeda de troca.

– Isso quer dizer que as Colônias planejam atacar Los Angeles? – pergunta Pascao. Já sei o que ele vai dizer em seguida: – Mas isso quer dizer que Denver foi realmente dominada... – Ele se interrompe ao ver a expressão de Anden.

– Tomamos conhecimento de alguns rumores precoces – responde Anden – de que as Colônias têm uma bomba que pode nivelar a cidade inteira. A única coisa que as abstém de usá-la é uma proibição internacional. Eles não iriam querer finalmente forçar a Antártida a se envolver, não é mesmo? – Desde quando Anden é sarcástico? – De qualquer maneira, se eles atacarem agora, vamos ser duramente pressionados a ter a cura pronta para mostrar à Antártida antes que as Colônias nos subjuguem. Nós podemos nos defender contra eles, mas não podemos nos defender contra eles *e* a África.

Hesito, mas resolvo exprimir os pensamentos que venho remoendo na cabeça:

– Hoje de manhã conversei com Éden durante o experimento, e ele me deu uma ideia.

– E qual foi? – pergunta June.

Olho para ela. Continua encantadora como sempre, mas até June começa a evidenciar o estresse dessa invasão: seus ombros estão levemente curvados. Meus olhos se fixam em Anden e digo:

– Nossa rendição.

Ele não esperava isso.

– Você quer que eu levante a bandeira branca para as Colônias?

– É isso aí: rendição. – Baixo a voz. – Ontem à tarde, o Chanceler das Colônias me fez uma proposta. Ele me disse que se eu conseguisse fazer com que o povo da República passasse a apoiar as Colônias e se rebelar contra os

soldados da República, ele garantiria que Éden e eu fôssemos protegidos quando as Colônias vencessem a guerra. Digamos que você se renda, Anden, e ao mesmo tempo eu me ofereça para me reunir com o Chanceler e responder ao pedido dele, isto é, pedir ao povo para apoiar as Colônias como seu novo governo. Você teria então a oportunidade de pegá-los desprevenidos. De qualquer forma, o Chanceler já supõe que você vai se render a qualquer momento.

– Fingir uma rendição é contra a lei internacional – resmunga June para si mesma, embora me analise com cuidado. Dá pra ver que ela não é exatamente contra a ideia. – Não sei se o pessoal da Antártida vai gostar disso, e o objetivo aqui é persuadi-lo a nos ajudar, certo?

Balanço a cabeça e digo:

– Eles não deram a mínima quando as Colônias ignoraram o cessar-fogo sem nos avisar, logo que surgiu essa história toda. – Olho para Anden. Ele me observa atentamente, com o queixo apoiado nas mãos. – Você agora tem a oportunidade de retribuir a gentileza.

– O que vai acontecer quando você se reunir com o Chanceler? – acaba perguntando. – Uma rendição falsa não vai durar muito tempo até que nós tenhamos de agir.

Eu me inclino até ele e digo com a voz aflita:

– Sabe o que Éden me disse hoje de manhã? "É uma pena que os habitantes da República não sejam todos soldados." Acontece que eles *podem* ser, *sim.*

Anden permanece em silêncio, e eu continuo:

– Deixe que eu demarque todos os setores da República. Isso vai fazer com que o povo fique sabendo que não pode simplesmente aceitar que as Colônias se apossem de suas casas, alguma coisa que peça a eles para esperar por meu sinal, que lembre a todos pelo que estamos lutando. Então, quando eu fizer o anúncio que o Chanceler das Colônias quer que eu faça, não vou apelar que o povo apoie as Colônias: vou pedir que as pessoas lutem.

– E se eles não atenderem seu pedido? – pergunta June.

Eu lhe dirijo um breve sorriso e digo:

– Tenha fé, querida. O povo me ama.

Mesmo resistindo, June retribui o sorriso.

Viro-me para Anden. Minha expressão séria substitui minha frase bem-

humorada.

– O povo ama a República mais do que você pensa. Mais do que *eu* pensava. Sabe quantas vezes vi refugiados perto daqui entoando canções patrióticas da República? Sabe quantas pichações tenho visto nos últimos meses que apoiam você e o país? – Meu tom de voz fica veemente. – O povo acredita em você. Eles acreditam em nós. E vão contra-atacar, se pedirmos isso a eles; vão rasgar bandeiras das Colônias, protestar em frente a suas instalações, transformar as próprias casas em armadilhas para os soldados invasores. – Estreito os olhos. – Eles vão se tornar um milhão de versões minhas.

Anden e eu nos encaramos. Finalmente, ele sorri.

– Bem – June quebra o silêncio –, enquanto você se ocupa em se tornar o criminoso mais procurado das Colônias, os Patriotas e eu podemos participar das outras ações. E vamos fazer isso em nível nacional. Se a Antártida protestar, a República pode alegar que elas foram realizadas por alguns malfeitores extremistas. Se as Colônias querem jogar sujo, nós também podemos.

17 H0RAS.
BATALLA HALL.
20°C.

Abomino as reuniões do Senado. Eu as odeio profundamente: não passam de um grupo de políticos lavando roupa suja, uns papagaios a repetir as mesmas palavras. Eu poderia estar desfrutando a liberdade das ruas, malhando saudavelmente a mente e o corpo. Mas depois do plano que Day, Anden e eu elaboramos, não há opção: o Senado precisa tomar conhecimento dele. Estou sentada na sala circular de reuniões no Batalla Hall; meu assento fica em frente ao de Anden, do outro lado da sala. Tento ignorar as expressões intimidadoras dos senadores. Poucos acontecimentos fazem com que eu me sinta uma criança do que as reuniões do Senado.

Anden se dirige à sua plateia inquieta.

– Os ataques a nossas bases em Vegas recrudesceram desde que Denver foi dominada. Temos visto esquadrilhas africanas se aproximando da cidade. Amanhã vou ao encontro dos meus generais lá.

Nesse ponto ele hesita. Prendo a respiração. Sei o quanto Anden abomina a ideia de proclamar derrota a qualquer país, especialmente às Colônias. Ele me olha; esse é o sinal para que eu o ajude. Ele está exausto. Todos nós estamos exaustos.

– Srta. Iparis – chama ele –, eu lhe passo a palavra para que a senhorita faça a gentileza de explicar sua história e sua recomendação.

Respiro fundo. Falar para o Senado é a coisa que mais detesto, até mais do que participar das reuniões do Senado, e desta vez me sinto ainda pior porque tenho de convencê-los a compactuar com uma mentira.

– A esta altura, estou certa de que todos os senhores já ouviram falar que supostamente a Comandante Jameson está trabalhando para as Colônias. Baseado no que sabemos, é provável que as Colônias desfechem um ataque surpresa a Los Angeles muito em breve. Se isso acontecer e os ataques a Vegas continuarem, não vamos durar muito tempo. Depois de conversar com Day e os Patriotas, sugerimos que a única maneira de proteger nossos

civis e possivelmente negociar um tratado justo é anunciar nossa rendição às Colônias.

Silêncio estupefato. Depois, a sala irrompe em tagarelice. Serge é o primeiro a se pronunciar e questionar Anden.

– Com o devido respeito, Eleitor – a voz dele treme de irritação –, o senhor não discutiu este assunto com seus outros Primeiros Cidadãos.

– Não se trata de algo que eu pudesse ter discutido com os senhores antes – retruca Anden. – A srta. Iparis só tomou conhecimento dele primeiro porque teve a infelicidade de vivenciar o problema pessoalmente.

Mesmo Mariana, que costuma ficar do lado de Anden, ergue a voz contra a ideia.

– Essa negociação é perigosa. – Pelo menos, ela fala calmamente. – Se o senhor está fazendo isso para poupar nossas vidas, recomendo que vocês reconsiderem essa decisão imediatamente. Entregar o povo às Colônias não vai proteger ninguém.

Os demais senadores não mostram a mesma contenção nas suas palavras:

– Rendição? Há quase cem anos não permitimos que as Colônias pisem em nossas terras!

– Certamente ainda não estamos tão enfraquecidos assim! O que foi que eles fizeram, além de temporariamente conquistar Denver?

– Eleitor, o senhor deveria ter discutido o assunto com todos nós, mesmo em meio a uma crise!

Observo cada voz se elevar mais alto do que a outra, até que todo o Senado se enche de insultos, raiva e descrença. Alguns senadores vociferam seu ódio a Anden. Outros amaldiçoam as Colônias. Há os que imploram que Anden reconsidere, que peça mais ajuda internacional, que apele às Nações Unidas para suspender o fechamento de nossos portos. O alarido é enorme.

– Isto é um ultraje! – berra colericamente um senador (magro, provavelmente pesando não mais de setenta quilos, e cuja careca reluz), olhando para mim como se eu fosse responsável pela derrocada do país inteiro. – Não é possível aceitarmos instruções vindas de uma garota, muito menos de *Day*! O senhor só pode estar brincando. Vamos entregar o país com base na recomendação de um maldito moleque que ainda deveria

constar na lista dos criminosos mais procurados da nação?!

Anden estreita os olhos.

– Senador, cuidado com a maneira pela qual se refere a Day, ou o povo pode se voltar contra o senhor.

O senador ri desdenhosamente e empertiga-se ainda mais.

– *Eleitor* – diz ele, em tom exagerado e debochado. – O senhor *é* o líder da República da América. Tem poder absoluto sobre o país inteiro. Entretanto, aqui está, refém das sugestões de uma pessoa que já tentou *matá-lo*!

Começo a perder o controle. Baixo a cabeça para não ter de olhar para o senador.

– Na minha opinião, *o senhor* precisa fazer alguma coisa antes que todo o seu governo, e *toda* a população, o considere apenas um molenga covarde e inseguro, um negociador escuso, que se dobra perante as exigências de uma adolescente, de um criminoso e de uma quadrilha desorganizada de terroristas. Seu pai teria...

Anden fica de pé com um salto e bate uma das mãos na mesa.

No mesmo instante a sala silencia.

– Senador – diz Anden tranquilamente. O homem o encara, porém com menos convicção do que há um minuto. – O senhor tem razão quanto a uma coisa. Como filho do meu pai, *sou* o Eleitor da República, eu *sou* a lei. Tudo que *eu* decido afeta diretamente quem vive e quem morre.

Analiso o rosto de Anden com preocupação crescente. A pessoa gentil e de voz suave está lentamente desaparecendo sob o véu sombrio e violento herdado do pai.

– É bom o senhor não se esquecer do que aconteceu aos senadores que realmente tramaram minha tentativa de assassinato.

A sala fica tão silenciosa que tenho a impressão de poder ouvir as gotas de suor escorrendo pelas bochechas do senador. Até mesmo Mariana e Serge estão lívidos. Em meio a todos eles Anden se destaca; o rosto é uma máscara de fúria, o queixo está tenso e os olhos refletem uma profunda e irada tempestade. Ele se vira para mim, e sinto um tremor terrível e elétrico no corpo inteiro, mas mantenho o olhar firme. Sou a única pessoa no Senado disposta a encará-lo.

Mesmo que nossa rendição seja falsa, algo que os senadores não precisam saber, eu me pergunto como Anden vai lidar com esse grupo quando tudo terminar.

Vai ver ele nem tenha que fazer isso. Até lá, talvez já façamos parte de outro país, ou talvez Anden e eu estejamos mortos.

Neste momento, sentada em meio a um Senado dividido e um jovem Eleitor se esforçando para manter todos unidos, finalmente enxergo com clareza meu caminho. *Este lugar não tem nada a ver comigo. Eu não deveria estar aqui.* Essa percepção me impacta com tanta intensidade, que de súbito sinto dificuldade em respirar.

Anden e os senadores trocam mais algumas palavras tensas, mas quando isso acaba, todos saímos da sala em fila, como o grupo pouco à vontade que somos. Encontro Anden – seu uniforme vermelho-sangue se destaca entre os uniformes negros dos senadores – no corredor e o puxo para o lado.

– Eles vão acabar concordando – digo, tentando transmitir-lhe segurança nesse mar de hostilidade. – Não têm escolha.

Ele parece se acalmar, ainda que apenas por um minuto. Algumas palavras minhas são o bastante para dissipar sua cólera.

– Eu sei disso, mas não quero que eles *não* tenham escolha. Quero que me apoiem por vontade própria. – Ele suspira. – Podemos falar em particular? Tenho um assunto a discutir com você.

Examino seu rosto, tentando adivinhar o que ele quer conversar comigo, temerosa. Faço então um sinal afirmativo com a cabeça e digo:

– Meu apartamento fica mais perto.

Entramos no jipe e fazemos o percurso em silêncio até meu edifício de vários andares no setor Rubi. Ao chegarmos, subimos as escadas e entramos no meu apartamento sem dizer uma palavra. Ollie nos cumprimenta, tão animado como sempre. Fecho a porta.

O acesso de raiva de Anden já desapareceu há muito tempo. Ele olha ao redor com uma expressão inquieta e me pergunta:

– Você se importa se eu me sentar?

– Por favor – respondo, e me sento à mesa de jantar. O Primeiro Eleitor me pedindo licença para se sentar?

Anden se senta ao meu lado com toda a elegância que lhe é característica

e esfrega as têmporas com as mãos cansadas.

– Tenho boas notícias. – Ele tenta sorrir, mas percebo sua dificuldade. – Fiz um acordo com a Antártida.

Engulo em seco e pergunto:

– Qual?

– Eles garantiram que mandarão suporte militar. Por enquanto, suporte aéreo, e depois apoio no solo quando provarmos que temos a cura da praga. E concordaram em tratar Day. – Ele não olha para mim e continua: – Tudo isso, em troca de Dakota. Eu não tive opção, vou ceder-lhes nosso estado de maior extensão.

Meu coração quase sai do peito, de tão alegre e aliviada que fico; ao mesmo tempo, sinto-me triste em solidariedade a Anden. Ele foi forçado a fragmentar o país, desistir de nosso recurso mais precioso, o recurso mais precioso para *todo o mundo.* Era inevitável. Toda conquista é acompanhada de um sacrifício. Digo então:

– Obrigada.

– Não me agradeça ainda. – Seu sorriso cauteloso se transforma rapidamente numa careta. – Estamos por um fio. Não sei se a ajuda da Antártida vai chegar a tempo. Segundo notícias da frente de batalha, estamos perdendo terreno em Vegas. Se nosso plano com essa falsa rendição não der certo, se não descobrirmos a cura em breve, esta guerra vai terminar antes mesmo que o apoio da Antártida chegue.

– Você acha que descobrir a cura vai deter as Colônias? – pergunto baixinho.

Anden balança a cabeça negativamente.

– Não temos muitas opções, mas precisamos resistir até que chegue ajuda. – Ele se cala por um momento. – Amanhã vou partir para a fronte em Vegas. Nossas tropas precisam de mim.

Ele vai direto para o centro da batalha. Tento permanecer calma e pergunto:

– Seus Primeiros Cidadãos também vão junto? E os senadores?

– Apenas meus generais vão me acompanhar – responde Anden. – Você não vai, nem Mariana nem Serge. Alguém precisa se manter firme em Los Angeles.

Esse é o cerne do que ele quer me dizer. Minha mente entra em parafuso, porque já sei o que ele vai falar em seguida.

Anden se debruça na mesa e une os dedos enluvados.

– Alguém precisa se manter firme em Los Angeles – repete –, o que quer dizer que um dos meus Primeiros Cidadãos vai ter de me substituir como Eleitor interino. Essa pessoa vai precisar controlar os senadores enquanto eu estiver afastado junto às tropas. Eu vou selecionar essa pessoa, é claro, e o Senado precisa confirmá-la. – Ele esboça um pequeno e triste sorriso, como se já soubesse qual será minha resposta. – Já conversei individualmente com Mariana e Serge sobre o assunto, e ambos estão ansiosos para saber quem eu vou nomear. Agora preciso saber se *você* também está.

Viro a cabeça e olho pela janela do apartamento. A ideia de me transformar em Eleitora interina da República – embora minhas probabilidades de ser escolhida sejam tênues, em comparação com as de Mariana e Serge – deveria me empolgar, mas isso não ocorre.

Anden me observa cautelosamente e acaba dizendo:

– Pode ser franca. Compreendo que essa decisão seja definitiva e há bastante tempo venho percebendo que você não se sente à vontade nessa posição. – Ele me olha firme. – Diga-me a verdade, June. Você quer *mesmo* ser uma Primeira Cidadã?

Sinto um estranho vazio. Há muito tempo venho refletindo sobre meu desinteresse, meu desgaste com a política da República, com os bate-bocas no Senado, com as brigas entre os senadores e os Primeiros Cidadãos. Pensei que fosse difícil confessar isso a ele, mas agora que Anden está aqui, aguardando minha resposta, as palavras saem fácil e calmamente:

– Anden, você sabe que o posto de Primeira Cidadã é uma grande honra para mim, mas à medida que o tempo passa percebo que está faltando alguma coisa na minha vida, e agora sei o que é. Você vai partir e liderar seu exército contra nossos inimigos, enquanto Day e os Patriotas estão contra-atacando as Colônias com suas ações de guerrilha. Sinto falta de estar no campo de batalha, trabalhando como agente júnior e dependendo de mim mesma. Sinto falta dos dias em que as coisas eram objetivas em vez de políticas, quando eu podia facilmente saber qual era o caminho certo e o que eu devia fazer. Eu... sinto falta de fazer o que meu irmão me ajudou a treinar

para fazer. – Mantenho firme meu olhar. – Lamento, Anden, mas não tenho certeza se sou talhada para trabalhar na política. Sou uma *soldado.* Não creio que você me deva considerar para ser a Eleitora interina na sua ausência, nem acredito que queira continuar sendo sua Primeira Cidadã.

Anden me olha no fundo dos olhos e diz finalmente:

– Entendo.

Embora haja uma ponta de tristeza na sua voz, ele parece concordar. Se há uma coisa na qual Anden se sobressai, até mais do que Day, é em entender minhas origens.

Um momento depois, reparo em outra emoção nos seus olhos: inveja. Ele tem inveja porque eu tenho a escolha de me afastar do mundo da política, porque posso me dedicar a outra coisa, enquanto Anden será para sempre nosso Eleitor, a pessoa de que nosso país necessita para nos liderar. Ele jamais poderia renunciar com a consciência limpa.

Ele pigarreia e pergunta:

– O que você quer fazer?

– Quero me reunir às tropas nas ruas – respondo. Desta vez estou tão segura de minha decisão, tão animada com a perspectiva, que mal posso me conter. – Mande-me de volta para lá. *Deixe-me lutar pela República.* – Baixo a voz. – Se perdermos, nenhum Primeiro Cidadão vai importar mesmo...

– É verdade – concorda Anden. Ele olha para o quarto com uma expressão insegura, e sob sua fachada corajosa dá para perceber o rei menino se esforçando para não desmoronar. Neste momento ele observa um casaco amassado pendurado na ponta da minha cama. Anden olha demoradamente para ele.

Eu nem tinha me dado ao trabalho de guardar o casaco de Day.

Anden finalmente desvia o olhar da peça. Nem preciso tentar disfarçar que Day passou a noite comigo: pela sua expressão, ele já entendeu. Enrubesço. Sempre soube esconder minhas emoções, mas desta vez o constrangimento pela noite passada – o calor da pele de Day junto à minha, o toque de sua mão afastando, com suavidade, o cabelo do meu rosto, o roçar de seus lábios no meu pescoço – fica evidente nos meus olhos.

– Bem – diz ele, depois de demorada pausa. Anden me dá um breve e triste sorriso e se levanta. – A senhorita *é* uma soldado em essência, mas foi

uma honra tê-la como Primeira Cidadã. – O Eleitor da República me faz uma reverência e conclui: – Seja lá o que acontecer a partir daqui, espero que se lembre disso.

– Anden – a lembrança de seu rosto sombrio e furioso no Senado me volta à cabeça –, quando estiver em Vegas, quero que me prometa que você não vai mudar; não se transforme em alguém que não é, está bem?

Ele pode não ter se surpreendido com minha decisão, nem com o casaco de Day, mas essa frase pareceu pegá-lo desprevenido. Ele pisca e fica confuso por um instante, mas depois compreende. Balança a cabeça e diz:

– Preciso ir. Tenho de liderar meus soldados, da mesma forma que meu pai.

– Não foi isso que eu quis dizer – afirmo cautelosamente.

Por um momento, ele fica em dúvida sobre o que dizer em seguida.

– Não é nenhum segredo que meu pai era cruel e cometeu muitas atrocidades. As Provas, as pragas...

Anden se interrompe um momento; a luz nos seus olhos verdes se distancia enquanto ele se perde nas lembranças de alguém que poucos de nós chegamos a conhecer.

– Mas ele *combateu* com seus soldados. Você compreende isso, talvez mais do que qualquer pessoa. Ele não se limitou a ficar comodamente no Senado, enquanto mandava suas tropas para morrer no campo de batalha. Quando era jovem e transformou o país sem lei em uma severa ditadura, ele foi para as ruas, à frente de seus pelotões. Ele mesmo lutou na frente de batalha, e abateu jatos das Colônias. – Anden para um instante e me olha rapidamente. – Não estou tentando defender nada do que ele fez, mas ele *não conhecia o medo.* Conquistou a lealdade de suas forças militares através de ações, ainda que implacáveis. Eu também quero incentivar o moral de nossas tropas, e não posso fazer isso enquanto estiver escondido em Los Angeles. Eu sou...

– Você não é seu pai – eu digo, encarando-o com firmeza. – Você é Anden. Não precisa seguir os passos dele, você tem seu próprio caminho a trilhar. Você é o Eleitor agora, e não precisa ser igual a ele.

Recordo minha própria lealdade ao antigo Eleitor, todos os vídeos que o mostravam gritando ordens da cabine do piloto de um avião de combate, ou

liderando tanques nas ruas. Ele sempre esteve na linha de frente das batalhas. Ele realmente *era* destemido. Agora, quando olho para Anden, observo aquela mesma coragem ardente em seus olhos, sua necessidade de se afirmar como um líder digno de seu país.

Quando seu pai era jovem, talvez tivesse sido como Anden: idealista, cheio de esperança e sonhos, com as mais nobres intenções, corajoso e motivado. Como será que se transformou no Eleitor que criou um país tão sombrio? Que caminho teria escolhido seguir? De repente, ainda que por um minuto, sinto compreender a antiga República. E sei que Anden não tomará essa mesma direção.

Ele retribui meu olhar, como se tivesse ouvido as palavras que não pronunciei, e pela primeira vez em meses percebo parte daquela nuvem escura desaparecer de seus olhos, a obscuridade que provoca seus ataques de fúria.

Sem a sombra do pai no seu caminho, ele é lindo.

– Vou tentar me lembrar disso – sussurra ele.

A SEGUNDA NOITE DO CESSAR-FOGO DAS COLÔNIAS.

Não faz sentido voltar para casa hoje. Pascao e eu vamos percorrer Los Angeles, marcando portas e muros e convocando as pessoas discretamente para aderir à nossa causa. Tanto melhor fazer isso de uma localização bem central, como o hospital. Além do mais, preciso ficar junto de Éden por algum tempo. Ele não reagiu bem a uma tarde de exames de sangue: já vomitou duas vezes desde que cheguei. Quando uma enfermeira sai apressada do quarto com um balde nas mãos, dou um copo d´água para meu irmão. Ele vira o copo de uma só vez.

– Alguma sorte com os exames? – A voz dele sai fraca, quase um sussurro. – Você sabe se eles já descobriram alguma coisa?

– Ainda não acharam nada. – Tiro o copo vazio das mãos dele e o coloco numa bandeja. – Mas, em todo caso, vou falar com eles, pra ver se têm alguma novidade. É melhor que tudo isso valha a pena.

Éden suspira, fecha os olhos e encosta a cabeça na montanha de travesseiros empilhados na sua cama.

– Eu estou ótimo – sussurra. – Como vai sua amiga, Tess?

Tess. Ela ainda não acordou. De repente sinto falta de quando ela conseguia espernear e lutar contra a equipe do laboratório. Engulo em seco, tentando substituir a imagem de sua aparência doentia na minha cabeça pela do rosto meigo e alegre que conheço há anos.

– Ela está dormindo. Os médicos disseram que sua febre não baixou.

Éden range os dentes e olha para a tela que monitora seus sinais vitais.

– Ela parece estar legal – diz finalmente. – Pelo menos, foi isso que me falaram.

Sorrio.

– Ela está mesmo. Quando tudo isso acabar, talvez vocês possam sair pra passear ou fazer outra coisa. Vocês se dariam bem.

Se a gente conseguir se recuperar disso tudo, acrescento para mim mesmo, e em seguida apressadamente deixo de pensar no assunto. Droga! A cada dia que

passa fica mais difícil não entregar os pontos.

Nossa conversa termina aí, mas Éden mantém a mão agarrada à minha. Os olhos continuam fechados. Após um tempo, sua respiração se altera para o ritmo firme do sono, e sua mão descansa na cama. Puxo a coberta até o queixo dele, olho para ele por uns segundos e depois me levanto. Pelo menos Éden consegue dormir profundamente. Eu não consigo. Nos últimos dois dias, tenho tido pesadelos horrendos todas as noites. Acordo sobressaltado, tentando me livrar das imagens antes de tentar voltar a dormir. Minha dor de cabeça permanece comigo: é uma companhia constante e monótona, que me lembra que meu tempo está acabando.

Abro a porta e saio o mais silenciosamente possível. O corredor está vazio, exceto por algumas enfermeiras aqui e ali, e por Pascao. Ele está me esperando sentado em um dos bancos do corredor. Quando me vê, fica de pé e me dá um pequeno sorriso.

– Os outros estão se posicionando – diz. – A gente tem uns vinte Corredores demarcando os setores. Acho que está na hora da gente se mandar.

– Está pronto para levantar as massas? – pergunto, meio de brincadeira, quando ele me leva pelo corredor.

– Tem tanta energia correndo pelo meu corpo que poderia iluminar esse hospital inteiro.

Pascao empurra uma porta dupla no final do corredor, e entramos numa sala de espera maior, e em seguida numa sala não usada do hospital, com as luzes ainda apagadas. Ele as acende. Meus olhos se fixam imediatamente em alguma coisa no leito. Parece um par de trajes escuros com contornos cinzentos, ambos estão dobrados em cima das cobertas esterilizadas. Ao lado dos trajes há uma espécie de equipamento que parece um pouquinho com uma arma. Olho para Pascao, que enfia as mãos nos bolsos.

– Dá só uma olhada nessas roupas – diz ele em voz baixa. – Hoje à tarde, quando eu estava trocando ideias com Baxter e alguns soldados da República, eles emprestaram esses trajes e esses propulsores de ar para nós Corredores. Ele vai ser especialmente útil pra você. June disse que eles usam roupas como estas para se movimentarem com rapidez pela cidade, sem serem detectados. Sente só! – Ele joga um dos trajes para mim. – Veste esse aí.

Não levo muita fé no traje. Não me parece nada especial, mas decido dar a

Pascao o benefício da dúvida.

– Vou estar na sala ao lado – diz Pascao e joga o próprio traje em cima do ombro. Ao passar, ele apoia a mão em meu ombro. – Com essas roupas, a gente não deve ter dificuldade em cobrir toda a área de Los Angeles hoje à noite.

Começo a avisá-lo que, com minhas recentes dores de cabeça e os medicamentos, eu provavelmente não vou conseguir acompanhar o ritmo dele pela cidade inteira, mas ele já está indo embora e fico sozinho na sala. Examino o traje de novo e desabotoo a camisa.

A roupa é surpreendentemente leve como uma pluma e se ajusta de maneira muito confortável dos meus pés até meu pescoço, fechando com um zíper. Eu o endireito nos cotovelos e joelhos e dou alguns passos. Fico impressionado ao sentir meus braços e pernas muito mais fortes do que o habitual. Sinto-me bem mais poderoso, dou um rápido salto. O traje absorve quase todo o meu peso, e com pouco esforço consigo saltar alto o suficiente para pular a cama. Dobro um braço, depois o outro. Eles estão fortes o bastante para levantar algo mais pesado do que o que estou acostumado há vários meses. Uma repentina emoção percorre meu corpo inteiro.

Consigo correr neste traje.

Pascao dá uma pancadinha seca na minha porta e entra vestido com seu próprio traje. Ele olha para mim e pergunta:

– E aí, tá se sentindo bem de *collant*, bonitão? Ficou legal em você.

– Pra que serve isso? – indago, ainda testando meus limites físicos.

– O que você acha? A República os usa nas missões que exigem muito dos soldados fisicamente. Eles têm molas especiais instaladas perto das articulações dos cotovelos, joelhos, por aí. Resumindo: esse traje vai te fazer sentir como um herói acrobático.

Incrível! Agora que Pascao explicou, sinto mesmo uma reação típica de uma mola nos meus cotovelos e uma pequena elevação que elas dão aos meus joelhos quando os dobro. Pascao me observa com um olhar de aprovação.

– Estou me sentindo bem, muito bem *mesmo*. O traje me dá a impressão de que posso escalar um edifício de novo.

– Olha só o que eu tô pensando – diz Pascao, baixando o tom de voz até virar um sussurro. Sua atitude alegre desaparece. – Se as Colônias pousarem seus dirigíveis aqui em LA, depois que o Eleitor anunciar a rendição, a República

vai posicionar suas tropas para encenar um ataque surpresa a essas aeronaves. Elas podem danificar uma porrada deles antes que as Colônias se deem conta do que a gente está aprontando. Eu vou chefiar os Patriotas com as equipes da República, e nós vamos instalar uma fiação elétrica em algumas das bases dos dirigíveis, para explodir os que estiverem pousados nelas.

– Esse é um bom plano.

Flexiono cautelosamente um dos meus braços, achando maravilhosa a força que o traje me proporciona. Meu coração bate fortemente no peito. Se eu não executar bem esse plano e o Chanceler descobrir o que estamos tramando, a República perderá a vantagem da nossa falsa rendição. Só vamos ter uma chance para fazer isso funcionar.

Abrimos as portas corrediças envidraçadas do quarto do hospital e vamos para a varanda. O ar fresco da noite faz desaparecer parte do pesar e do estresse dos últimos dias. Com este traje, eu me sinto um pouco do que já fui. Examino os prédios ao redor e pergunto a Pascao, apoiando o propulsor de ar sobre o ombro:

– Vamos levar esses brinquedinhos para passear?

Pascao sorri e me atira uma lata de spray vermelho-sangue.

– Você tirou as palavras da minha boca.

Partimos então. Desço até o primeiro andar tão depressa que quase perco o equilíbrio, e depois alcanço o solo sem dificuldade. Pascao e eu nos separamos; cada um está encarregado de cobrir um setor da cidade. Enquanto percorro a minha área, não posso deixar de sorrir. Estou livre de novo, posso sentir o vento e alcançar o céu. Neste momento, minhas preocupações se dissolvem e mais uma vez posso fugir dos meus problemas; posso me misturar aos estragos e escombros da cidade e alterá-la para que se transforme em algo que tenha a ver comigo.

Caminho pelas vielas escuras do setor Tanagashi até chegar a edifícios históricos, lugares por onde sei que a maioria das pessoas vai ter de passar; pego minha lata de spray e escrevo o seguinte no muro:

OUÇAM MEU CHAMADO!

Abaixo dessa frase, desenho um símbolo que sei que todo mundo vai reconhecer como sendo meu: uma faixa vermelha pintada em cima do esboço de um rosto.

Grafito em tudo em que posso pensar. Quando termino, uso o propulsor para ir até um setor vizinho, e lá repito todo o processo. Horas depois, com o cabelo encharcado de suor e os músculos doendo, volto ao Hospital Central. Pascao está me esperando do lado de fora, com o rosto também reluzente de suor. Ele me cumprimenta zombeteiramente com um sorriso.

– Vamos ver quem chega primeiro lá em cima?

Não respondo. Apenas começo a escalada, e ele também. O vulto de Pascao é quase invisível na escuridão, uma forma indefinida que salta em cada andar com a facilidade de um Corredor nato. Eu me arremesso atrás dele, andar após andar.

Chegamos de volta à sacada que percorre toda a extensão do quarto andar, onde fica a ala do hospital da qual partimos. Embora eu esteja sem fôlego e as pontadas na cabeça continuem, completei a escalada quase tão rápido quanto Pascao.

– Sacanagem! – resmungo para ele quando nós dois nos debruçamos, exaustos, no parapeito. – Onde eles escondiam este equipamento quando eu estava no auge da minha saúde? Eu sozinho poderia ter destruído a República com ajuda dessa parada.

Os dentes de Pascao brilham na escuridão. Ele examina a paisagem e diz:

– Vai ver, foi até melhor você não ter feito isso, porque aí não teria *República* pra gente salvar.

– E será que vale a pena? – pergunto após uns minutos, desfrutando a brisa fresca. – Você está mesmo disposto a sacrificar a vida por um país que não fez grande coisa por você?

Pascao se mantém em silêncio por um instante, depois levanta um braço e aponta para um lugar no horizonte. Tento definir o que ele quer que eu veja. Ele responde:

– Quando eu era pequeno, morava no setor Winter. Vi duas das minhas irmãzinhas serem reprovadas na Prova. Quando chegou minha vez de ir para o estádio, quase levei bomba também. Eu tropecei e caí num dos saltos. Irônico, né? Bem, um dos soldados me viu cair. Nunca vou esquecer o olhar dele. Quando me dei conta de que ninguém mais tinha me visto cair, implorei a ele que me

desse uma colher de chá. O cara pareceu muito indeciso, mas não registrou minha queda. Quando lhe agradeci baixinho, ele me disse que se lembrava das minhas duas irmãs e concluiu: "Acho que duas mortes na sua família estão de bom tamanho."

Pascao faz uma pausa.

– Sempre odiei a República pelo que fizeram com as pessoas que eu amava, e com *todos nós.* Mas às vezes me pergunto o que terá acontecido àquele soldado, como era a vida dele, de quem ele gostava, e se ainda está vivo. Quem sabe? Talvez já tenha morrido. – Ele encolhe os ombros. – Se eu fingir que nada está acontecendo, deixar que a República resolva seus próprios problemas e ela for derrubada, acho que eu conseguiria encontrar uma forma de viver em outro lugar, escondido do governo. – Ele olha para mim e continua: – Não sei direito por que resolvi ficar do lado deles agora; vai ver, é porque ainda tenho esperança.

Pascao quer se alongar na sua explicação, como se estivesse frustrado por não conseguir expressar com palavras adequadas o que sente, mas eu o compreendo muito bem. Balanço a cabeço; fixo o olhar no setor Lake e me lembro do irmão de June.

– Sei como é. Também me sinto assim.

Após um tempo, voltamos finalmente para dentro do hospital. Tiro o traje e volto a vestir minhas próprias roupas. Esperamos que o plano comece a surtir efeito a partir do anúncio da rendição feito por Anden. Depois disso, vai ser um dia de cada vez. Tudo pode mudar.

Enquanto Pascao vai descansar um pouco, reconstituo meus passos pelo corredor e me dirijo ao quarto de Éden, perguntando-me se as equipes do laboratório já receberam alguns resultados para que nós possamos vê-los. Como se tivessem lido meu pensamento, quando chego vejo alguns deles agrupados do lado de fora do quarto de Éden. Estão falando em tons abafados. Desaparece a serenidade que senti durante minha breve escapada noturna do hospital.

– O que foi? – pergunto. Dá para ver a tensão nos olhos deles. Meu coração se aperta. – O que aconteceu?

Sob o plástico branco do capuz, um dos técnicos vira-se para mim.

– Recebemos alguns dados enviados pela equipe do laboratório da Antártida. Achamos que conseguimos sintetizar algum elemento do sangue do seu irmão que pode de certa forma agir como a cura da praga. Está funcionando... Até

certo ponto.

A cura! Uma descarga de energia percorre meu corpo e me deixa zonzo de alívio. Não posso evitar estampar um sorriso no rosto.

– Vocês já comunicaram isso ao Eleitor? Esse *elemento* está dando certo? Podemos começar a usá-lo na Tess?

O técnico de laboratório me detém antes que eu possa continuar.

– Ele *quase* age como uma cura, Day.

– O que você quer dizer?

– A equipe da Antártida confirmou que esse vírus provavelmente é uma mutação do original, contra o qual o Éden criou imunidade, ou pode ter combinado o seu genoma com outro genoma ao longo do caminho. As células T do seu irmão têm a habilidade de se deslocar junto com esse vírus agressivo; nas nossas amostras, uma das curas que desenvolvemos parece funcionar parcialmente...

– Pare de falar feito um cientista – reclamo, impaciente.

O técnico fecha a cara para mim, como se *eu* pudesse contagiá-lo com minha atitude.

– Tem alguma coisa que não estamos detectando – explica com um suspiro indignado. – Não estamos conseguindo detectar um componente.

– Como assim vocês não estão *conseguindo* detectar um componente? O que vocês não estão detectando?

– Em algum período do processo, o vírus que está causando os surtos atuais sofreu uma mutação e se mesclou com outro vírus. Como resultado, alguma coisa está faltando nas investigações. Achamos que ele talvez possa ter sofrido a mutação nas Colônias, talvez há muito tempo, até mesmo meses.

Meu coração fica apertado quando me dou conta do que eles estão tentando dizer.

– A cura ainda não está funcionando, então?

– Não se trata apenas disso. O problema é que não sabemos se vamos conseguir que funcione algum dia. Éden não é o primeiro paciente a ser infectado por esse vírus. – O técnico de laboratório suspira mais uma vez. – A não ser que possamos encontrar a pessoa em quem esse novo vírus sofreu a mutação, não posso afirmar se algum dia vamos descobrir a cura.

Acordo ao som do lamento de uma sirene que ressoa no conjunto de apartamentos. Outro ataque aéreo. Por um minuto, me vejo de volta a Denver, sentada com Day num pequeno café iluminado por lanternas, enquanto a neve cai ao nosso redor e ele me conta que está morrendo. Estou de volta às ruas caóticas, cheias de pessoas apavoradas. Estamos os dois de mãos dadas, correndo para nos abrigar, aterrorizados.

Pouco a pouco meu quarto entra em foco, e a sirene continua a soar. Meu coração começa a bater descompassadamente.

Pulo da cama, paro para consolar Ollie que está com medo e corro para ligar a tela. Os noticiários fazem um escarcéu, competindo com a sirene. Na parte inferior da tela há uma advertência vermelha-vivo:

PROCUREM ABRIGO

Leio rapidamente as manchetes:

AVIÕES INIMIGOS APROXIMAM-SE DA DIVISA DE LOS ANGELES

TODAS AS TROPAS DEVEM SE APRESENTAR IMEDIATAMENTE

O PRIMEIRO ELEITOR FARÁ UM COMUNICADO DE EMERGÊNCIA

Previram que as Colônias demorariam mais três dias antes de atacar Los Angeles. Parece que eles anteciparam esse prazo e resolveram desrespeitar o cessar-fogo de três dias, o que quer dizer que precisamos também acelerar nosso plano. Tampo os ouvidos por causa do som da sirene, corro até a varanda e olho para o horizonte. A luz da amanhã ainda está fraca, e o céu nublado impede que eu veja nitidamente, mas ainda assim, os pontinhos acima do contorno montanhoso da Califórnia são inconfundíveis. Minha respiração fica presa na garganta.

Dirigíveis. Das Colônias ou africanos – não dá para ver direito desta

distância –, mas é certo que não se tratam de aeronaves da República. Baseada na sua posição e velocidade, calculo que estarão pairando sobre o centro de Los Angeles daqui a menos de uma hora. Ligo o microfone e corro até o armário para pegar algumas peças de roupa. Se Anden está na iminência de fazer um comunicado, será sobre a rendição, sem dúvida. E se esse for o caso, preciso me reunir a Day e aos Patriotas o mais rápido que puder. A falsa rendição só vai funcionar por certo tempo, antes que se torne verdadeira.

– Onde é que vocês estão? – grito quando Day atende.

A voz dele soa tão angustiada quanto a minha. O eco da sirene também se faz ouvir onde ele está:

– No quarto de Éden no hospital. Você consegue ver os dirigíveis?

Mais uma vez, examino o horizonte antes de amarrar as botas.

– Consigo. Chegarei aí em breve.

– Fique observando o céu e tome cuidado. – Ele hesita um instante. – Venha logo. Temos um problema. – Nosso contato se interrompe, e saio com Ollie ao meu lado, galopando como o vento.

Quando chegamos ao Hospital Central e somos levados ao encontro de Day, Éden e os Patriotas, as sirenes param. A eletricidade do setor deve ter sido desligada de novo. A não ser pelos principais edifícios do governo como a Bank Tower, o panorama lá fora está soturnamente negro, tragado quase por completo pelas sombras úmidas matinais.

No corredor, as telas mostram um pódio vazio onde Anden se posicionará a qualquer minuto para se dirigir à nação ao vivo. Ollie não desgruda do meu lado, inquieto. Eu o acaricio várias vezes, e ele me recompensa com uma lambida na mão.

Encontro com Day e os outros no quarto de Éden no exato momento em que Anden surge na tela. Éden parece exausto e apenas semiconsciente. Ele continua com um tubo intravenoso ligado ao braço, mas além desse, não há outros tubos nem fios. Ao lado da cama, um técnico de laboratório digita anotações num computador.

Day e Pascao estão usando o que parecem ser trajes da República destinados a missões especiais – é a mesma roupa que usei quando precisei tirar Day do Batalla Hall pela primeira vez, quando passei uma noite

examinando os telhados à procura de Kaede. Ambos estão falando com um técnico e, pelas expressões deles, as notícias não são nada boas.

Quero saber detalhes, mas Anden já se encontra no pódio, e minhas palavras desvanecem quando concentramos nossa atenção na tela. Tudo que consigo escutar é o som da nossa respiração e o zumbido ameaçador e distante das aeronaves que se aproximam.

Anden parece calmo. Embora tenha se passado apenas um ano desde que nos conhecemos, o peso e a gravidade no seu rosto o fazem aparentar ter muito mais idade. Apenas o ligeiro cerrar do queixo revela um indício de suas verdadeiras emoções. Ele está todo vestido de branco, com dragonas prateadas nos ombros e um emblema dourado da República afixado perto do colarinho do paletó militar.

Atrás dele há duas bandeiras: uma é da República, enquanto a outra está vazia, é branca, incolor. Engulo em seco. É uma bandeira que conheço bem dos tempos de escola, mas que nunca havia visto ser usada. Todos nós sabíamos que este dia chegaria, havíamos planejado isto e *sabemos* que não é real, mas ainda assim não posso deixar de sentir uma sensação profunda e sombria de dor e fracasso. Como se estivéssemos verdadeiramente entregando nosso país a outro.

– Soldados da República. – Anden começa se dirigindo aos soldados que o rodeiam na base. Como sempre, sua voz é, ao mesmo tempo, suave e firme, tranquila mas nítida. – É com grande pesar que venho hoje lhes comunicar nossa decisão. Já transmiti essas mesmas palavras ao Chanceler das Colônias. – Ele faz uma breve pausa, como se reunindo forças. Para ele, mesmo este pronunciamento falso deve ter um peso imenso. – A República se rendeu oficialmente às Colônias.

Silêncio total. A base, há alguns minutos barulhenta e caótica, de súbito fica paralisada: todos os soldados estão imóveis, ouvindo incrédulos.

– A partir de agora, devemos cessar toda e qualquer atividade militar contra as Colônias – prossegue Anden. – Amanhã, vamos nos reunir com as principais autoridades das Colônias para redigir as condições oficiais da rendição. – Ele para, permitindo que suas palavras sejam absorvidas pela base inteira. – Soldados, vamos mantê-los atualizados à medida que dermos prosseguimento ao assunto.

A transmissão se encerra nesse ponto. Anden não conclui sua declaração com o lema *Vida longa à República.* Um calafrio me percorre o corpo quando as telas são substituídas por uma imagem não da bandeira da República, mas das Colônias.

Estão fazendo um trabalho espetacular para convencer todo mundo dessa rendição. Espero que as autoridades da Antártida mantenham sua palavra. Espero que a ajuda esteja a caminho.

– Day, a gente não tem muito tempo para sabotar as bases – resmunga Pascao para nós quando Anden conclui seu discurso. Os três soldados da República que se encontram conosco estão preparados para conduzi-los até as bases aéreas onde os explosivos serão armados. – Você vai ter que conseguir um tempo extra para nós. Tá correndo por aí que as Colônias vão começar a pousar os dirigíveis em nossas bases daqui a poucas horas.

Day assente. Quando Pascao se vira para transmitir instruções aos soldados, o olhar trêmulo de Day se concentra em mim. Nele, vejo uma sensação tensa de medo que me dá um frio na barriga.

– Deu algo errado com a cura, não é? – pergunto. – Como está o Éden?

Day suspira, passa a mão no cabelo e olha para o irmão.

– Ele está aguentando.

– Mas?...

– Mas o problema é que ele não foi o primeiro paciente a ser contaminado. Os técnicos disseram que ainda não conseguiram detectar não sei o quê no sangue dele.

Olho para o corpo frágil no leito do hospital. Éden não é o Paciente Zero?

– O que é? O que não conseguiram detectar?

– É mais fácil te mostrar do que tentar explicar. Vem cá. A gente precisa alertar Anden sobre isso. Do que adianta encenarmos essa rendição se não conseguirmos a ajuda da Antártida?

Seguimos Day pelo corredor. Caminhamos calados e tensos por algum tempo, até finalmente chegarmos diante de uma porta não identificada, que Day abre.

Entramos num recinto cheio de computadores. Um técnico que está monitorando as telas se levanta ao nos ver e nos conduz a um computador.

– Está na hora de atualizarmos a srta. Iparis?

– Me conte o que está acontecendo – respondo.

Ele nos senta em frente a um computador e passa vários minutos carregando uma tela. Quando finalmente termina, vejo duas comparações lado a lado de alguns slides do que suponho sejam células. Eu as olho atentamente.

O técnico de laboratório aponta para a tela à esquerda, que parece uma série de pequenas partículas poligonais agrupadas ao redor de uma grande célula central. Ligadas às partículas estão dezenas de pequenos tubos que saem das células.

– Esta – diz o técnico, circulando com o dedo a célula grande – é uma simulação de uma célula contaminada que estamos tentando curar. Ela tem um tom vermelho, indicando que há muitos vírus nela. Sem uma cura, esta célula se destrói, se arrebenta e morre. Estão vendo estas pequenas partículas ao redor? São simulações das partículas da cura de que necessitamos. Elas se fixam ao exterior da célula infectada. – Ele dá uma pancadinha na tela duas vezes, no lugar onde está a célula grande, e segue-se uma curta animação que mostra as partículas se agarrando à célula, que acaba encolhendo de tamanho e sua cor se altera. – Elas impedem que a célula arrebente.

Meus olhos focalizam agora a tela à direita, que também tem uma célula igualmente contaminada, cercada por pequenas partículas. Desta vez não vejo nenhum tubo no qual as partículas possam se agarrar. O técnico de laboratório explica então:

– Isto é o que está acontecendo *de verdade*. Não estamos conseguindo identificar um elemento em nossas partículas de cura que possa fazer com que elas se prendam aos receptores da célula. Se não encontrarmos isso, o resto das partículas não pode funcionar. A célula não consegue entrar em contato direto com o medicamento, e então morre.

Cruzo os braços e olho com o cenho franzido para Day, que encolhe os ombros, impotente, e pergunta:

– Como podemos descobrir qual é o pedaço que falta?

– Esse é o X da questão. Na nossa opinião, esse problema específico de receptores não fazia parte do vírus original. Em outras palavras: alguém

deliberadamente alterou esse vírus. – Ele aponta para minúsculos pontos reluzentes espalhados na superfície da célula. – Isto pode significar, srta. Iparis, que as Colônias, na verdade, alteraram fisicamente esse vírus. Garanto que a República não tem registros de manipulação indevida com esse vírus, não para esse fim específico.

– Espera aí – interrompe Day. – Isso é novidade pra mim. Você está dizendo que as Colônias *criaram* essa praga?

O técnico de laboratório faz uma expressão sinistra e volta a olhar a tela.

– É possível. Mas há uma coisa curiosa. Acreditamos que essa característica adicional, a questão dos receptores, veio originalmente da República. Existe um vírus semelhante que surgiu numa pequena cidade do Colorado. Mas os marcadores nos dizem que o vírus modificado se originou em Tribune City, que é uma cidade próxima à frente de batalha, no lado das Colônias. Então, segundo essa hipótese, de alguma forma o vírus do Éden entrou em contato com alguma outra coisa em Tribune City.

É aí que as peças do quebra-cabeça finalmente se encaixam para mim. A cor se esvai do meu rosto. Tribune City é a cidade onde Day e eu paramos quando fugimos para as Colônias. Relembro que adoeci durante minha prisão na República, e que fiquei bem doente e febril quando Day me carregou por aquele túnel subterrâneo desde Lamar até o território das Colônias. Passei uma noite internada num hospital de lá. Eles me injetaram remédios, mas jamais considerei o fato de que podiam estar me usando para outro propósito. Terei sido a cobaia de um experimento sem sequer me dar conta disso? Serei eu a portadora, na minha corrente sanguínea, da peça do quebra-cabeça que falta?

– Sou eu – murmuro, interrompendo a fala do técnico. Ele e Day me olham, espantados.

– O que a senhorita quer dizer? – pergunta o técnico, mas Day permanece em silêncio. A conscientização da verdade está estampada no seu rosto.

– Sou eu – repito. A resposta é tão evidente que mal consigo respirar. – Estive em Tribune City há oito meses. Eu fiquei doente durante minha detenção no Colorado. Se esse outro vírus de que você está falando se originou na República e depois foi para Tribune City, nas Colônias, é

possível que a solução do seu quebra-cabeça seja eu.

A teoria de June muda tudo.

Ela imediatamente se reúne à equipe do laboratório numa sala separada do hospital, onde fixam vários tubos e fios no seu corpo e coletam uma amostra da sua medula óssea. Realizam uma série de scans que a deixam com aparência nauseada, scans que já vi serem feitos com Éden. Eu gostaria de ficar. Felizmente os testes com Éden terminaram, mas o risco está agora com June, e neste momento tudo que quero é ficar aqui e me certificar de que tudo vai ficar bem.

Não seja imbecil – digo a mim mesmo com raiva –, *você ficar aqui não vai ajudar em nada.* Mas quando Pascao finalmente nos leva para fora do hospital a fim de nos reunirmos aos outros, não posso deixar de olhar de relance para trás.

Se o sangue de June contiver o elemento que falta, teremos uma oportunidade de conter a praga e poderemos salvar todo o mundo.

Podemos salvar a Tess.

Ao tomarmos o metrô do hospital em direção às bases de aeronaves em Batalla, com vários soldados a reboque, essas ideias apertam meu peito e mal consigo ficar parado. Pascao repara na minha inquietação e pergunta, com um risinho:

– Você já esteve nas bases antes, não é? Eu me lembro de que você já aprontou bastante por aqui.

Suas palavras desencadeiam algumas lembranças. Quando fiz catorze anos, sabotei dois dirigíveis em Los Angeles que estavam sendo preparados para decolar até a frente de batalha. Consegui entrar nos dirigíveis pelo sistema de ventilação – o que não foi muito diferente do que fiz com os Patriotas em Vegas – e depois percorri as duas aeronaves sem ser percebido através de seus inúmeros respiradouros. Nessa ocasião eu ainda estava em fase de crescimento, meu corpo era mais magro e menor e não tive dificuldade em percorrer, encolhido, os incontáveis dutos.

Uma vez lá dentro, roubei o máximo de comida enlatada que consegui e depois incendiei as casas de máquinas; isso destruiu os dirigíveis de tal maneira que eles ficaram fora de combate por anos, talvez nunca tenham voltado a servir

à República. Foi essa peripécia que me fez virar o criminoso mais procurado do país. Realmente foi um trabalho bem-feito, sem querer me gabar.

Recordo a configuração das bases. Exceto por algumas bases aéreas no setor Batalla, as quatro principais bases navais em Los Angeles ocupam uma estreita faixa de terra ao longo do litoral oeste da cidade situada entre nosso enorme lago e o Oceano Pacífico. Nossos encouraçados estão localizados nessa área, e na maior parte do tempo não são usados. Mas a razão pela qual os Patriotas e eu nos dirigimos para lá agora é que todos os hangares de dirigíveis em Los Angeles também ficam lá, e é lá que as Colônias vão pousar seus dirigíveis se – e quando – tentarem ocupar a cidade após nossa rendição.

Estamos no terceiro e último dia do prometido cessar-fogo das Colônias. À medida que o trem passa velozmente pelos setores, vejo grupos de civis aglomerados ao redor dos telões que ainda estão transmitindo sem parar a notícia da rendição dada por Anden. A maioria das pessoas parece consternada, e se apoiam umas nas outras. Outras estão furiosas e atiram sapatos, pés-de-cabra e pedras nas telas extravasando sua ira contra a traição de seu Eleitor. Ótimo! Continuem assim. Usem essa raiva contra as Colônias. Em breve vou precisar desempenhar meu papel.

– Tudo bem, pessoal, escutem – diz Pascao quando nosso trem se aproxima das pontes que levam às bases navais. Ele ergue as mãos para nos mostrar uma série de pequenos dispositivos metálicos. – Lembrem-se de usar seis por hangar. – Ele aponta para um pequeno gatilho vermelho no centro de cada dispositivo. – Queremos explosões perfeitas e controladas; os soldados vão nos indicar os melhores lugares onde colocar os dispositivos. Se fizermos a coisa toda de forma correta, vamos poder danificar qualquer aeronave das Colônias usando nossos hangares de pouso e um dirigível que não consegue levantar voo nem pousar não serve pra nada, certo? – Ele dá um risinho. – Ao mesmo tempo, não podemos ferrar muito as pistas de pouso. São apenas *seis* por hangar.

Desvio o olhar e concentro minha atenção na janela, onde a primeira base naval se aproxima no horizonte. Enormes bases em forma de pirâmide se destacam numa fileira, escuras e imponentes, e na mesma hora penso na primeira vez em que as vi em Vegas. Meu estômago se contorce, pouco à vontade. Se este plano fracassar, se não conseguirmos deter as Colônias e o pessoal da Antártida não vier em nossa ajuda, se June não tiver aquilo que

precisamos para encontrar a cura, o que acontecerá com a gente? O que acontecerá quando as Colônias finalmente se apossarem de Anden, de June ou de mim? Balanço a cabeça para obrigar as imagens a desaparecerem. Não há tempo para eu me preocupar com isso agora. Ou vai acontecer ou não vai. Nós já tomamos nossa decisão.

Quando chegamos à primeira pista de pouso da Base Naval Um, vejo o suficiente da área da cidade para reparar em pontos minúsculos e escuros no céu. Tropas das Colônias – dirigíveis, jatos ou outra coisa – estão pairando perto dos arredores de Los Angeles, preparando-se para atacar. Um zunido baixo e monótono enche o ar – já podemos ouvir a aproximação firme de suas aeronaves. Meus olhos se dirigem aos telões que ocupam as ruas. O anúncio que Anden fez continua a ser transmitido, acompanhado pela frase de alerta "PROCUREM ABRIGO" em vermelho-vivo, na parte inferior de todas as telas.

Quatro soldados da República se juntam a nós quando saltamos apressados do jipe e entramos na base da pirâmide. Fico perto deles quando nos levam para os elevadores rumo ao saliente telhado interno da base, onde as aeronaves decolam e pousam. Ao nosso redor há o som ensurdecedor de botas de soldados, apressando-se a fim de chegar às suas estações, preparando-se para decolar contra as Colônias. Eu me pergunto quantas tropas Anden foi obrigado a despachar para Denver ou Vegas como reforço, e só posso esperar que as tropas que ficaram sejam suficientes para nos proteger.

Aqui não é Vegas, lembro a mim mesmo, tentando não pensar em quando June se deixou capturar. Mas não adianta nada. Quando chegamos ao topo da base e subimos um lance de degraus até o topo aberto da pirâmide, meu coração bate fortemente, e só em parte devido ao exercício. Bem, é claro que isso me lembra de quando comecei a trabalhar para os Patriotas. Não consigo deixar de analisar as vigas de metal que cruzam a parte inferior interna da base, todas as pequenas áreas de encaixe que se ligam a uma aeronave quando ela pousa. O traje escuro que estou usando é leve como o ar. Está na hora de instalarmos nossas bombas.

– Estão vendo aquelas vigas? – pergunta um capitão da República a Pascao e a mim, apontando para o teto sombrio, onde se veem três fendas especialmente difíceis de alcançar. – Elas representam o máximo de danos para a aeronave e o mínimo para a base. Vocês dois devem destruir esses três locais em cada um dos hangares. Nós mesmos poderíamos chegar a elas se montássemos nossos

guindastes, mas não temos tempo para isso. – Ele faz uma pausa e nos dá um sorriso forçado. A maioria desses malditos soldados ainda não fica inteiramente à vontade trabalhando conosco. – Bem – continua ele depois de um silêncio constrangedor –, vocês acham que isso é possível? Vocês são rápidos o suficiente?

Tenho vontade de perguntar ao capitão se ele esqueceu com quem está falando, mas Pascao me impede de fazer isso ao soltar uma de suas risadas altas e inconfundíveis.

– Você não leva muita fé na gente, não é? – Ele dá uma cutucada brincalhona nas costelas do capitão e ri com desdém ao ver o rubor indignado no rosto do militar.

– Ótimo! – responde rigidamente o capitão, antes de partir com os outros Patriotas e seu próprio pelotão. – Depressa! Não temos muito tempo. – Ele nos deixa com nossa tarefa, e começa a instruir os outros sobre onde colocar as bombas.

Depois que ele se vai, Pascao deixa de lado o gigantesco sorriso e se concentra nas fendas apontadas pelo capitão.

– Não são fáceis de alcançar – resmunga. – Tem certeza de que você consegue fazer isso? Você está forte o bastante, levando em conta que está morrendo e tudo mais?

Olho feio para ele e depois examino cada uma das fendas. Testo os joelhos e cotovelos, tentando avaliar minha força. Pascao é um pouco mais alto do que eu; ele vai lidar melhor com as duas primeiras fendas, mas a terceira é tão estreita que sei que só eu consigo entrar nela. Também percebo na hora por que o capitão nos mostrou esse lugar. Mesmo se não fixássemos seis bombas neste lado da base, provavelmente desabilitaríamos qualquer aeronave com uma única bomba *nesse* ponto. Aponto para ele e digo:

– Fico com aquela lá.

– Tem certeza? – Pascao estreita os olhos para ver bem o lugar. – Não quero ver você cair e morrer logo na sua primeira missão.

Suas palavras me provocam um sorriso sarcástico e pergunto:

– Qual é, cara? Você não tem nenhuma fé em mim?

Pascao ri, debochado.

– Tenho um pouquinho.

Hora de agir. Dou um impulso a partir do corrimão das escadas até a viga mais próxima, e depois me integro harmoniosamente com o labirinto de metal. Tenho uma sensação de *déjà-vu*. Demoro um pouco para me acostumar às molas embutidas no meu traje, mas depois de alguns saltos me sinto à vontade. Ajo rápido. Rápido mesmo, com a ajuda da roupa. Em dez minutos, atravesso um quarto do teto da base e estou agora a poucos metros daquela fenda mais estreita. Finas gotículas de suor escorrem por meu pescoço, e minha cabeça lateja com a dor bem conhecida. Abaixo de nós, soldados param para nos observar mesmo enquanto o noticiário eletrônico da base continua a transmitir a notícia da rendição. Eles não têm noção do que estamos fazendo.

Faço uma pausa no último salto, e então pulo. Meu corpo atinge a fenda e desliza harmoniosamente para dentro dela. No mesmo instante, pego a minúscula bomba, abro o clipe e a prendo firmemente no lugar. Minha enxaqueca me deixa tonto, mas eu a forço a sumir.

Missão cumprida.

Lentamente percorro o caminho de volta pelas vigas. Quando chego aos degraus de novo, meu coração está batendo forte com a adrenalina. Localizo Pascao nas vigas e faço um sinal positivo com o polegar.

Esta é a parte fácil, lembro a mim mesmo; minha empolgação dá lugar a uma ameaçadora ansiedade. A parte difícil vai ser inventar uma mentira convincente para o Chanceler.

Terminamos nossa tarefa na primeira base, e vamos para a segunda. Quando concluímos a quarta base, minha força está começando a ceder. Se eu estivesse bem de saúde, com este traje eu seria praticamente indestrutível, mas agora, mesmo com a ajuda dele, meus músculos doem e minha respiração está ofegante. Quando os soldados me conduzem a uma sala na base aérea e me preparam para fazer minha chamada e minha transmissão, agradeço em silêncio por não precisar correr mais pelos tetos.

– E se o Chanceler não acreditar em você? – pergunta Pascao enquanto os soldados saem da sala em fila. – Sem ofensa, bonitão, mas sua reputação em cumprir promessas não é lá essas coisas...

– Eu não prometi nada a ele – respondo. – Além disso, ele vai assistir ao meu anúncio para a República inteira e vai acreditar que todos no país também me viram declarar minha aliança às Colônias. Não vai durar, mas vamos ganhar

tempo.

Silenciosamente, torço para que a gente consiga descobrir a cura da praga antes que as Colônias se deem conta do que estamos fazendo.

Pascao olha para fora da janela; podemos ver soldados da República terminando de colocar as últimas bombas no teto da base. Se isso fracassar ou se as Colônias compreenderem que nossa rendição é falsa antes de termos tempo de fazer alguma coisa a respeito, nós já éramos.

– Está na hora de você fazer sua chamada – resmunga Pascao. Ele tranca a porta, pega uma cadeira e a empurra para um canto da sala. Depois, acomoda-se e espera comigo.

Minhas mãos tremem ligeiramente quando ligo o microfone e chamo o Chanceler das Colônias. Por um momento, só escuto estática, e parte de mim espera que, de alguma forma, não seja possível rastrear o nome que me ligou antes e que, de alguma forma, eu não tenha como contatá-lo. Mas então a estática termina, a ligação fica nítida e escuto a conexão se completar.

– Aqui é o Day. – Nem me dou ao trabalho de cumprimentar o Chanceler. – Hoje é o último dia do seu prometido cessar-fogo, certo? Mas eu ainda não tenho resposta para seu pedido.

Alguns segundos se arrastam, e em seguida ouço aquela voz firme e objetiva:

– Sr. Wing – diz o Chanceler, tão gentil e agradável como sempre –, bem na hora. É um grande prazer falar com o senhor.

– Estou certo de que o senhor já deve ter visto o anúncio do Eleitor – respondo, ignorando suas gentilezas.

– Realmente, já o vi – responde o homem. Escuto um movimento de papéis ao fundo. – Com o seu chamado, acho que hoje vai ser um dia cheio de boas surpresas. Eu tenho me perguntado quando você voltaria a nos contatar. Diga-me, Daniel, você considerou minha proposta?

Do outro lado da sala, os olhos pálidos de Pascao se fixam nos meus. Ele não consegue ouvir a conversa, mas pode ver a tensão no meu rosto.

– Considerei – respondo, após uma pausa. Tenho de soar realista e relutante, não é mesmo? Eu me pergunto se June aprovaria essa atitude.

– E o que decidiu? Lembre-se de que isso depende inteiramente de você. Não vou forçá-lo a fazer nada que você não queira.

Me engana que eu gosto... Não preciso fazer nada mesmo: só ficar parado

assistindo enquanto o senhor destrói as pessoas que eu amo.

– Está bem. – Faço mais uma pausa. – A República já se rendeu. O povo não está feliz com a presença de vocês, mas não quero que ninguém seja ferido. Repito: não quero que *ninguém* seja ferido. – Sei que não preciso mencionar o nome de June para que o Chanceler compreenda. – Vou fazer um comunicado a toda a cidade. Nós tivemos acesso aos telões por meio dos Patriotas. Não vai demorar até que esse comunicado seja transmitido para a República inteira. – Acrescento um pouquinho de ousadia para que minha mentira pareça autêntica: – Isso vai ser suficiente para o senhor manter suas mãos nojentas longe da June?

O Chanceler bate palmas uma vez e diz:

– Combinado. Se você está disposto a se tornar nosso... porta-voz, por assim dizer, eu lhe garanto que a srta. Iparis será poupada dos julgamentos e execuções resultantes de uma derrubada de governo.

Suas palavras fazem com que um calafrio percorra meu corpo e me obrigam a admitir que, se falharmos, o que eu vou fazer não salvará a vida de Anden. Na verdade, se a gente fracassar, é provável que o Chanceler perceba que eu estou por trás disso tudo também, o que destruirá a possibilidade de June e provavelmente de Éden se salvarem. Pigarreio. Do outro lado da sala, o rosto de Pascao está retorcido de tensão.

– E o que vai acontecer com meu irmão?

– Você não tem de se preocupar com seu irmão. Como já lhe disse, não sou um tirano. Não vou prendê-lo a uma máquina e enchê-lo de substâncias químicas nem de veneno; na verdade, não vou fazer nenhum experimento com ele. Vocês dois terão uma vida confortável e segura. Livre de qualquer mal e preocupação.

O tom de voz do Chanceler muda para o que ele julga ser tranquilizador e gentil:

– Percebo a infelicidade na sua voz, mas não faço nada além do necessário. Se seu Eleitor me capturasse, não hesitaria em me executar. O mundo é assim. Não sou um homem impiedoso, Daniel. Lembre-se de que as Colônias não são responsáveis por sua vida de sofrimento.

– Não me chame de Daniel. – Minha voz soa baixa e tranquila. *Só a minha família pode me chamar de Daniel. Sou Day. Curto e direto.*

– Minhas desculpas. – Ele parece verdadeiramente lamentar. – Espero que você compreenda o que estou dizendo, Day.

Fico em silêncio por um momento. Mesmo agora, ainda consigo sentir um ímpeto contra a República, todos os meus pensamentos e minhas lembranças sombrios sussurram *ignore a República*, *deixe que ela desmorone*. O Chanceler pode me avaliar melhor do que eu pensava. É difícil esquecer uma vida de sofrimento. Como se ela pudesse sentir a influência poderosa do fascínio do Chanceler, ouço a voz de June interromper essa linha de pensamento e murmurar algo diferente. Fecho os olhos e me agarro a ela, tiro forças dela.

– Quando o senhor quer que eu faça esse comunicado? – pergunto após algum tempo. – Tudo já está preparado por aqui. Vamos terminar logo com essa história.

– Maravilha! – O Chanceler pigarreia e volta a falar como um homem de negócios. – Quanto mais cedo, melhor. Vou desembarcar com minhas tropas na base naval fora de Los Angeles no início da tarde. Podemos combinar que você faça o anúncio nessa hora, que tal?

– Combinado.

– Mais uma coisa – acrescenta o Chanceler quando vou desligar. Eu me enrijeço, a língua pronta para desligar o microfone. – Antes que eu esqueça.

– O quê?

– Quero que você faça o anúncio do hangar da minha aeronave.

Surpreso, olho de relance para Pascao, e apesar de ele não ter ideia do que o Chanceler disse, franze a testa porque meu rosto ficou lívido de repente. Fazer o anúncio no hangar da aeronave do Chanceler? Evidente. Por que achamos que ele seria tão fácil de enganar? Ele está tomando precauções. Se alguma coisa der errado durante o anúncio, eu estarei nas mãos deles. Se eu disser qualquer outra coisa que não seja incentivar o povo da República a se curvar perante as Colônias, ele poderá me matar ali mesmo, no hangar da aeronave, cercado por seus soldados.

Quando o Chanceler volta a falar, dá para perceber a satisfação na sua voz. Ele sabe muito bem o que está fazendo.

– Suas palavras terão um impacto maior se ditas diretamente de uma aeronave das Colônias, não concorda? – Ele bate palmas mais uma vez. – Vamos esperar por você na Base Naval Um daqui a algumas horas. Estou ansioso para conhecê-lo pessoalmente, Day.

A revelação sobre minha ligação com essa praga muda todos os meus planos.

Em vez de me reunir aos Patriotas e ajudar Day a fixar as bombas nos hangares das aeronaves, permaneço no hospital para que os médicos e virologistas possam me prender a máquinas e executar uma série de exames em mim. Meus punhais e minha pistola ficam numa cômoda no quarto, para que não atrapalhem todos os fios, e mantenho só uma faca na bota. Éden está sentado no leito ao meu lado; sua pele está doentiamente lívida. Depois de muitas horas de testes, começo a sentir vontade de vomitar.

– O primeiro dia é o pior – me diz Éden com um sorriso encorajador. Ele fala devagar, provavelmente devido ao remédio que a equipe do laboratório lhe deu para dormir. – Mas vai melhorar.

Ele se estica e dá uma pancadinha na minha mão; eu me sinto grata por sua compaixão inocente. Day devia ser assim quando menino.

– Obrigada – respondo. Não expresso em voz alta meus demais sentimentos, mas não consigo acreditar que uma criança como Éden tenha sido capaz de tolerar esses exames por vários dias seguidos. Se eu soubesse disso antes, poderia ter feito o que Day queria desde o princípio, e simplesmente recusado o pedido de Anden.

– O que vai acontecer se descobrirem que você é compatível? – pergunta Éden após um tempinho. Seus olhos estão visivelmente cansados, e sua pergunta sai mal articulada.

Boa pergunta. O que vai acontecer? Vamos encontrar a cura. Poderemos apresentar os resultados às autoridades da Antártida e provar a eles que as Colônias usaram deliberadamente esse vírus; nós poderemos convencer as Nações Unidas a forçarem as Colônias a se retirarem. E então nossos portos serão liberados.

– O pessoal da Antártida prometeu que a ajuda estava a caminho – resolvo dizer. – É possível que a gente vença. *Talvez.*

– Mas as Colônias já estão aqui! – Éden olha pela janela, de onde dá para ver as aeronaves dos nossos inimigos pontilhando o céu. Algumas já passando nas nossas bases, enquanto outras assomam lá no alto. Uma

sombra refletida no edifício Bank Tower me informa que uma delas está passando acima de nós neste exato momento. – E se o Daniel falhar? – pergunta ele, lutando contra o sono.

– Temos de agir com muita cautela.

Mas as palavras de Éden fazem com que meu olhar se demore na paisagem urbana. Realmente, e se o Day falhar? Ele me disse ao ir embora que entraria em contato conosco antes de transmitir sua mensagem ao povo. Agora, ao ver a proximidade das aeronaves das Colônias, sinto-me extremamente frustrada por não poder estar junto deles. E se as Colônias se derem conta de que as bases aéreas foram sabotadas? E se eles não voltarem?

Passa-se mais uma hora. Enquanto Éden cai em sono profundo, permaneço acordada e tento dissipar a náusea que me atinge em ondas. Mantenho os olhos fechados. Isso parece ajudar. Devo ter adormecido, porque de repente sou despertada pelo som de nossa porta se abrindo. Os técnicos finalmente voltaram.

– Srta. Iparis – diz um deles, endireitando o crachá onde se lê o nome MIKHAEL. – Não foi exatamente compatível, mas chegou perto de ser, tão perto que nos possibilitou desenvolver uma alternativa. Vamos agora testar a cura em Tess. – Ele não consegue reprimir um sorriso. – A senhorita era a peça que faltava, e estava bem debaixo do nosso nariz.

Olho fixo para ele sem dizer uma palavra. *Podemos mandar os resultados para a Antártida*, essa ideia corre veloz pela minha cabeça. *Podemos pedir ajuda. Podemos impedir que a praga se espalhe. Temos uma oportunidade de vencer as Colônias.*

Os colegas de Mikhael começam a me desembaraçar da teia de fios e depois me ajudam a levantar. Sinto-me forte o suficiente, mas a sala continua a rodar. Não sei direito se meu desequilíbrio é um efeito colateral dos testes ou se se deve apenas à ideia de que tudo isso pode ter dado certo.

– Quero ficar com a Tess – digo, quando começamos a nos dirigir para a porta. – Quanto tempo a cura leva para agir?

– Não sabemos ao certo – admite Mikhael ao entrarmos num comprido corredor. – Mas nossas simulações são sólidas, e fizemos testes em várias culturas com células contaminadas no laboratório. Muito em breve devemos

começar a constatar melhoras no estado de saúde da paciente.

Nós paramos na longa janela envidraçada do quarto de Tess. Ela está deitada no leito num sono delirante; ao seu redor há enfermeiros e técnicos se movimentando rapidamente em trajes completos, monitores informando seus sinais vitais, tabelas e gráficos projetados nas paredes. Um tubo intravenoso está injetado em um dos seus braços. Examino seu rosto, procurando algum indício de consciência, mas não consigo.

Ouço estática no meu fone de ouvido: é uma chamada. Franzo a testa, comprimo uma das mãos no ouvido e ligo o microfone. Um segundo depois, ouço a voz de Day:

– Você está bem? – É seu primeiro pensamento, claro. A estática é tão forte, que mal consigo entender o que ele está dizendo.

– Estou ótima – respondo, esperando que ele consiga me ouvir. – Day, preste atenção: descobrimos a cura.

Nenhuma resposta, só estática, alta e incessante.

– Day? – repito e escuto um estalo vindo do outro lado da linha. Ele parece estar tendo dificuldade para se comunicar comigo.

Estranho. A recepção nas áreas militares costuma ser cristalina. Parece que alguém está bloqueando as nossas frequências.

– Day? – tento mais uma vez.

Finalmente consigo ouvir sua voz de novo, carregada de tensão. Ela me lembra de quando ele escolheu se afastar de mim há muitos meses, o que me enche de apreensão.

– Eu vou transmitir o anúncio de uma aeronave das Colônias. É uma exigência do Chanceler.

De uma aeronave das Colônias. Nesse caso, o Chanceler vai ficar com todas as cartas na mão. Se Day fizer qualquer movimentação suspeita, ou anunciar algo que contrarie o que eles combinaram, o Chanceler mandará prendê-lo ou vai assassiná-lo na hora.

– Não faça isso! Você não precisa ir. Descobrimos a cura; eu era a peça do quebra-cabeça que faltava.

– June?

Não há resposta, apenas mais estática. Tento mais duas vezes antes de desligar meu microfone, frustrada. Ao meu lado, vejo um técnico também

tentando em vão fazer uma chamada.

Então me lembro da sombra refletida no edifício em frente ao nosso. Minha frustração desaparece imediatamente, seguida por ondas de terror e compreensão. *Essa não!* As Colônias estão bloqueando nossas frequências porque se apossaram delas. Não imaginei que fossem tomar essa medida imediatamente. Apresso-me até a janela e dirijo meu olhar para o céu. Dá para ver as enormes aeronaves das Colônias pairando acima e, quando olho mais detidamente, reparo que aviões menores estão deixando seus hangares e circulando mais baixo.

Mikhael se junta a mim.

– Não conseguimos contatar o Eleitor. Parece que há interferência em todas as frequências.

Será isso um preparo para o anúncio de Day? *Ele está encrencado, sei que está.*

Bem na hora em que penso nisso, as portas no final do corredor se abrem de repente. Cinco soldados entram marchando com as armas erguidas, e logo percebo que não são soldados da República: são membros dos pelotões das Colônias, com seus paletós azul-marinho e estrelas douradas. Sinto-me invadida pelo pânico dos pés à cabeça. Instintivamente me movimento em direção ao quarto de Éden, mas os soldados me veem. Seu líder aponta a arma para mim. Minha mão segura a pistola presa à minha cintura, e então lembro que minhas armas – exceto uma faca presa ao tornozelo – estão, inúteis, no quarto de Éden.

– Com a rendição da República – diz ele com a voz imponente –, todos os comandos foram transferidos para as autoridades das Colônias. Como seu superior, ordeno que você se afaste e nos deixe passar para que possamos realizar uma busca minuciosa.

Mikhael levanta as mãos e faz o que o oficial ordenou. Eles se aproximam. Lembranças invadem minha cabeça; lições da minha época na Universidade de Drake, um fluxo de manobras percorrem minha cabeça à velocidade da luz. Eu as avalio cuidadosamente.

Essa é uma pequena equipe enviada aqui para realizar uma tarefa específica. Outros grupos devem estar invadindo em grande número cada um dos andares, mas sei que esses soldados aqui devem ter sido mandados

para cá com um determinado objetivo. Eu me preparo para uma luta. Eles vieram atrás de mim.

Como se estivesse lendo meus pensamentos, Mikhael acena com a cabeça para um dos soldados. Seus braços permanecem levantados, e ele pergunta:

– O que vocês querem?

O soldado responde:

– Um menino chamado Éden Bataar Wing.

Sei muito bem que não devo prender a respiração para não denunciar que Éden está neste andar, mas uma onda enorme de medo percorre minha espinha. Eu me enganei. Eles não estão atrás de mim. Querem o irmão de Day. Se Day foi forçado a transmitir seu anúncio sozinho, a bordo de uma aeronave das Colônias, ele ficará absolutamente à mercê se o Chanceler resolver fazê-lo refém, e se ele conseguir pôr as mãos em Éden, poderá controlar Day para satisfazer todos os seus caprichos. Meus pensamentos vão mais além rapidamente. Se as Colônias conseguirem mesmo dominar a República, o Chanceler vai poder usar Day indefinidamente como sua própria arma, como manipulador do povo da República enquanto o povo continuar a acreditar que Day é seu herói.

Abro a boca antes que Mikhael o faça.

– Este andar só abriga vítimas da praga – digo ao soldado. – Se vocês estão procurando pelo irmão de Day, ele deve estar num dos andares superiores.

A pistola do soldado gira na minha direção, ele estreita os olhos ao me reconhecer.

– Você é a Primeira Cidadã, não é? June Iparis.

Levanto o queixo e respondo:

– Sim, sou um dos Primeiros Cidadãos.

Por um momento, achei que ele talvez tivesse acreditado no que eu disse sobre Éden. Alguns dos seus homens chegam até a girar o corpo a fim de se dirigirem às escadas. O soldado me observa por alguns instantes, analisa meus olhos e examina o corredor atrás de mim, onde fica o quarto de Éden. Eu não me atrevo a vacilar.

Ele franze a testa.

– Eu conheço sua reputação.

Antes que eu possa pensar em outra coisa para dizer a fim de despistá-lo, ele inclina a cabeça para seu pelotão e usa a arma para indicar o corredor.

– Procurem em todos os cantos. O garoto deve estar neste andar.

Agora é tarde demais para mentir. Se devo alguma coisa a Day, essa é a hora de pagar minha dívida. Eu me movimento no espaço entre os soldados e o corredor. Faço rapidamente uma porção de cálculos. (O corredor tem pouco mais de um metro e vinte de largura. Se eu entrar nele, posso impedir que os soldados me ataquem ao mesmo tempo e dividir meus adversários em duas ondas menores em vez de uma onda grande.)

– Seu Chanceler não me quer morta – minto. Meu coração está disparado. Ao meu lado, Mikhael olha para mim, apavorado, sem saber o que fazer. – Ele vai querer que eu seja julgada. Você sabe disso.

– Como é que de uma boca tão bonita podem sair tantas mentiras?! – O soldado levanta a arma e eu prendo a respiração. – Saia do caminho, ou eu atiro.

Se eu não tivesse visto o indício de hesitação no seu rosto, teria feito o que ele disse. Não seria útil para Day ou Éden se estivesse morta, abatida a tiros, mas o segundo de incerteza do soldado é tudo de que preciso. Levanto os braços lenta e cautelosamente. Concentro meus olhos nele.

– Você não quer atirar em mim.

Fico impressionada com a firmeza da minha voz, sem qualquer traço de medo, apesar da adrenalina que corre por minhas veias. Minhas pernas oscilam um pouco, pois ainda estão instáveis devido aos experimentos.

– Seu Chanceler não parece ser o tipo de homem que perdoa erros.

O soldado hesita mais uma vez. Ele não sabe as intenções do Chanceler em relação a mim. Ele precisa me dar o benefício da dúvida.

Mantemos nosso impasse durante demorados segundos.

Ele finalmente solta um palavrão, abaixa a arma e ordena por fim aos soldados:

– Prendam-na, mas não atirem.

O mundo se amplia para mim – tudo esmaece, exceto o inimigo. Meus instintos funcionam intensamente.

Vamos brincar um pouco. Vocês não fazem ideia com quem estão lidando.

Eu me agacho numa posição de combate quando os soldados se apressam em vir para cima de mim ao mesmo tempo. O corredor estreito funciona instantaneamente em minha vantagem – em vez de enfrentar cinco soldados ao mesmo tempo, só preciso lidar com dois. Eu me esquivo da arremetida do primeiro soldado, tiro a faca da bota e corto o tornozelo dele com a maior força que posso. A lâmina atravessa a calça e o tendão. Ele uiva de dor. No mesmo instante sua perna se dobra e ele desaba no chão, numa pilha de carne que se contorce.

O segundo soldado que se lança contra mim tropeça no companheiro caído. Chuto o rosto dele, apagando-o, e salto sobre suas costas para enfrentar o terceiro soldado, que tenta me dar um soco. Bloqueio seu golpe com um braço, e minha outra mão atinge o nariz dele com tanta violência, que sinto o osso se esmigalhando. O soldado cambaleia para trás e cai, agarrando o rosto e contorcendo-se de dor.

Três já foram.

Minha vantagem do ataque surpresa desaparece – os últimos dois soldados me enfrentam com mais cautela. Um deles pede reforços aos berros ao microfone. Atrás deles, Mikhael começa a tentar fugir. Embora eu não me atreva a olhar em sua direção, sei que ele deve estar se movimentando para trancar as portas de acesso às escadas, impossibilitando que outros soldados das Colônias venham em socorro desses. Um dos soldados remanescentes levanta a arma e a aponta para minhas pernas. Dou um chute, e minha bota atinge o cano da sua pistola no instante em que ele a dispara, fazendo com que uma bala ricocheteie desordenadamente sobre o meu ombro.

Um alarme soa aos quatro ventos pelos interfones do prédio inteiro, para avisar que o acesso às escadas é impossível. Chuto a pistola mais uma vez, e ela atinge com força o rosto do soldado. Isso o deixa momentaneamente entorpecido. Giro o corpo e desfiro um golpe violento com o cotovelo que atinge o queixo dele... Mas aí alguma coisa me acerta com força na nuca e me faz ver estrelas. Caio, e fico apoiada num só joelho. Eu me esforço para enxergar através da minha cegueira. O segundo soldado deve ter me atacado por trás. Giro o corpo mais uma vez, tentando ao máximo adivinhar onde está o soldado, mas erro e volto a cair. Através da visão nublada, vejo o

militar levantar o cano da arma para bater no meu rosto. *Esse golpe vai me deixar inconsciente.* Tento em vão rolar o corpo para me safar.

O golpe, entretanto, não vem. Pisco e me esforço para ficar de pé. O que houve? Quando minha visão fica um pouco mais nítida, observo o último soldado deitado no chão e os técnicos do laboratório se apressando para amarrar as mãos e os pés de todos eles. De repente, há uma porção de gente em tudo que é lugar. Acima de mim está Tess, lívida, com aparência doentia e respirando com dificuldade, agarrando um rifle de um dos soldados caídos. Eu não havia reparado que ela saiu do seu quarto.

Ela se esforça e me dá um débil sorriso.

– De nada – diz ela, estendendo a mão para me ajudar a levantar.

Retribuo o sorriso. Ela me puxa, trêmula, para que eu me levante. Quando minhas pernas vacilam, ela me oferece o ombro para eu me apoiar. Nenhuma de nós duas está muito firme, mas não caímos.

– Srta. Iparis – diz Mikhael, arquejante, ao chegar apressado perto de nós –, conseguimos contatar o Eleitor, e lhe contamos sobre a cura, mas acabamos de receber um alerta para desocupar a Bank Tower. Disseram que a falsa rendição vai acabar muito em breve e que um dos primeiros alvos de retaliação das Colônias vai ser...

Um tremor sacode o hospital. Todos nós ficamos paralisados onde estamos. Olho de relance para o horizonte. A princípio aquilo parecia ser um terremoto ou o ruído surdo de uma aeronave passando, mas o estremecimento ocorre em intervalos pequenos e regulares em vez do ribombo acentuado de uma onda sísmica ou do zunido baixo e constante de aeronaves.

Um instante depois, me dou conta de que as bombas instaladas nos hangares das bases devem ter começado a explodir. Corro até a janela com Tess, onde ficamos observando as colunas de poeira e fumaça nas cores laranja e cinza irromperem das bases no horizonte. O pânico toma conta de mim. Day deve ter feito seu comunicado. Se ele sobreviveu, não tenho a menor ideia.

A falsa rendição chegou ao fim, o cessar-fogo acabou. A batalha final da República já começou.

Aos quinze anos, invadi um banco em Los Angeles depois que os guardas postados na entrada dos fundos não acreditaram que eu fosse capaz de fazer isso em dez segundos. Na noite da véspera, produzi uma detalhada lista mental de itens da fachada do banco, observando todos os pontos de apoio para os pés, janelas e saliências e fiz uma estimativa de todos os andares.

Esperei até a troca de turnos dos guardas à meia-noite, e depois entrei furtivamente no subsolo do edifício. Lá, instalei um minúsculo explosivo no cadeado do cofre. Não havia como eu invadir o banco à noite sem disparar os alarmes... mas na manhã seguinte, quando os guardas se dirigissem ao cofre para conferir o inventário, a maioria dos detectores de movimento do prédio estaria desligada.

Programei minha entrada no dia seguinte para coincidir com isso. Enquanto eu perturbava os guardas na entrada dos fundos do banco, os guardas no subsolo estavam abrindo a porta do cofre. Foi então que o explosivo disparou. Ao mesmo tempo, saltei pela janela do segundo andar do banco, desci os degraus, entrei no cofre cheio de fumaça e poeira e saí do edifício descendo pendurado pelas correntes usadas para organizar a fila dos caixas. Foi uma visão imperdível!

Agora, enquanto subo pelas rampas internas de um hangar em forma de pirâmide em direção à entrada da minha primeira aeronave das Colônias, cercado por soldados inimigos, rememoro minha antiga peripécia no banco e sinto um impulso fortíssimo de fugir. De me pendurar no lado de fora do dirigível, deixar para trás as tropas que me seguem, e me enfiar nos respiradouros. Meus olhos vasculham o dirigível e tentam calcular as melhores rotas de fuga, os esconderijos mais próximos e os apoios mais convenientes para os pés.

Rumar diretamente para eles me faz sentir muito exposto e vulnerável. Ainda assim, minha expressão não demonstra isso. Quando chego à entrada, dois tenentes me conduzem para dentro e depois me revistam minuciosamente à procura de armas, e eu apenas dou um sorriso gentil a eles. Se o Chanceler quer que eu me intimide, vai se decepcionar.

Os soldados não percebem os minúsculos discos do tamanho de moedas costurados nas minhas botas. Um deles é um gravador, para o caso de eu precisar usar nossa conversa contra as Colônias mais tarde. Os outros são diminutos explosivos. Lá fora, em algum lugar na base das aeronaves ou escondidos nas sombras do edifício, estão Pascao e vários outros Patriotas.

Espero que eles estejam prontos para o meu sinal. Espero que estejam prestando atenção na minha última providência, observando e esperando.

É a primeira vez que piso numa aeronave que não tem retratos do Eleitor pendurados nas paredes. Em vez disso, intercalados entre bandeiras azuis e douradas em forma de andorinhas, estão telões tão altos quanto as paredes que anunciam de tudo, de alimentos a eletrônicos e casas. Tenho uma sensação desconfortável de *déjà-vu* ao relembrar a ocasião em que June e eu fomos parar nas Colônias, mas quando os tenentes olham para mim, eu apenas dou de ombros e continuo a olhar em frente. Atravessamos os corredores e subimos dois lances de escada antes que eles finalmente me conduzam até uma grande sala. Fico lá um instante, sem saber direito o que fazer. Este local parece uma espécie de mirante central, com uma comprida janela envidraçada que me proporciona uma visão de Los Angeles.

Um homem está ao lado da janela; a iluminação da cidade pinta de preto sua silhueta. Ele acena para que me aproxime.

– Ah, finalmente você chegou!

No mesmo instante reconheço a voz suave e persuasiva do Chanceler. Não se parece em nada com a imagem que eu havia feito dele: é baixo e magro, *frágil*, de cabelo grisalho e ralo. A voz forte não combina com seu corpo. Os ombros são ligeiramente curvados, e a pele é fina e translúcida em algumas áreas, como se fosse feita de papel e pudesse se esfacelar ao menor toque. Não consigo deixar de exprimir minha surpresa. É esse o homem que comanda corporações como a DesCon, que ameaça e intimida uma nação inteira e negocia com precisão manipuladora? Para ser sincero, é meio decepcionante.

Eu não dou nada por ele, até observar bem seus olhos.

É aí que reconheço o Chanceler com quem falei antes. Seus olhos calculam, analisam e deduzem quem sou de uma forma que me congela até os ossos. Existe alguma coisa muito errada com eles.

Então percebo o quê: seus olhos são mecânicos.

– Bem, não fique parado aí – diz ele. – Aproxime-se. Desfrute a vista comigo, filho. É aqui que você vai fazer seu comunicado. É um excelente ponto de observação, não é?

Uma resposta incisiva – "A vista provavelmente seria mais bonita sem as aeronaves das Colônias no meio do caminho" – está na ponta da minha língua, mas me contenho com algum esforço e fico quieto. Ele sorri quando me ponho ao seu lado, e faço o máximo para não encarar seus olhos falsos.

– Bem, olha só para você: jovem, vendendo saúde. – Ele me dá um tapinha nas costas. – Você fez a coisa certa ao vir aqui, sabe? – Ele volta a contemplar Los Angeles. – Está vendo? Qual é o sentido em permanecer leal a isso? Você agora faz parte das Colônias e não vai mais precisar suportar as leis deturpadas da República. Vamos tratar você e seu irmão tão bem, que você logo se perguntará por que hesitou em se aliar a nós.

Pelo canto dos olhos, observo todas as possíveis rotas de fuga.

– O que vai acontecer com o povo da República?

O Chanceler bate de leve nos lábios para exprimir reflexão.

– Lamentavelmente, os senadores podem ficar aborrecidos com a situação toda, e quanto ao próprio Eleitor... Bem, só pode haver um governante para um país, e eu já ocupo essa posição. – Ele dá um sorriso que é quase generoso, num contraste alarmante com as palavras que acaba de dizer. – Ele e eu somos mais parecidos do que você imagina. Não somos cruéis, apenas práticos. E você bem sabe como pode ser complexo lidar com traidores.

Um calafrio percorre minha espinha.

– E os Primeiros Cidadãos? – pergunto. – E os Patriotas? Eles fazem parte do nosso trato, o senhor se lembra disso?

O Chanceler assente.

– Claro que me lembro. Day, há coisas que você vai aprender sobre povo e sociedade quando ficar mais velho. Às vezes, é preciso fazer as coisas da maneira difícil. Mas saiba que, antes que você entre em pânico, a srta. Iparis nada sofrerá. Já temos a intenção de perdoá-la por sua causa, porque você vai nos ajudar. Isso faz parte do nosso acordo, como você mesmo disse, e costumo cumprir minha palavra. Os outros Primeiros Cidadãos serão executados junto com o Eleitor.

Executados. Simples assim. Sinto um embrulho no estômago à lembrança do plano frustrado de assassinar Anden. Desta vez, talvez ele não tenha tanta sorte.

Minha resposta sai, meio sufocada:

– Desde que vocês poupem a June e não machuquem os Patriotas nem meu irmão. Mas o senhor ainda não respondeu à minha primeira pergunta: o que vai acontecer ao povo da República?

O Chanceler me olha fixamente, depois se inclina para mais perto.

– Me diga uma coisa, Day: você acha que as massas têm o direito de tomar decisões por uma nação inteira?

Giro o corpo para contemplar a cidade. É uma longa queda daqui até o nível inferior da base naval. Preciso dar um jeito de desacelerar ao longo do caminho.

– As leis que afetam uma nação inteira também afetam as pessoas que vivem nela, certo? – respondo, induzindo-o a falar. Espero que meu gravador esteja registrando tudo isso. – Então, é claro que as pessoas têm o direito de contribuir para essas decisões.

O Chanceler concorda com a cabeça.

– Essa foi uma resposta justa, mas acontece que justiça não fortalece as nações, Day, não é mesmo? Já li histórias sobre países onde todas as pessoas recebem condições iguais no começo da vida, onde todos contribuem para o bem maior e ninguém é mais rico ou mais pobre do que o outro. Você acha que esse sistema funcionou? – Ele balança a cabeça. – Não com as pessoas, Day. Essa é uma coisa que você vai aprender quando crescer. Por natureza, os seres humanos são desleais, injustos e fazem vista grossa diante de determinadas situações. É preciso ter cuidado com eles, é preciso encontrar uma forma de fazê-los *pensar* que todos os caprichos deles estão sendo atendidos. As massas não conseguem se virar sozinhas. Elas precisam de ajuda. Não sabem o que é bom para elas. E quanto ao que vai acontecer ao povo da República, vou lhe contar, Day. O povo como um todo vai ficar entusiasmado por ser integrado ao nosso sistema. Eles vão saber tudo o que precisam saber, e vamos nos certificar de que todos sejam bem aproveitados pelo país. A máquina será bem lubrificada.

– Vão saber tudo o que *precisam* saber?

– Isso mesmo. – Ele cruza as mãos atrás das costas e levanta o queixo. – Você realmente acredita que as pessoas são capazes de tomar as suas próprias decisões? Que mundo assustador! O povo nem sempre sabe o que quer de verdade. Você devia saber disso melhor do que qualquer um, Day, em vista do seu anúncio a favor do Eleitor, e do anúncio que você fará hoje. – Ele inclina um

pouco a cabeça e diz: – Você faz o que precisa ser feito.

Você faz o que precisa ser feito. Ecos da filosofia do ex-Eleitor da República, ecos de uma coisa que, independente do país em que eu esteja, nunca se altera. Externamente, eu apenas concordo com a cabeça, mas no íntimo sinto uma súbita hesitação em levar meu plano adiante. *Ele está querendo fazer com que eu caia na dele*, lembro a mim mesmo, desorientado na minha luta. *Eu não sou como o Chanceler; eu luto pelo povo.*

Eu estou lutando por uma causa verdadeira, não estou?

Tenho de sair daqui, antes que ele me influencie mais. Meus músculos estão tensos, prontos para o anúncio. Analiso a sala com minha visão periférica e digo rigidamente:

– Bem, vamos acabar logo com isso.

– Mais entusiasmo, meu rapaz! – diz o Chanceler; ele estala a língua em desaprovação zombeteira e depois me olha muito sério. – Temos muita expectativa de que você consiga convencer totalmente as pessoas.

Faço um sinal afirmativo com a cabeça, me encaminho para a janela e deixo que dois soldados conectem meu microfone para a transmissão. De repente aparece no vidro um vídeo transparente ao vivo com a minha imagem. Calafrios percorrem meu corpo inteiro. Há soldados das Colônias em tudo que é lugar, para garantir que, se eu não fizer o combinado, terei assinado minha sentença de morte e a de todos os meus entes queridos. É isso aí. Não tenho como voltar atrás.

– Povo da República – começo a dizer. – Hoje estou aqui com o Chanceler das Colônias, a bordo de sua própria aeronave. Tenho uma mensagem para todos vocês.

Minha voz está rouca e preciso pigarrear antes de prosseguir. Quando mexo os dedões, sinto a protuberância dos dois minúsculos explosivos nas solas das minhas botas, prontos para meu próximo movimento. Espero que as pichações que Pascao, os outros Corredores e eu deixamos espalhadas pela cidade cumpram seu papel e que as pessoas estejam preparadas.

– Nós já passamos por muitas coisas juntos – continuo –, mas poucas foram mais difíceis do que os últimos meses da República. Podem acreditar em mim, eu sei do que estou falando: a adaptação a um novo Eleitor, as mudanças que aconteceram em seguida e, como todos vocês já devem saber, eu mesmo não

tenho estado muito bem.

Como se em resposta ao que eu disse, minha enxaqueca lateja.

Do lado de fora do dirigível, minha voz ressoa na cidade através da transmissão de vídeo que acontece a partir de dezenas de aeronaves e centenas de telões em Los Angeles. Respiro fundo, porque esta pode ser a última vez em que me dirijo ao povo.

– Nós provavelmente nunca teremos oportunidade de nos conhecermos pessoalmente, mas eu conheço vocês, que me ensinaram todas as coisas boas da minha vida, e a razão pela qual lutei pela minha família todos esses anos. Torço muito por seus entes queridos, espero que eles possam viver sem o sofrimento pelo qual minha família passou.

Faço uma pausa. Meus olhos encaram o Chanceler, e ele faz um sinal positivo com a cabeça, induzindo-me a continuar. Meu coração bate tão alto, que mal consigo ouvir minha própria voz.

– As Colônias têm muito a oferecer a vocês – digo com a voz mais firme. – As aeronaves deles estão agora no nosso céu. Não vai demorar para que vocês vejam bandeiras das Colônias sobre os colégios de seus filhos e sobre suas casas. Povo da República: tenho uma última mensagem para todos, antes que vocês e eu digamos adeus.

Chegou a hora. Minhas pernas estão contraídas, e meus pés se mexem ligeiramente. O Chanceler observa.

– A República está fraca e no fundo do poço – estreito os olhos –, mas continua a ser o *seu* país. Lutem por ele. *Esta é a sua casa, não a deles.*

No exato momento em que vejo a expressão colérica do Chanceler, dou um pulo e chuto o vidro com a maior violência que consigo. Soldados das Colônias correm até mim. Minhas botas atingem a janela – os explosivos embutidos nas solas emitem dois pequenos estouros, fazendo com que meus pés tremam. O vidro se estilhaça.

Estou em pleno ar, caindo no espaço aberto. Jogo meus braços para cima e agarro a borda superior da vidraça quebrada. Uma bala passa sibilando por mim. Ouço o berro furioso do Chanceler vindo do lado de dentro. Acho que não me querem vivo depois disso. A adrenalina invade meu corpo numa onda enorme de calor.

Fico oscilando para cima e para baixo no ar da noite. Não tenho tempo a

perder. Meu boné ameaça cair da cabeça; eu me penduro na janela por um instante e tento ajeitá-lo. A última coisa de que preciso agora é que meu cabelo fique balançando no ar como um facho de luz, para que alguém possa me ver do chão. Quando as lufadas diminuem um pouco, recupero o controle da situação e me agarro ao parapeito da janela. Levanto os olhos para avaliar a distância até a próxima janela e então salto. Minhas mãos se apoiam com força na saliência inferior do marco da janela e, com dificuldade, dou um jeito de me puxar para cima. O esforço me faz soltar um grunhido. Há um ano, esse tipo de coisa nunca teria acontecido.

Quando pulo para a quarta janela, escuto o som débil de alguma coisa estalando e depois, a primeira explosão.

Um tremor percorre a aeronave inteira, quase fazendo com que eu caia; quando olho de relance para baixo, vejo uma bola cinzenta e laranja explodir de onde a aeronave está estacionada no hangar. Os Patriotas estão agindo.

Segue-se uma segunda explosão; desta vez o avião range um pouco e se inclina para o leste. Com os dentes cerrados, acelero meu ritmo. Um dos meus pés escorrega no vão de uma janela na mesma hora em que sopra uma lufada de vento, e quase perco o equilíbrio. Por um momento minhas pernas oscilam precariamente.

Eu me censuro: *Qual é, cara? Você chama isso de fuga?* Eu então estico o braço o máximo que posso e consigo alcançar a próxima janela antes que minhas pernas percam completamente o equilíbrio. Esse esforço provoca um vago latejar de dor na minha nuca. Eu vacilo. Não, agora não. Em qualquer outra hora, menos agora. Mas não adianta. A enxaqueca está chegando. Se ela me atingir neste instante, vou sentir tanta dor que com toda a certeza vou despencar e morrer. Desesperado, subo mais depressa. Meus pés escorregam de novo na janela mais alta. Não sei como, mas dou um jeito de me segurar no último momento, então agarro a saliência do deque superior quando minha enxaqueca explode com todo vigor.

É uma dor dilacerante. Fico balançando lá, me segurando como posso para ficar vivo, lutando contra a agonia que ameaça me derrubar. Mais duas explosões seguem-se às duas primeiras em rápida sucessão; a aeronave range e geme. Tenta decolar, afastando-se da base, mas tudo que consegue é estremecer. Se o Chanceler puser as mãos em mim agora, ele próprio vai me matar. Ouço uma

sirene ao longe: os soldados localizados no deque superior já devem saber que estou indo na direção deles, e estarão à minha espera.

Minha respiração ocorre com curtos intervalos. *Abra os olhos,* ordeno a mim mesmo. *Você precisa abri-los.* Através de um véu enevoado de lágrimas, tenho uma visão rápida do deque superior e de soldados correndo. Seus gritos ecoam no local. Por um instante, não sei mais onde estou, o que estou fazendo e qual é minha missão.

Esse desconhecimento me faz ter ânsias de vômito, e preciso me conter para não vomitar. *Pense bem, Day. Você já esteve em situações ruins antes.* Minha memória se confunde. O que eu vim fazer aqui mesmo? Finalmente minha mente se desanuvia: preciso chegar ao fundo da aeronave. Aí me lembro dos parapeitos de correntes metálicas que ficam na beira do hangar e do meu plano original – meus olhos fixam a corrente mais próxima. Com enorme esforço, estendo o braço para agarrá-la. Erro da primeira vez. Os soldados me veem e vários deles correm na minha direção. Cerro os dentes e tento mais uma vez.

Desta vez alcanço a corrente. Eu a seguro com as duas mãos, e depois me arremesso para baixo. A corrente se solta dos suportes. Eu me atiro para a lateral da aeronave e me deixo cair. Só espero que ela aguente meu peso. Há uma sequência de estalos quando a corrente se solta dos suportes nos dois lados, e me sinto despencar a uma velocidade estonteante. A dor na minha cabeça ameaça enfraquecer minhas mãos. Eu me sustento com todos os resquícios de força que ainda tenho. Meu cabelo esvoaça a minha volta, e deduzo que meu boné voou. Vou caindo sem parar. O mundo zune ao meu redor à velocidade da luz. Com a força do vento, meus pensamentos vão clareando lentamente.

De repente, um lado da corrente se solta bem na hora em que alcanço a parte inferior da aeronave. Solto uma lufada de ar quando sou arremessado para o lado. Consigo agarrar o resto da corrente com as duas mãos e me aguento firme enquanto balanço ao longo da base da aeronave.

A base da pirâmide está quase perto o suficiente dos meus pés para que eu possa pular, mas estou balançando demais. Giro o corpo para mais perto da lateral do dirigível, e depois raspo os saltos das botas com força no aço. O resultado é um guincho alto e demorado. Minhas botas finalmente encontram tração – a força me faz girar e rodopiar. Luto para me equilibrar. Entretanto, antes que eu consiga, a corrente finalmente se rompe e caio fora da base da

pirâmide.

A força do impacto me deixa totalmente sem ar. Derrapo nas paredes lisas e inclinadas por alguns segundos, até minhas botas alcançarem a superfície e eu paro lá, ferido e sem energia, certo de que os soldados vão me encher de balas enquanto estou lá deitado contra a pirâmide.

Pascao e os outros já devem saber que fiz a minha parte do plano, e supostamente estão detonando as bombas em todas as bases navais. É melhor eu sair logo daqui antes de virar churrasco. Esse pensamento invade minha cabeça e me dá a força que preciso para me levantar. Deslizo pelo lado o mais rápido que posso – lá em baixo, vejo soldados das Colônias se apressando para me deter. Uma sensação de impotência toma conta de mim. Não tenho como passar por todos eles a tempo. Ainda assim, continuo a me movimentar. Preciso sair do local da explosão.

Estou a vários metros do solo. Os soldados estão subindo com dificuldade para me pegar. Eu me reteso, fico de cócoras e rapidamente me desloco lateralmente na base inclinada. Não vou conseguir.

No instante em que isso passa pela minha cabeça, as duas últimas bombas explodem na base da aeronave.

Um enorme rugido acima de mim estremece a terra, e quando olho para trás, vejo uma imensa bola de fogo erguer-se de onde a aeronave está posicionada no topo do hangar. Em toda a base naval, chamas de cor laranja irrompem de todos os hangares da pirâmide. Todas foram acionadas ao mesmo tempo.

O resultado é de cair o queixo. Olho rapidamente para trás a fim de ver os soldados que estavam me perseguindo: eles pararam, perplexos com o que estão testemunhando. Outra explosão ensurdecedora de chamas irrompe acima de nós, e os tremores fazem todos cair. Eu me esforço para me estabilizar na parede inclinada. *Mexa-se, mexa-se, mexa-se, cara!* Percorro, cambaleante, os últimos metros da parede da pirâmide e caio de joelhos no chão. O mundo é um redemoinho. Só consigo escutar os gritos dos soldados e o rugido das chamas iluminando as bases navais.

Mãos me agarram. Luto, mas já não me restam forças. Subitamente as mãos me soltam e ouço uma voz familiar ao meu lado. Viro-me, surpreso. Quem é esse homem? *Pascao. O nome dele é Pascao.*

Há rugas em torno de seus olhos cinzentos e brilhantes; ele agarra minha

mão e me instiga a correr.

– Legal ver você vivo. Vamos tentar continuar assim.

Do prédio da Bank Tower, no centro de Los Angeles, dá para ver as gigantescas chamas laranja iluminando as bases navais no litoral. As explosões são grandiosas; iluminam o céu com uma luz ofuscante e ecoam pelo ar. A força estremece as vidraças do edifício enquanto observo. A equipe do hospital está reunida ao meu redor, numa cena emocionante. As equipes do laboratório estão preparando Tess e Éden para a evacuação.

Recebo uma chamada de Pascao.

– Estou com o Day! – grita ele. – Encontre com a gente do lado de fora.

Quase me ajoelho no chão de tanto alívio. *Ele está vivo. Ele conseguiu.* Dou uma olhada no quarto de Tess, onde ela está sendo colocada em uma cadeira de rodas, e faço um sinal positivo com o polegar. Ela se anima, mesmo na sua condição debilitada.

Do lado de fora da torre, vejo a sombra cobrindo nosso edifício começar a se mover – a aeronave das Colônias que paira acima de nós está se afastando para reunir-se à batalha.

Como se nossas explosões tivessem alvoroçado um ninho de vespas, dezenas de caças das Colônias estão decolando dos hangares, bem como dos hangares das aeronaves danificadas; suas formas compõem esquadrilhas no céu. Jatos da República se encontram com eles em pleno ar.

Venha logo, Antártida, por favor!

Saio apressada do andar do laboratório e desço as escadas até a entrada da Bank Tower. O caos está em toda parte. Soldados da República passam por mim num borrão de movimentos, enquanto vários outros se reúnem junto às portas da frente para impedir que outras pessoas entrem. Um deles vocifera:

– A entrada neste hospital está proibida! Levem os feridos para o outro lado da rua. Estamos realizando a evacuação.

As telas que ocupam a entrada mostram cenas de soldados da República entrando em confronto com tropas das Colônias nas ruas e, para minha surpresa, *civis* da República empunhando qualquer coisa que possam encontrar e se unindo aos soldados para rechaçar as tropas inimigas. Fogueiras ardem nas ruas. No pé de todas as telas, em ameaçadoras letras

em negrito, vê-se o seguinte texto, transmitido incessantemente: TODOS OS SOLDADOS DA REPÚBLICA DEVEM INTERROMPER A RENDIÇÃO. TODOS OS SOLDADOS DA REPÚBLICA DEVEM INTERROMPER A RENDIÇÃO. Estremeço ao ver essa cena, embora seja exatamente isso que havíamos planejado.

Do lado de fora, os sons da batalha me ensurdecem. Caças fazem intenso barulho ao sobrevoarem nossas cabeças, enquanto outros pairam diretamente sobre a Bank Tower, preparados para defender o edifício mais alto de Los Angeles se – *quando* – as Colônias tentarem atacar. Vejo formações semelhantes sobre outros prédios públicos importantes do centro da cidade.

– Anda logo, Day! – resmungo, examinando as ruas próximas à procura de sinais de seu cabelo louro lustroso, ou dos olhos descorados de Pascao. Um profundo abalo sacode o solo. Outra bola de chamas laranja explode atrás de inúmeras fileiras de prédios, e em seguida dois jatos das Colônias passam zunindo, seguidos de perto por um avião da República. O som é tão alto que comprimo as mãos nos ouvidos até eles desaparecerem.

– June? – A voz de Pascao surge no meu microfone, mas mal consigo ouvi-la. – Estamos quase chegando. Onde você está?

– Em frente ao prédio! – grito, mais alto do que o barulho.

– A gente precisa se mandar – responde ele imediatamente. – Recebi a informação dos nossos hackers de que as Colônias pretendem atacar este edifício em menos de uma hora...

Como se estivessem escutando nossa conversa, jatos das Colônias passam ruidosamente e, um instante depois, uma enorme explosão ocorre no topo da Bank Tower. Soldados ao meu redor soltam gritos de alerta quando caem vidros dos andares mais altos. Dou um salto para trás e me escondo na segurança da entrada do edifício. Escombros despencam com ruídos estrondosos, esmagando jipes e se fragmentando em um milhão de pedaços.

– June! – A voz de Pascao faz-se ouvir de novo, desta vez claramente alarmada. – June, você está bem?

– Estou! – grito de volta. – Vou ajudar com a evacuação enquanto vocês não chegam. Andem logo! – E desligo.

Três minutos depois, finalmente localizo Day e Pascao cambaleando em direção à Bank Tower, contra a maré de civis que fogem da área e de soldados correndo para defender as ruas. Eles tropeçam nos escombros. Saio correndo da entrada para me aproximar de Day, que se apoia pesadamente no ombro ileso de Pascao.

– Algum de vocês está ferido? – pergunto.

– Eu estou ótimo – responde Pascao, e sinaliza Day com a cabeça –, mas não sei o que dizer sobre esse cara aqui. Pode ser que ele esteja mais exausto do que qualquer outra coisa.

Passo o outro braço de Day em volta do meu pescoço. Pascao e eu o ajudamos a entrar em um edifício a vários quarteirões da Bank Tower, de onde ainda temos uma visão perfeita da torre e da praça caótica cheia de escombros localizada entre os dois prédios. Lá dentro, soldados lesionados já estão acampados, e médicos correm freneticamente entre eles.

– Estamos desocupando a torre – explico, quando cautelosamente ajudamos Day a se sentar no chão. Ele faz uma careta de dor, embora eu não consiga encontrar nenhum ferimento externo nele. – Não se preocupe – eu o tranquilizo quando ele me olha alarmado. – Éden e Tess estão sendo retirados do edifício neste exato momento.

– Você devia fazer o mesmo – acrescenta ele. – A luta está apenas começando.

– Se eu disser pra você parar de se preocupar, você *para*?

Minha resposta provoca um sorriso irônico nele.

– O pessoal da Antártida vai nos ajudar? Você contou a Anden sobre a cura... – pergunta ele.

– Vamos com calma – eu o interrompo, depois me levanto e ponho a mão no ombro de Pascao. – Cuide dele. Vou voltar à torre para ajudar na evacuação. Vou instruí-los para trazer o irmão dele para cá.

Pascao concorda brevemente com a cabeça, e olho uma última vez de relance para Day antes de sair correndo do edifício.

Um grupo grande de pessoas está saindo da torre, ladeados por soldados da República. Algumas delas se apoiam em muletas ou estão em cadeiras de rodas, enquanto outras estão presas a macas, sendo empurradas por uma equipe de médicos. Soldados da República berram ordens a elas, com as

armas empunhadas e os corpos tensos. Passo apressada por eles e me dirijo à entrada, e depois forço caminho até as escadas. Subo os degraus de dois em dois até finalmente chegar ao andar do laboratório, onde uma porta está aberta e uma enfermeira encaminha as pessoas para o elevador.

Vou até ela e agarro seu braço. A mulher se vira para me olhar, atônita, e consegue dizer, curvando a cabeça rapidamente:

– Primeira Cidadã! O que a senhorita...

– Éden Bataar Wing – digo, arquejante. – Ele está pronto para ir embora?

– O irmão de Day? – confirma ela. – Sim, ele está no quarto. Estamos nos preparando para que o menino saia confortavelmente. Ele ainda precisa ficar numa cadeira de rodas, mas...

– E a Tess, a menina que estava em quarentena?

– Ela já está a caminho da saída de emergência...

Não espero a enfermeira terminar a frase; vou correndo para o quarto do laboratório principal e rumo ao corredor. Bem no final, vejo um par de médicos empurrando a cadeira de Éden. Ele parece inconsciente, apoiado num pequeno travesseiro colocado entre sua cabeça e o espaldar da cadeira; sua testa está úmida de suor.

Dou instruções aos médicos sobre para onde levá-lo quando todos nos apressamos para entrar juntos no elevador:

– Vocês vão encontrar o Day. Ele deve ficar junto do irmão.

Mais uma explosão abre uma fenda no edifício, obrigando metade de nós a ficar de joelhos. Alguns médicos gritam. Poeira escorre do teto, fazendo meus olhos lacrimejarem. Desabotoo o casaco e o tiro, jogando-o sobre Éden para protegê-lo.

– O elevador está parado – digo arfante, e me dirijo para as escadas. – Podemos carregá-lo até lá embaixo?

Uma das enfermeiras levanta Éden com cuidado e o segura com força nos braços. Descemos correndo as escadas enquanto mais poeira cai sobre nós e sons abafados de gritos, tiros e explosões ecoam lá fora.

Nós nos apressamos até a noite que cai iluminada completamente pelo fogo da batalha. Anden ainda não nos contatou. Meus olhos vasculham os telhados quando paramos debaixo da entrada; outros refugiados nos cercam, além de guardas da República. Um dos guardas me reconhece e se apressa

em se aproximar, fazendo uma rápida continência antes de gritar:

– Primeira Cidadã! Vá para o abrigo adjacente o mais rápido possível; vamos mandar um jipe levá-la até o Eleitor.

Imediatamente, balanço a cabeça e digo:

– *Não.* Eu vou ficar aqui.

Uma centelha nos telhados me faz erguer a vista e, no mesmo instante, todos nós nos encolhemos quando uma bala atinge a sacada em frente à entrada principal. Há atiradores das Colônias nos telhados. Muitos soldados da República abrem fogo. O guarda que havia falado comigo põe uma das mãos no meu ombro e berra, gesticulando freneticamente para nós:

– Mexam-se!

A enfermeira segurando Éden dá vários passos à frente; seus olhos continuam olhando, aterrorizados, para os telhados. Estendo a mão para detê-la e digo:

– Ainda não. Fique aqui por um momento.

Menos de dois segundos depois que pronuncio essas palavras, vejo um disparo atingir um dos refugiados; o sangue se alastra e instantaneamente as pessoas ao redor do homem fogem, seus gritos reverberam no ar. Meu coração dispara quando volto a examinar os telhados. Um dos soldados da República finalmente acerta um atirador, e vejo alguém com uniforme das Colônias cair do topo de um edifício próximo. Desvio o olhar antes de o corpo atingir o solo, mas isso não me impede de me sentir nauseada. *Como vamos fazer para que Éden fique em segurança?*

– Fique aqui – ordeno à enfermeira que está segurando Éden, e em seguida me dirijo a quatro soldados da República: – Deem-me cobertura. Vou subir naquele prédio.

Gesticulo para que um dos guardas me entregue a arma que tem no cinto, e ele faz isso sem hesitar.

Eu me misturo à multidão e abro caminho até os edifícios. Tento imitar a elegância natural que Day e Pascao têm nesta selva urbana. À medida que continuam as caóticas evacuações e os dois lados se enfrentam, eu me apresso e recorro às sombras de uma viela estreita próxima e começo a escalar a lateral do prédio. Sou pequena, estou vestida com roupas escuras e estou sozinha. O pessoal das Colônias certamente não espera que eu

apareça por aqui. Minha mente rememora meu treinamento como atiradora.

Se eu conseguir despistar os soldados das Colônias, os refugiados terão mais chance de escapar ilesos. No instante em que estou pensando nisso, outro jato das Colônias passa zunindo e uma enorme coluna de chamas vermelho-vivo irrompe na Bank Tower. Um jato da República o segue de perto, disparando em meio à perseguição. Quando olho, o jato consegue atingir o avião das Colônias e incendiar um dos seus motores, fazendo com que a aeronave aderne desgovernadamente para um lado, deixando um rastro de fumaça negra. Em seguida ouve-se um bramido ensurdecedor; a aeronave deve ter se chocado a vários quarteirões dali. Olho para a torre em chamas. Não temos muito tempo. Ela vai desabar. Cerro os dentes e continuo a escalar o prédio o mais rápido que posso. Seria ótimo se eu fosse tão boa em escaladas quanto Day e Pascao.

Finalmente chego à saliência do último andar. Daqui tenho uma ótima visão da zona de batalha lá embaixo. A Bank Tower está cercada pelo céu e pelo chão, onde centenas de tropas da República estão rechaçando uma grande quantidade de soldados inimigos. Pacientes e médicos continuam a sair da torre e, já na rua, se dirigem ao abrigo improvisado, junto com autoridades do governo vindas dos andares superiores, muitas delas completamente cobertas de poeira branca e sangue. Espreito por cima da beirada saliente do último andar.

Não há atiradores aqui. Dou um impulso e subo no telhado, tomando o cuidado de ficar nas sombras. Minha mão agarra a arma com tanta força que mal consigo sentir os dedos. Examino os telhados na área que leva ao abrigo, até que finalmente vejo inúmeros soldados das Colônias agachados no topo dos edifícios vizinhos, mirando as tropas da República que lideram a evacuação. Sigo silenciosamente até eles.

Derrubo o primeiro soldado rapidamente, mirando suas costas enquanto me debruço sobre a beirada do andar mais alto do edifício. É como se eu pudesse sentir Metias guiando minha arma, garantindo que eu atinja um órgão que não seja fatal. Quando ele cai com um guincho sufocado que mal se faz ouvir em meio ao caos, corro até ele, pego sua arma e a arremesso do telhado. Depois eu o golpeio no rosto com bastante força para derrubá-lo. Aí, meus olhos se concentram no próximo soldado.

Aperto uma das mãos no meu fone de ouvido e ligo o microfone.

– Mande a enfermeira continuar esperando – sibilo em tom urgente para o guarda perto da Bank Tower. – Vou mandar um sinal quando for...

Não tenho oportunidade de terminar a frase. Uma explosão me atira no chão do telhado. Quando abro os olhos e olho para baixo, a rua inteira está coberta de cinzas e poeira. Bombas de poeira? Através da cortina de fumaça e poeira, os refugiados correm apavorados para o abrigo, atravessando as fileiras de soldados da República que os orientam, ignorando completamente seus gritos.

Os atiradores das Colônias usam visores. Devem conseguir ver através de toda a fumaça. Eles disparam contra as multidões, dispersando-as em todas as direções. Olho freneticamente para a torre. Onde está o Éden? Vou correndo até meu próximo alvo e o derrubo da mesma forma que fiz com o último. Mais um atirador fora de combate. Concentro-me no meu terceiro alvo, mas solto um palavrão ao verificar que acabaram os projéteis da minha arma.

Estou quase saindo do telhado quando um brilho num dos telhados me chama a atenção. Fico paralisada.

A pouca distância de mim, em um edifício mais alto, a Comandante Jameson se acocora num telhado. Um calafrio me atravessa dos pés à cabeça quando vejo que ela está com uma arma nas mãos. Não. *Não!*

A fugitiva está derrubando soldados da República, uma bala de cada vez. Meu coração para ao perceber que ela viu algo que atraiu sua atenção. Ela encontra um novo alvo no chão. Meus olhos seguem a trajetória de sua arma. Vejo um garoto de cabelo louro lustroso abrindo caminho entre a multidão, indo para a Bank Tower.

Ela vai atirar no Day.

Tess é a primeira a ser levada do local; eu a vejo sendo carregada, flácida, nos braços de uma enfermeira ao saírem da torre. Eu a tiro dos braços da enfermeira logo que elas chegam ao andar térreo e depois a carrego junto ao fluxo de outros refugiados. Ela está desacordada, e não percebe minha presença; sua cabeça está inclinada para o lado. Na metade do caminho para o abrigo, eu reduzo o ritmo. Droga! Estou simplesmente exausto e morrendo de dor.

Pascao tira Tess dos meus braços e a apoia no peito. Nos telhados, veem-se centelhas; sinais do tiroteio.

– Volta pra entrada da Bank Tower! – grita ele para mim antes de se virar de costas. – Deixa que eu levo a Tess pro abrigo. – E se manda antes que eu possa argumentar.

Eu fico olhando para eles por um tempo, sem querer desviar o olhar até ter certeza de que Tess está em segurança no outro lado da praça. Quando eles chegam ao refúgio, volto a concentrar minha atenção na torre. Éden já deve ter descido. Estico o pescoço e examino a multidão, à procura de uma cabeça de cachos louros. Será que June também já desceu? Não a vejo misturada à multidão apavorada e sua ausência me deixa tenso.

Ouço uma explosão e sou lançado ao solo.

Poeira. *Uma bomba de poeira*, consigo identificar, em meio às pontadas na minha cabeça. A princípio, não dá para ver nada através de toda a fumaça: é caos para todo lado, faíscas chispam, e há o som esporádico sufocado de tiroteio; através da poeira branca flutuante, vejo um borrão de gente correndo para a segurança das barricadas da República. As pernas das pessoas se movem como em câmera lenta, as bocas estão abertas, em gritos silenciosos. Balanço a cabeça, esgotado. Minhas pernas parecem estar se arrastando na lama, e minha nuca lateja, ameaçando me sufocar de dor. Então pisco, tentando manter meus sentidos funcionando. Desesperado, grito por Éden de novo, mas não consigo ouvir minha própria voz. Se *eu* mesmo não consigo ouvi-la, que dirá ele?

Por um instante abre-se um clarão entre as pessoas.

E então eu o vejo. É o Éden. Ele está inconsciente nos braços de uma

aterrorizada enfermeira da República, que anda desnorteada em meio à poeira e ruma na direção errada, diretamente para as tropas das Colônias que ocupam o lado esquerdo da praça, oposto ao local do abrigo. Não paro para pensar ou gritar por ele, não hesito nem espero por um intervalo no tiroteio: eu simplesmente começo a correr.

A Comandante Jameson vai atirar nele – a direção para a qual ela está mirando não deixa dúvida.

Day está correndo a toda velocidade na poeira que cobre a rua.

Day, o que você está fazendo? Ele tropeça no meio do caminho, e mesmo dos telhados dá para ver que está lutando para fazer as pernas se mexerem, e que cada centímetro de seu corpo está absolutamente exaurido. Ele está forçando demais seus limites. Examino a área para onde Day está indo, tentando descobrir o que atraiu sua atenção.

Éden, é claro. A enfermeira segurando o menino tropeça e cai em meio a toda a fumaça ameaçadora, e quando ela se ergue, é dominada pelo medo porque simplesmente foge. Fico furiosa. Éden é deixado para trás; ele se mexe devagar, está inteiramente vulnerável a céu aberto, cego, separado do grupo e tossindo sem parar por causa da fumaça.

Fico de pé num salto. Como Day está correndo na direção oposta à das outras pessoas, logo vai chegar a uma área onde será um alvo fácil.

Minha mão vai até meu cinto e aí me lembro de que minha arma está sem balas. Corro a toda de volta ao topo do telhado em direção ao meu último alvo, que, embora desacordado, ainda não havia sido desarmado. Quando olho de relance para a Comandante Jameson mais uma vez, vejo que ela se retesa e mira. *Não, não!* Ela faz um disparo.

A bala não acerta Day por meio metro. Na pressa, ele tropeça e, por instinto, joga um braço rapidamente acima da cabeça, mas consegue se levantar e continua de forma obstinada a caminhar. Meu coração bate descompassadamente no peito. *Seja mais rápida.* Dou um salto enorme de um telhado para o outro. Lá embaixo, vejo Day se aproximando de Éden. Em seguida ele alcança o irmão e o abraça de modo protetor. A poeira ao redor dos dois dificulta vê-los nitidamente... Eles parecem fantasmas com cores desbotadas. Minha respiração sai em breves arfadas à medida que eu me aproximo dos soldados caídos. Espero que a poeira esteja dificultando a pontaria da Comandante Jameson.

Alcanço o soldado derrubado e pego sua arma: só resta uma bala.

Lá embaixo, Day segura Éden, protege com uma das mãos a nuca do

irmão e começa a voltar cambaleando para o abrigo, tão depressa quanto seu corpo alquebrado lhe permite. A Comandante Jameson mira de novo – eu grito mentalmente e me forço a ir mais rápido. Toda a minha adrenalina, toda a minha atenção está focalizada nela como uma flecha. Ela dispara. Desta vez a bala não atinge os irmãos, mas passa a uns trinta centímetros de Day. Ele nem sequer se dá ao trabalho de erguer os olhos: apenas aperta Éden contra o corpo e continua a correr.

Finalmente me aproximo do telhado onde ela está. Dou um pulo até ele, e vou parar na sua superfície plana de concreto. Daqui posso ver o restante do telhado onde estou e a rua lá embaixo. A uns quarenta metros, parcialmente oculta por chaminés e respiradouros, a Comandante Jameson está agachada de costas para mim, concentrada nas ruas.

Ela atira de novo. Da rua, ouço um cavalo guinchar de dor e uma voz que conheço muitíssimo bem. Fico totalmente sem respirar. Olho para baixo e vejo Day cair de joelhos, largando Éden por um momento. Os sons ao meu redor se entorpecem.

Ele foi atingido.

Day estremece e em seguida se levanta mais uma vez, voltando a pegar Éden nos braços. Ele anda vacilante para a frente. A Comandante Jameson dispara de novo. A bala acerta algo. Ergo a pistola e aponto direto para ela. Agora estou suficientemente perto e vejo os sulcos do colete à prova de balas que veste. Minhas mãos tremem. Tenho excelente vantagem: um tiro direto pode atingir a cabeça da Comandante Jameson. Ela está se preparando para disparar novamente.

Miro a arma.

Como se o mundo de repente tivesse desacelerado a um milhão de fotogramas por segundo, a Comandante Jameson gira o corpo. Ela sente minha presença. Seus olhos se estreitam, e ela então mira a arma em mim e desvia sua atenção de Day. Pensamentos me percorrem a cabeça à velocidade da luz. Puxo o gatilho, disparando minha única bala direto para a cabeça da Comandante.

E erro.

Eu nunca erro.

Não há tempo para eu pensar sobre isso: a Comandante Jameson está

com a arma apontada para mim, e quando minha bala passa raspando em alta velocidade pelo seu rosto, vejo que ela sorri e dispara. Eu me atiro no chão e depois rolo meu corpo. Por um triz uma faísca não atinge meu braço. Eu me escondo rapidamente atrás de uma chaminé próxima e me comprimo o máximo que posso contra a parede. De algum lugar atrás de mim, ouço o som de botas pesadas se aproximando. *Respire. Respire.* Imagens do nosso último confronto vêm à tona. Por que sou capaz de enfrentar qualquer coisa, qualquer pessoa no mundo, exceto a Comandante Jameson?

– Vamos brincar um pouquinho, pequena Iparis – grita ela. Quando não respondo, a mulher solta uma risada e diz: – Saia daí e venha ver seu amiguinho bonitinho sangrando até a morte na rua.

Ela sabe exatamente como dilacerar meu coração, mas eu cerro os dentes e expulso da cabeça a imagem de Day sangrando e morrendo. Não tenho tempo para seu papo furado. Eu preciso desarmá-la; esse pensamento me faz olhar para minha pistola inútil. Chegou a hora de brincar um pouco de faz de conta.

Tudo que consigo ouvir é o ruído macio de botas chegando perto, a firme aproximação da assassina do meu irmão. Minhas mãos apertam a arma.

Ela está suficientemente perto. Fecho os olhos um instante, resmungo um desejo de boa sorte e giro o corpo para sair do esconderijo. Aponto a arma para a Comandante Jameson como se eu estivesse na iminência de atirar. Ela faz o que eu esperava que fizesse: esquiva-se para o lado, mas desta vez estou preparada e me arremesso diretamente para ela. Dou um pulo e chuto seu rosto com o máximo de violência que consigo. Minhas botas fazem um barulho gratificante ao atingi-la. Sua cabeça dá um estalo para trás. Ela afrouxa a mão que segura a arma, e aproveito a oportunidade para chutar a pistola. A Comandante tomba no telhado com um ruído seco, sua arma voa para um lado e em seguida despenca do telhado e cai nas ruas enfumaçadas.

Não me atrevo a deter meu ímpeto. Enquanto ela continua caída, dou-lhe uma cotovelada no rosto, num esforço para desacordá-la. Meu primeiro golpe a atinge, mas o segundo falha. A Comandante Jameson agarra meu cotovelo, põe a outra mão no meu pulso como uma algema e o torce. Vou até as nuvens e volto. A dor atinge todo o meu braço quando ela o dobra.

Antes que ela possa quebrá-lo, dou um giro com o corpo e piso no seu braço com o salto pontudo da minha bota. Ela se encolhe mas não solta meu braço. Piso de novo, com mais força.

O aperto cede um pouquinho, e finalmente consigo me soltar dela.

Ela fica de pé com um salto quando ponho alguma distância entre nós e me viro para voltar a encará-la. Começamos a nos rodear. Ambas respiramos com dificuldade. Meu braço continua dolorido, e o rosto dela está machucado; gotas de sangue descem de sua têmpora. Sei bem que não consigo vencê-la numa luta corpo a corpo. Ela é mais alta e mais forte, e tem anos de experiência que minhas habilidades não podem superar. Minha única esperança é voltar a pegá-la de surpresa, encontrar uma forma de usar a força dela contra ela própria. Enquanto continuo a andar à sua volta, esperando, de olhos bem abertos, uma oportunidade de atacar, o mundo ao nosso redor esmaece. Recorro a toda a minha raiva, fazendo com que ela substitua meu medo e me dê força.

Agora somos só você e eu. Isso estava escrito, este é o momento pelo qual tenho esperado desde que tudo começou. No final, vamos nos confrontar usando apenas nossas mãos.

A Comandante Jameson ataca primeiro. Sua velocidade me aterroriza. Num segundo ela está à minha frente, no segundo seguinte está ao meu lado, com o punho voando na direção do meu rosto. Não tenho tempo de me esquivar. Tudo que consigo fazer é levantar bruscamente o ombro no último instante, e seu punho então me atinge de raspão. Estrelas explodem à minha frente. Tropeço para trás. Consigo me desviar do segundo golpe – por pouco.

Rolo o corpo para longe dela, e rapidinho fico de pé. Quando ela me ataca de novo, dou um pulo e chuto sua cabeça. O golpe a atinge, mas como minha oponente é rápida, o pontapé não a pega de frente. Eu me movimento rápido de novo. Desta vez recuo devagar até o peitoril do telhado, sem tirar os olhos dela nem por um segundo, apavorada como estou. *É isso aí*, digo a mim mesma. *Pareça o mais aterrorizada possível.* Finalmente, a sola das minhas botas alcança a beirada do telhado. Olho de relance para baixo e depois fixo o olhar de novo na Comandante Jameson. Apesar de um ligeiro desequilíbrio, ela não parece intimidada. Para mim não

é difícil fingir que estou apavorada.

Ela vem na minha direção como uma predadora. Não diz uma palavra, nem precisa: tudo que ela queria dizer já foi dito, e as frases envolvem minha cabeça como um veneno: *Pequena Iparis, você é tão parecida comigo quando tinha sua idade. Tão adorável. Algum dia, você vai aprender que a vida não é sempre o que se quer que ela seja. E que nem sempre se consegue o que se quer. E que existem forças fora do seu controle que farão de você quem você é. É uma pena que sua vida termine aqui. Teria sido divertido ver no que você se tornaria quando crescesse.*

Seus olhos me hipnotizam. Neste momento, não consigo imaginar visão pior.

Ela investe contra mim.

Eu só tenho uma oportunidade. Esquivo-me, agarro seu braço e a atiro por cima da minha cabeça. Seu próprio impulso a faz voar sobre a beira do telhado.

Mas suas mãos agarram meu braço. Sou puxada a meio caminho sobre o parapeito; meu ombro esquerdo sai do lugar. Eu grito. Meus saltos se afundam no parapeito, lutando para que eu não despenque do prédio. A Comandante Jameson se achata na lateral do edifício, tentando firmar-se num ponto de apoio. Suas unhas se enterram tão fundo na minha carne, que posso sentir minha pele se dilacerando. Lágrimas escapam dos meus olhos. Lá embaixo, soldados da República continuam a orientar os refugiados, disparando contra os soldados inimigos em outros telhados e gritando ordens nos seus microfones.

Berro para eles, com as forças que me restam:

– Atirem nela! *Atirem nela!*

Dois soldados da República viram bruscamente a cabeça para onde me encontro. Eles me reconhecem. Quando erguem as pistolas na minha direção, a Comandante Jameson me encara, dá um sorriso largo e forçado e diz:

– Eu sabia que você não seria capaz de acabar comigo sozinha.

E então os soldados abrem fogo, o corpo da Comandante Jameson se contorce, ela solta meu braço e despenca até a rua como um pássaro ferido.

Viro o rosto para não ter de olhar, mas dá para ouvir o baque surdo e

nauseante do seu corpo ao se chocar contra a calçada. Ela está morta. Acabou. Não consigo esquecer as palavras dela nem as minhas, ecoando nos meus ouvidos.

Atirem nela. Atirem nela!

Relembro as palavras de Metias: *Poucas pessoas matam pelas razões certas.*

Apressadamente seco as lágrimas do rosto. O que foi que acabei de fazer? O sangue dela mancha minhas mãos. Esfrego a mão ilesa na minha roupa, mas o sangue não sai. Não sei se algum dia isso acontecerá. Sussurro sem parar: "Essa é a razão certa."

Talvez ela mesma tenha se destruído, e eu só dei uma ajudinha. Até mesmo esse pensamento parece sem significado.

A agonia do meu ombro deslocado me deixa tonta. Levanto o braço direito e seguro meu braço esquerdo lesionado, trinco os dentes e empurro com força. Grito de novo. O osso resiste um instante e então sinto meu ombro, com um estalo, voltar para o lugar.

Derramo mais lágrimas, que voltam a molhar meu rosto. Minhas mãos tremem incontrolavelmente, e meus ouvidos ressoam e bloqueiam todos os sons ao meu redor, exceto os batimentos do meu coração.

Quanto tempo se passou? Horas? Alguns segundos?

A luz intermitente da lógica penetra na minha mente e intercepta a dor. Como sempre, ela me salva. *Day precisa da sua ajuda,* murmura. *Vá até ele.*

Procuro por Day. Ele chegou ao outro lado da rua e às áreas mais seguras ao redor do abrigo, onde soldados da República montaram barricadas, mas mesmo quando começo a correr até a beira do telhado, reparo que tiraram o corpo inconsciente de Éden dos braços de Day e o estão levando para um local seguro. Alguns deles pairam sobre Day enquanto ele jaz deitado no chão, e momentaneamente impedem que eu o veja. Saio atabalhoadamente do edifício o mais depressa que posso, até alcançar uma escada de incêndio e desço correndo os degraus metálicos. Medo e adrenalina entorpecem minhas lesões.

Suplico em silêncio: *Por favor, por favor, faça com que ele esteja bem.*

Quando finalmente chego até ele, uma multidão já se formou. Uma pessoa grita:

– Todo mundo pra trás! Recuem, abram espaço! Mandem que se

apressem!

Um nó na minha garganta me sufoca, e me dá falta de ar. Minhas botas batem firme no chão, acompanhando o ritmo do meu coração. Empurro as pessoas para o lado e caio de joelhos ao lado de Day. A pessoa que gritou foi Pascao. Ele me olha, frenético.

– Fique com Day – me diz ele. – Vou buscar os médicos.

Concordo com a cabeça, e ele sai correndo.

Mal reparo em todas as pessoas no círculo ao nosso redor. Tudo que posso fazer é olhar para Day. Ele treme dos pés à cabeça; os olhos estão arregalados e em choque, e o cabelo caído sobre seu rosto. Quando olho mais de perto para seu corpo, observo dois ferimentos que espalham sangue na sua camisa: um é no peito e o outro, perto do quadril. Um grito estrangulado sai da garganta de alguém, talvez da minha própria. Como se num sonho, eu me curvo sobre ele e toco no seu rosto.

– Day, sou eu, June. Estou bem aqui.

Ele olha para mim e consegue dizer, arquejante:

– June? – Day tenta levar a mão até meu rosto, mas está tremendo tanto que não consegue. Estendo os braços e seguro seu rosto com as duas mãos. Seus olhos estão cheios de lágrimas, e ele sussurra: – Eu... acho que atiraram em mim.

Duas pessoas da multidão põem as mãos nos ferimentos dele, pressionando com força suficiente para lhe provocar um soluço de dor. Ele tenta olhar para elas, mas não tem forças para levantar a cabeça.

– Os médicos estão a caminho – eu lhe digo com firmeza, e me debruço perto o bastante para beijá-lo no rosto. – Aguente firme, está bem? *Fique comigo.* Continue olhando pra mim. Você vai ficar bem.

– Eu acho... que não – gagueja Day. Ele pisca rapidamente, derramando lágrimas nas bochechas. Elas molham as pontas dos meus dedos. – Éden... Ele está bem?

– Está – sussurro. – Seu irmão está são e salvo e rapidinho você vai estar com ele.

Day faz menção de falar, mas não consegue. Sua pele está acinzentada. *Por favor, não...!* Eu me recuso a imaginar o pior, mas o pensamento paira sobre nós como uma sombra negra. Sinto o peso da morte sobre meus

ombros; seus olhos cegos se fixam na alma de Day, esperando pacientemente para sobrepujar a luz dele.

– Eu não quero... – consegue dizer Day finalmente – ir embora. Eu não quero... deixar você e o Éden.

Eu faço com que ele se cale ao roçar meus lábios nos lábios trêmulos dele e digo suavemente, desesperada para mantê-lo consciente:

– Nada ruim vai acontecer com Éden. Concentre-se, Day. Você vai para o hospital. Os médicos vêm te buscar. Não vai demorar muito.

Não vai demorar muito.

Day apenas sorri para mim; sua expressão é tão triste, que interrompe meu entorpecimento e começo a chorar. Esses olhos azuis brilhantes me emocionam tanto. À minha frente está o garoto que aplicou ataduras nos meus ferimentos nas ruas de Lake, protegeu a família com todos os ossos do corpo, ficou ao meu lado apesar de tudo, o menino iluminado, risonho e cheio de vida, pesar, fúria e paixão, o garoto cujo destino está interligado ao meu para todo o sempre.

– Eu te amo – sussurra ele. – Você pode ficar um pouco?

Ele diz mais alguma coisa, mas sua voz sai tão fraca que não consigo entender o que é. *Não, não, você não pode ir embora.* Sua respiração fica mais superficial. Dá para perceber que ele está se esforçando para permanecer consciente, e que a cada segundo que passa seus olhos têm mais dificuldade em me focalizar. Por um instante, Day tenta olhar para alguma coisa atrás de mim, mas quando olho sobre meu ombro, só vejo o céu, nada mais. Eu o beijo de novo e encosto minha cabeça na dele.

– Eu te amo – murmuro várias vezes. – Não me deixe.

Fecho os olhos. Minhas lágrimas caem nas suas bochechas.

Agachada sobre ele, sentindo sua vida lentamente se escoando, sou tomada por sofrimento e raiva. Nunca fui uma pessoa religiosa, mas agora, ao ver os médicos a distância se apressando para nos alcançar, faço uma oração desesperada a um poder superior. Para quem, não sei dizer, mas espero que Alguém, Qualquer Um, escute minha súplica. Seja quem for, que Ele nos acolha em Seus braços e se apiede de nós. Lanço essa prece para o céu com toda força que me resta.

Deixe que ele viva.

Por favor, não o leve deste mundo. Por misericórdia, não permita que ele morra aqui nos meus braços, não depois de tudo que passamos juntos, não depois que o Senhor levou tantos outros. Por favor, eu Lhe imploro, deixe que ele viva. Estou disposta a sacrificar qualquer coisa para que isso aconteça, estou disposta a fazer tudo que o Senhor pedir. Talvez o Senhor ria de mim por fazer uma promessa tão ingênua, mas estou sendo absolutamente sincera, e não me importa se ela não faz sentido ou pareça impossível. Permita que ele viva. Por favor! Não vou suportar outra perda tão grande.

Olho desesperadamente ao nosso redor; minha visão está embaçada pelas lágrimas, e tudo é um borrão de sangue e fumaça, luz e cinzas; só consigo ouvir gritos, tiros e *ódio*. Estou exaurida de tanta luta, e muito frustrada, furiosa e impotente.

Mostre-me que ainda existe o bem no mundo. Mostre-me que ainda existe esperança para todos nós.

Através do meu véu de lágrimas, sinto mãos nos meus braços me afastando de Day. Luto insistentemente contra elas, embora a dor fustigue meu ombro lesionado. Os médicos se curvam sobre o corpo dele. Os olhos de Day agora estão fechados, e não sei se ele está respirando. Vejo imagens do corpo inanimado de Metias. Quando os médicos tentam mais uma vez me separar de Day, eu os empurro com raiva e grito. Grito por tudo que deu errado. Grito por tudo que perdemos nas nossas vidas.

Acho que June está debruçada sobre mim, mas tenho dificuldade em definir os detalhes do seu rosto. Quando me esforço demais, minha visão periférica me faz ver tudo em um tom branco ofuscante. A dor, antes dilaceradora, não me incomoda mais. Lembranças vêm e vão: recordo os meus primeiros dias assustado e sozinho nas ruas, com o joelho sangrando e morto de fome, a jovem Tess e depois o John, quando soube que eu continuava vivo; a casa da minha mãe, o sorriso do meu pai e o Éden quando bebê. Lembro também da primeira vez em que vi June nas ruas. Da sua postura desafiadora, dos olhos ferozes. E então, pouco a pouco, fica difícil me lembrar de qualquer coisa.

Eu sempre soube, de alguma forma, que não viveria muito. Simplesmente não é meu destino.

Uma coisa brilhante pairando acima do ombro de June chama minha atenção. Viro a cabeça ao máximo para ver do que se trata. A princípio parece uma esfera reluzente de luz. Entretanto, ao continuar olhando fixo, percebo que é minha mãe.

Mamãe, sussurro. Fico de pé e dou um passo na sua direção. Meus pés estão muito leves.

Minha mãe sorri para mim. Ela está jovem, saudável e incólume. Suas mãos não estão mais envoltas em ataduras, e seu cabelo tem a cor do trigo e da neve. Quando chego perto, ela suavemente segura meu rosto entre as mãos macias e ilesas. Meu coração para de bater e se enche de calor e luz, e quero ficar aqui para sempre, preso a este momento. Cambaleio ao andar. Minha mãe me ampara antes que eu possa cair, e nós dois nos ajoelhamos, juntos novamente. Ela então murmura:

– Meu garotinho perdido!

Minha voz é um sussurro alquebrado:

– Eu lamento muito, lamento muito.

– Fique quietinho, meu bebê.

Inclino a cabeça quando ela se ajoelha à minha frente. Minha mãe beija minha testa, e volto a ser criança, impotente e esperançoso, explodindo de amor. Além

da linha enevoada e dourada do seu braço, posso olhar para meu corpo pálido e lesionado deitado no chão. Há uma garota debruçada sobre mim; suas mãos seguram meu rosto, e o comprido cabelo escuro cai sobre seus ombros. Ela está chorando.

– John e papai estão...? – começo a dizer.

Mamãe apenas sorri. Seus olhos são tão incrivelmente azuis que consigo ver o mundo inteiro refletido neles: o céu, as nuvens e tudo mais além.

– Não se preocupe – responde ela. – Eles estão bem e amam muito você.

Sinto uma necessidade louca de seguir minha mãe, seja lá para que lugar for. Finalmente digo a ela:

– Sinto muita falta de vocês. A ausência das pessoas que já estiveram comigo dói todos os dias.

Mamãe passa docemente a mão no meu cabelo, da maneira que costumava fazer quando eu era pequeno.

– Meu querido, você não precisa sentir saudade de nós. Nós nunca fomos embora. – Ela ergue a cabeça e aponta para a rua, para além da multidão que se reuniu ao redor do meu corpo. Neste instante uma equipe médica está me colocando em uma maca. Minha mãe diz: – Volte para o Éden. Ele está te esperando.

– Eu sei – sussurro. Estico o pescoço para ver se consigo ver de relance meu irmão no grupo enorme de pessoas, mas não o vejo.

Mamãe se levanta; suas mãos soltam meu rosto e me vejo lutando para respirar. *Não, por favor não me deixe.* Estendo a mão para ela, mas uma barreira invisível impede meu gesto. A luz fica mais intensa.

– Aonde você vai? Posso ir junto?

Mamãe sorri, mas balança a cabeça.

– Por enquanto, você deve continuar no outro lado do espelho. Algum dia, quando estiver pronto para dar um passo para nosso mundo, vou voltar para te ver de novo. Tenha uma vida feliz, Daniel. Faça com que o último passo seja importante.



Durante as três primeiras semanas em que Day fica hospitalizado, não saio de perto dele. As mesmas pessoas vão e vêm: Tess, é claro, fica na sala de espera tanto quanto eu, aguardando que Day saia do coma, Éden fica tanto tempo quanto Lucy lhe permite, os demais Patriotas, especialmente Pascao, um infindável número de médicos que começo a reconhecer e a chamar pelo nome depois da primeira semana e Anden, que voltou da frente de batalha com cicatrizes.

Hordas de pessoas continuam acampadas do lado de fora do hospital, mas Anden não tem coragem de mandar que se dispersem, embora elas ocupem o terreno por semanas e depois, meses. Muitas dessas pessoas estampam as célebres mechas escarlates pintadas no cabelo. Na maior parte do tempo, elas permanecem em silêncio. Às vezes, entoam cânticos. Já me acostumei à presença delas, e chego até a achá-la reconfortante. Elas me lembram de que Day continua vivo. E que continua lutando.

A guerra entre a República e as Colônias terminou, pelo menos por enquanto. O pessoal da Antártida, por fim, veio em nosso socorro, trazendo com eles sua temível tecnologia e armamentos, que compeliram a África e as Colônias a retomarem o cessar-fogo. Eles levaram Anden e o Chanceler das Colônias aos tribunais internacionais, impondo as sanções adequadas contra nós e contra eles, finalmente – *finalmente* –, dando início ao processo de um tratado de paz permanente. Entretanto, as cinzas dos nossos campos de batalha continuam presentes, junto com uma prolongada hostilidade. Sei que vai levar tempo para curar as feridas. Não tenho ideia de quanto tempo vai durar o cessar-fogo, nem quando a República e as Colônias vão encontrar a verdadeira paz. Talvez isso nunca aconteça, mas, por enquanto, está de bom tamanho.

Uma das primeiras coisas que os médicos precisaram fazer por Day, depois de cuidar dos terríveis ferimentos à bala, foi operar seu cérebro. O trauma que ele sofreu impossibilitou a conclusão do tratamento com os medicamentos necessários para prepará-lo para a cirurgia, mas eles foram adiante assim mesmo. Se Day estava preparado ou não era irrelevante àquela altura; se não o operassem, ele iria morrer de qualquer maneira.

Ainda assim, isso me mantém acordada à noite. Ninguém pode garantir que ele vai sair do coma ou, se isso ocorrer, se Day será uma pessoa totalmente diferente.

Passam-se dois meses, depois três.

Pouco a pouco, todos nós começamos a esperar em casa. A multidão em frente ao hospital começa a diminuir.

Cinco meses. O inverno vai embora.

Às 7h28 de uma quinta-feira no início da primavera, em março, chego à sala de espera do hospital para minha costumeira visita. Como era de esperar, em virtude da hora, sou a única pessoa presente. Éden está em casa com Lucy, dormindo um sono merecido. Ele continua a crescer, e se Day estivesse acordado para vê-lo agora, sei que comentaria que seu irmão está começando a emagrecer, perdendo a carinha de bebê e dando os primeiros passos para se tornar um adulto.

Nem Tess está aqui ainda. Ela habitualmente chega no final da manhã para trabalhar como auxiliar dos médicos, observando cada passo que eles dão. Quando ela está num intervalo do serviço, nós nos reunimos e conversamos em voz baixa na quarto de Day. Às vezes, Tess até me faz rir.

– Ele te ama de verdade – foi o que ela me disse ontem. – Day te amaria mesmo que isso acabasse com ele. Vocês dois combinam. Acho que isso é bem fofo.

Ela disse isso com um sorriso tímido e relutante. De alguma forma, ela conseguiu voltar a ser a Tess que conheci naquele ringue de Skiz, há quase dois anos... Só que agora é uma Tess mais velha, mais alta e mais sábia.

Eu dei uma cutucada afetuosa nela e disse:

– Vocês dois têm uma ligação que eu jamais poderei alcançar. Mesmo quando estamos nos nossos melhores momentos.

Ela enrubesceu ao ouvir essas palavras, e não pude deixar de abrir meu coração para ela. Uma Tess amorosa é uma das visões mais doces do mundo. Ela suspirou e disse:

– Seja legal com ele. Você promete?

Cumprimento a enfermeira junto à janela da sala de espera, depois me acomodo na minha cadeira habitual e olho em volta. O lugar está vazio hoje de manhã. Sinto falta da companhia de Tess. Tento me distrair lendo as

manchetes das notícias sendo transmitidas no monitor:

IKARI, PRESIDENTE DA ANTÁRTIDA, E AS NAÇÕES UNIDAS APROVAM NOVO TRATADO DE PAZ ENTRE A REPÚBLICA E AS COLÔNIAS.

PRIMEIRO ELEITOR ANUNCIA COMEÇO DE NOVO SISTEMA DE CLASSIFICAÇÃO PARA SUBSTITUIR ANTIGAS PROVAS.

NOVAS CIDADES FRONTEIRAS ENTRE A REPÚBLICA E AS COLÔNIAS SERÃO CHAMADAS ESTADOS UNIDOS, A IMIGRAÇÃO NOS DOIS PAÍSES SERÁ PERMITIDA A PARTIR DO FINAL DO ANO QUE VEM.

SENADORA MARIANA DUPREE OFICIALMENTE EMPOSSADA NO CARGO DE PRIMEIRA CIDADÃ DO SENADO.

As manchetes do noticiário me fazem sorrir ligeiramente. Ontem à noite Anden foi ao meu apartamento para me contar pessoalmente sobre Mariana. Eu lhe disse que a cumprimentaria pessoalmente e acrescentei:

– Mariana é muito competente no que faz. Mais do que eu fui. Fico feliz por ela.

Anden inclinou a cabeça e disse, com um sorriso gentil:

– A longo prazo, acho que você teria sido mais competente porque compreende o povo, mas fico feliz por estar de volta à área onde se sente mais à vontade. Nossas tropas têm sorte de contar com você.

Ele então hesitou e, por um instante, segurou minha mão. Lembro-me do forro macio de neopreno das suas luvas e do brilho prateado de suas abotoaduras. Ele continuou:

– A partir de agora, vai ser mais difícil estar com você, mas talvez seja melhor assim, não é? De qualquer maneira, por favor, apareça de vez em quando. Vai ser bom ter notícias suas.

– O mesmo serve para você – respondi, apertando a mão dele.

Meus pensamentos se voltam bruscamente para o presente. Um dos médicos saiu do corredor perto do quarto de Day. Ele me avista, respira fundo e se aproxima. Eu me reteso, tensa. Já faz muito tempo que o Dr. Kann não me atualiza sobre o estado de Day. Parte de mim quer pular de animação, porque talvez a notícia seja boa, mas a outra parte se retrai de medo... E se for uma má notícia?

Meus olhos examinam o semblante do médico, à procura de indícios. (Suas pupilas estão ligeiramente dilatadas e o rosto se mostra ansioso, mas não chega a ser algo tão evidente de que ele tem uma péssima notícia para dar. Há indicações de alegria em seu rosto.) Meu pulso se acelera. O que será que ele vai me dizer? Talvez não seja nada de mais; se duvidar, ele apenas vai me falar o de costume: *Receio que não tivemos muitas mudanças hoje, mas pelo menos as condições dele são estáveis.* Já me habituei a ouvir isso.

O Dr. Kann para à minha frente, endireita os óculos, coça inconscientemente a barba grisalha bem aparada e diz:

– Bom dia, srta. Iparis.

– Como é que ele está? – pergunto, como de hábito.

O Dr. Kann sorri, mas vacila (mais uma coisa estranha; a notícia deve ser importante).

– Tenho uma notícia maravilhosa. – Meu coração para por um instante. – Day acordou. Há menos de uma hora.

– Ele acordou? – Respiro aliviada. *Ele acordou!* De repente a notícia é emocionante demais, e não sei bem se conseguirei suportá-la. Analiso cuidadosamente o rosto do médico e pergunto: – Mas tem alguma coisa errada, não é?

O Dr. Kann põe as mãos nos meus ombros e confirma minhas suspeitas:

– Não quero preocupá-la, de jeito algum, srta. Iparis. Day reagiu muitíssimo bem à cirurgia: quando acordou, pediu água e perguntou pelo irmão. Ele está muito alerta e coerente. Fizemos uma tomografia do seu cérebro. – Sua voz se mostra mais entusiasmada. – É claro que vamos precisar fazer uma verificação mais minuciosa, mas à primeira vista parece que tudo se normalizou. Seu hipocampo está saudável, e os sinais vitais estão normais. Em quase todos os aspectos, o Day que conhecemos está de

volta.

Lágrimas aquecem meus olhos. O Day que conhecemos está de volta. Depois de *cinco meses* de espera, a notícia é muito repentina. Uma hora ele estava deitado inconsciente na cama, agarrando-se à vida a cada noite, e agora acordou. Assim, do nada. Dou um grande sorriso para o doutor e, antes que eu possa me controlar, eu o abraço. Ele ri e afaga minha cabeça pouco à vontade, mas eu não estou nem aí. Preciso vê-lo.

– Ele pode receber visitas? – De repente me lembro das palavras exatas do médico. – Por que o senhor disse "em quase todos os aspectos"?

O sorriso do doutor vacila, e ele volta a endireitar os óculos.

– Não é nada que não possamos solucionar com longas sessões de fisioterapia intensiva. Entenda: a região do hipocampo afeta lembranças a longo e curto prazos. Parece que a memória remota de Day, sua família, seu irmão Éden, sua amiga Tess etc., estão intactas. Entretanto, depois que lhe fizemos algumas perguntas, ele demonstrou lembrar muito pouco de pessoas e acontecimentos de um ou dois anos atrás. Nós chamamos isso de amnésia retrógrada, na qual a pessoa fica incapacitada de se lembrar do passado, neste caso um passado recente. Ele se recorda, por exemplo, das mortes dos familiares... – A esta altura, a voz do Dr. Kann muda de tom, de modo constrangedor. – Mas ele não demonstrou se lembrar do nome da Comandante Jameson nem da recente invasão das Colônias. Ele tampouco se lembrou da senhorita.

Meu sorriso desaparece.

– Ele... não se lembra de mim?

– Como já lhe disse, isso é uma coisa que pode ser curada com o tempo e a terapia adequada – garante o Dr. Kann. – As suas habilidades de manter memórias a curto prazo estão funcionando bem. Ele se lembra da maioria das coisas que lhe digo, e forma novas lembranças sem grandes problemas. Eu só queria preveni-la antes que a senhorita entre para falar com ele. Não se surpreenda se Day não a reconhecer. Vá com calma e se reapresente a ele. Pouco a pouco, talvez daqui a alguns anos, é possível que as lembranças desse período voltem.

Dirijo um sinal de concordância com a cabeça ao médico, como se estivesse sonhando, e sussurro:

– Está bem.

– Se quiser vê-lo agora, pode ir.

O doutor sorri para mim, como se estivesse me dando a melhor notícia do mundo. E está mesmo.

Contudo, quando ele vai embora, fico parada por um momento. Minha cabeça está aturdida, refletindo, perdida. Depois dou alguns passos devagar para o corredor do hospital onde fica o quarto de Day; o corredor se fecha ao meu redor como um túnel enevoado e indistinto. A única coisa que passa pela minha cabeça agora é a lembrança da minha prece desesperada diante do corpo lesionado de Day, a promessa que ofereci aos céus em troca da vida dele.

Permita que ele viva. Estou disposta a sacrificar qualquer coisa para que isso aconteça.

Meu coração se parte em mil pedaços. Agora compreendo. Sei que alguma coisa respondeu à minha oração, e ao mesmo tempo já deixou claro qual será meu sacrifício. A mim foi dada a real oportunidade de nunca mais magoar Day.

Entro no quarto do hospital. Day está alerta, recostado nos travesseiros e parecendo incrivelmente mais saudável do que nas vezes em que o vi deitado inconsciente e lívido nos últimos meses. Porém, alguma coisa está diferente. Os olhos dele me seguem sem o menor indício de me reconhecerem; ele está me observando com a distância gentil e cautelosa de um estranho, da mesma forma que olhou para mim quando nos conhecemos.

Ele não sabe quem eu sou.

Meu coração dói e me impele a me aproximar do leito. Sei o que devo fazer.

– Oi! – exclama ele, quando me sento na cama. Seus olhos examinam, curiosos, meu rosto.

– Oi – respondo, suavemente. – Você sabe quem sou eu?

O rosto de Day expressa culpa, o que só me faz sofrer ainda mais. Ele pergunta:

– Eu deveria saber?

Preciso ser muito forte para não chorar, para tolerar a ideia de que Day

esqueceu tudo que aconteceu entre nós: a noite que passamos juntos, as provações que testaram nosso amor, tudo que partilhamos e perdemos. Nosso relacionamento foi apagado da sua memória, sem deixar nada para trás. O Day que *eu* conheci não está aqui.

É óbvio que eu poderia contar tudo a ele agora mesmo. Poderia lembrá-lo de quem eu sou, que sou June Iparis, a moça que ele certa vez salvou nas ruas e por quem se apaixonou. Eu poderia contar-lhe tudo, como sugeriu o Dr. Kann, e isso poderia possivelmente desencadear suas antigas lembranças. *Conte a ele, June. Conte tudo. Você vai ficar feliz. Vai ser tão mais fácil.*

Mas ao abrir a boca, não sai nenhum som. Não consigo contar a verdade.

"Seja legal com ele", me pediu Tess, ontem. "Você promete?"

Enquanto eu permanecer na vida de Day, vou magoá-lo. Não há como evitar isso. Lembro a maneira como ele se encolheu, soluçando, à mesa da cozinha de sua família, pranteando tudo o que eu havia lhe tirado. Agora o destino me entregou, em uma bandeja de prata, a solução para livrá-lo do sofrimento. Day sobreviveu e, em troca, tenho de sair de sua vida. Mesmo que agora ele me considere uma estranha, e seu rosto não estampe mais a dor e a tragédia que sempre estiveram associadas à paixão e ao amor que ele sentia por mim. Agora, ele está livre.

Está livre de *nós*, deixando-me como única portadora do ônus do nosso passado.

Portanto, engulo em seco, sorrio e inclino a cabeça para ele.

– Day – eu me obrigo a dizer –, é um prazer conhecê-lo. A República me mandou ver como você estava. É ótimo ver que você acordou. O país vai ficar eufórico ao saber da boa notícia.

Day baixa a cabeça gentilmente; sua tensão é evidente.

– Obrigado – diz ele, cautelosamente. – Os médicos disseram que fiquei fora do ar por cinco meses. O que aconteceu?

– Você foi ferido durante uma batalha entre a República e as Colônias – respondo. Tudo que estou dizendo parece sair da boca de outra pessoa. – Você salvou seu irmão, Éden.

– O Éden está aqui?

Os olhos de Day se iluminam ao identificar o nome, e um lindo sorriso

surge em seu rosto. Essa visão me faz sofrer, mesmo eu estando feliz por ele se lembrar do irmão. Queria muito ver esse mesmo reconhecimento quando ele estivesse falando sobre *mim.*

– Éden vai ficar muito contente em vê-lo. Os médicos mandaram buscá-lo, daqui a pouquinho ele estará aqui.

Retribuo o sorriso dele, e desta vez é verdadeiro, embora agridoce. Quando Day analisa meu rosto mais uma vez, fecho os olhos e curvo ligeiramente a cabeça para ele.

Preciso deixá-lo ir.

– Day – digo, escolhendo com cuidado minhas últimas palavras a ele –, foi um privilégio e uma honra combater ao seu lado. Você salvou muitos mais de nós do que jamais saberá. – Por um breve momento, eu o encaro firme, dizendo-lhe em silêncio tudo que nunca vou dizer em voz alta. – Obrigada – sussurro – por tudo.

Day fica intrigado com a emoção na minha voz, mas também abaixa a cabeça e responde:

– A honra foi minha.

Meu coração se parte à falta de calor na sua voz, o calor que sei que eu ouviria se ele se lembrasse de tudo. Sinto a ausência do amor profundo pelo qual ansiei, e que eu queria tanto merecer.

Agora, isso desapareceu.

Se ele soubesse quem eu era, eu lhe diria alguma outra coisa neste instante, uma coisa que eu deveria ter dito com mais frequência enquanto tive a chance. Agora *tenho certeza* do meu sentimento, mas é tarde demais. Por isso volto a guardar as três palavras no meu coração, para o bem dele, e me levanto da cama. Absorvo todos os últimos e maravilhosos detalhes do seu rosto e os armazeno na memória, esperando poder levá-los comigo aonde quer que eu vá. Nós nos cumprimentamos e, em seguida, me viro e vou embora pela última vez.

Duas semanas depois, praticamente a população inteira de Los Angeles compareceu para ver Day deixar o país em definitivo. Na manhã em que deixei o quarto de Day, as autoridades da Antártida vieram procurar ele e seu irmão. Haviam observado o dom privilegiado de Éden para a engenharia, e lhe propuseram uma vaga em uma de suas escolas. Ao mesmo

tempo, ofereceram a Day a oportunidade de acompanhá-lo.

Não me juntei à multidão. Preferi ficar no meu apartamento, observando o desenrolar dos acontecimentos, enquanto Ollie dormia satisfeito ao meu lado. As ruas ao redor do meu conjunto de apartamentos estão abarrotadas de pessoas, todas se empurrando para assistir aos telões. O caos abafado se transforma em barulho de fundo quando leio a notícia na minha tela:

DANIEL ALTAN WING E IRMÃO PARTEM À NOITE PARA ROSS CITY, ANTÁRTIDA.

Na tela, Day acena para as pessoas reunidas em torno do seu apartamento enquanto ele e Éden são escoltados até um jipe por uma patrulha metropolitana. Eu deveria chamá-lo de Daniel, como aparece na tela. Talvez ele *seja* verdadeiramente apenas Daniel agora, sem precisar mais de um codinome. Assisto quando ele ajuda o irmão a entrar no veículo e em seguida faz o mesmo, desaparecendo de vista. *É muito estranho*, penso, passando distraidamente a mão no pelo de Ollie. Não faz muito tempo, as patrulhas municipais teriam prendido Day na hora. Agora, ele está indo embora da República como um herói, a ser celebrado e lembrado pela vida inteira.

Desligo o monitor, depois fico sentada na escuridão tranquila do meu apartamento, saboreando o silêncio. Do lado de fora, nas ruas, o povo continua a entoar seu nome. E isso se prolonga até a noite.

Quando a agitação finalmente termina, levanto do sofá. Calço as botas, visto um casaco, enrolo um fino cachecol no pescoço e saio de casa. Meu cabelo esvoaça à agradável brisa noturna; de vez em quando algumas mechas acariciam meu rosto. Durante algum tempo perambulo sozinha pelas ruas. Não sei bem para onde estou indo. Talvez eu esteja tentando encontrar meu caminho de volta para o Day. Mas isso é ilógico. Ele já partiu, e sua ausência deixa um buraco vazio e profundo no meu peito. O vento faz com que meus olhos se umedeçam.

Caminho por uma hora antes de finalmente fazer um pequeno percurso de metrô até o setor Lake. Lá, passeio devagar ao longo da margem, admirando as luzes do centro da cidade e o agora desativado estádio das

Provas, um lembrete perturbador de acontecimentos do passado distante.

Gigantescas rodas d'água agitam-se no lago; o ritmo de seu movimento provoca uma prazerosa sinfonia como pano de fundo. Continuo andando sem destino certo. Só sei que, neste momento, o setor Lake parece mais minha casa do que o setor Rubi. Aqui, não estou tão sozinha. Nestas ruas, ainda posso sentir os batimentos do coração de Day.

Começo a reconstituir meus antigos passos, ao passar pelos mesmos edifícios e as mesmas casas em escombros, os caminhos que percorri quando era uma pessoa completamente diferente, cheia de ódio, confusão, perda e ignorância. É uma sensação estranha essa de perambular pelas mesmas ruas sendo a pessoa que sou agora. Uma sensação ao mesmo tempo familiar e estranha.

Uma hora depois, paro em frente a uma viela indistinta, ramificação de uma rua vazia. No final dessa viela ergue-se um alto edifício abandonado de doze andares. Todos os seus andares estão vedados por tábuas; o primeiro andar está exatamente como eu me lembrava: faltam janelas e há cacos de vidro no chão. Entro no prédio sombrio e lembranças me vêm à mente.

Foi neste lugar que Day me estendeu a mão pela primeira vez, em meio à fumaça e poeira, e me salvou, antes que um descobrisse quem era o outro. Esse foi o começo das poucas e preciosas noites em que nos encontramos como um menino das ruas e uma garota que precisava de ajuda.

A lembrança surge cristalina.

Ouço uma voz me mandando levantar. Quando olho para o lado, vejo um adolescente estendendo a mão para mim. Ele tem olhos azuis brilhantes, poeira no rosto e um boné surrado na cabeça. Nesse momento, acho que é o garoto mais gato que já vi na vida.

Meu divagar me conduziu ao começo de nossa jornada juntos. Suponho que seja muito apropriado que eu esteja aqui no final dela.

Permaneço muito tempo na escuridão, e me permito reviver as lembranças que Day e eu partilhamos um dia. O silêncio me embala confortavelmente. Uma das minhas mãos encontra a antiga cicatriz do local onde Kaede me esfaqueou. São tantas memórias, tanta alegria, tanta tristeza...

Lágrimas escorrem pelo meu rosto. Eu me pergunto em que Day estará

pensando neste instante, a caminho de um país desconhecido, e se uma pequena parte dele, mesmo que enterrada lá no fundo, ainda guarda fragmentos de mim, pedaços do que tivemos outrora.

Quanto mais tempo fico aqui, mais leve meu coração fica. Day vai seguir em frente e viver a vida dele. Eu também. Nós dois vamos ficar bem. Algum dia, talvez no futuro longínquo e distante, nós possamos nos reencontrar. Até esse dia, vou me lembrar dele.

Estendo o braço e toco numa das paredes, imaginando poder sentir a vida e o calor dele. Olho ao redor mais uma vez, e ergo os olhos até os telhados, depois até o céu da noite, pontilhado por algumas estrelas pálidas, e acho que consigo vê-lo. Posso sentir sua presença aqui, na mesma pedra em que ele tocou, em todas as pessoas que ele salvou, em todas as ruas, vielas e cidades que ele ajudou a transformar durante os poucos anos de sua vida, porque ele *é* a República, ele *é* nossa luz. Eu te amo tanto. Até que nossos caminhos se cruzem novamente, vou guardar você no meu coração e protegê-lo lá dentro, sofrendo pelo que nunca tivemos, relembrando com carinho o que vivemos. Queria muito que você estivesse aqui.

Eu vou te amar para sempre.

LOS ANGELES, CALIFÓRNIA
REPÚBLICA DA AMÉRICA

DEZ ANOS DEPOIS

18H36, 11 DE JULHO.
SETOR BATALLA, LOS ANGELES.
26°C

Hoje completo vinte e sete anos.

Comemoro a maioria dos meus aniversários sem muito estardalhaço. Quando fiz dezoito anos, reuni-me com Anden, alguns senadores, Pascao, Tess e uns ex-colegas da Drake para um jantar discreto no terraço de um edifício no setor Rubi. A celebração do décimo nono aniversário aconteceu em um barco na cidade de Nova York, a versão reconstituída pelas Colônias de uma antiga cidade submersa cuja periferia hoje se inclina suavemente para o oceano Atlântico. Nessa ocasião, fui convidada para uma festa oferecida por inúmeras autoridades da África, do Canadá e do México.

Passei meu vigésimo aniversário confortavelmente sozinha, enfiada na cama com Ollie roncando no meu colo, assistindo a um programa de TV sobre a formatura precoce de Éden, o irmão de Day, em sua escola na Antártida e tentando ver, mesmo que de relance, a aparência de Day com vinte anos. O noticiário informou também que ele havia sido recrutado pela agência de inteligência da Antártida.

Meu aniversário de vinte e um anos foi comemorado à altura, em Vegas, onde Anden me convidou para um festival de verão e acabou me beijando no meu quarto de hotel. Meus vinte e dois anos foram os primeiros que celebrei com Anden sendo oficialmente meu namorado. Vigésimo terceiro: passado na minha cerimônia de posse no cargo de comandante de todos os esquadrões da Califórnia, na qualidade de mais jovem comandante na história da República. Vigésimo quarto: aniversário triste, passado sem Ollie. Vigésimo quinto: jantar com Anden a bordo do RS *Constellation*. Vigésimo sexto: celebrado com Pascao e Tess, ocasião em que contei a eles que tinha acabado de romper com Anden; o jovem Eleitor e eu chegamos ao consenso de que eu simplesmente não conseguiria amá-lo da maneira que ele queria.

Passei alguns desses aniversários alegre, outros, triste, mas os fatos mais tristes sempre foram toleráveis. Coisas muito piores aconteceram, mas nada

trágico nesses últimos anos poderia se comparar com o que vivenciei durante a adolescência. Mas este é diferente. Há anos abomino este aniversário específico, porque ele me leva de volta a alguns fatos do meu passado que tenho me esforçado muito para manter no esquecimento.

Passo a maior parte do dia bem tranquila. Levanto cedo, sigo minha habitual rotina de treinamento na pista de exercícios e depois me dirijo ao setor Batalla, para organizar meus capitães nas suas diversas operações na cidade. Hoje estou liderando duas das minhas melhores patrulhas na escolta de Anden, durante uma reunião com representantes das Colônias. Não dividimos mais o mesmo apartamento, mas isso não muda o fato de eu me empenhar intensamente na sua segurança. Ele será sempre meu Eleitor, e pretendo fazer com que continue assim. Hoje, ele e as Colônias estão em meio a discussões sobre o status harmonioso da imigração ao longo das nossas fronteiras, onde os Estados Unidos se transformaram em áreas prósperas com civis da República e das Colônias. O que antes era uma linha divisória rígida entre nós, atualmente parece um porto seguro. Observo das laterais enquanto Anden troca apertos de mão com os representantes e posa para fotos. Estou orgulhosa do que ele tem feito. O progresso é lento, mas contínuo. Metias ficaria feliz com isso, assim como Day.

No final da tarde, finalmente vou embora do Batalla Hall e me dirijo a um bonito edifício revestido com mármore branco, na extremidade leste da Batalla Square. Lá, mostro minha identidade na entrada e me encaminho ao décimo segundo andar. Os corredores do prédio são velhos conhecidos; minhas botas ressoam no piso de mármore. Paro em frente a uma lápide com o nome CAPITÃO METIAS IPARIS gravado na superfície cristalina.

Permaneço lá por um tempo, depois me sento com as pernas cruzadas à frente da lápide, inclino a cabeça e digo, com a voz suave:

– Oi, Metias. Hoje é meu aniversário. Sabe com quantos anos estou agora?

Fecho os olhos, e através do silêncio que me rodeia tenho a impressão de sentir uma mão em meu ombro; é a presença sutil do meu irmão, que sou capaz de perceber de vez em quando, nos momentos de tranquilidade. Eu o imagino sorrindo para mim com uma expressão descontraída e livre.

– Hoje estou fazendo vinte e sete anos – continuo, num sussurro. Minha

voz sai embargada. – Temos a mesma idade agora.

Pela primeira vez na minha vida, deixo de ser a irmãzinha caçula de Metias. No ano que vem vou fazer vinte e oito, e ele continuará com a mesma idade. De agora em diante, serei mais velha do que ele jamais será.

Tento pensar em outras coisas e conto ao fantasma do meu irmão sobre meu ano, minhas lutas e êxitos em comandar minhas próprias patrulhas, minhas semanas frenéticas de trabalho. Digo, como sempre, o quanto sinto saudade dele. Consigo ouvir o sussurro de seu fantasma no meu ouvido, e sua resposta suave dizendo que também sente minha falta e que está cuidando de mim, de onde quer que esteja.

Uma hora depois, quando o sol finalmente se põe e a luz que penetra entre as janelas se esvai, levanto do chão e lentamente me dirijo para fora do edifício. Escuto algumas mensagens não atendidas no meu fone de ouvido.

Tess deve sair do seu turno no hospital daqui a pouquinho, muito provavelmente com uma série de histórias novas sobre seus pacientes. Nos primeiros anos depois da partida de Day, os dois mantiveram contato e Tess me atualizava constantemente sobre como ele estava. Coisas como a melhora da visão de Éden, o novo emprego de Day, os jogos na Antártida. Entretanto, à medida que os anos passaram, os papos entre eles escassearam. Tess cresceu e seguiu a própria vida e, pouco a pouco, as conversas entre os dois limitaram-se a breves cumprimentos anuais, se tanto.

Eu estaria mentindo se dissesse que não sentia falta das notícias sobre Day que ela me trazia. Fico ansiosa esperando um jantar para bater um papo com ela e Pascao, que deve estar para chegar da Universidade Drake, provavelmente impaciente para partilhar suas últimas aventuras no treinamento dos cadetes. Sorrio ao imaginar o que eles irão contar. Meu coração está mais leve agora, um pouco mais liberto depois da conversa com meu irmão. Meus pensamentos vagueiam brevemente até o Day. Eu me pergunto onde estará, com quem estará, se está feliz.

Do fundo do meu coração, espero sinceramente que esteja.

O setor não está movimentado esta noite – nos últimos anos, o número de soldados patrulhando as ruas caiu bastante –, exceto por alguns soldados aqui e ali, estou sozinha. Muitos postes ainda não foram acesos, e no

anoitecer enxergo um punhado de estrelas cintilando. O brilho dos telões lança um calidoscópio de cores nas calçadas cinzentas do setor Batalla. Caminho deliberadamente sob as cores, e estendo a mão para estudá-las: elas se refletem na minha pele. Assisto com ligeiro desinteresse a fragmentos de notícias nas telas, enquanto escuto as mensagens não atendidas. As dragonas nos meus ombros tilintam baixinho.

Paro para ouvir uma mensagem que Tess me mandou no início da tarde. Sua voz, plena de cordialidade e alegria, enche meus ouvidos.

– Ei, assista ao noticiário.

Isso é tudo que ela diz. Franzo a testa e depois sorrio com a brincadeirinha de Tess. O que estará passando no noticiário? Meus olhos observam de novo a tela, desta vez com mais curiosidade. Nenhuma notícia atrai minha atenção. Continuo procurando o assunto ao qual Tess poderia estar se referindo. Nada. E então... vejo uma pequena manchete, tão curta que nem reparei nela o dia inteiro. Pisco, para ter certeza de que não estou vendo coisas, e a releio antes que desapareça:

ÉDEN BATAAR WING EM LOS ANGELES PARA ENTREVISTA PARA CARGO DE ENGENHEIRO NO SETOR BATALLA.

Éden? Ondas de choque deslizam no silêncio que me manteve dopada o dia inteiro. Releio várias vezes a manchete antes de finalmente me convencer de que estão falando mesmo sobre o irmão mais novo de Day. Éden está aqui para uma entrevista de emprego.

Ele e Day estão na cidade.

Olho instintivamente para as ruas.

Eles estão aqui, caminhando pelas mesmas ruas que eu. *Ele* está aqui. Balanço a cabeça para a pequena adolescente que de súbito despertou no meu coração. Mesmo depois de tanto tempo, eu ainda nutro esperanças. *Acalme-se, June.* Ainda assim, meu coração está na boca. A mensagem de Tess repercute na minha cabeça. Volto a caminhar pela rua. Talvez eu possa descobrir onde eles estão hospedados, só para dar uma olhada em como Day está indo após tanto tempo. Decido ligar para Tess quando chegar à estação do metrô.

Quinze minutos depois, estou nos arredores do setor Batalla; a estação de metrô que leva ao Rubi é logo depois da esquina. Os postes de luz se acenderam, agora que a noite se impôs. Alguns soldados seguem o mesmo caminho, mas na outra calçada. A não ser por eles, sou a única pessoa no quarteirão.

Quando chego a uma ligeira curva na rua, vejo duas outras pessoas vindo na minha direção. Eu me detenho imediatamente. Depois franzo a testa e examino com mais atenção os dois vultos. Ainda não tenho certeza do que estou vendo.

São dois rapazes. Os detalhes me passam rapidamente pela cabeça; são tão conhecidos, que mal penso duas vezes sobre eles. Ambos são altos e magros, com cabelo da cor de trigo que se destaca em meio à noite parcamente iluminada. No mesmo instante sei que devem ser parentes, pois têm traços semelhantes e porte descontraído. O que está à esquerda usa óculos e fala de maneira animada, afastando os cachos dourados dos olhos enquanto caminha; as mãos delineiam uma espécie de diagrama à sua frente. Ele não para de enrolar as mangas até os cotovelos, e a camisa de colarinho está solta e amarrotada. Um sorriso despreocupado lhe ilumina o rosto.

O jovem à direita é mais reservado; ele escuta pacientemente o companheiro de cabelo cacheado enquanto mantém as mãos enfiadas nos bolsos. Um sorriso se esboça nos cantos dos lábios. Seu cabelo está diferente do que eu me lembrava: agora é curto e encantadoramente despenteado. Ao andar, o rapaz de vez em quando passa a mão pelos fios, fazendo com que o cabelo fique ainda mais rebelde. Seus olhos nunca foram tão azuis. Apesar de estar mais velho, com o rosto de um rapaz no lugar daquele do adolescente que conheci tão bem, ele ainda estampa indícios do antigo ardor sempre que ri das palavras do irmão, em momentos surpreendentes de alegria e vida. Meu coração dispara e interrompe a sensação de peso no meu peito. *Day e Éden.*

Mantenho a cabeça baixa quando eles se aproximam, mas pelo canto do olho, percebo que Éden me viu. Ele para por um segundo no meio da frase, e um breve sorriso clareia seu rosto. Seus olhos se desviam para o irmão.

Day olha para mim.

A intensidade desse ato me pega desprevenida: não recebo dele um olhar assim há tanto tempo, que de repente fico sem fôlego. Eu me aprumo e acelero o passo. Preciso sair daqui ou não sei se poderei evitar que meu rosto demonstre minha emoção.

Passamos um pelo outro sem dizer uma palavra. Parece que meus pulmões vão estourar, e minha respiração é curta, para que eu possa me controlar. Fecho os olhos. Tudo que consigo ouvir é o pulsar do sangue nos meus ouvidos, o baque seco e constante do meu coração. Pouco a pouco escuto o som das pisadas dos dois se esvanecer atrás de mim. Uma sensação horrível se apossa lentamente de mim. Engulo em seco e expulso da cabeça um fluxo de lembranças.

Estou indo para a estação do metrô. Estou indo para casa. Não vou olhar para trás.

Não consigo.

E então, escuto passos atrás de mim novamente. Um som de botas apressadas na calçada. Eu paro, me enrijeço e olho por cima do ombro.

É o Day. Ele me alcança. Poucos metros atrás dele, Éden nos observa com as mãos nos bolsos. Day me olha fixo, com uma expressão suave e desconcertada, que faz com que um calafrio de eletricidade percorra minha espinha.

– Com licença – diz ele. *Ah, essa voz!* Mais profunda e suave do que eu lembrava, sem o tom áspero da infância e com a nova elegância de um adulto. – Nós nos conhecemos?

Por um momento, fico desnorteada. O que devo dizer? Passei tantos anos me convencendo de que já não nos conhecíamos...

– Não – sussurro. – Lamento.

Na minha cabeça, suplico a mim mesma para dizer a ele a verdade.

Day franze a testa, confuso por um momento. Ele passa a mão pelo cabelo. Ao fazer esse gesto, vejo de relance uma coisa brilhante no seu dedo. É um anel feito de clipes de papel. Um suspiro me escapa. Não acredito.

Ele ainda usa o anel de clipes de papel que lhe dei há anos.

– Ah! – responde ele finalmente. – Então, me desculpe por incomodá-la. Eu achei... É que você me parece familiar. Tem certeza de que não nos conhecemos de algum lugar?

Examino os olhos dele, em silêncio. Não consigo dizer nada. Há uma emoção secreta que surge no rosto dele agora, alguma coisa entre desconhecimento e familiaridade, alguma coisa que me diz que ele está se esforçando para me identificar, para descobrir de onde me conhece. Meu coração protesta, querendo que ele se lembre. Mesmo assim, nenhuma palavra sai da minha boca.

Day analisa meu rosto com seu olhar fixo e suave e depois balança a cabeça.

– Eu *sei* que já te conheci – murmura ele. – Há muito tempo. Não sei onde, mas acho que sei por quê.

– Por quê? – pergunto docemente.

Ele se cala por um instante e em seguida dá um passo à frente e fica mais perto de mim. Perto o suficiente para eu reparar na minúscula imperfeição do seu olho esquerdo. Ele dá uma risada e enrubesce.

– Desculpe. O que vou dizer é muito estranho. – Eu me sinto perdida numa névoa. Como num sonho do qual não me atrevo a despertar. – Eu... – começa ele, como se estivesse procurando as palavras adequadas. – Há muito tempo estou procurando uma coisa que acho que perdi.

Uma coisa que ele perdeu. Essas palavras me dão um nó na garganta, uma onda de esperança arrebatadora. Digo então:

– Isso nada tem de estranho.

Day sorri. Algo doce e desejoso aparece nos seus olhos.

– Senti que tinha encontrado uma coisa quando vi você lá atrás. Você tem certeza... Você me conhece? Eu *te* conheço?

Não sei o que dizer. A parte de mim que outrora decidiu sair da vida dele me diz que devo fazer isso de novo, protegê-lo de saber o que lhe causou tanto sofrimento há muito tempo. *Dez anos... Faz mesmo tanto tempo assim?* A outra parte de mim, a garota que o conheceu na rua, me instiga a lhe contar a verdade. Finalmente digo, quando consigo abrir a boca:

– Preciso me encontrar com uns amigos.

– Sim, claro, desculpe. – Day pigarreia, inseguro. – Na verdade, eu também preciso. Com uma velha amiga, em Rubi.

Com uma velha amiga, em Rubi. Arregalo os olhos. De repente, compreendo por que a Tess pareceu tão alegrinha na mensagem que deixou

para mim, por que ela me disse para assistir ao noticiário daquela noite. Pergunto, hesitante:

– O nome da sua amiga é Tess?

É a vez dele se surpreender. Ele me dá um sorriso intrigado e atônito:

– Você a conhece!

O que eu estou fazendo? O que está acontecendo? Se isto é mesmo um sonho, não quero acordar dele. Já tive esse sonho tantas vezes e não quero que ele seja tirado de mim de novo.

– Conheço – murmuro. – Vou jantar com ela hoje.

Nós nos encaramos em silêncio. O rosto de Day está sério, e seu olhar é tão intenso que sinto um calor percorrendo todos os centímetros do meu corpo. Permanecemos assim por um longo período e, para variar, não tenho noção de quanto tempo se passou.

– Eu me lembro – diz ele afinal.

Examino seus olhos à procura daquela mesma tristeza profunda, do tormento e da angústia sempre presentes quando estávamos juntos. Mas já não consigo vê-los. No lugar deles, encontro outra coisa. Encontro uma ferida curada, uma cicatriz permanente que não obstante se fechou, alguma coisa de um capítulo da sua vida que ele finalmente aceitou, após todos esses anos. Entendo... Isso é mesmo possível? Será que é verdade?

Vejo pedaços de lembranças em seus olhos. Pedaços de *nós.* Eles estão fragmentados e espalhados, mas estão lá, gradativamente se reunindo de novo quando ele me viu. *Eles estão lá.*

– É você – sussurra ele, estupefato.

– Sou? – sussurro também, a voz trêmula de todas as emoções que mantive escondidas por tanto tempo.

Day está muito próximo, e seus olhos brilham intensamente.

– Espero – diz ele suavemente – poder conhecer você de novo. Se você concordar. Existe uma névoa ao seu redor que eu gostaria de dissipar.

Suas cicatrizes jamais desaparecerão. Tenho certeza disso, mas talvez... Talvez com o tempo, com a idade, possamos voltar a ser amigos. Possamos nos curar. Talvez possamos voltar àquele lugar onde já estivemos, quando éramos muito jovens e inocentes. Talvez possamos nos conhecer como fazem as pessoas normais, numa rua qualquer, numa tarde agradável. Um

vai se sentir atraído pelo outro e vamos parar para nos apresentar. Relembro os ecos do antigo desejo de Day, surgindo da neblina de nossos primeiros dias.

Talvez *exista mesmo* algo como o destino.

Ainda assim espero, muito insegura para responder. Não posso dar o primeiro passo, *não devo.* Cabe a ele fazer isso.

Por um instante, acho que isso não vai acontecer.

Mas então Day estende o braço e toca minha mão. Ele a envolve num aperto de mão. E simplesmente assim, sinto-me ligada a ele novamente, sinto a força do nosso vínculo, da nossa história, do nosso amor em nossas mãos, como num passe de mágica, o retorno de um amigo perdido há muito tempo. *De alguma coisa que tinha de ser.* A sensação me provoca lágrimas de emoção. *Talvez a gente possa dar um passo à frente juntos.*

– Oi! – diz ele. – Meu nome é Daniel.

– Oi! – respondo. – Meu nome é June.

AGRADECIMENTOS

O fim do caminho é um lugar estranho e melancólico. Nos últimos anos, respirei o mundo de *Legend*, minha vida se transformou nas vidas de Day e June. Por meio deles, reconheci meus próprios temores, esperanças e aspirações, estampadas nas telas de suas existências. Agora cheguei ao ponto em que nossas histórias se separam. Eles estão livres para viver além dos limites da trilogia e fico acenando para eles das laterais. Não sei aonde irão, mas acredito que vão ficar bem.

É claro que não estou sozinha nas laterais. Comigo estão aqueles com quem comecei e aqueles que conheci ao longo do caminho:

A minha incomparável agente literária, Kristin Nelson, e a Equipe da NLA: Anita Mumm, Sara Megibow, Lori Bennett e Angie Hodapp. Muitíssimo obrigada por ficarem ao meu lado em todas as dificuldades.

As minhas extraordinárias editoras: Jen Besser, Ari Lewin e Shauna Fay Rossano, que venceram minhas hesitações quanto a este terceiro livro com belas palavras de incentivo. Nós conseguimos! Não sei o que faria sem vocês, minhas queridas.

As equipes da Putnam Children's, Speak e Penguin: Don Weisberg, Jennifer Loja, Marisa Russell, Laura Antonacci, Anna Jarzab, Jessica Schoffel, Elyse Marshall, Jill Bailey, Scottie Bowditch, Lori Thorn, Linda McCarthy, Erin Dempsey, Shanta Newlin, Emily Romero, Erin Gallagher, Mia García, Lisa Kelly, Courtney Wood, Marie Kent, Sara Ortiz, Elizabeth Zajac, Kristin Gilson e Eileen Kreit. Vocês são a equipe de apoio mais fantástica que uma escritora poderia ter.

As espetaculares pessoas da CBS Films, Temple Hill, UTA e ALF&L: Wolfgang Hammer, Grey Munford, Matt Gilhooley, Ally Mielnicki, Isaac Klausner, Wyck Godfrey, Mary Bowen, Gina Martínez, Wayne Alexander e a Kassie Evashevski, minha fabulosa agente que vendeu os direitos de adaptação de *Legend* para o cinema. Sou muito grata a todos vocês por continuarem a acreditar nos sonhos desta escritora.

A turma da Wicked Sweet Games: Matt Sherwood, Phil Harvey, Kole Hicks, Bobby Hernández e, é claro, o Primeiro Eleitor. *Cities of Legend* é um jogo cheio de

detalhes impressionantes, porque vocês, amigos, são impressionantes!

Aos meus incríveis editores estrangeiros por levarem *Legend* para lugares com os quais só podia sonhar, e às vezes direto para Pasadena, com admiradores a reboque! (Estou pensando em você, maravilhosa Ruth.)

Aos meus insubstituíveis amigos redatores: JJ, Ello, Andrea, Beth, Jess Spotswood, Jess Khory, Leigh, Sandy, Amie, Ridley, Kami, Margie, Tahereh, Ransom, Cindy, Malinda e as fabulosas senhoras da PubCrawl. Encontrar a sua própria galera é algo precioso. Não consigo exprimir adequadamente o que todos vocês significam para mim. Obrigada por sua amizade.

A minha "turma da pesada", a meus amigos, a Andre, a minha tia e meu tio, a meu maravilhoso noivo e, acima de tudo, a minha mãe. Vocês sempre me apoiaram, apesar de todas as dificuldades. Amo vocês.

Finalmente, preciso fazer um derradeiro agradecimento especial no final desta jornada:

Aos meus leitores. É graças a vocês que posso continuar a fazer o que amo. Sou muito grata a todos. Mensagem especial a meus jovens leitores: os livros que li quando era criança ocupam um lugar protegido e precioso no meu coração. É um pensamento profundamente gratificante que *Legend* possa desfrutar o privilégio de estar nesse espaço precioso no coração de alguns de vocês. Fico muito emocionada com os e-mails e as cartas que vocês têm me mandado durante anos. Vocês são uma geração notável e estou certa de que realizarão coisas fantásticas no decorrer de suas vidas.

Obrigada pela honra de lhes contar histórias.

Título Original
CHAMPION
A Legend Novel

Copyright © 2013 *by* Xiwei Lu

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma ou meio eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópia, gravação ou sistema de armazenagem e recuperação de informação, sem a permissão escrita do editor.

Edição brasileira publicada mediante acordo com a G.P. Putnam's Sons, uma divisão da Penguin Young Readers Group, um selo da Penguin Group (USA), Inc.

Rocco Digital é responsável pelas publicações em formato eletrônico dos selos Rocco Jovens Leitores e Rocco Pequenos Leitores

Direitos desta edição reservados à
EDITORA ROCCO LTDA.
Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br
www.rocco.com.br

Preparação de originais
ANNA BUARQUE

Coordenação Digital
LÚCIA REIS

Assistente de Produção Digital

JOANA DE CONTI

Revisão de arquivo ePub
FABIAN J. TONACK